



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA - PosLA**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**

**NILTON CÂMARA DE OLIVEIRA**

***GRITO SILENCIADO:***  
**CONCEITUALIZAÇÕES DE VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE**  
**SURDA DE FORTALEZA**



**FORTALEZA – CEARÁ**  
**2011**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO CEARÁ – UECE**  
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA APLICADA - PosLA**  
**CENTRO DE HUMANIDADES**

**NILTON CÂMARA DE OLIVEIRA**

***GRITO SILENCIADO:***  
**CONCEITUALIZAÇÕES DE VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE**  
**SURDA DE FORTALEZA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Linguística Aplicada da Universidade Estadual do Ceará, como requisito parcial para a obtenção do grau de mestre em Linguística Aplicada.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dra. Paula Lenz Costa Lima.



**FORTALEZA – CEARÁ**  
**2011**

O48g

Oliveira, Nilton Câmara de

Grito silenciado: conceitualizações de violência na comunidade surda de Fortaleza / Nilton Câmara de Oliveira. - Fortaleza, 2011. 156p.

Orientadora: Profa Dra. Paula Lenz Costa Lima.

Dissertação (Mestrado Acadêmico em Linguística Aplicada) - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

1. Violência. 2. Modelos Cognitivos Idealizados.  
3. Conceitualização, 4 - Surdos. I - Universidade Estadual do Ceará, Centro de Humanidades.

CDD - 410



**Governo do Estado do Ceará**  
Secretaria da Ciência Tecnologia e Educação Superior  
Universidade Estadual do Ceará - Centro de Humanidades  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLA**



Av. Luciano Carneiro, 345 - Fátima - Fortaleza, Ceará 60410-690  
Fone/Fax: 31012032 [cmla@uece.br](mailto:cmla@uece.br) / [www.uece.br/cmla](http://www.uece.br/cmla)

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**Título da Dissertação:** "GRITO SILENCIADO: CONCEITUALIZAÇÕES DE VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE SURDA DE FORTALEZA".

**Mestrando :** Nilton Câmara de Oliveira

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Lenz Costa Lima

### Banca Examinadora:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Paula Lenz Costa Lima – UECE

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Emilia Maria Peixoto Farias – UFC

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Claudiana Nogueira de Alencar - UECE

**Defesa em:** 26 de agosto de 2011.

**Nota Obtida:** 8,5

Para Sara, Lucas e Ana Cecília.

## AGRADECIMENTOS



Em primeiro lugar, agradeço ao meu Mestre maior, Senhor e Salvador Jesus Cristo, por ser a minha razão de viver e ter me sustentado até hoje com a sua grande força.

À Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima, pela sinceridade, compreensão, paciência e dedicação na orientação.

Ao corpo docente e discente do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada (PosLA), da UECE e ao GELP (Grupo de Estudos sobre Linguagem e Pensamento), pelo aprendizado e companheirismo.

À CAPES, pelo apoio financeiro necessário para a realização desta pesquisa.

À banca examinadora, Profa. Emília e Profa. Claudiana, pela prontidão, carinho e disponibilidade.

Ao meu porto seguro aqui na terra: minha amada família, que, nos momentos alegres e tristes, está sempre ao meu lado, dando-me coragem. Mãe (Guiomar): amiga e fiel intercessora. Pai (Luciano): grande guerreiro e exemplo de superação.

A toda Comunidade Surda, minha fonte inspiradora, que me tem ensinado diariamente a aguçar a minha sensibilidade diante deste mundo. Em especial, aos sujeitos da pesquisa, sem os quais esta não teria sido possível.

À minha amiga-irmã Kaline, por estar presente em todos os momentos, compartilhando as lágrimas e sorrisos.

Ao presente que Deus colocou em minha vida: Letícia Adriana. Obrigado por tudo !

Aos meus amados irmãos da família Comunidade Cristã Zona Sul, que têm me sustentado em orações.

Ao meu amigo e irmão, Ivan Machado, pelas inúmeras ajudas, principalmente, nas fotografias e edição das mesmas.

Aos meus companheiros de profissão, intérpretes de LIBRAS, pelo incentivo; bem como, a todos os guerreiros de alma que têm lutado arduamente em prol da inclusão e acessibilidade das pessoas com deficiência em todo o Brasil.

Aos meus verdadeiros amigos, por compreenderem minha ausência.

Enfim, a todos que contribuíram direta e/ou indiretamente para a concretização desta.



**OBRIGADO!**

*"A língua de sinais, nas mãos de seus mestres, é uma língua extraordinariamente bela e expressiva, para a qual, na comunicação uns com os outros e como um modo de atingir com facilidade e rapidez a mente dos surdos, nem a natureza nem a arte lhes concedeu um substituto à altura. Para aqueles que não a entendem, é impossível perceber suas possibilidades para os surdos, sua poderosa influência sobre o moral e a felicidade social dos que são privados da audição e seu admirável poder de levar o pensamento a intelectos que de outro modo estariam em perpétua escuridão. Tampouco são capazes de avaliar o poder que ela tem sobre os surdos. Enquanto houver duas pessoas surdas sobre a face da Terra e elas se encontrarem, serão usados sinais."*

*(J. Schuylerhong).*

## RESUMO

Esta pesquisa, inserida na área da Linguística Cognitiva, buscou investigar os recursos lingüísticos utilizados por sujeitos surdos de Fortaleza, por meio da LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), para comunicar e conceitualizar o fenômeno violência. A investigação teve como base os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI), proposta por Lakoff (1987) e seus colaboradores, bem como, a concepção de Mente Corpórea. Trata-se de uma pesquisa de caráter qualitativo-descritivo, apoiando-se em procedimentos etnográficos dos sujeitos em questão. O levantamento dos dados ocorreu em duas etapas. A primeira consistiu na abertura de inscrições na comunidade surda para a formação de um grupo de discussão sobre violência na Comunidade Cristã Videira, durante 4 sessões de 50 minutos cada. A segunda constou de entrevistas individuais com seis dos sujeitos surdos participantes do grupo de discussão, com duração de 15 minutos. As entrevistas filmadas, transcritas e traduzidas, compõem o *corpus* de análise do trabalho. Como resultado de análise, constatamos que o uso de gestos e expressão corpórea pelos surdos se processa como em qualquer língua ao conceitualizar o fenômeno violência, por meio de processos metafóricos e metonímicos. Quanto à conceitualização de violência, constatamos que a VIOLÊNCIA FAMILIAR e a VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL caracterizadas, principalmente, pelo preconceito e a não-comunicação em língua de sinais, correspondem ao conceito mais prototípico de violência para os surdos. Esse resultado é consistente com a afirmativa de que a Comunidade Surda tem sido vítima de uma violência invisível durante toda a história da humanidade e, principalmente no que se relaciona aos últimos 100 anos, a Língua de Sinais tem sido desrespeitada e desprezada pelos ouvintes (OLIVEIRA, 2007).

Palavras-chave: Linguística Cognitiva. Modelos Cognitivos Idealizados. Conceitualização. Surdos. Violência. LIBRAS

## ABSTRACT

This research, inserted in the field of Cognitive Linguistics, sought to investigate the linguistic resources used by deaf people in Fortaleza, through LIBRAS (Brazilian Sign Language) to communicate and conceptualize the phenomenon of violence. The investigation was based on the Idealized Cognitive Models (ICM), proposed by Lakoff (1987) and his collaborators, as well as the conception of Embodied Mind. This is a qualitative-descriptive research study, relying on ethnographic procedures of the present subjects. Data collection occurred in two stages. The first was the call for entries in the deaf community to form a discussion group on violence at Videira, a Christian Community, for 4 sessions of 50 minutes each. The second consisted of individual interviews with six of the deaf participants in the discussion group, lasting 15 minutes. The interviews were recorded, transcribed and translated, and they make up the *corpus* of work analysis. As a result of analysis, we found that the use of body gestures and speech by the deaf is processed like any language to conceptualize the phenomenon of violence, through metaphoric and metonymic processes. Regarding the conceptualization of violence, we found that FAMILY VIOLENCE and INSTITUTIONAL VIOLENCE characterized, mainly, by prejudice and failure to communicate in sign language, correspond to the more prototypical concept of violence for the deaf. This result is consistent with the assertion that the Deaf Community has been a victim of unseen violence throughout the history of mankind, and especially as it relates to the last 100 years, Sign Language has been disrespected and disregarded by the listeners.

Keywords: Cognitive Linguistics. Idealized Cognitive Models. Conceptualization. Deaf. Violence. LIBRAS

## LISTA DE FIGURAS (SINAIS)

<b>Figura 01:</b> Sinal para VIOLÊNCIA .....	110
<b>Figura 02:</b> Sinal para SENTIR (intensificado).....	111
<b>Figura 03:</b> Sinal para MELHOR.....	112
<b>Figura 04:</b> Sinal para ATACAR.....	113
<b>Figura 05:</b> Sinal para PIOR.....	114
<b>Figura 06:</b> Sinal para MAIOR.....	115
<b>Figura 07:</b> Sinal para VER (intensificado).....	115
<b>Figura 08:</b> Sinal para ASSASSINAR.....	117
<b>Figura 09:</b> Sinal para BATER (tapas).....	118
<b>Figura 10:</b> Sinal para BURRO.....	119
<b>Figura 11:</b> Sinal para SER-OFENFIDO.....	119
<b>Figura 12:</b> Sinal para COMUNICAÇÃO.....	123
<b>Figura 13:</b> Sinal para OFENDER (blasfemar).....	124
<b>Figura 14:</b> Sinal para PESADO.....	125
<b>Figura 15:</b> Sinal para MAIS (acrescentar).....	127
<b>Figura 16:</b> Sinal para RAIVA.....	128
<b>Figura 17:</b> Sinal para CULPA.....	129
<b>Figura 18:</b> Sinal para MENTE (consciência).....	130
<b>Figura 19:</b> Sinal para DIFÍCIL.....	131
<b>Figura 20:</b> Sinal para PASSADO.....	132
<b>Figura 21:</b> Sinal para FAMÍLIA.....	133
<b>Figura 22:</b> Sinal para PRECONCEITO.....	135
<b>Figura 23:</b> Sinal para EXPLODIR .....	137
<b>Figura 24:</b> Sinal para FUTURO.....	139
<b>Figura 25:</b> Sinal para SURDO .....	140
<b>Figura 26:</b> Sinal para MATAR.....	141
<b>Figura 27:</b> Sinal para EVITAR.....	144
<b>Figura 28:</b> Sinal para BRIGA (corporal).....	147
<b>Figura 29:</b> Sinal para VINGANÇA.....	149

<b>Figura 30:</b> Sinal para FICAR-POR-AQUI.....	150
<b>Figura 31:</b> Sinal para ANGÚSTIA.....	152
<b>Figura 32:</b> Sinal para SEM-CONHECIMENTO.....	153
<b>Figura 33:</b> Sinal para IMPORTANTE.....	155
<b>Figura 34:</b> Sinal para FESTA.....	156
<b>Figura 35:</b> Sinal para ALEGRE.....	157
<b>Figura 36:</b> Sinal para MAIS.....	158
<b>Figura 37:</b> Sinal para BATER (murro).....	164
<b>Figura 38:</b> Sinal para AFASTAR.....	169
<b>Figura 39:</b> Sinal para CÉU.....	170
<b>Figura 40:</b> Sinal para INFERNO.....	170
<b>Figura 41:</b> Sinal para PROFUNDO.....	173
<b>Figura 42:</b> Sinal para PREJUÍZO.....	174
<b>Figura 43:</b> Sinal para TRANSTORNADO .....	175
<b>Figura 44:</b> Sinal para ESPALHAR.....	176
<b>Figura 45:</b> Sinal para RAIVA (intensificado).....	178
<b>Figura 46:</b> Sinal para DEFICIENTE.....	179
<b>Figura 47:</b> Sinal para CHATO.....	180
<b>Figura 48:</b> Sinal para NÃO-SABER.....	183
<b>Figura 49:</b> Sinal para AMOR.....	183
<b>Figura 50:</b> Sinal para VERGONHA.....	185
<b>Figura: 51:</b> Sinal para TRISTEZA.....	186

## LISTA DE QUADROS

<b>QUADRO 1</b> - Elementos constituintes do MCI de Família.....	99
<b>QUADRO 2</b> - Elementos dos MCIs de VIOLÊNCIA FAMILIAR que se destacaram nos discursos de cada sujeito surdo.....	190
<b>QUADRO 3</b> - Elementos dos MCIs de VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL que se destacaram nos discursos de cada sujeito surdo.....	191
<b>QUADRO 4</b> - Sinais recorrentes para referir à VIOLÊNCIA no discurso dos sujeitos surdos de Fortaleza.....	192
<b>QUADRO 5</b> - Categorização dos sinais a partir do ponto de articulação.....	195

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais

L1 – Primeira língua

L2 – Segunda língua

CM – Configuração de mãos

M – Movimento de mãos

PA – Ponto de articulação

OR – Orientação

ENM – Expressões não-manuais

ASL – American Sign Language - Língua de Sinais Americana

WFD - World Federation of the Deaf – Federação Mundial de Surdos

MCI – Modelos Cognitivos Idealizados

TMC – Teoria da Metáfora Conceitual

LSF – French Sign Language - Língua de Sinais Francesa

S1 – Sujeito Surdo 1

S2 – Sujeito Surdo 2

S3 – Sujeito Surdo 3

S4 – Sujeito Surdo 4

S5 – Sujeito Surdo 5

S6 – Sujeito Surdo 6

Op. Cit. – Obra citada

## SUMÁRIO



<b>INTRODUÇÃO</b> .....	17
<b>1. SURDEZ: ASPECTOS LINGÜÍSTICOS, HISTÓRICOS, CULTURAIS E IDENTITÁRIOS</b> .....	24
1.1. A surdez e sua história.....	27
1.2. Violência contra os Deficientes.....	31
1.2.1 Violência Gestual.....	35
1.3. Cultura surda.....	36
1.4. Identidade surda.....	38
1.5.. A língua de sinais e a LIBRAS.....	41
<b>2. A LINGÜÍSTICA COGNITIVA E A CONCEPÇÃO DA MENTE CORPÓREA</b> .....	45
2.1. A Linguística Cognitiva.....	45
2.2 A Metáfora.....	49
2.3. Concepção da Mente Corpórea.....	56
2.4. Modelos Cognitivos Idealizados.....	60
2.4.1. Modelos Cognitivos de Esquemas de Imagens.....	63
2.4.2. Modelos Cognitivos Proposicionais.....	66
2.5. Modelos Cognitivos Metonímicos.....	68
2.6. Modelos Cognitivos Metafóricos.....	70
2.6.1 Sistema da Metáfora Moral.....	72
2.7. Metaforização em Língua de Sinais.....	73
2.7.1 Metáfora Visual.....	75
<b>3. VIOLÊNCIA E A COMUNIDADE SURDA</b> .....	78
3.1 Tipos de Violência.....	83
3.2 MCIs de Violências.....	90
3.3 MCI de FAMÍLIA.....	95

<b>4. PERCURSO METODOLÓGICO</b> .....	101
4.1 Contexto da pesquisa .....	102
4.2 Sujeitos.....	103
4.3. Procedimentos .....	103
4.4. Instrumentos .....	106
4.5. Ilustrações em Sinais, Transcrição e Tradução.....	107
<b>5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS</b> .....	109
5.1. Análise de S1.....	110
5.2. Análise de S2.....	126
5.3. Análise de S3.....	145
5.4. Análise de S4.....	160
5.5. Análise de S5.....	167
5.6. Análise de S6.....	177
<b>6. SÍNTESE DOS PRINCIPAIS ACHADOS</b> .....	188
6.1. MCI de VIOLÊNCIAS no discurso dos Sujeitos Surdos de Fortaleza.....	188
6.2. Por uma categorização dos sinais.....	193
6.3. Sinalizando ações.....	195
<b>7. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	198
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	203
<b>APÊNDICES</b>	
Apêndice 1: Exemplo de Sinais e Significados no novo Deit-Libras.	
Apêndice 2: Lei Nº 10.436, de 24 de Abril de 2002.	
Apêndice 3: Decreto Nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005.	
Apêndice 4: Configuração de Mãos.	
Apêndice 5: Conceitos e sinais obtidos nas sessões do grupo de discussão.	
Apêndice 6: Transcrições em LIBRAS das entrevistas individuais.	
Apêndice 7: Traduções para o português das entrevistas individuais	
Apêndice 8: Parecer do Comitê de Ética, Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento.	

## INTRODUÇÃO



O interesse por esta pesquisa surgiu do nosso próprio envolvimento há 13 anos com a Comunidade Surda, enquanto intérprete de LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais), principalmente no processo da língua oral, no caso, a tradução da língua portuguesa para a língua de sinais. Enfocar a temática da VIOLÊNCIA sob a perspectiva do sujeito Surdo surgiu a partir de discussões no GELP-COLIN (Grupo de Pesquisa sobre Linguagem e Pensamento/Cognição e Linguística) com pesquisadores, alunos e professores da Universidade Estadual do Ceará, UECE, e Universidade Federal do Ceará, UFC.

Segundo estatísticas do IBGE (2000), no Estado do Ceará há 71.446 pessoas com deficiência auditiva representando 3,34% da população total da capital. Conforme dados de 2009 da SSPDS (Secretaria de Segurança Pública e Defesa Social do Estado do Ceará), em Fortaleza, a violência contra os sujeitos surdos tem sido crescente nos últimos tempos, principalmente, pela falta de comunicação com os mesmos. Por isso, durante os meses de Abril e Maio de 2009, a SSPDS ofereceu aos seus policiais e funcionários em geral um Curso de LIBRAS, específico para a área da segurança, por nós ministrado com o objetivo de aprimorar a comunicação entre os policiais e os surdos e melhorar o atendimento. Entender os sinais básicos da LIBRAS impede que um policial ao abordar um surdo para averiguação, por exemplo, compreenda de forma errada as ações daquela pessoa. Com apenas alguns sinais, o policial pode entender que não se trata de um criminoso, mas, sim, de um cidadão com deficiência auditiva, que precisa de ajuda.

Em nosso trabalho, pesquisamos sobre VIOLÊNCIA no contexto cultural da Comunidade Surda de Fortaleza. Há diversos níveis que podem envolver o fenômeno violência, do concreto ao mais abstrato, da moral à física. Como afirma Feltes (2007 p. 259): “dizer o que constitui um ato violento

depende do que uma determinada cultura, subcultura, grupo social ou mesmo um único indivíduo entendem como tal”.

Entretanto, não há porque se imaginar que exista um hiato profundo entre a forma como surdos e ouvintes de Fortaleza conceitualizam violência, uma vez que ambos estão inseridos, em uma visão macro, na mesma sociedade. Apesar das questões peculiares à própria percepção do mundo pelo surdo, partiremos do conceito de violência voltado para a realidade brasileira ou universal, sem discriminação de grupos, assumindo que uma parte desses conceitos são compartilhados pela comunidade surda.

Com a seguinte frase “a violência é a matéria-prima da atualidade”, o autor Muller (2007) inicia seu livro intitulado *O princípio da não-violência: uma trajetória filosófica*, que traz uma reflexão sobre os vários tipos de violência que nossa sociedade tem sofrido. Segundo o autor, os vários tipos de violência são baseados no contexto econômico e político e quase todos têm origem no que se pode chamar de *cultura da violência* (MULLER, 2007). Tratando-se de sujeitos surdos, que na maioria das vezes não são “ouvidos”, mesmo sendo minoria, precisamos mostrar a real e urgente situação na qual estão inseridos.

Percebemos que poucos são os estudos que analisam a violência a partir da perspectiva dos surdos. No Brasil, há algumas pesquisas recentes realizadas com sujeitos surdos, dentre elas ALMEIDA, 2003; BISOL, 2008, mas embora apareçam alguns sinais (bater e matar) de violência no material trabalhado, têm outros propósitos e não exatamente a violência. Almeida (2003), por exemplo, investiga a coesão textual em produções escritas por quatro sujeitos surdos adultos, alfabetizados, usuários da LIBRAS, que são integrantes de um grupo de discussão em língua de sinais sobre a temática *violência*. A coordenação do grupo foi realizada por uma intérprete fluente, que analisou a possível interferência da LIBRAS na escrita em português dos sujeitos. Após terem participado das sessões de discussão, os surdos produziram textos em português relacionado a algum tipo de violência, que foram analisados qualitativamente em termos de sua coesão. Com o resultado

da análise, evidencia-se que os textos produzidos faziam referência a algumas situações de violência estrutural, mas como o foco da pesquisa é outro, a autora limita-se a demonstrar que há presença de coesão textual seqüencial em todos os textos, embora de maneira confusa, por ter havido interferência da LIBRAS nas redações.

Uma segunda pesquisa (BISOL, 2008) foi desenvolvida com o objetivo de compreender algumas características específicas do adolescente surdo na temática da sexualidade. Foram realizados três estudos empíricos com sujeitos surdos e ouvintes que responderam questionários estruturados sobre aids e comportamento sexual. Após esta etapa foi proposto que cada integrante fizesse uma narração autobiográfica. Nas narrativas dos sujeitos surdos foram encontrados alguns traços de violência no seio familiar, principalmente a física, quando eram crianças. Entretanto, como na pesquisa de Almeida, o foco de Bisol tinha outro interesse e não a análise da violência.

Já o trabalho de Andrade (2006) propôs a comparação, em âmbito educacional, dos juízos morais de jovens e de adultos surdos sobre situações pessoais de violência com dano moral, como, por exemplo, a exclusão. A pesquisa contou com a participação de 12 surdos, divididos em dois grupos de idade, 15-25 e 35-45 anos, utilizando-se do método clínico de Piaget através da LIBRAS e de uma entrevista semi-estruturada. O resultado obtido mostrou que os adultos forneceram mais exemplos de humilhação do que os jovens, como, por exemplo, situações de exclusão, difamação e impossibilidade de comunicação. Embora a humilhação possa ser um tipo de violência, mais uma vez, o foco da pesquisa de Andrade diferencia-se da nossa proposta, que busca identificar como violência é categorizada e conceitualizada a partir do olhar de sujeitos surdos de Fortaleza.

Vale ressaltar que foi lançado recentemente, em 2010, o *Novo Deit-Libras: Dicionário enciclopédico ilustrado trilingue da Língua de Sinais Brasileira (LIBRAS)*, baseado nos estudos em Linguística e Neurociências Cognitivas do Instituto de Psicologia na Universidade de São Paulo, USP, no

qual foi incluída a categoria VIOLÊNCIA abrangendo *Preocupações sociais, violência e drogas*, agrupando, assim, todos os sinais em suas respectivas categorias temáticas. Este trabalho permite-nos também, em um primeiro momento, identificar que a agressão física, dos mais variados tipos, é dominante na forma de tratar violência, com poucos termos voltados a aspectos psicológicos, como insulto, ofensa, xingamento. Isso revela-nos que a temática violência é uma preocupação emergencial na comunidade surda brasileira. (cf. Apêndice 1).

No campo das pesquisas em línguas de sinais, alguns pesquisadores têm estudado sobre metonímia e metáfora, principalmente, na Língua de Sinais Americana (ASL - American Sign Language), tendo como principal referência para o embasamento do nosso trabalho Wilcox (2001). Em função do caráter histórico de exclusão e preconceito em relação às línguas de sinais, as pesquisas sobre metáforas na abordagem cognitiva nessas línguas ainda estão em fomento. No Brasil, temos como principal representante dos estudos sobre metáfora em LIBRAS, FARIA (2003), que analisou o emprego metáforico no ensino de Língua Portuguesa para estudantes surdos.

Em nosso Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE, já são várias as pesquisas que abordam o tema da Surdez, como é o exemplo dos trabalhos de Souza (2008), Vieira (2009), Arruda (2003) e Montenegro (2010), demonstrando assim uma área em ascensão nos estudos linguísticos.

Nossa pesquisa realizou-se sob a perspectiva da Linguística Cognitiva, primeiro, porque está centrada na relação linguagem-pensamento; segundo, porque dispõe de mecanismos de análise que contribuem para a elucidação da geração de conceitos a partir de manifestações linguísticas; e terceiro, porque suas análises, de modo geral, mostram que elementos subjazem às formas como conceitualizamos as mais diversas coisas, podendo a partir disso apontar caminhos para novas ações.

Por entendermos que nosso sistema conceitual é corporificado e que nossa capacidade de compreensão está atrelada à natureza do organismo cognitivo (LAKOFF, 1987), este trabalho visou a investigação dos recursos linguísticos utilizados por sujeitos surdos de Fortaleza, a partir do *corpus* gerado, identificando assim, a forma como estes sujeitos conceitualizam violência. Ao delinear os modelos cognitivos que surgiram a partir da linguagem utilizada, através de sinais, gestos e expressões não-manuais, nosso estudo fornece subsídios para que as bases das conceitualizações de violência, que emergem no uso da linguagem dos sujeitos em questão, sejam compreendidas, e ao mesmo tempo categorizadas, contribuindo, assim, com os estudos em línguas de sinais. Esperamos que este trabalho também possa servir de ferramenta concreta, positiva e eficaz para o processo de inclusão e acessibilidade em nossa sociedade. Ademais, o presente trabalho teve como propósito responder os seguintes questionamentos:

- (a) Quais os mecanismos de natureza lingüístico-cognitivo usados por sujeitos surdos de Fortaleza para comunicar e conceitualizar, em língua de sinais, o fenômeno VIOLÊNCIA?
- (b) Como se estrutura o conceito de violência em termos de MCI?
- (c) Como se estrutura o domínio conceitual desse fenômeno em termos de submodelos metafóricos e metonímicos?
- (d) Como se processa a categorização dos sinais utilizados pelos sujeitos surdos?

Para atingir os objetivos traçados, organizamos este trabalho em seis capítulos. No primeiro, tratamos do contexto lingüístico, histórico, cultural e identitário da surdez, apresentando as principais características das línguas de sinais, e mais especificamente, da LIBRAS, bem como, o surgimento destas no Brasil e no mundo, acompanhado das lutas da comunidade surda em busca da valorização de sua língua e de sua cultura, respeitando, assim, os valores que compõem a identidade do sujeito surdo.

No segundo capítulo, “A Linguística Cognitiva e a Concepção da Mente Corporificada”, explicitamos os principais pressupostos teóricos que embasaram nossa pesquisa. Apresentamos um breve histórico do surgimento da Linguística Cognitiva, suas principais características e a concepção de Mente Corporificada, na qual estendemos várias seções explicitando acerca dos Modelos Cognitivos Idealizados, processos metafóricos e metonímicos nas línguas orais e na língua de sinais.

Já no terceiro capítulo, abordamos a principal temática de nossa pesquisa: VIOLÊNCIA, com alguns de seus aspectos mais importantes, como, por exemplo, os elementos formadores dos MCIs de violência familiar e institucional, direcionando para a violência à pessoa com deficiência, principalmente, aos sujeitos surdos, objeto de nosso trabalho.

No quarto capítulo, descrevemos o percurso metodológico traçado na pesquisa, no qual tratamos do tipo de pesquisa, contexto de realização, perfil dos sujeitos, os instrumentos e materiais utilizados, os procedimentos de pesquisa e de análise dos dados.

O quinto capítulo apresenta os resultados e as discussões das análises, examinando por meio da língua de sinais quais são os recursos utilizados pelos sujeitos surdos de Fortaleza para conceitualizar violência e de que maneiras tais sujeitos categorizam os sinais em seus discursos visuais-espaciais.

No sexto e penúltimo capítulo, esboçamos por meio de quadros uma síntese com as conceitualizações e sinais mais recorrentes ao contexto violento presentes nos discursos dos sujeitos surdos. Apresentamos sugestões e ações descritas pelos próprios surdos no intuito de minimizar os atos violentos vivenciados pela comunidade surda, objetivando, assim, uma melhor comunicação entre cidadãos surdos e ouvintes e uma sociedade mais inclusiva e acessível.

No último capítulo, por meio das considerações finais, retomamos os resultados alcançados e esboçamos prováveis desdobramentos deste estudo. Devido à “incompletude” de todo trabalho de dissertação, somos cientes de que estamos dando apenas mais um passo na complexa compreensão dos estudos em línguas de sinais, principalmente, no processo de conceitualização de violência e categorização de alguns sinais pelos sujeitos surdos pertencentes à Comunidade Surda de Fortaleza.

## 1. SURDEZ: ASPECTOS LINGUÍSTICOS, HISTÓRICOS, CULTURAIS E IDENTITÁRIOS

Nós, sujeitos de nosso tempo, obcecados por sucesso e competência, podíamos olhar de modo mais positivo as diferenças: para que não separem, mas completem e complementem, e nos tornem mais interessados do que agressivos, mais criadores do que desconfiados, antes estimulando do que empurrando. (LUFT, 2011, p. 27).

Quando pensamos em violência ou quando nos preocupamos com a mesma, uma das imagens associada a esse conceito é a que se exprime em forma de agressão física. Há, contudo, outras associações que também deixam marcas com o passar dos anos. A Comunidade Surda tem sido vítima de uma violência invisível e silenciada durante toda a história dos surdos e, principalmente no que se relaciona aos últimos 100 anos, a Língua de Sinais tem sido desrespeitada e desprezada pelos ouvintes (OLIVEIRA, 2007). No Brasil, só recentemente a LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais) foi reconhecida e oficializada. Por isto, faz-se necessário abordarmos neste capítulo aspectos importantes para uma melhor compreensão sobre a Comunidade Surda e seus percalços históricos, linguísticos e até mesmo violentos.

O ato violento, segundo Odália (2004), não traz em si uma etiqueta de identificação. O mais óbvio dos atos violentos, a agressão física ou o tirar a vida de outrem, pode envolver tantas sutilezas e tantas mediações que pode vir a ser descaracterizado como violência. Para a autora, “toda violência é social, pois o viver em sociedade foi sempre um viver violento. Por mais que recuemos no tempo, a violência está sempre presente em suas várias faces”. (ODALIA, 2004, p. 13). Assim, violência é um fenômeno atual e sua conceitualização pode ser manifesta diferentemente.

Sabemos que os surdos usam seus olhos para propósitos funcionais, mais além do que os usam os ouvintes. Nesse sentido, a conceitualização de

violência, ou qualquer outro tema, parece estar orientada pela visão, construindo, assim, uma visão de mundo diferente da dos ouvintes. O fato de ser diferente dos demais membros ditos normais de uma sociedade já traz consigo um grande peso, que é o preconceito. A exclusão, segundo Fernandes (2005, p.89):

Pode ser interpretada como um processo dinâmico de calar totalmente ou parcialmente grupos sociais. Trata-se de aplicar políticas que determinam “quem está dentro e quem está fora”. A exclusão é dolorosa porque é feita por alguns para outros. (...) Envolve poder e controle. Ao longo da história, o processo de exclusão social foi se transformando, mas sempre abrangeu as pessoas com disfunção social ou inadaptação individual.

Em pleno século XXI, apesar dos avanços científicos, ainda é comum ouvir pessoas tratarem os surdos como “mudinhos”. Enquanto para a maioria ouvinte isto é algo normal e simples, para os surdos, é uma agressão, afinal, eles não são mudos, pois “falam” através de suas mãos, numa relação visual-espacial.

Como afirma a autora surda Strnadová (2000, p.10):

Referir-se a um surdo como surdo-mudo está errado, afinal, o seu aparelho fonador está intacto sendo capaz de emitir sons sob orientação de fonoaudiólogos e pedagogos. Se uma pessoa surda não fala, isso é apenas uma consequência por ter deixado de ouvir a fala dos outros em um determinado período de sua infância.

O uso de gestos e expressão corpórea pelos surdos se processa como em qualquer outra língua e não se restringe a empréstimos adquiridos de uma língua de ouvintes, como a Língua Portuguesa, mas também, e em grande parte, a estruturas originadas no contexto e motivadas pela significação de mundo partilhada pelos surdos em sua comunidade.

Assim, no caso das pessoas surdas, é quase impossível a separação entre uma materialidade gestual (língua) e uma corporal. Neste caso, “o

gestual, as mãos, participam tanto quanto qualquer outra parte do corpo das relações simbólicas e opera igualmente os efeitos do ato de fala, não como realizador neutro dos enunciados, mas como parte integrante deles” (PINTO, 2002).

Uma grande vitória da Comunidade Surda Brasileira, bem como por todos que fazem o uso da língua de sinais, foi a oficialização da LIBRAS através da Lei Nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, decretada pelo Congresso Nacional e sancionada pelo presidente Fernando Henrique Cardoso (cf. Apêndice 2). Conforme se lê no artigo primeiro e parágrafo único desta lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Após esta lei, o presidente Lula assinou o decreto Nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a LIBRAS, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000, garantindo a educação às pessoas com deficiência auditiva. Tal decreto também garante o direito da comunidade surda à saúde e aos serviços públicos, incluindo a segurança (cf. Apêndice 3).

Neste decreto, além do caráter educacional responsabilizado aos sistemas de saúde, percebe-se a natureza legislativa que defende o bilingüismo, que é o uso de duas línguas pelos surdos, ou seja, tendo como primeira língua a LIBRAS, e como segunda língua, no nosso caso, a língua portuguesa. É exigido ainda pelo decreto, como medida de atenção integral às pessoas com deficiência auditiva, a promoção de capacitações na área e a formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso da LIBRAS.

Novaes (2010) reconhece a importância da legislação em prol da Comunidade Surda afirmando que:

Cabe ao Estado possuir capacitação para a rede de serviços do governo, por intermédio de profissionais tradutores-intérpretes em todos os órgãos públicos de Saúde. Às instituições privadas, cabe a mesma determinação. (p. 133).

## 1.1 A Surdez e sua história

Por se tratar de um assunto ainda recente, será necessária uma explicação mais detalhada acerca da temática da surdez, da cultura e da identidade surda, pois como afirma Danesi (2008, p.21):

A LIBRAS, numa visão sócio-antropológica da surdez, vê o surdo como membro de uma comunidade lingüística diferente, com valores culturais próprios e tendo como elo identificatório a língua de sinais, e não como um indivíduo patológico.

Para Bernardino (2000), o uso do termo SURDO como mais apropriado (SANCHEZ, 1991; BRITO, 1995) representa uma tentativa de minimizar o processo de estigmatização dessas pessoas, afinal, no passado estas pessoas eram nomeadas como MUDAS, o que reflete até hoje na reprodução do sinal para surdez, isto é, em LIBRAS o sinal utilizado para identificar determinada pessoa como surda é o mesmo utilizado durante anos, e rejeitado pela comunidade surda atual: surdo-mudo.

A surdez, ao longo da história, revela-nos marcas gritantes de violência, não apenas física, mas principalmente lingüística. Como afirma Vergamini (2003, p.27):

Devido às proibições de compartilhar uma língua cultural do povo surdo em resultado emitido pelo Congresso Internacional de Educadores de Surdos ocorrido em Milão, na Itália, no ano de 1880, o uso de língua de sinais foi definitivamente banido a favor da metodologia oralista nas escolas de surdos e até hoje sofremos consequências desde episódio.

Em outras palavras, o modo como os surdos e demais deficientes são tratados está diretamente relacionado aos fatos históricos de nossa humanidade, bem como valores e crenças encontrados em determinados grupos que são minoria. Através dos estudos desses fatos, pode-se perceber que a pessoa surda nem sempre foi respeitada por sua diferença, pois sempre foi vista como uma “anormalidade” dentro de uma sociedade majoritariamente ouvinte. É conhecendo um pouco os percalços pelos quais passaram as pessoas surdas que estaremos compreendendo melhor a natureza da deficiência auditiva, como afirma Goldfeld (2002, p.27):

Conhecer a história, bem como as filosofias educacionais para surdos, é o primeiro passo para iniciar um estudo mais aprofundado que tem como objetivo relacionar a exposição ao meio social, a linguagem e a qualidade de interações interpessoais ao desenvolvimento cognitivo da criança surda. A história pode também servir de suporte para analisar criticamente as consequências de cada filosofia no desenvolvimento dessas crianças.

Para Goldfeld (*op. cit*), a idéia que a sociedade fazia sobre os surdos, no decorrer da história, geralmente apresentava apenas aspectos negativos. Na Antigüidade, os surdos foram percebidos de formas variadas: com piedade e compaixão, como pessoas castigadas pelos deuses ou como pessoas enfeitiçadas, e por isso eram abandonados ou sacrificados.

Segundo Arruda (2003), por volta de 383 A.C., com a ascensão da Grécia e Roma, começaram a aparecer importantes filósofos como Aristóteles, que acreditava que o pensamento era desenvolvido através da linguagem e a linguagem com a fala; assim o surdo não pensava, e conseqüentemente, não poderia ser considerado humano. Muitas foram as formas de incluir a pessoa com deficiência à sociedade, mas todas não passavam de assistencialismo, como, por exemplo:

Na Idade Média, como a sociedade era muito voltada à Igreja e às idéias religiosas, as pessoas começaram a ver o deficiente como alguém que merecia compaixão, deixando-os viver. Os surdos eram colocados em instituições para serem afastados da sociedade (OLIVEIRA, 2007, p. 20).

Segundo Goldfeld (2002), apenas no século XVI é que os ouvintes começaram a se interessar pela educação dos surdos. No período do Humanismo Renascentista, novas descobertas foram alcançadas através do estudo do corpo, dando início às pesquisas sobre o desenvolvimento da audição.

As primeiras preocupações com o modo de educação de surdos podem ser atribuídas a Gerolamo Cardano (1501 – 1576), matemático, médico e astrólogo italiano (ARRUDA, 2003). Ele pretendia mostrar que a surdez não impedia o conhecimento, utilizando para isto o ensino da escrita, mas a sua metodologia não foi muito difundida. Nessa época os surdos eram proibidos de casar, possuir ou herdar bens. Acreditava-se que, somente se o surdo falasse, ele poderia ser considerado alguém com direitos na sociedade. Então alguns padres começaram a ensinar os surdos filhos de ricos a falar, para que eles pudessem herdar as riquezas de sua família.

De acordo com os estudos de Reis (1992, p.28), “Cardano foi o primeiro a afirmar que o surdo deveria ser educado e instruído, afirmando ser um crime não instruir o *surdo-mudo*”. Em 1780, surgiu na França o método gestual do Abade L’Epée, que misturava o francês escrito com a língua de sinais, ou seja, era o francês sinalizado. Como o método de Abade fez muito sucesso, o governo da França resolveu apoiá-lo, criando o Instituto de Surdos-Mudos de Paris, a primeira escola pública para surdos no mundo. Em 1781, na Alemanha, o professor Samuel Heinick fundou a primeira escola pública baseada no método oral, ou seja, que utilizava apenas a língua oral na educação das crianças surdas. Sua escola tinha nove alunos.

As metodologias de L’Epée e Heinick se confrontaram e foram submetidas à análise da comunidade científica. Os argumentos de L’Epée foram considerados mais fortes e, com isso, foram negados a Heinick recursos para ampliação de seu instituto (GOLDFELD, 2002).

Em 1817, Gallaudet fundou a primeira escola em horário integral para surdos nos EUA, que utilizava como principal forma de comunicação o método

da comunicação total, ou seja, unindo o léxico da língua de sinais francesa à estrutura da língua oral francesa, apenas adaptando alguns termos para o inglês. (OLIVEIRA, 2007).

Segundo Arruda (2003), em 1878, foi realizado o primeiro *Congresso Internacional de Surdos-Mudos* em Paris, onde principalmente tratou-se sobre o melhor método para o ensino de surdos, aquele que combinasse a articulação com a leitura labial, porém a utilização de gestos foi mantida no intuito de melhorar a comunicação entre professores ouvintes e alunos surdos. No segundo Congresso, realizado em Milão (com a proibição de participação de surdos), em 1880, como dissemos acima, a técnica oral pura foi a recomendada para o uso com as crianças na educação, e no congresso seguinte em Bordeaux essa linha de pensamento ainda foi mantida.

Somente em 1951, segundo afirma Goldfeld (2002), os surdos conseguiram, após muita luta, conquistar um importante avanço político, criando uma Federação Mundial – World Federation of the Deaf (W.F.D.). Com isso, no final de 1960, as línguas de sinais voltaram a ser consideradas importantes na educação de crianças surdas. Esta mudança foi consequência também de outros fatores, tais como a publicação do lingüista Dr. William Stokoe sobre a estrutura das línguas de sinais. Aos poucos, a língua de sinais foi ganhando espaço na sociedade e a comunidade surda foi se fortalecendo.

Em 1987, a W.F.D. organizou e promoveu um grande encontro internacional em Espoo, Finlândia. Uma das deliberações desse Congresso foi que cada surdo deveria ter o direito de utilizar livremente, em qualquer lugar, a língua de sinais de seu país, e que, portanto, qualquer escola deveria se preparar para a coexistência, em seu interior, das línguas orais e de sinais. Em 1988, os surdos assumiram a direção da única universidade para surdos no mundo: Gallaudet University Library, em Washington, EUA, erguendo, assim, a bandeira do orgulho surdo (SKLIAR, 1998).

Três correntes têm disputado, durante a história, a educação dos surdos, a saber: o Oralismo, a Comunicação Total e o Bilingüismo. Segundo Sá (1999), a abordagem educacional oralista tem como principal objetivo fazer com que o indivíduo surdo utilize a língua da comunidade ouvinte na modalidade oral como única possibilidade de linguagem. Já a Comunicação Total utiliza vários recursos para a educação do sujeito surdo, seja por meio da fala, escrita, gestos e sinais. Mas a abordagem educacional defendida por surdos e profissionais da área é a do Bilinguismo, na qual a língua de sinais é tida como primeira língua (L1) e a língua portuguesa, no nosso caso, como segunda língua (L2).

De modo peculiar ao mundo dos ouvintes, os surdos, por possuírem como primeira língua a LIBRAS, uma língua diferente da falada pela sociedade ouvinte, compartilham, com outros surdos, experiências de mundo essencialmente visuais, por meio das imagens e movimentos experienciados na vida cotidiana. A consequência primeira dessa realidade é a existência de uma cultura surda própria e diferenciada daquela do mundo ouvinte (SKLIAR, 1998; FARIA, 2002), e muitas vezes, sendo alvo de atitudes violentas.

## **1.2. Violência contra os Deficientes**

A deficiência é definida como uma “restrição física, mental ou sensorial, de natureza permanente ou transitória, que limita a capacidade de exercer uma ou mais atividades essenciais da vida diária, causada ou agravada pelo ambiente econômico ou social” (Convenção da Guatemala, 1999). Estima-se que no mundo haja 600 milhões de pessoas com algum tipo de deficiência, enquanto que no Brasil existem 24,5 milhões de pessoas com deficiência, que representam 14,5% da população (IBGE, 2000). A deficiência implica incapacidade ou desvantagem, impedindo o desempenho de papéis de acordo com a idade, sexo, fatores sociais e culturais. Este novo conceito permite a reflexão sobre a natureza da incapacidade, que se encontra relacionada, muitas vezes, às barreiras sociais (AMARILAN, 2000).

A história das pessoas com algum tipo de deficiência se confunde com a história da crueldade e covardias humanas. Preconceitos e a falta de informação já levaram à tortura e extermínio em massa de pessoas consideradas “diferentes” ou “anormais”. Por isso, e por sua própria condição de limitação e fragilidade, a pessoa deficiente é altamente vulnerável à violência. Segundo Bastos (2010), a violência se dá com maior intensidade quando existe uma desigualdade de condições entre vítima e agressor, e esta situação se agrava ainda mais quando a pessoa apresenta algum tipo de deficiência. A pessoa com qualquer tipo de deficiência encontra-se em situação de maior vulnerabilidade à violência em relação a quem não tem deficiência, provavelmente pela existência de uma importante assimetria de poder entre eles.

Na Antiguidade Clássica, segundo Pessoti (1981), os ideais de beleza e a busca da perfeição física eram valores muito importantes e, portanto, as crianças nascidas com qualquer anomalia aparente eram abandonadas ou então, brutalmente assassinadas. Os pais não desejam um fim tão trágico para seus filhos, mas o clamor social era gritante. Com a difusão do Cristianismo na Europa, no período da Idade Média, algumas transformações culturais importantes aconteceram, passando a haver uma maior tolerância para com os indivíduos com deficiência. Entretanto, a presença dos deficientes continuava a ser desagradável e incômoda, e, por isso, eram colocados em abrigos, longe do convívio social. Finalmente, conforme a afirmação de Cruz (2007), foi através do Tratado de Nuremberg que o extermínio e a esterilização de pessoas deficientes passaram a ser considerados crimes contra a humanidade, embora estas práticas tenham ainda se mantido por décadas.

De um modo geral, “as causas de violência às pessoas com deficiência são as mesmas referidas para as que não têm deficiência. Entretanto, vários fatores podem aumentar a vulnerabilidade para os que têm algum comprometimento físico, sensorial ou intelectual” (AMERICAN ACADEMY OF PEDIATRICS, 2001, p. 38).

O preconceito é um fator preponderante para que a violência exista e se desenvolva, de forma que nem mesmo a ciência penal se manteve perfeitamente imparcial, fazendo o bom uso do princípio constitucional da igualdade, que significa tratar com igualdade os iguais e com desigualdade os desiguais, nos limites de suas igualdades e desigualdades (LIMA, 2009).

A ideologia que cada indivíduo apresenta demonstra seu reflexo preconceituoso, ou não, diante de uma sociedade racial diversificada. Sobre isto, Arendt (2009) discorre o seguinte:

O racismo, branco ou negro, é por definição repleto de violência, porque contesta fatos orgânicos naturais – uma pele branca ou negra, uma pessoa com deficiência ou não – que nenhuma persuasão ou poder poderia mudar; tudo o que se pode fazer, jogadas as cartas, é exterminar os seus portadores. (p. 95).

O fato de apresentar uma deficiência, no nosso caso, a auditiva, como um desvio padrão da normalidade para os demais, já traz consigo uma das principais violências para os integrantes desta comunidade, que é o preconceito, a discriminação. Ao desviar-se da norma, a pessoa é rotulada e estigmatizada. É fácil observamos que os seres humanos apresentam diferenças dos mais variados pontos de vista: biológico, psicológico, cognitivo, social e cultural (SACRISTAN, 2002). Algumas destas diferenças não causam estranhamento para a sociedade, contudo, como afirma Omote (1994, p.65) “as diferenças, especialmente as incomuns e inesperadas, sempre atraíram a atenção das pessoas, despertando, por vezes, temor e desconfiança”.

Dentro da própria comunidade surda, há uma certa discriminação com outros sujeitos surdos que não dominam a norma culta da LIBRAS, ou então, que não fazem uso da língua de sinais, ou seja, surdos oralizados. Afinal, “a participação na comunidade surda se define pelo uso comum da língua de sinais, pelos sentimentos de identidade grupal, o auto-reconhecimento e identificação como surdo, o reconhecer-se como diferentes, fatores estes que

levam a redefinir a surdez como uma diferença e não como uma deficiência. (SKLIAR, 1998, p. 102).

Skliar (*op cit*), ao analisar o termo SILÊNCIO bastante utilizado para rotular a comunidade surda durante séculos, faz a seguinte afirmação:

Uma outra possibilidade é o escutar, no sentido metafórico – a escuta que solicita uma atitude de disponibilidade de todos os sentidos, ainda que “o ouvir” não se materialize como sentido fisiológico. Podemos dizer que as pessoas surdas escutam sem ouvir. O mesmo se pode dizer do falar. Há eloquências que não necessitam da fala. Ao contrário, os silêncios e os gestos tornam-se muito mais significativos nos intervalos entre as palavras, nos climas que sugerem e sublinham, nos espaços de ocultação. (p.40)

Infelizmente, em pleno século XXI, onde a propagação da inclusão e da diversidade tem sido intensa, ainda é possível ouvir comentários grotescos – e violentos - do tipo: “Ela é tão bonita, mas é surda, coitada”, ou então, “É surdo, mas é igual a todos, nem parece ter deficiência” (AMARAL, 1992, p.9), o que caracteriza uma violência cultural ou simbólica, na qual o referencial normalizante baseia-se na sociedade majoritária ouvinte.

Sobre a condição do ser surdo inserido numa sociedade ouvinte, Silva e Nembri (2008) afirmam que:

Ser surdo num mundo ouvinte é ter a certeza de que muito há para ser feito com relação à sua condição, sabendo que as oportunidades e possibilidades, existem. (...) Ser surdo num mundo ouvinte é procurar caminhos de inserção e de aceitação, compreendendo que todos somos partes desiguais, mas infinitesimais de um todo maior. (p. 118).

Como vimos, a sociedade em geral encara a deficiência como um fator negativo carregado de crenças, mitos e preconceito, no qual a pessoa portadora de determinada deficiência é alvo de sentimentos discrepantes, como, por exemplo, piedade e invalidez. E em muitas ocorrências tidas como violentas, mencionadas pelos próprios sujeitos surdos, as ofensas visualizadas

por esses, através de gestos grosseiros utilizados por ouvintes, ainda são gritantes.

### 1.2.1 Violência Gestual

Ousamos dar voz a um tipo de violência que raramente discute-se em nosso meio, ou melhor, que nunca se fala. Um tipo de violência enfrentada pela comunidade surda diariamente em nossa sociedade: a violência gestual. Alguns gestos utilizados pelos ouvintes, como brincadeira ou não, trazem consigo significados carregados de negatividade para o sujeito surdo. Infelizmente, em pleno século XXI, muitos ainda vêem a surdez como um desvio de normalidade que impossibilita a pessoa com deficiência auditiva de progredir nas mais diversas áreas. Visão esta, totalmente errônea.

Várias pessoas ouvintes de Fortaleza fazem uso de alguns gestos no intuito de provocar e/ou insultar os surdos. Um exemplo corriqueiro que ilustra a explicitação acima é o gesto utilizado pelos ouvintes na configuração de dedo indicador, com uma ou duas mãos, em movimentos circulares e no nível da orelha, para caracterizar o estado de loucura de determinado indivíduo, mesmo que seja em um contexto de humor. Como, por exemplo, nas frases do dia a dia: *Hoje estou louquinho da cabeça; Não liga, ela é louca (perturbada) mesmo.* Isso se dá pela historicidade do sujeito surdo que foi muitas vezes considerado como uma pessoa louca, pelo simples fato de se comunicarem (ou não) por meio de uma língua totalmente diferente da dos demais. Afinal, alguns surdos por serem analfabetos, criam um código de comunicação caseiro entre amigos e familiares, com apenas alguns gestos e mímicas, e sempre produzem alguns sons vocais (gritos) estridentes quando necessitam de alguma ajuda. Desse modo, para o “grande público” que escuta no meio da rua alguém emitindo sons impossíveis de serem compreendidos, caracteriza, imediatamente, tal pessoa (surda) como louca. Surdez não é loucura.

Outro gesto que acompanha a história negativa e violenta da surdez é o de mostrar o botão de alguma roupa para o sujeito surdo, que para este é

visto e recebido como um palavrão, insultando-o completamente. Este fato é bastante comum, principalmente, no interior do Estado do Ceará. Antigamente, devido à ausência de informações acerca da pessoa com surdez e suas principais características lingüísticas e culturais, as pessoas mostravam “seus botões” constantemente aos surdos; estes ficavam com muita raiva e corriam gritando atrás da pessoa que o insultou, coisa rara de acontecer nos dias de hoje, principalmente nas capitais, onde a comunidade surda está mais organizada e politizada, valorizando cultura e identidade próprias.

### **1.3. Cultura Surda**

Em relação à comunidade surda percebemos, principalmente para aqueles que estão próximos à realidade do surdo, um orgulho não pela ausência de um dos sentidos, mas pela bandeira da surdez, com suas práticas históricas, culturais, sociais, políticas e religiosas; ou seja, resume-se no orgulho surdo. Infelizmente, os ouvintes ainda vêem os surdos como um fato curioso, muitas vezes escarnecidos pela sociedade majoritária, por serem diferentes do padrão *normalizante*.

O tema da surdez é hoje abordado como uma manifestação de uma particularidade cultural dentro de um contexto multicultural. Infelizmente, os efeitos produzidos do processo de globalização são de exclusão social dos grupos minoritários que pode ser interpretada como um processo dinâmico de calar totalmente ou parcialmente grupos sociais, perdendo vez e voz. Como salienta Silva (2009, p. 24):

Os surdos enfrentam na sociedade de ouvintes diversos preconceitos expressos nas tradicionais dicotomias que, embora se apresentem como duas faces da mesma moeda, escondem uma hierarquia que dá a um dos termos o valor de modelo, de padrão. É o caso, por exemplo, dos pares: normalidade/anormalidade, linguagem oral/linguagem de sinais, deficiente/diferente, cultura ouvinte/cultura surda, comunidade surda/identidade surda.

“Os surdos que vivem em condições de subordinação e humilhação parecem estar vivendo numa terra de exílio” (PERLIN, 1998, p. 45). Este é o ambiente onde vive a grande maioria dos surdos que são filhos de ouvintes. É o ambiente da cultura dominante.

A consciência de pertencer a uma comunidade diferente é uma possibilidade de articular resistências às imposições exercidas por outras comunidades ou grupos dominantes. Sem essa consciência ‘oposicional’, o surdo viverá no primeiro e único lugar possível, onde somente poderá desenvolver mecanismos de sobrevivência. A transição da identidade ocorre no encontro com o semelhante, em que se organizam novos ambientes discursivos. (SKLIAR, 1999, p.11).

A comunidade surda está inserida em uma cultura dominante ouvinte e *normalizadora*, que não aceita diferenças e responde através de atos violentos de discriminação. Por isso, muitos surdos foram castigados pelo insucesso nos esforços para oralizá-los, de forma que pudessem se assemelhar à cultura dominante, ou seja, aos ouvintes. Esta forma de opressão sobre o surdo é denominada por Skliar (1998) de “Ouvintismo”.

Em sua visão como surda, e maneira peculiar da modalidade português-escrito, Strobel (2008, p.24) afirma que:

Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de se torná-lo acessível e habitável ajustando-os com as suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das ‘almas’ das comunidades surdas. Isto significa que abrange a língua, as idéias, as crenças, os costumes e os hábitos de povo surdo.

A autora (2008, p. 23) salienta que, enquanto para uma família de ouvintes, o nascimento de uma criança surda é recebido com decepção e pesar, por ela não ser “normal” como a maioria padrão, para a comunidade surda, o nascimento de uma criança com deficiência auditiva é recebido com muita alegria e tido como uma “dádiva preciosa”, de uma forma natural, sem

desapontamentos, pois os pais por serem surdos, vêem no filho o reflexo do orgulho ostentado pela bandeira da surdez.

Vale ressaltar que, mesmo sendo surdos e usuários da língua de sinais, não existe uma homogeneidade cultural, pois cada país possui características próprias. Assim, como afirma Wilcox (2001, p. 78): “Embora o termo cultura surda seja usado freqüentemente, isso não significa que todas as pessoas surdas no mundo compartilham a mesma cultura”.

Baseando-se em Strobel (2008), algumas características são peculiares à cultura surda, como, por exemplo, a experiência visual, o domínio lingüístico da LIBRAS, língua esta visual-espacial; a falta de comunicação na família é um fator gritante vivenciado diariamente pelos surdos; estão sempre presentes em atividades e festas direcionadas ao público surdo; e através de movimentos políticos, reivindicam e lutam por seus direitos.

Entre os próprios surdos, a diferença não se faz pelo grau de cultura ou da perda auditiva, mas sim, pelo seu envolvimento com a comunidade surda e o seu nível em língua de sinais. Compreender a cultura surda e, principalmente, a identidade que é construída pelos seus integrantes, torna-se uma tarefa primordial em pesquisas como esta.

#### **1.4. Identidade Surda**

Os sofrimentos enfrentados pela comunidade surda não são esquecidos tão facilmente, mas isso não significa que devam ser usados como pretexto para ressentimentos ou para tentar impor uma identidade uniforme a todos os surdos. O sujeito surdo não se opõe, mas encontra-se marginalizado perante uma sociedade ouvinte, o que nos reporta às palavras de Perlin (1998):

[...] o indivíduo surdo faz parte dos movimentos marginalizados e qualquer comportamento negativo de sua parte provoca distorções e

estereótipos, acentuando, assim, a situação de dominação e o discurso de poder da sociedade ouvinte. (p. 55).

Identidade, segundo Perlin (op. cit), é um conjunto de características pelas quais determinados grupos sociais são definidos como *tal grupo*; “são características que os fazem diferentes de outros grupos” (p. 58). Assim acontece com a comunidade surda. A autora ainda enfatiza:

O encontro surdo-surdo é essencial para a construção da identidade surda. O surdo é um ser bilíngüe e bicultural, que precisa viver em dois mundos, mas que integra naturalmente uma comunidade com cultura e hábitos próprios, cujo elo identificatório é a Língua de Sinais. (PERLIN, 1998, p. 55).

Como vimos no início deste capítulo, a sociedade, durante quase um século, tentou impor à comunidade surda a obrigação de utilizar unicamente a língua oral. A língua de sinais é uma das principais características da identidade surda e, ao mesmo tempo, a ferramenta de inserção do sujeito surdo na sociedade, afinal:

[...] (A LIBRAS) É uma forma de comunicação que capta as experiências visuais dos sujeitos surdos, sendo que é esta língua que vai levar o surdo a transmitir e proporcionar-lhe a aquisição de conhecimento universal. (STROBEL, 2008, p. 44).

A identidade de um sujeito pode ser revelada a partir de alguns traços comuns e universais, não sendo única e estagnada. Neste sentido é preciso encarar a comunidade surda de uma forma multicultural. Pinto (2002) afirma que “sob efeito da universalidade, o modelo tradicional de identidade normatiza sujeitos através do ato que se propõe a descrevê-los, controlando, pela exclusão e pré-definição, comportamentos lingüísticos e sociais em geral” (p. 34).

Muitas vezes a formação identitária do sujeito surdo se dá a partir dos vários comportamentos transmitidos coletivamente pela comunidade surda, que

ocorre naturalmente quando se encontram com outros membros surdos pertencentes à comunidade. Strobel (2008) faz a seguinte ressalva:

Isto não quer dizer que os surdos se isolam da comunidade ouvinte, o que estamos explicando é que os sujeitos surdos, quando se identificam com a comunidade surda, estão motivados a valorizar a sua condição cultural e, assim, passariam a respirar com mais orgulho e autoconfiantes na sua construção de identidade e ingressariam em uma relação intercultural, iniciando uma caminhada sendo respeitado como sujeito “diferente” e não como “deficiente” (p. 33).

Sobre a estabilidade da identidade, Lopes (1998) comenta que:

Nenhuma identidade está pronta, acabada ou possui um grau de autenticidade e normatividade. Todas as identidades são negociadas, pois são frutos de discursos e da transitoriedade da linguagem.(p. 116).

Por muito tempo, os surdos permaneceram vulneráveis ao preconceito dos ouvintes em relação à surdez. As atitudes discriminatórias da sociedade ouvinte ocasionaram humilhação e dor à comunidade surda, como afirma Danesi (2008, p. 45), “não poder falar o seu próprio idioma é uma violência explícita que se faz ao ser humano, é também uma tentativa de humilhar, de retirar a sua humanidade”. Em síntese, a identidade surda é formada pelo orgulho surdo que ostenta a bandeira da surdez, com suas crenças e valores, bem como, pelo direito de comunicar-se em sua língua (LIBRAS), buscando a todo momento demonstrar à sociedade majoritária ouvinte que não são incapazes e nem merecedores de sentimentos de piedade.

Na próxima seção apresentaremos as principais características lingüísticas das línguas de sinais, bem como, da LIBRAS enquanto uma língua viva e eficaz.

## 1.5. A Língua de Sinais e a LIBRAS

Para Botelho (2002), a ausência de qualquer modalidade de linguagem interfere de modo significativo no desenvolvimento do indivíduo, podendo provocar modificações comportamentais com conseqüências sérias em relação à forma de identidade do surdo. Para a grande maioria das pessoas ouvintes, a Língua de Sinais ainda é tratada como uma linguagem qualquer. Buscando defender a Língua de Sinais como uma língua eficaz e esclarecer a forma às vezes equivocada como vem sendo utilizado o termo *linguagem*, Quadros (2002, p.8) afirma que:

A Linguagem é utilizada num sentido mais abstrato do que língua, ou seja, refere-se ao conhecimento interno dos falantes-ouvintes de uma língua. Também pode ser entendida num sentido mais amplo, ou seja, incluindo qualquer tipo de manifestação de intenção comunicativa, como por exemplo, a linguagem animal e todas as formas que o próprio ser humano utiliza para comunicar e expressar idéias e sentimentos além da expressão lingüística (expressões corporais, mímicas, gestos, etc.).

Ao contrário do que muitos pensam, a Língua de Sinais não é universal, podendo haver além de uma língua de sinais própria de cada país, variações lingüísticas por regiões, como em qualquer outra língua natural. Assim, temos a Língua de Sinais americana, a espanhola, a portuguesa, bem como a brasileira.

Segundo Coutinho (2000), as línguas de sinais distinguem-se das línguas orais, porque utilizam um meio ou canal visual-espacial e não oral-auditivo. Assim, articulam-se espacialmente e são percebidas visualmente, ou seja, usam o espaço e as dimensões que oferecem na constituição de seus mecanismos fonológicos, morfológicos, sintáticos e semânticos para veicular significados.

As Línguas de Sinais são sistemas de comunicação desenvolvidos pelas comunidades surdas, constituindo-se em Línguas completas

com estruturas independentes das Línguas orais. Os sinais são formados a partir de parâmetros, como a combinação do movimento das mãos, orientação espacial e expressão facial e/ou corporal.(OLIVEIRA, 2007, p.33).

Para Brito (1995), as línguas de sinais são vistas como línguas naturais, pois:

Como as línguas orais, surgiram espontaneamente da interação entre pessoas, além de sua estrutura permitir a expressão de qualquer conceito – descritivo, racional, literal, metafórico, concreto, abstrato – enfim, de qualquer significado decorrente da necessidade comunicativa e expressiva do ser humano” (p.48).

A Língua de Sinais, por ser uma língua complexa, possui a sua própria gramática bem estruturada para uma comunicação eficaz. Assim, tanto a Língua Brasileira de Sinais quanto a Língua Portuguesa, dispõe de recursos próprios para a intensificação dos seus discursos, como, por exemplo, um discurso sobre violência.

A LIBRAS, como toda língua de sinais, é visual-espacial, originada do Alfabeto Manual Francês, que chegou ao Brasil no ano de 1856. Segundo a FENEIS (Federação Nacional de Educação e Integração de Surdos, 2010):

Um surdo francês veio passear no Brasil e, ao chegar à cidade do Rio de Janeiro, encontrou-se com vários surdos cariocas perdidos e mendigando nas ruas. Este surdo francês ficou tão preocupado com a educação e comunicação daqueles surdos perdidos e em estado de isolamento, que resolveu dedicar-se de maneira voluntária ao ensino da língua de sinais. Os surdos brasileiros rapidamente aprenderam e divulgaram por todo o país.

Como nas línguas orais, a LIBRAS também apresenta componentes essenciais em sua estrutura, como, por exemplo, semântica, sintaxe, pragmática, entre outros elementos, preenchendo, assim, “os requisitos científicos para ser considerada instrumento lingüístico de poder e força” (FENEIS, 2010). Mesmo apresentando características que a identificam como língua e que para seu aprendizado requer prática, como qualquer outra, a

LIBRAS se distingue do Português, como língua oral. A distinção, no entanto, é uma só, conforme constata Brito (1995, p.36):

A diferença básica entre as duas modalidades de língua não está, porém, no uso do aparelho fonador ou no uso das mãos no espaço, e sim em certas características da organização fonológica das duas modalidades: a linearidade, mais explorada nas línguas orais, e a simultaneidade, que é a característica básica das línguas de sinais.

Brito (*op.cit*) ainda afirma que os sinais que foram agregados ao léxico utilizam os parâmetros considerados gramaticais e aceitos no uso da língua de sinais, constituindo-se em um dos aspectos que determina a LIBRAS como um sistema lingüístico construído a partir de regras, diferenciando-se, totalmente, de gestos e mímicas cotidianas. “Mesmo os sinais com interferência da língua oral, a serem incorporados à língua de sinais, obedecem às regras e restrições de sua estrutura” (BRITO, 1995, p. 32).

A LIBRAS é estruturada a partir de parâmetros que se combinam, principalmente com base na simultaneidade, conforme dito acima. Esses parâmetros são, conforme Brito (1995) e Quadros (2004):

- **Configuração de mãos (CM):** são as formas que uma ou as duas mãos tomam na reprodução de um sinal. (cf. Apêndice 4).
- **Movimento (M):** na língua de sinais, a mão do sinalizante representa um objeto, enquanto o espaço é a área em torno do corpo do enunciador. Exemplo de movimentos durante uma sinalização: movimentos do pulso, movimentos internos da mão e os movimentos direcionais no espaço.
- **Ponto de Articulação (PA):** é o espaço neutro diante do corpo ou uma região do corpo onde o sinal é realizado, como, por exemplo, na cintura, na cabeça, etc. Ressaltamos que o ponto de articulação exerce papel

fundamental para o processo de categorização e classificação de determinados sinais.

- **Orientação da mão (OR):** direcionamento da palma da mão ao reproduzir um sinal.

- **Expressões não-manuais (ENM):** as expressões não-manuais são primordiais durante uma conversação em língua de sinais, pois marcam construções sintáticas e diferenciam os itens lexicais. São exemplos de tais expressões: movimento do rosto, dos olhos, da cabeça, etc.

Como foi explicitado acima, a comunidade surda tem lutado pela divulgação da língua de sinais e, principalmente, para ter a acessibilidade lingüística amparada pelo Estado e demais instituições. Sabemos que a comunidade surda conceitualiza as coisas que estão no mundo de acordo com suas experiências visuais. Desse modo, no próximo capítulo, abordaremos com mais detalhes as principais características da Linguística Cognitiva, que está centrada na relação linguagem-pensamento, e a concepção da Mente Corpórea, que servem de pressupostos teórico-metodológicos no direcionamento de todo nosso trabalho.



## 2. A LINGÜÍSTICA COGNITIVA E A CONCEPÇÃO DA MENTE CORPÓREA

Este capítulo tem como objetivo principal abordar as questões teóricas acerca da cognição que norteiam nosso trabalho. A Linguística Cognitiva está centrada na relação linguagem-pensamento, dispondo de mecanismos de análise que contribuem para a elucidação da geração de conceitos a partir de manifestações lingüísticas, como é o caso da língua de sinais.

A violência sempre se fez presente na história da humanidade e pode ser analisada sob várias perspectivas. Para uma melhor compreensão de como o ser humano constrói, cognitivamente falando, tal conceitualização, fazemos neste capítulo uma abordagem panorâmica sobre a concepção de mente corpórea e Modelos Cognitivos Idealizados, dentro das quais abordaremos o processo de conceitualização, esquemas de imagem, mapeamentos metafóricos e metonímicos. Inicialmente, no entanto, apresentaremos um breve histórico sobre o surgimento da Linguística Cognitiva que serve como base de nossa investigação.

### 2.1. A Lingüística Cognitiva

A Linguística Cognitiva surgiu por volta dos anos 80 em meio a uma heterogeneidade de teorias, confrontando-se com algumas, como, por exemplo, a Linguística de Chomsky, que tem a gramática como um conjunto de regras alheia à linguagem real. Como marco para a sua concretização, estão as criações, em 1990, da "International Cognitive Linguistics Association", a revista "Cognitive Linguistics" e a coleção "Cognitive Linguistics Research", como consequência da proposta lançada por George Lakoff em *Women, fire and dangerous things* (1987) e Ronald Langacker em *Cognitive Grammar: theoretical prerequisites* (1987).

O gerativismo de Chomsky atribui à linguagem um *status* mental, concebendo-a como cognitiva. Entretanto, o termo cognitivo adotado pelo

gerativismo difere do termo adotado pela Linguística Cognitiva, pois nesta, as unidades e as estruturas da linguagem são analisadas não como entidades autônomas, mas sim, como manifestações de capacidades cognitivas gerais, interagindo e influenciando a linguagem. Sobre a rejeição da visão objetivista pela Linguística Cognitiva, Macedo (2008) explicita que tal atitude:

[...] Está pautada no idealismo platônico, na relação entre linguagem e mundo, em favor do paradigma experiencialista, cuja ênfase está na fenomenologia e na visão corporificada da cognição. Segundo esse paradigma, a mente é corporificada. Assim, os mesmos mecanismos neurais e cognitivos, que nos permitem perceber e nos mover, também originam nossos sistemas conceituais. (p. 30)

Geeraerts, 2007 (*apud* FELTES, 2007) definiu a Linguística Cognitiva como um arquipélago composto por um aglomerado de centros de pesquisas linguísticas, unidos por uma perspectiva cognitiva compartilhada, mas distanciados, ao mesmo tempo, pela ausência de uma teoria comum e delineada. Desse modo, a Linguística Cognitiva busca a todo momento esclarecer o real conteúdo da cognição humana através da ligação entre o pensamento conceitual, nossas experiências corpóreas, e como se manifesta através da linguagem (GIBBS, 2006, *apud* MACEDO, 2008).

Em uma abordagem simbólica, a cognição pode ser explicada através de operações sobre símbolos, isto é, tais operações são teorias computacionais e modelos da mente. Varela, Thompson e Rosch (1991) incubem aos símbolos um valor representacional interno de uma realidade externa. Lakoff (1987) vem propor uma crítica a esses autores ao demonstrar que a experiência possui um caráter ativo na construção do significado da mente humana influenciado pelo contexto sociocultural.

Como o principal objetivo de nosso trabalho é pesquisar sobre as conceitualizações de violência por parte dos sujeitos surdos através da LIBRAS, vê-se claramente que é possível incluir a língua de sinais como objeto de interesse da Linguística Cognitiva, embora as pesquisas nessa área ainda estejam surgindo. É importante mencionarmos que a maneira que se concebe

a cognição altera muito o trabalho que se faz com a linguagem. A conceitualização de cognição é tão relevante quanto a postura que se tem em relação à linguagem propriamente dita.

Dessa forma, para que possamos compreender o mundo e agir nele, é necessário, segundo Lakoff e Johnson (1980), categorizar os objetos e as experiências, pois só dessa forma tais coisas terão algum sentido para nós. Vale ressaltar que as categorias não são fixas e uniformes, pelo contrário, elas podem variar de acordo com a cultura analisada. Tais estruturas categorizadoras são definidas por protótipos e semelhanças de família que se modificam de acordo com o contexto e com os objetivos em questão.

Sobre os processos de conceitualização e categorização, Macedo (2006) afirma que:

Um conceito, como tantos outros na Linguística Cognitiva, tem base corpórea, decorrendo da estrutura de nossos corpos e das nossas interações sensório-motoras com o mundo, pensa-se as categorias como contidas em recipientes, ou seja, em regiões delimitadas no espaço (p. 26).

Aqui, tanto a conceitualização quanto a razão tem como eixo os processos imaginativos como, por exemplo, a metáfora e a metonímia, protótipos, frames e espaços mentais, os quais serão abordados posteriormente com mais ênfase. Lakoff e Turner, 1989 (*apud* LIMA, 2003) sintetiza bem essas questões:

O sistema conceitual do homem, portanto, emerge da sua experiência com o próprio corpo e o ambiente físico e cultural em que vive. Tal sistema, compartilhado pelos membros de uma comunidade lingüística, contém metáforas conceituais, sistemáticas, geralmente inconscientes e altamente convencionais na língua - i.e., várias palavras e expressões idiomáticas dependem dessas metáforas para serem compreendidas.

Por ser a categorização um processo complexo, Lakoff (1987) observa que não há nada mais básico do que categorizar o nosso pensamento, o qual

tem como objetivo aguçar a nossa percepção, ação e discurso. De acordo com esse lingüista, cada vez que vemos algo, categorizamos. A compreensão desse processo é o ponto central para a compreensão de como pensamos, funcionamos e, conseqüentemente, central para a compreensão da ação humana. Como categorizar representa fazer uma relação entre pensamento e nossa experiência sociocultural, histórica e perceptível, podemos assim, incluir também a linguagem nesta relação, pois para categorizar o mundo ao nosso redor fazemos uso da linguagem na construção de sentidos para as categorias. Logo, categorizar é uma relação sistemática entre experiência, pensamento e linguagem.

Os conceitos são representados por um grupo de características e não por suas definições. O agrupamento se dá pela semelhança dos membros com o protótipo. Entretanto, até os dias de hoje:

O principal desafio das ciências cognitivas é tentar elucidar dois fenômenos: como o ser humano consegue representar em sua mente a realidade das coisas percebida pela experiência com o mundo exterior; e como as estruturas mentais atuam na organização das variadas atividades cognitivas. (Saraiva, 2008, p. 29).

Pesquisas como a de Oliveira (2009) têm demonstrado a existência de um realismo corporificado, no qual nossa conceitualização e questionamentos são representacionais. Assim, para a concretização de nossas ações, faz-se necessário o apoio e o uso dos órgãos sensoriais, da habilidade que nos move na manipulação de objetos, da estrutura cerebral, da cultura e de outras interações com o ambiente.

Em busca de entender e interpretar a realidade ao nosso redor, a mente humana cria modelos cognitivos, que Lakoff (1987) trata de idealizados, por não necessariamente corresponderem à realidade. Os Modelos Cognitivos Idealizados (MCI) são o resultado do somatório de experiências pessoais com experiência sociais (LAKOFF, 1987). Porque resultam da atividade humana em sociedade, fruto da interação entre mente e realidade, os MCI são formados

através de necessidades reais dos indivíduos, valores, estigmas e representações em um determinado contexto e cultura.

Observa-se, contudo, que a constituição dos MCI é determinada por uma das capacidades cognitivas fundamentais humanas, a categorização. Nossa capacidade mental de identificar, classificar e nomear diferentes entidades como membros de uma mesma categoria é, segundo Lakoff (1987), automático e inconsciente, pois categorizamos tudo que está ao nosso redor. Além de categorias concretas, categorizamos também coisas abstratas, como, por exemplo, “ações, emoções, relacionamentos interpessoais, visão política, etc” (LAKOFF, 1987, p.6), que podem não refletir exatamente a realidade das coisas. Segundo Saraiva (2008 p. 39), ordenamos "um número infinito de estímulos encontrados nas nossas experiências cotidianas em categorias finitas e de fácil acesso”.

Por outro lado, como a linguagem figurada faz parte das estruturas linguísticas humanas, entender a figuratividade também equivale a compreender o modo de pensar e de interagir do ser humano. Lakoff e Johnson (1980) defendem que o sistema conceitual dos homens emerge das suas experiências com o próprio corpo e com o ambiente físico, social e cultural em que vivem. A exemplo disso, abordaremos em nossa próxima seção um breve histórico sobre a metáfora e suas principais características.

## **2.2 A Metáfora**

O estudo da metáfora é fundamental em nosso trabalho devido ao fato de que a linguagem ordinária denuncia diversas metáforas que são utilizadas pelas pessoas, mesmo que sejam, simplesmente, para fins estilísticos. Como afirma Farias (2008):

Metáfora e metonímia têm sido estudadas, ao longo dos tempos, no âmbito das figuras de linguagem sendo consideradas apenas e tão somente como ornamento poético. Essa tradição tem sustentado o princípio da linguagem poética e da linguagem comum constituírem maneiras distintas do pensar. (p. 213).

Na Antiguidade, a metáfora era parte integrante da retórica e, inclusive, era bastante utilizada por Sócrates e seus discípulos. Platão reconhecia o poder de persuasão da metáfora. A visão grega da metáfora consistia, portanto, em um poderoso método de argumentação, como uma figura de retórica, vista sob certo preconceito, pois era considerada como uma ferramenta de manipulação da palavra, do discurso.

A partir de Aristóteles, a metáfora no Ocidente começa a ser analisada detalhadamente. Ele foi o primeiro estudioso a apresentar uma teoria da metáfora e a conceituou na *Poética* no capítulo XXI e continuou a ser tópico discursivo nos capítulos IX, XVI, XXII. Também foi tema de discussão na *Arte retórica – Livro III* e em outros tratados em que ele se refere a esse tema” (LIMA, 2006, p.28).

Na *Poética*, a definição aristotélica de metáfora é: “a metáfora consiste no transportar para uma coisa o nome de outra, ou do gênero para a espécie, ou da espécie para o gênero, ou da espécie de uma para a espécie de outra, ou por analogia, não tenha reconhecido na produção metafórica um ato criativo” (TEIXEIRA, 2011, p.66).

Lima (2006, p.30) salienta que, apesar de as lições dos capítulos XXI e XXII da *Poética* “apontarem o transportar e a semelhança como processos formadores da metáfora, Aristóteles (1986) [...] ensina que ela, mesmo como produto do processo analógico, pode ser formada com a falta de um nome, ou com a negação das suas qualidades próprias”. Lima (*op. cit.*) acrescenta que, no capítulo XI, Livro III, da *Arte Retórica*, Aristóteles explicita que devemos tirar as metáforas das coisas que são acessíveis a nós.

Fernandez (2006) argumenta que foi a partir do século XIX que surgiram os posicionamentos teóricos de Shelley, Wordsworth e Coleridge, nos quais negam o caráter exclusivo e ornamental da metáfora e, reivindicam seu poder criador e imaginativo. Com essa concepção, o uso metafórico deixaria de ser um mero adorno literário e de fala, passando a ser uma maneira de

experimentar o mundo, uma projeção da verdade através da imaginação. A metáfora seria, dessa forma, o processo pelo qual as palavras constituem uma realidade em si mesmo.

O estudo teórico desse fenômeno continuou e as concepções de metáfora ganharam uma enorme extensão no século XX, devido principalmente às pesquisas e às discussões teóricas de Richards e de Max Black (*apud* TEIXEIRA, 2011). Richards, ao contrário de Aristóteles, considerava a metáfora como parte integrante da língua e não como algo excepcional. A partir de suas pesquisas, a concepção de metáfora se modificou através de estudos que tratam dos mecanismos cognitivos. Richards estendeu o conceito de metáfora, dizendo que ela era o princípio básico no uso da língua e, em última instância, era um fenômeno do pensamento humano.

Black (*apud* TEIXEIRA, 2011) deslocou a metáfora do nível do enunciado e estabeleceu uma metáfora a partir do relacionamento entre os elementos que compõem o enunciado. Segundo o autor, a metáfora apóia-se em um sistema de implicações, cujo uso é concretizado por um ouvinte e um falante no momento em que são organizadas e selecionadas as relações entre distintos conteúdos que interagem. Searle (1979) problematiza o uso da metáfora ao questionar o porquê de utilizarmos certas expressões metafóricas ao invés de falarmos literalmente o que essas expressões significam. Indaga sobre a maneira como o enunciado metafórico é transmitido, mesmo se tendo consciência que esse enunciado não corresponde ao significado literal do que foi dito.

No livro *Metaphors we live by*, Lakoff and Johnson, em 1980, lançam a Teoria da Metáfora Conceitual (TMC), a qual defende sob uma perspectiva experiencialista, que pensamento e raciocínio humanos envolvem processos metafóricos e metonímicos. Através de evidências lingüísticas, os autores mostram que a metáfora está presente em todos os momentos da vida do ser humano, não apenas na poesia, mas também no discurso cotidiano e outros, defendendo, assim, que a metáfora não seria somente uma figura de

linguagem, meramente um recurso de imaginação poética, mas sim uma figura de pensamento, de estrutura conceitual, subjacente não somente à linguagem, como também, às nossas ações e experiências. Para os autores “a essência da metáfora é a compreensão e a experiência de uma coisa em termos de outra”. (LAKOFF e JONHSON, 1980).

Sobre a TMC, Macedo (2009, p.8) argumenta dizendo que a “Teoria da Metáfora Conceitual, veiculada a partir de 1980 no livro *Metaphors we live by* de Lakoff e Jonhson, promove a idéia de que o pensamento é em grande parte estruturado metaforicamente”. A autora acrescenta afirmando que:

A teoria avança a idéia de que formas de expressão verbal e não verbal, utilizadas na expressão de percepções e sentimentos a respeito de nossas vivências, e modos de se conceber o mundo e fazer sentido dele estão significativamente atrelados à nossa capacidade de compreender uma coisa (evento, entidade, conceito) em termos de outra. Assim, processos metafóricos e metonímicos estariam na base de modelos cognitivos e culturais estruturadores das condutas e comportamentos individuais e daqueles socialmente compartilhados. Fica claro, portanto, que na visão de metáfora apoiada pela Teoria da Metáfora Conceitual, a concepção tradicional desse fenômeno como mero instrumento linguístico retórico cai por terra, vindo à tona uma abordagem que considera esta figura como resultante de uma cognição corpórea socioculturalmente situada (MACEDO, 2009, p. 8).

Com isso, Macedo (2009, p. 55) enfatiza que, ao contrário de ser um mero instrumento de ornamentação linguística, como defendia a tradição retórica, a metáfora é, na realidade:

Fruto da nossa atuação cognoscitiva, na medida em que emerge tanto a partir de estruturas e sistemas dinâmicos de natureza neurobiológica com os quais viemos dotados como das redes complexas de idéias e crenças construídas e compartilhadas sócio-culturalmente”.

Para ilustrar, seguem dois dos exemplos citados por Lakoff e Johnson (1980) de uso corrente em inglês, que também fazem parte da nossa linguagem cotidiana: as metáforas conceituais DISCUSSÃO É GUERRA e

TEMPO É DINHEIRO. Aqui, temos domínios de natureza abstrata, como é o caso de *discussão* e *tempo*, tratados a partir de experiências concretas, *guerra* e *dinheiro*. Segundo (LAKOFF & JOHNSON, 1980, p. 41), “a metáfora DISCUSSÃO É GUERRA é algo que vivenciamos em nossa cultura, estruturada pelas ações que executamos ao discutir”, pois estamos sempre discutindo algo, ora ganhando, ora perdendo, dependendo de nossas estratégias discursivas, que podem receber conotações de batalha verbal (ataque, defesa, contra-ataque).

TEMPO É DINHEIRO, por outro lado, surge em nossa sociedade de cultura capitalista na qual o fator tempo possui um caráter bastante valioso. Quando usamos a metáfora TEMPO É DINHEIRO, várias expressões surgem em nossa linguagem cotidiana, como por exemplo, “gastar tempo”, “perder ou ganhar tempo”, “usar o tempo”, “investir no tempo”, “ter tempo suficiente para realizar tal coisa”, “dar tempo”, etc. Da mesma forma, DISCUSSÃO É GUERRA permite o uso de expressões tais como “argumento imbatível”, “ponto de vista indefensível”, “estratégia aniquiladora”.

Com o decorrer dos anos, a metáfora vem sendo bastante pesquisada, e com isso novas (re) definições vão surgindo, desde a sua visão tradicional à Linguística Cognitiva. Nosso trabalho, além de explicitar tal fenômeno nas línguas orais, vem, também, corroborar o entendimento do uso metafórico e metonímico no discurso em língua de sinais utilizado pela comunidade surda de Fortaleza.

Segundo Lakoff and Johnson (1999), as metáforas primárias são tidas como primárias por apresentarem uma base de experiências independentes, portanto, são formadas a partir da correlação de experiências distintas e recorrentes em nosso meio. Tais metáforas apresentam dois domínios conceituais: o domínio fonte e o domínio alvo, que são representados na forma: DOMÍNIO A (ALVO) é DOMÍNIO B (FONTE). O domínio-fonte é esquematizado, na maioria das vezes, através de conceitos mais concretos, de fácil compreensão e faz parte da linguagem ordinária; enquanto o domínio-alvo

tende a ser esquematizado pela construção de conceitos mais abstratos, sendo assim, mais complexos. “A estrutura DOMÍNIO ALVO É DOMÍNIO FONTE”, em caixa alta, é usada como forma mnemônica de nomear esses mapeamentos metafóricos” (LAKOFF, 1987 *apud* LIMA, 2003).

Assim, com base nos estudos de Grady (1997), os linguistas Lakoff e Johnson (1999) apresentam duas classificações para as metáforas conceituais: metáforas correlacionais e metáforas de semelhança. As metáforas correlacionais, segundo o pensamento de Macedo (2006), são reelaborações das metáforas orientacionais, ontológicas e estruturais. As metáforas de semelhança, de acordo com Grady (1997), que repensou esta teoria tendo por base estudos já realizados por Lakoff (1987), são aquelas que ocorrem, não pela relação estabelecida entre conceitos, mas sim entre imagens mentais. As metáforas de semelhança ocorrem a partir da relação de similitude, ou mapeamento, que a mente do sujeito estabelece entre as imagens envolvidas.

A metáfora engloba tanto os mapeamentos conceituais quanto as expressões lingüísticas. Entretanto, sob a perspectiva da teoria da metáfora conceitual, a língua é vista como o mapeamento que sanciona o uso da linguagem e dos padrões de inferência do domínio fonte para o domínio alvo (LAKOFF, 1987). Grady (1997) distingue dois tipos de metáforas: as correlacionais, também chamadas de metáforas primárias; e as não-correlacionais ou de semelhança.

As metáforas primárias originam-se de experiências recorrentes no discurso diário. Tais metáforas apresentam natureza mais delimitada e assimétrica, ou seja, podemos dizer que existe uma unidirecionalidade entre os domínios fonte e alvo. Além disso, os conceitos envolvidos nas metáforas primárias são de tipos diferentes que surgem de cenas primárias e suas correlações. A fonte tem conteúdo relacionado à percepção física ou sensorial, enquanto o alvo consiste em conteúdo mais abstrato, uma resposta de natureza cognitiva, como, por exemplo, nas metáforas primárias MAIS É PARA

CIMA, MENOS É PARA BAIXO. Um exemplo dado por Lakoff (1980): “*Estou me sentindo pra cima*”.

Segundo Lima, Feltes e Macedo (2008) vários estudos demonstram que:

Há dezenas de metáforas primárias e, juntas, “essas metáforas fornecem experiência subjetiva com estrutura inferencial extremamente rica, imagens e “sensação” qualitativa, quando as redes para a experiência subjetiva e as redes sensório-motoras neuralmente conectadas a elas são co-ativadas (p.145).

As metáforas de semelhança fundamentam-se na percepção de semelhança entre conceitos. São simétricas, ou seja, não são unidirecionais. As metáforas não-correlacionais envolvem conceitos do mesmo tipo e apresentam natureza relativamente não delimitada. Desse modo, as metáforas de semelhança ocorrem a partir da relação de semelhanças, ou mapeamento, que a mente do sujeito estabelece entre essas imagens (GRADY, 1997). Um exemplo desta metáfora é PESSOAS SÃO ANIMAIS utilizada por Grady (*op.cit.*) em “Aquiles é um leão” para ilustrar a metáfora por semelhanças.

A formação das metáforas complexas é feita através de metáforas primárias juntamente com formas de conhecimentos de um lugar-comum, como, por exemplo, modelos culturais, teorias populares, ou, simplesmente, conhecimentos e crenças amplamente aceitos em uma determinada cultura. Eis alguns exemplos de metáforas primárias: PROPÓSITOS SÃO DESTINOS e AÇÕES SÃO MOVIMENTOS. A partir desta metáfora, segundo Lakoff e Johnson (1999), temos a metáfora complexa UMA PROPOSTA DE VIDA É UMA VIAGEM. Desse modo, se não tivermos propostas em nossa vida, estamos perdidos, como que sem direção. Como resultado, essa metáfora complexa é construída sobre metáforas primárias e a crença cultural.

As metáforas primárias são altamente corpóreas, diretamente dependentes da interação dos seres humanos com seu ambiente e com a forma de seu corpo. São adquiridas de forma inconsciente a partir dessa interação com o mundo. (LIMA, FELTES e MACEDO, 2008, p. 146).

### 2.3 Concepção da Mente Corpórea

No princípio, os estudos lingüísticos estavam pautados em uma mente autônoma, aos moldes cartesianos que, no século XX, Chomsky criou um modelo pautado em uma sintaxe gerativa. Esta concepção de mente seguia os conceitos de Descartes, que via a mente como independente de seu ambiente mundano, sendo ela capaz de decodificar o mundo em moldes lógicos e racionais. Tal perspectiva encarava o ser humano como análogo a um computador. Esse entendimento transformava o homem em uma máquina dotada de razão inata, desvinculada, inclusive, de qualquer influência experiencial (BRIER, 1996).

Em 1980, George Lakoff propôs com Mark Johnson uma virada paradigmática nos estudos cognitivistas ao publicarem *Metaphors we live by*. As estruturas linguísticas analisadas por Chomsky são construções de um modelo de sintaxe, sem se preocupar com a pragmática da linguagem, ou seja, com a nossa linguagem ordinária (TEIXEIRA, 2011). A mente, até então entendida conceitualmente como dissociada do corpo, passa a se tornar mente corpórea – *embodied mind*. Esta se moldaria às experiências do indivíduo com seu meio, tendo na base da linguagem elementos que evidenciam isso, como a metáfora e a metonímia, que seriam os pilares centrais para a construção de sentido (LAKOFF e JOHNSON, 1980) – elementos tais que eram entendidos por Chomsky como desvios da linguagem.

Em *Philosophy in the flesh: the embodied mind and its challenge to western thought*, Lakoff and Johnson (1999) nos alertam para certas inconsistências da filosofia ocidental acerca da mente, afinal, para os autores uma das maiores descobertas nos estudos na área da cognição e linguagem é de que a mente é corpórea. Apesar de tantas descobertas, muitos questionamentos ainda surgem acerca desta temática, como afirma Oliveira (2009):

Este tema é contemporâneo e tem provocado polêmicas entre adeptos da filosofia ocidental tradicional e os novos entendimentos de corpo. Defendendo suas idéias, os autores recorrem a argumentos das ciências cognitivas e da neurociência. Eles afirmam que a razão está no corpo, se concretiza a partir da natureza dos cérebros, corpos e experiências sensório-motoras, sendo construída pelas peculiaridades do corpo humano, pelos detalhes da estrutura neural e pelas especificidades da função cotidiana no mundo. (p. 25, volume 3).

Segundo Lakoff e Johnson (1999), nossas conceitualizações são estruturadas a partir de experiências sensório-motoras, ou seja, a razão sobre o corpo, e que tais conceitualizações originam-se de processos imaginários, como é o caso das metáforas. Para Farias (2008), “a dificuldade de desvelar modelos culturais, por meio de processos cognitivos, está em identificar formas de definição e descrição dos padrões na mente corpórea” (p. 216). Lakoff (1999) propõe o conceito de razão corporificada, isto é, a formação de conceitos no/pelo corpo nas trocas entre os seres humanos e o ambiente, sendo caracterizados pelo uso da percepção, da imaginação e do sistema sensório-motor na vida diária. Esse nível de compreensão possibilita maximizar o nosso contato com a realidade e permite o desenvolvimento da capacidade de projeção imagética, reconhecida como uma faculdade cognitiva vital.

Lakoff, 1980 (*apud* OLIVEIRA 2009) afirma também que “a mente não é puramente corporal, mas também não é totalmente passional, desejante e social; a mente é dependente da cultura, possui uma história e também um aspecto inconsciente sobre o qual não temos domínio, mas que é conhecido de maneira indireta” (p. 28). Como a nossa capacidade de conceitualizar as coisas no mundo é limitado, mesmo sendo um sistema em constante construção, é possível, sim, formarmos novos conceitos. Nossas experiências vivenciadas a cada momento são corporificadas e constroem a história de cada ser humano em qualquer parte do mundo, constituindo as metáforas primárias. Assim, a formação do ser humano é construída continuamente entre a relação de natureza com a cultura.

Se a teoria cartesiana defendeu a dissociação corpo e mente, a teoria de Lakoff e Johnson (1999) afirma que nossa mente possui funcionalidade corporificada. Essa mudança de entendimento traz consigo uma revolução paradigmática, focando, principalmente, na idéia de que a nossa mente é corporificada, diferentemente de uma mente autônoma. Assim, nosso pensamento surge, em sua maioria, em um nível inconsciente, diferentemente de um pensamento racional consciente de base cartesiana, pois o processamento de nossas construções linguísticas e conceituais é ativado pelo processamento de espaços mentais que estão na base da produção de nossa linguagem (FAUCONNIER,1994).

A formulação de conceitos abstratos é fundamentalmente metafórica, entendida por meio de nossa experiência e não pautada em uma lógica abstrata, dissociada de qualquer vínculo experiencial. A mente não seria dividida em módulos, mas, sim, funcionaria por meio de conexões neurais que seriam motivadas pela nossa interação com o mundo e o modo como mesclamos linguagem, cognição e cultura. Lima (2003) esclarece o processo da categorização por meio de nossas experiências e apresenta alguns exemplos:

Identificamos nossas experiências como entidades ou substâncias que, como tais, podem ser categorizadas, agrupadas e quantificadas. Por exemplo, experienciamos nosso corpo como um recipiente, que tem limites (a pele) e orientação dentro-e-fora (o resto do mundo está fora). A partir dessa experiência, a noção dentro-e-fora é projetada para outros objetos físicos que tem limites, bem ou mal delineados, tais como uma sala (entrei na sala) e uma série de outras coisas, tais como eventos (ele está fora da competição) e atividades (entrei neste ramo há 10 anos) que passam então a ser vistos também como recipientes com partes internas, externas e limites.

O entendimento de mente autônoma perde sua força ante uma nova formulação da experiência que constrói sentido na interação. As metáforas conceituais já analisadas à exaustão por Lakoff e Johnson trouxeram uma base sólida para essa revolução paradigmática. A metáfora passa a ser entendida como uma racionalidade imaginativa, ou seja, unindo razão e imaginação no

processo de construção de sentido. É dessa forma que ela permite formularmos metáforas conceituais observadas em construções como A VIDA É UM PERCURSO: “*Esta longa estrada que percorro cheia de dificuldades*”,

Podemos também exemplificar este processo por meio da Catacrese, em que os órgãos do corpo humano oferecem ferramentas para a formação de nossos conceitos:

*A parte superior (cabeça)* – associada à parte superior dos objetos, como, por exemplo: cabeça do alfinete, cabeça do prego.

*A parte de baixo (pés e pernas)* – associada aos prolongamentos inferiores sustentado por vários objetos. Exemplos: perna da mesa, perna da cadeira, pé do fogão, pé da geladeira.

Lakoff e Johnson (1999) afirmam que os mesmos mecanismos neurais e cognitivos que estão atrelados à nossa percepção dos sentidos são os mesmos que criam nosso sistema conceitual e o nosso pensamento racional. Tal racionalidade não seria, portanto, um elemento essencial de separação entre os animais, mas nos colocaria em um *continuum* a eles, diferenciado pela nossa capacidade de categorizar e compreender o mundo. As categorizações são feitas não por meio de traços essenciais das coisas, como almejava Aristóteles, mas sim, pelo modo como construímos sentido para elas por meio de nossas experiências cotidianas, caracterizando assim, os efeitos de prototipicidade.

Diante do que foi exposto, fica clara a distinção de um mundo construído cognitivamente, ao invés de um mundo pronto e acabado, esperando apenas pela nossa nomeação das coisas existentes no mundo. Lakoff e Johnson (1999) ao defenderem um pensamento de base experiencialista nos mostram que a metáfora é uma condição cognitiva humana que auxilia no processo de construção de sentido. Ao compararmos conceitos

instituídos e criarmos, a partir destes, novos conceitos, estamos reformulando o nosso modo de compreender o mundo e não somente os comparando.

Em síntese, podemos concluir que a hipótese da corporificação atribui corpo ao sujeito cognitivo, destacando a contribuição de suas experiências no mundo para a formação das línguas naturais.

## **2.4 Modelos Cognitivos Idealizados**

Um conceito abordado pela Linguística Cognitiva fundamental para o nosso trabalho é o de Modelo Cognitivo Idealizado (MCI). Segundo Lakoff (1987), como já mencionamos acima, tais modelos estruturam o nosso pensamento e são usados para a formação de categorias e raciocínio de acordo com as nossas experiências de mundo. Um MCI, segundo Lakoff, 1980 (*apud FELTES, 2007*), é organizado sob quatro princípios estruturadores que se constituem em submodelos imagéticos, proposicionais, metafóricos e metonímicos, que serão explicitados posteriormente.

Os MCIs, segundo a teoria lakofiana, são estruturas organizadoras responsáveis pela nossa estruturação de variadas categorias, bem como, pelos efeitos de prototipicidade presentes às formas que conceitualizamos e organizamos as coisas na atuação com o mundo exterior. Os MCIs, segundo Macedo (2008), não são representações internas abstraídas de nossa realidade com o mundo exterior, pois:

[...] São entendidos a partir do conceito de corporificação, constituindo-se, portanto, como uma forma de representação situada que emerge a partir da integração do sujeito cognoscente com o mundo e, porque incluem aspectos imaginativos da cognição, tais como a metáfora e a metonímia. (p. 34).

Em nossa sociedade ocidental, segundo exemplifica Lakoff (1987), compartilhamos de MCIs com graus de complexidade diversos. Desde conceitos aparentemente simples, sobre os quais temos pouca ou nenhuma

consciência, como é o caso da palavra *terça-feira*, que só poderá ser validada sob a perspectiva de um Modelo Idealizado de semana que apresenta sete dias, até conceitos amplamente discutidos pela sociedade, como *mãe*, um conceito bastante complexo, no qual vários MCIs são formados, como, por exemplo: mãe provedora, mãe de aluguel, mãe de leite, mãe madrasta, mãe ancestral. Segundo Lakoff (*apud* FELTES, 2007), “Mãe é um conceito que se baseia num modelo complexo em que os modelos cognitivos individuais se combinam formando um modelo em *cluster*” (p. 147), como se segue:

MODELO DO NASCIMENTO: a pessoa que dá à luz é a mãe.  
 MODELO GENÉTICO: a fêmea que contribui com o material genético é a mãe.  
 MODELO DE CRIAÇÃO: a fêmea adulta que nutre e educa a criança é a sua mãe.  
 MODELO MARITAL: a esposa do pai é a mãe.  
 MODELO GENEALÓGICO: o ancestral fêmea mais próximo é a mãe.

O conceito de *semana* caracterizado por sete dias, como bem argumenta Lakoff (1987), não existe objetivamente no mundo, pois em determinadas culturas a visão de semana com sete dias não existe, é uma criação humana. No nosso contexto cultural ocidental, este tipo de semana pode ser visto como um modelo cognitivo idealizado. Do mesmo modo, a compreensão da expressão *fim de semana* passa por um MCI de semana de sete dias e de semana de trabalho, composta de cinco dias, após os quais se requer um período de dois dias para o descanso (LAKOFF, 1987). Outro exemplo também seria a concepção do que seja uma perna, atuando como domínio cognitivo de joelho, no qual o espaço tridimensional seria o domínio em relação ao qual são entendidos os termos *acima e abaixo* – que possuem conceitos formados por meio de nossas experiências corpóreas.

A Linguística Cognitiva demonstra que a categorização linguística se processa, geralmente, na base de protótipos, que são representações mentais destas entidades e que, segundo Lakoff (1987):

São usados no pensamento - para fazerem inferências, cálculos, aproximações, julgamentos, bem como, para definir categorias, entendê-las e caracterizar relações entre subcategorias. Os protótipos fazem uma grande porção do trabalho efetivo da mente e têm um amplo uso em processos racionais. (p. 145).

Resumindo, fazemos uso dos MCI para categorizar e conceitualizar o mundo ao nosso redor na busca de compreender tal mundo. As categorias são estruturadas e formadas a partir de um pequeno grupo de modelos cognitivos idealizados, sob efeitos de prototipicidade, que são produtos dos MCI:

As categorias conceituais humanas têm propriedades que são, pelo menos em parte, determinadas pela natureza corporal das pessoas que as categorizam.(...) Não podendo ser estagnada sob um teoria clássica, mas que precisam estar relacionadas com o mundo. (LAKOFF, 1987, p. 371).

Lakoff, 1987 (*apud* FELTES, 2007) afirma que prototipicidade são fenômenos superficiais e que “os efeitos prototípicos são resultados do fato de que o conhecimento está organizado em termos de modelos cognitivos idealizados de variados tipos e tais modelos é que seriam a fonte dos efeitos de prototipicidade constatados” (p. 107). Lakoff (1987) mostrou, entre outras propriedades, que tanto a categorização e a conceitualização estão ligadas ao corpo de maneira individual e/ou com a relação entre outros indivíduos de uma mesma comunidade; e que são “resultados de processos imaginários, como a metáfora, metonímia, imagem mental”. (LAKOFF, 1987, p. 371).

Os MCI são estruturas estáveis por serem produzidos de maneira social sob um determinado contexto, ou seja, não podem ser criados de forma alheia ao mundo, ao discurso; para a sua concretização faz-se necessária a execução de construções cognitivas que incluam conjuntos de conhecimentos organizados e estruturados de acordo com os domínios estáveis e locais. Sobre o processo de categorização, Farias e Marcuschi (2006) afirmam que:

O indivíduo como ser cognoscente, histórico e social constrói sua experiência colaborativamente com os demais indivíduos e a partir da

recorrência das experiências nas construções das relações, as categorias se revelam como um projeto social e não individual, em que os processos de inferenciação e referenciação se associam à categorização formando uma rede que gera sentido. (p. 120).

Lakoff (1987) argumenta que a capacidade que o homem tem de conceitualizar coisas consiste em cinco habilidades, dentre elas: a habilidade de formação de estruturas simbólicas relacionadas às experiências diárias; a habilidade de projetar metaforicamente a partir de estruturas do domínio físico ao abstrato; a habilidade de formação de conceitos complexos e categorias gerais utilizando esquema de imagens; e por fim, a habilidade de formação de modelos cognitivos idealizados. Essas habilidades serão relevantes para a nossa análise no desenvolvimento desta pesquisa com os sujeitos surdos.

De acordo com Lakoff (1987), essas habilidades dão origem a alguns tipos básicos de MCI que contribuem para a estruturação da experiência lingüístico-conceitual, entre eles: 1) MCI de esquemas de imagens; 2) MCI proposicionais; 3) MCI de projeções metonímicas; 4) MCI de projeções metafóricas.

#### **2.4.1 Modelos Cognitivos de Esquemas de Imagens**

Lakoff (1987) apresenta os esquemas de imagens como modelos cognitivos que estruturam tanto a nossa experiência de espaço, quanto a formação dos nossos conceitos. Para o lingüista, os esquemas de imagens definem o que chamamos de “estrutura” ao nos referirmos a domínios abstratos. Logo, ao compreendermos determinada coisa como uma estrutura abstrata, compreendemos essa estrutura em termos de esquemas de imagens. Exemplos de alguns esquemas de imagens propostos por Lakoff e Johnson (1980):

##### **a) ESQUEMA RECIPIENTE:**

Neste esquema, há uma fronteira que diferencia um INTERIOR de um EXTERIOR. Temos como exemplo, nosso corpo, que é experienciado como

um recipiente, e a partir disto outras experiências também passam a ser estruturadas cognitivamente da mesma forma. O conceito INTERIOR só fará sentido quando configurado pelo esquema de imagem RECIPIENTE como um todo.

**b) ESQUEMA PARTE-TODO:**

Esse esquema apresenta uma lógica mais complexa. A noção de PARTE-TODO advém de nossa experiência corporal em que nos reconhecemos totalmente através das partes. Lakoff (1987) cita alguns conceitos como sendo estruturados por esse esquema, são estes: SOCIEDADE, FAMÍLIA e CASAMENTO. Esse esquema, assim como o anterior, é observado no decorrer de nossas análises para conceitualizar VIOLÊNCIA, apresentando a FAMÍLIA como a junção de vários membros formando, assim, o todo. Nesse ponto de vista, excluir determinado membro da família é considerado como uma separação das partes que constituem o todo.

**c) ESQUEMA LIGAÇÃO:**

Para o linguista, neste esquema, as relações sociais e interpessoais estão ligadas de alguma forma. Logo, os elementos estruturais desse esquema são duas entidades conectadas por meio de uma LIGAÇÃO. Lakoff (1987) ilustra este esquema por meio da simbologia entre o cordão umbilical e a experiência corpórea, afinal o ser humano faz uso de cordões ou fios para assegurar a conexão entre coisas materiais e pessoas.

**d) ESQUEMA CENTRO-PERIFERIA:**

Segundo Lakoff (1987), as experiências de nosso corpo se dão em termos do esquema CENTRO-PERIFERIA, dessa forma, o que está no centro é considerado como sendo mais importante, e o que está na periferia, como algo dependente desse centro, logo, o CENTRO não é dependente da PERIFERIA, no entanto, a PERIFERIA depende do CENTRO. Lakoff (*op. cit*) explica que concebemos nossos corpos como algo que tem centro, como, por exemplo, o nosso tronco e os nossos órgãos internos; e periferia, nossos dedos e cabelo. Geralmente, os centros são vistos como mais importantes do que a

periferia, pois os danos causados ao centro apresentam maior risco, portanto, são mais graves.

Lakoff (1987) traz outra ilustração de CENTRO ao exemplificar que, quando uma árvore perde suas folhas, ela permanece a mesma árvore, da mesma forma acontece com as pessoas quando cortam seus cabelos, elas continuam sendo a mesma pessoa. Deste modo, a PERIFERIA é vista como parte do centro, mas o centro não é visto como parte da periferia.

#### **e) ESQUEMA ORIGEM-PERCURSO-META:**

Esse esquema de imagem é estruturado a partir da nossa experiência de movimento, ou seja, mover-se de um lugar (origem) em direção a outro (destino), percorrendo um percurso entre os pontos. O ato violento pode ser caracterizado por este esquema, de acordo com nossas análises. Conforme nos mostra Feltes (2007, p. 260):

Entendendo-se que os atos violentos sejam dirigidos a algo ou a alguém, então é possível que o esquema ORIGEM-PERCURSO-META possa estar presente como princípio da categoria. De fato, da construção de modelos proposicionais que atuassem como condições de *background* para a definição dos membros da categoria, certamente, seria necessário um cenário que contivesse, por exemplo, um agente/(ORIGEM), uma ação/(PERCURSO) e um paciente/vítima/objeto (META).(…).

#### **f) ESQUEMA EM CIMA / EMBAIXO:**

Nossa experiência com a lei da gravidade, segundo Johnson (1987), assegura-nos que, se um objeto for derrubado, com certeza, ele cairá no chão, gerando assim o esquema imagético EM CIMA-EMBAIXO. A assimetria do nosso eixo vertical nos possibilita a inclinação para baixo para que possamos apanhar objetos caídos no chão, assim como, estender as nossas mãos em busca de algo que está no alto, promovendo uma interação harmoniosa com o mundo no qual estamos inseridos.

#### **g) ESQUEMA DE FORÇA:**

O conceito de violência visto em nossas análises nos remete quase sempre a um esquema de FORÇA, embora, não necessariamente força física.

Para Feltes (2007), o esquema de imagem FORÇA pode ser a base pré-conceitual da categoria violência. Segundo Johnson (1987), alguns esquemas de forças podem ser identificados através do compartilhamento de suas propriedades. O esquema FORÇA envolve diversas relações, como, por exemplo, o de causa e consequência, fonte/alvo, força vetor/percurso de movimento.

#### **2.4.2. Modelos Cognitivos Proposicionais**

Os modelos proposicionais apresentam as seguintes características: têm aparência objetivista, com entidades mentais dependentes das experiências dos seres humanos; não usam mecanismos imaginativos, como as metáforas, metonímias e imagens mentais; têm uma estrutura baseada nas propriedades dos elementos que o formam e as relações obtidas entre eles (JOHNSON, 1987, p.134). Entre os modelos apresentados por Lakoff (1987), destacamos cinco que serão utilizados em nossa pesquisa:

##### **a) PROPOSIÇÃO SIMPLES:**

De acordo com Lakoff (1987), uma proposição simples consiste de uma ontologia do tipo argumento-predicado. Faz uso do esquema de imagem PARTE-TODO, no qual os argumentos e o predicado são as PARTES e a proposição, o TODO. Nas relações semânticas entre os argumentos – como no nosso caso, VIOLÊNCIA – o esquema LIGAÇÃO pode ser encontrado nas relações dos argumentos, do tipo: AGENTE, PACIENTE, INSTRUMENTO, DANO e LOCAL.

##### **b) CENÁRIO:**

Utiliza o esquema de imagens ORIGEM-PERCURSO-META, quando relativo a um domínio temporal, e esquema PARTE-TODO, quando cada momento do cenário representa uma de suas partes. As relações entre pessoas, propriedades, coisas, assim como as proposições, são estabelecidas pelo esquema LIGAÇÃO. A partir dos estudos de Fillmore (1982), os cenários podem ser entendidos, dentro do domínio da Linguística, como estruturas que

representam conceitos, dessa forma, emoldurando vários conhecimentos relativos a um dado conceito. A ontologia do modelo *script* consiste de um estado inicial, uma sequência de eventos e um estado final” (p.285).

**c) FEIXE DE TRAÇOS:**

Trata-se de um grupo composto por uma coleção de propriedades, as quais formam sua ontologia. São estruturados pelos esquemas RECIPIENTE, PARTE-TODO. Feltes (2007) exemplifica tais modelos pelo conceito JANELA, o qual é caracterizado em termos de certos traços, como, por exemplo, a abertura, o tipo de moldura e os vidros. E também a categoria AVE estruturada da seguinte maneira: + ASAS, + PENAS, + OVÍPARO, + BICO.

**d) TAXONOMIA:**

Conforme Lakoff (1987), este modelo refere-se a uma estrutura hierárquica de categorias clássicas criada de acordo com os propósitos de cada mente humana e está constituída por categorias. Esse modelo é estruturado, em termos de esquemas de imagens, pelo tipo RECIPIENTE, ao nível das categorias, e estruturado pelo esquema PARTE-TODO e PARA CIMA-PARA BAIXO no nível da hierarquia. Segundo Feltes (2007, p.141), “essas estruturas taxonômicas não se referem diretamente a um estado de coisas no mundo, um sistema ou uma hierarquia que precisa apenas ser capturada da realidade externa pelo nosso aparato cognitivo. Mas sim, cada hierarquia é o resultado de uma operação cognitiva determinada de maneira experiencial”. Para exemplificar este modelo, a autora cita os sistemas de classificação da zoologia, da botânica e outros campos que operam com catalogação.

**e) CATEGORIA RADIAL:**

Modelo estruturado também pelo esquema RECIPIENTE, no qual estão inseridas as subcategorias denominadas RECIPIENTES. A relação entre as subcategorias é realizada por meio do esquema CENTRO-PERIFERIA, onde as categorias não centrais podem vir a constituir subcentros, instituindo novas estruturas em termos de CENTRO-PERIFERIA (LAKOFF, 1987).

## 2.5. Modelos Cognitivos Metonímicos

Os modelos metonímicos consistem no terceiro grupo de MCIs apresentado por Lakoff, os quais são representados estruturalmente pelo esquema RECIPIENTE, principalmente representado pelo esquema ORIGEM-PERCURSO-META (FELTES, 2007, p. 146). Lakoff (1987) afirma que a metonímia tem uma função referencial, isto é, é possível utilizar uma entidade para representar outra.

A metonímia, segundo Lakoff (1987), é uma característica básica da cognição, utilizada na linguagem ordinária dos indivíduos. Há metonímias que já foram internalizadas no discurso diário dos falantes, denominadas, assim, de metonímias conceituais. Estas são baseadas em relações de contigüidade, e não apenas no sentido espacial, mas também de modo temporal, causal ou conceitual. São tradicionalmente caracterizadas por: "continente pelo conteúdo", "causa pelo efeito", "instrumento pelo agente que o utiliza ou pela atividade com ele praticada", "matéria pelo objeto fabricado dessa matéria", "parte pelo todo", etc. Tanto em ASL (American Sign Language) quanto em LIBRAS encontramos vários exemplos de sinais metonímicos, cujo todo é representado por um sinal da parte específica, como, por exemplo, os sinais de CAVALO e VACA, que representam apenas uma parte específica para caracterizar todo o animal, ou seja, a orelha.

Lakoff (1987) destaca algumas fontes metonímicas que têm efeito de prototipicidade, entre eles: os estereótipos sociais; exemplos típicos; os ideais; os padrões; submodelos; e os exemplos salientes.

### a) MCI metonímicos de ESTEREÓTIPOS SOCIAIS:

Estes modelos, segundo Feltes (2007 p. 146 e 147), citando Lakoff (1987) "são casos em que uma subcategoria tem um *status* socialmente reconhecido em consequência do que permanece pela categoria como um todo, normalmente para o propósito de fazer julgamentos rápidos sobre as pessoas". Podemos exemplificar aqui as diferenças existentes em nossa

sociedade ao tentar caracterizar determinada pessoa como NORMAL ou ANORMAL, EFICIENTE e DEFICIENTE, OUVIR e NÃO-OUVIR (surdos).

**b) Os MCI metonímicos IDEAIS:**

De acordo com o linguista, boa parte do conhecimento está estruturado em termos de ideais abstratos. Esse modelo é utilizado quando são feitos planos para o futuro e julgamentos de qualidade. O modelo metonímico ideal, portanto, é bastante influenciado pela nossa estrutura cultural ao tentar definir o que seja um relacionamento familiar ideal, pais ideais, relacionamento societário ideal, etc. Desse modo, fazemos uso do modelo ideal para traçarmos metas pessoais e também para fazermos nossos julgamentos. Tais modelos influenciam nos julgamentos e planos que as pessoas fazem, como por exemplo, sobre seus relacionamentos familiares ideais, sobre a comunicação ideal, sobre uma sociedade normal, o projeto de inclusão e acessibilidade ideal, etc.

**c) Os modelos PADRÕES:**

Segundo Lakoff (1987) esses são considerados como modelos de conduta, a partir dos quais guiamos nossas ações, visto que a maioria das ações é guiada por paradigmas. Um exemplo para estes modelos citados por Lakoff são os paradigmas científicos, que são utilizados para compreender e aplicar determinados tipos de experimento e conduta metodológica.

**d) Os modelos GERADORES:**

Neste modelo, os membros de uma determinada categoria são gerados pelos membros centrais acrescidos de algumas regras gerais. Segundo Lakoff (1987), o exemplo mais conhecido desse modelo metonímico são os números naturais, ou seja, os números de apenas um dígito (de 0 a 9) constituem os membros centrais da categoria NÚMEROS NATURAIS.

**e) Os SUBMODELOS:**

Outra forma para que se tenha compreensão de uma categoria é através de submodelos, tomando como partida um ponto de referência

cognitivo a fim de se estabelecer aproximações, bem como estimar tamanhos. Como exemplo, Lakoff (1987) utiliza a força de números de fatores 10 (dez, cem, mil) como forma de compreender o tamanho relativo dos números.

#### **f) Os modelos de exemplos SALIENTES:**

Um exemplo mais saliente de acontecimento, atitude, atividade, etc. serve de modelo metonimicamente de determinada categoria. Entretanto, modelos cognitivos podem relacionar, em nossas mentes, eventos não demonstrados no mundo externo. Por exemplo, logo após algum acidente aéreo, as pessoas ficam relutantes em voar, por medo. Isso se dá por associarem que aviões são instáveis e imprevisíveis, devido ao acidente noticiado que assistiram em um período recente.

## **2.6 Modelos Cognitivos Metafóricos**

Pesquisar sobre os tipos de Modelos Cognitivos Metafóricos é de grande importância para os estudos da Linguística Cognitiva, afinal, a partir do seu surgimento em 1980, a visão tradicional meramente estilística da metáfora tem dado lugar à maneira como conceitualizamos um domínio em termos de outro (LAKOFF, 1987). Como já foi explicitada anteriormente, a abordagem proposta por Lakoff e Johnson (1980) na obra *Metaphors we live by*, para o estudo da metáfora, passou a ser chamada de Teoria da Metáfora Conceitual (TMC). A relação entre os domínios envolvidos em um discurso (domínio fonte e domínio alvo) apresentada por Lakoff e Johnson (1980) é realizada por meio de ligação denominada de mapeamento metafórico. A metáfora conceitual, portanto, consiste de dois domínios, em que um é mapeado no outro, ou seja, um é entendido em termos do outro.

De acordo com Lakoff (1987), em síntese:

Num modelo metafórico: os detalhes do mapeamento entre A e B são motivados pelos detalhes da correlação estrutural entre A e B; e, sendo assim, um modelo metafórico é um modelo em que A e B

estão relacionados numa estrutura conceitual, sendo a relação especificada de A para B. (*apud* Feltes, 2007, p. 153).

Para Kovecses, 2002 (*apud* FELTES, 2007) os modelos cognitivos metafóricos apresentam alguns componentes que interagem entre si:

a) **Domínio fonte e domínio alvo:** a metáfora é composta por dois domínios, sendo um mais abstrato e o outro mais concreto. Exemplo: na metáfora TEMPO É DINHEIRO.

b) **Base experiencial:** a escolha de uma fonte específica para seguir a um alvo específico é motivada por uma base experiencial ou corpórea. Exemplo: A afeição correlaciona-se com calor corporal. Na metáfora: “*Meus pais são frios comigo*” (frase sinalizada por um sujeito surdo participante de nossa pesquisa).

c) **Relações entre fonte e o alvo:** o domínio de uma determinada fonte pode ser aplicado a diversos alvos e um alvo pode se unir a diversas fontes. Exemplo: o domínio JORNADA (ou VIAGEM) pode ser aplicado tanto a VIDA quanto a AMOR.

d) **Expressões linguísticas metafóricas:** expressões derivadas do mapeamento entre domínios conceituais, como, por exemplo, licenciados pela metáfora DIFICULDADES SÃO PESOS. “*A violência é muito pesada, por isso, é difícil acabar*” (frase sinalizada por um sujeito surdo participante de nossa pesquisa).

e) **Mapeamentos metafóricos:** são correspondências conceituais básicas entre os domínios envolvidos. Exemplo: na metáfora O AMOR É UMA JORNADA (ou VIAGEM), os *viajantes* são os amantes, o *transporte* é a relação amorosa e o *destino* é o propósito do relacionamento.

f) **Acarretamentos:** os domínios fonte estabelecem idéias para o domínio alvo que superam as correspondências básicas. Exemplo: na metáfora

O AMOR É UMA JORNADA (ou VIAGEM), se relação amorosa é um *transporte*, então, por acarretamento, ela pode quebrar, ser consertada, ou permanecer parada.

g) **Mesclas:** a junção de um domínio fonte com um domínio alvo pode resultar em mesclas (*blends*), construtos conceituais que são novos com respeito tanto à fonte quanto ao alvo. Exemplo: na metáfora *Ela estava tão furiosa que saía fumaça pelos seus ouvidos*.

h) **Modelos culturais:** são operados no pensamento por meio de estruturas culturais e cognitivas que representam aspectos do mundo. Exemplo: palavra *terça-feira*, ela só poderá ser definida dentro de um Modelo Idealizado de semana com sete dias, onde cada parte que compõe o todo é chamada de dia, etc. Isto é, a semana de sete dias não existe objetivamente no mundo, pois nem todas as culturas possuem semanas de sete dias. É um modelo cognitivo idealizado pela cultura ocidental.

### 2.6.1 Sistema da Metáfora Moral

O Sistema da Metáfora Moral, proposto por Lakoff e Johnson (1999) também corrobora a nossa investigação sobre os MCIs subjacentes ao conceito de violência apresentados pelos sujeitos surdos. De acordo com Lakoff e Johnson (1999), a moral e/ou moralidade está relacionada ao nosso bem-estar originado de nossa preocupação humana, como, por exemplo, a nossa busca constante por justiça, virtude, tolerância, liberdade, compaixão e direitos. Segundo os autores, a quantidade de metáforas existentes que definem nossos conceitos morais é bastante restrita, e tais metáforas são fundadas por meio de nossas experiências corpóreas e sociais.

Os domínios fonte de metáforas da moralidade baseiam-se, especificamente, no que as pessoas em diversos momentos históricos e culturais concebem como sendo bem-estar. Os lingüistas exemplificam, dizendo que é melhor ser saudável do que ser doente. Aqui, podemos abrir um

parêntese, quando a sociedade majoritária demonstra de maneira silenciosa, ou não, seus atos de violência, do tipo: o melhor é ser normal, do que ser deficiente. No caso dos sujeitos de nossa pesquisa, todos desejam ser respeitados pela sociedade apesar de apresentarem uma deficiência, neste caso, auditiva, tratando-os como indivíduos capazes e eficientes e que fazem uso de uma comunicação real e ativa por meio da língua de sinais.

Assim, segundo Lakoff e Johnson (1999), a moral é fundamentalmente encarada como o intuito de fazer com que o *outro* se sinta bem. Os autores defendem que um aumento no bem-estar representa um ganho, enquanto que uma queda significa perda. Assim, imoralidade pode ser conceitualizada como uma doença. De acordo com as estruturas metafóricas pesquisadas por Lakoff e Johnson (1999) referentes a conceitos éticos, os domínios fonte encontrados baseavam-se em uma simples lista de aspectos primordiais para o bem-estar humano, como, por exemplo, saúde, riqueza, força, equilíbrio, proteção, entre outros.

Como já foi explanado anteriormente, é notório o uso de metáforas por meio dos falantes de línguas orais. Na língua de sinais, bem como, na LIBRAS, também é possível encontramos metáforas utilizadas por sujeitos surdos durante um discurso sinalizado.

## **2.7. Metaforização em Língua de Sinais**

Os estudos envolvendo metáforas em línguas de sinais ainda são raros em todo o mundo. Por tal motivo, muitos insistem em afirmar a ausência de metáforas em língua de sinais, o que consideramos um mito, afinal, nossas análises demonstram o contrário. Existem algumas pesquisas importantes sobre este assunto, como as de Wilcox (2001) e Wilbur (2000) em ASL - American Sign Language e Brennam em BSL - British Sign Language (1998). E, no Brasil, o tema também já começou a ser desenvolvido, como os trabalhos de Freshe (2002) e Faria (2003), ambos em metáforas e LIBRAS. Nossa

pesquisa, nesse sentido, está contribuindo assim com uma melhor compreensão sobre as línguas de sinais.

Nosso estudo concorda com a visão de Wilcox (2001) no que diz respeito à experiência corpórea e cognitiva dos seres humanos, sejam eles surdos ou ouvintes, afinal, tais referências são influenciadas pelo contexto cultural onde estão inseridos. Assim, tanto os estudos de metáforas em ASL quanto na LIBRAS não estão focados somente nos sinais e nas palavras de maneira isolada, mas sim, nos valores e experiências vividas.

As línguas de sinais, assim como, as línguas orais, apresentam mapeamentos metafóricos que, dependendo do contexto, podem ser facilmente percebidos, Grushkin (1998), ao comparar as expressões de raiva (*anger*) na língua inglesa e na língua de sinais americana, encontrou diferenças significativas no que diz respeito ao mapeamento conceitual nas diferentes línguas. Por outro lado, ao relacionar os processos metafóricos à cultura, Brito (1995, p. 225) afirma que as metáforas orientacionais em LIBRAS são as mesmas encontradas nas línguas orais ocidentais, também identificadas por Lakoff e Johnson (1980). Por exemplo, o futuro e passado em LIBRAS são produzidos, respectivamente, para frente e para trás; Assim, ao sinalizar SEMANA PASSADA, o movimento das mãos é para trás, enquanto que PRÓXIMA SEMANA, as mãos se movimentam para frente.

Wilcox (2001) ressalta que o sinal de ALEGRIA em ASL (American Sign Language) é realizado como movimentos rápidos para cima – semelhante na LIBRAS – enquanto que na língua de sinais japonesa a ALEGRIA está vinculada a movimentos calmos no corpo, apontando uma possível diferença cultural das sociedades envolvidas.

Ao ressaltar características metafóricas semelhantes entre a ASL (TAUB, 2001) e a LSF, Armstrong (2002) revela-nos que, a garantia de unidade entre as línguas orais e visuais está na capacidade cognitiva do indivíduo conceitualizar as coisas baseando-se em sua experiência visual. Assim, as

possíveis particularidades surgem em função da organização cultural e da modalidade de expressão de cada contexto envolvido.

Wilcox (2001), no início de suas pesquisas, percebeu que a ausência de audição era o domínio fonte da metáfora, como por exemplo, em vários sinais que caracterizam o SILÊNCIO, mas atualmente esta idéia vem sendo substituída pela visão, que representa algo primordial na experiência perceptiva dos sujeitos surdos com o mundo estruturado em uma cultura específica. “Ligações culturais são criadas de acordo com as experiências ordinárias, e a dependência visual da linguagem é crucial no relacionamento existente entre os usuários da ASL” (WILCOX, 2001, p. 34).

Kovecses (2002) observa que as metáforas no ocidente e no oriente são conceitualizadas de maneira diferente, afinal, para a cultura oriental, o equilíbrio, a disciplina e a paciência são valores imprescindíveis refletidos naturalmente nas projeções metafóricas. Tanto na LIBRAS quanto na ASL o sinal de ALEGRIA é realizado para cima, com expressão facial alegria e acompanhado de movimentos rápidos, indicando a sensação de alegria vivenciada por nós ocidentais, enquanto que na língua de sinais japonesa o mesmo sinal é realizado de maneira mais calma.

Os estudos sobre metáforas em língua de sinais ainda estão em fase inicial, mas não deixam dúvida sobre seu papel fundamental na organização do discurso dos sujeitos sinalizantes, tanto para a comunidade surda quanto para os ouvintes em geral, afinal, ambos estão inseridos em um mesmo mundo globalizante.

### **2.7.1 Metáfora Visual**

Falar em uma metáfora visual representa um grande desafio, pois são poucos os estudos que buscam fazer um paralelo científico com o seu objeto de estudo. Ousamos apresentar este tipo de metáfora por assemelhar-se com a cultura surda no que diz respeito a uma construção de imagem dentro do

espaço visual-espacial utilizado por um ou mais sujeitos surdos e/ou ouvinte sinalizante na construção do seu discurso em língua de sinais.

É notório que durante uma conversação em língua de sinais, o sujeito sinalizante faz uso do seu espaço virtual para demarcar personagens, para não ter que retornar novamente ao sinal utilizado; bem como, também sinaliza no espaço à frente do seu corpo um determinado local. Assim, sempre que estiver fazendo referência àquele local específico, o sujeito sinalizante direcionará seu olhar e suas mãos para a localização referente, ou seja, sua imagem construída.

Na área da psicologia, a palavra *imagem* designa toda representação ou reconstituição mental de uma vivência sensorial que tanto pode ser visual – caso mais comum em nosso meio – quanto auditiva, olfativa, gustativa, tátil, ou mesmo, totalmente psicológica. Em Semiologia e Comunicação, “uma idéia abstrata é ilustrada através de uma representação concreta” (LALANDE, 1962).

Vários autores, como Read (1952), Lewis (1970), Warren (1988) e outros têm tentado estabelecer alguma diferença entre imagem, por um lado, e metáfora, por outro. Tentativa esta totalmente infrutífera, pois, na realidade, a distinção é antes cognitiva do que propriamente formal. Reverdy *apud* Read, diz que a imagem é “pura criação mental e não pode emergir de uma comparação, mas apenas de associação entre duas realidades mais ou menos distantes” (1951, p. 98 e 99).

Dessa forma, baseado nos estudos de Forceville (1996), é possível definirmos metáfora visual como uma manifestação plástico-icônica de uma declaração metafórica baseada em um conceito metafórico do tipo “NOME A É UM NOME B”, ou seja, sendo um primário e o outro secundário, onde pelo menos um deles esteja configurado visualmente, podendo o outro se manifestar também visualmente, gestualmente ou nem mesmo existir, sendo recuperável apenas pelo contexto.

Para a comunidade surda, o uso metafórico de determinado sinal está intrinsecamente ligado à sua experiência visual de mundo, afinal, para os sujeitos surdos o canal visual-espacial é bem mais aguçado do que nas pessoas ouvintes. Como, por exemplo, o simples mover dos olhos para cima ou para baixo pode mudar totalmente um discurso em língua de sinais, bem como, o emprego de determinada configuração de mão e o movimento do sinal.

Essas experiências de mundo, muitas vezes, são construídas de maneira negativa, ou seja, estão ligadas de certa forma a fatos violentos, uma vez que tanto os surdos quanto os ouvintes estão inseridos, em uma visão macro, na mesma sociedade. Apesar das várias questões peculiares à própria percepção do mundo pelo surdo – como já foi apresentado anteriormente –, neste trabalho, partiremos do conceito de VIOLÊNCIA voltado para a nossa realidade, sem discriminação de grupos, assumindo assim, que uma parte desses conceitos são também compartilhados pela comunidade surda. Assunto este que será abordado com mais ênfase em nosso próximo capítulo.

### 3. VIOLÊNCIA E A COMUNIDADE SURDA

Há lugares onde a convivência acontece de maneira relativamente pacífica – as dores são antes as da alma do que as da violência física. Não sei qual delas dói mais. (LUFT, 2011, p. 23).

Este capítulo objetiva apresentar, em primeira instância, o fenômeno violência com suas principais características para que possamos direcionar para o foco de nosso trabalho: o conceito de violência na comunidade surda de Fortaleza. Adiantamos que os principais MCIs de violência levantados pelos sujeitos surdos entrevistados são: familiar e institucional, principalmente devido à inacessibilidade em língua de sinais quando àqueles necessitam de auxílio. Em vários momentos da história, os surdos têm gritado por socorro e também para reivindicar seus direitos, mas infelizmente, este grito tem sido silenciado pela maioria vigente.

Certamente o tema mais freqüente nos meios de comunicação em todo o planeta é a violência. As estatísticas mostram que, com pequenas variações por regiões, o número de mortes em decorrência da violência está em torno de 120 mil por ano no Brasil. Mesmo com tanta informação, o conceito de violência é abrangente e ao mesmo tempo polissêmico. Louro (1997) afirma que:

Na ausência de verdades universais acerca da violência, o que existe são práticas tomadas como violentas em um dado contexto histórico e cultural. Como exemplo disso temos a compreensão da violência doméstica. Atualmente, essa concepção traz para o campo da violência práticas que anteriormente eram tomadas como modos de regulamentação das relações sociais. Como exemplo destes modos de regulamentação, podemos citar a violência contra a mulher, crianças e adolescentes, pessoas com deficiência, principalmente no espaço da família (p. 51).

Segundo Arendt (2009), a violência é:

Por sua natureza instrumental e por isso, como todos os meios, ela sempre depende de uma orientação e de uma justificativa pelo fim que almeja. E aquilo que necessita de justificação por outra coisa não pode ser a essência de nada” (p. 68).

Pelo que temos percebido, os resultados das diversas pesquisas em todo o mundo acerca da violência tendem a fazer do comportamento violento uma reação mais “natural” do que estaríamos preparados para admiti-lo em sua ausência, o que demonstra ser a violência um fenômeno já inerente ao ser humano. “Para participar desse jogo do mundo é preciso obedecer às regras acordadas ou, então, tentar modificá-las por meio da ação coletiva” (*op.cit* – p. 154).

A violência é um fenômeno extremamente complexo que afunda suas raízes na interação de muitos fatores biológicos, sociais, culturais, econômicos e políticos, cuja definição não pode ter exatidão científica. Para Melo e Teles (2002):

Violência, em seu significado mais freqüente, quer dizer uso da força física, psicológica ou intelectual para obrigar outra pessoa a fazer algo que não está com vontade; é constranger, é tolher a liberdade, é incomodar, é impedir a outra pessoa de manifestar seu desejo e sua vontade, sob pena de viver gravemente ameaçada ou até mesmo ser espancada, lesionada ou morta. É um meio de coagir, de submeter outrem ao seu domínio, é uma violação dos direitos essenciais do ser humano. Assim, a violência pode ser compreendida como uma forma de restringir a liberdade de uma pessoa ou de um grupo de pessoas reprimindo e ofendendo física ou moralmente. Empregam-se diversos adjetivos, de acordo com os agentes que exercem a violência, diferenciando seus vários tipos: policial, institucional, social, econômica, política ou estatal entre outros. Pode ser também adjetivada conforme a população que ela atinge (p. 15).

A própria OMS (Organização Mundial de Saúde) encontra uma certa dificuldade em conceitualizar Violência através de seus relatórios. A mesma afirma que “a violência é um fenômeno extremamente difuso e complexo cuja definição não pode ter exatidão científica, já que é uma questão de apreciação.

A noção do que são comportamentos aceitáveis e inaceitáveis, ou do que constitui um dano, está influenciada pela cultura e submetida a uma contínua revisão à medida que os valores e as normas sociais evoluem”. E oferece uma definição de Violência da área da saúde, como: “O uso deliberado da força física ou o poder, já seja em grau de ameaça ou efetivo, contra a gente mesmo, outra pessoa ou um grupo ou comunidade, que cause ou tenha muitas probabilidades de causar lesões, morte, danos psicológicos, transtornos do desenvolvimento ou privações” (LIMA, 2009, p. 55).

O uso da palavra PODER tem um peso grande ao analisarmos um contexto violento:

A inclusão da palavra "poder", completando a frase "uso de força física", amplia a natureza de um ato violento e expande o conceito usual de violência para incluir os atos que resultam de uma relação de poder, incluindo ameaças e intimidação. O "uso de poder" também leva a incluir a negligência ou atos de omissão, além dos atos violentos mais óbvios de execução propriamente dita. Assim, o conceito de "uso de força física ou poder" deve incluir negligência e todos os tipos de abuso físico, sexual e psicológico, bem como o suicídio e outros atos auto-infligidos. (DAHLBERG, 2006).

Para muitos, o conflito da violência contra a violência é vista sempre como absoluta no quesito de superioridade do governo, o qual a comunidade surda vê como uma das principais instâncias responsáveis no combate à violência. Mas essa superioridade dura apenas enquanto a estrutura do poder do governo está intacta, ou seja, enquanto os comandos são obedecidos e as forças do exército ou da própria polícia estão prontas a usar seu poder e força através de suas armas.

Nem a violência nem o poder são fenômenos naturais, isto é, uma manifestação do processo vital; eles pertencem ao âmbito político dos negócios humanos, cuja qualidade essencialmente humana é garantida pela faculdade do homem para agir, a habilidade para começar algo novo. (ARENDR, 2009, p.102).

O percurso da violência atinge todos os níveis e camadas sociais. Não é privilégio de um grupo. Se na atualidade estamos sofrendo do mal da

violência, a explicação pode ser o fato desta mesma sociedade ter sido tão usurpada por interesses pessoais que os interesses coletivos deixaram de ser atendidos. “No final, todos pagam por algo que não necessariamente foi criado por todos, mas por uma minoria que tem o poder e a força de manipular e liderar grupos” (RICOTTA, 2002, p. 84).

Um dos sentimentos mais ligados à violência é a RAIVA, tendo como principal precursor os encadeamentos violentos. Os próprios sujeitos surdos utilizam bastante o sinal de RAIVA para demonstrar seus atos para com os outros. Quanto a este sentimento, Arendt (2009) defende que a violência freqüentemente advém da raiva e é tida como um lugar-comum, e a raiva pode realmente ser irracional ou patológica, mas isso também vale para qualquer outro sentimento humano. A autora (*op cit.*) ainda complementa:

Não há dúvida de que é possível criar condições sob as quais os homens são desumanizados – tais como os campos de concentração, a tortura, a fome. (...) A raiva não é, de modo algum, uma reação automática à miséria e ao sofrimento. (...) A raiva aparece apenas quando há razão para supor que as condições poderiam ser mudadas, mas não são. Reagimos com raiva, apenas quando nosso senso de justiça é ofendido, e essa reação de forma alguma reflete necessariamente uma injúria pessoal. (p. 81 e 82).

Acompanhamos diariamente notícias acerca da violência, mas a mesma ainda é silenciada em alguns contextos, conforme Dahlberg e Krug (2006) afirmam abaixo:

O custo humano de dor e sofrimento, naturalmente, não pode ser calculado e é, na verdade, quase invisível. Embora a tecnologia tenha tornado certos tipos de violência – terrorismo, guerras, rebeliões e tumultos civis – diariamente visíveis para as audiências televisivas, um número maior de atos violentos ocorre sem ser visto nos lares, locais de trabalho e mesmo em instituições sociais e médicas destinadas ao cuidado do público. Muitas das vítimas são muito jovens, fracas ou doentes para se protegerem. Outras, por convenções ou pressões sociais, são forçadas a guardar silêncio sobre suas experiências.

Durante toda a história da humanidade o uso da palavra violência esteve relacionado a tipos distintos, os quais serviram como parâmetro para

definir diversos atos violentos. Assim, achamos pertinente discutir a seguir alguns de seus aspectos etimológicos, bem como, apresentar algumas observações acerca das mudanças que o conceito de violência sofreu antes de adquirir os traços semânticos que tem hoje.

De acordo com Chauí (1998), a palavra violência, etimologicamente, deriva do latim *vis/violentia* (força) e tem como principais significados: desnaturar, ou seja, praticar uma ação que é contra a natureza do ser; coagir, constranger, torturar e brutalizar, pois impede a espontaneidade, a vontade e a liberdade da pessoa; violar, ato que desrespeita a natureza de alguém ou de alguma coisa valorizada positivamente pela sociedade. Portanto, na visão da autora:

A violência é um ato de brutalidade, sevícia e abuso físico e/ou psicológico contra alguém e caracteriza relações intersubjetivas e sociais definidas pela opressão, intimidação, pelo medo e pelo terror. (CHAUÍ, 1998, p. 2).

Abromovay (2002) esclarece que a violência é um fenômeno multifacetado que atinge as integridades físicas, psíquicas, emocionais e simbólicas dos indivíduos ou grupos nas diversas esferas sociais, tanto no espaço público quanto no espaço privado. E, dentro dessa mesma perspectiva, alguns acontecimentos, aceitos socialmente como naturais, passaram a ser nomeados como violência, por exemplo, as agressões físicas e psicológicas no seio familiar; violência contra mulheres e/ou crianças; a violência simbólica contra grupos ou categorias étnicas, principalmente os grupos de minoria.

Para Ferrari e Vecina (2001), a violência é todo ato que implica uma “coisificação” das relações, onde tratamos o outro como coisa, como um objeto descartável e não como deveria ser realmente: como sujeito valoroso composto por sentimentos, emoções e razão. Desse modo, tal pessoa é submetida pela força e pela coerção a fazer algo contra sua vontade (MARIANO e MESERANI, 2001, *apud* FERRARI e VECINA, 2001). De acordo com Baierl (2004), a violência é um fenômeno que sempre existiu na história do homem, em todos os tempos e espaços, assumindo formas e manifestações diferenciadas. No

decorrer da trajetória histórica, algumas atrocidades foram e são legitimadas pelos padrões éticos, entendidos como toleráveis.

Na visão de Minayo e Souza (1999), a violência é constituída a partir de ações humanas realizadas por indivíduos, grupos, classes, nações, numa dinâmica de relações, ocasionando muitas vezes danos físicos, psicológicos, morais e culturais a outrem. Para os autores, a violência, deve ser expressa no plural, ou seja, violências, pois manifesta as especificidades dos conflitos sociais. As violências possuem suas raízes nas estruturas sociais, econômicas e políticas, bem como nas consciências individuais, numa relação dinâmica entre condições dadas e subjetividades (MINAYO e SOUZA, 1999. p.14).

De acordo com a apresentação acima, os conceitos de violência encontram-se ramificados não sendo possível encontrar a verdadeira raiz da palavra VIOLÊNCIA justificando, assim, sempre ser necessária a complementação de vários conceitos para definir e/ou explicitar o fenômeno VIOLÊNCIA. Do mesmo modo, ocorre na palavra alemã *Gewalt*. Na língua alemã, a palavra *Gewalt* não faz distinção clara entre violência pessoal direta (*vis/violentia*) e violência institucional (*potentia/potestas*), pois a mesma pode ser encontrada no mesmo grupo semântico de norma, governo e poder.

### **3.1 Tipos de Violência**

Conceitualizar violência não tem sido uma tarefa muito fácil e clara, afinal, podemos encontrar diversos conceitos acerca deste fenômeno que estão ao mesmo tempo sobrepostos e inter-relacionados. Com o tempo, foi preciso delimitar e diferenciar internamente os vários conceitos. A tipologia que será apresentada fornece uma estrutura básica para se ter uma melhor compreensão dos tipos de violência praticados em todo o mundo, seja na vida cotidiana dos indivíduos, nos lares, famílias e comunidades, e mais especificamente, no nosso caso, na comunidade surda.

Em diversos dicionários (HOUAISS, 2001; AURÉLIO, 2008; MICHAELIS, 2009) podemos encontrar para violência definições aproximadas ao ato de violar, de infração, da transgressão, uma qualidade do que é violento. Portanto, há certo apelo moral. Seguramente o conceito mais popular é o de usar a força física contra algo ou alguém. Outros termos estão diretamente ligados ao de violência: crueldade, opressão, coerção, fúria, hostilidade, tirania. Todos estes lembram um ato que submete alguém contra sua vontade. No termo jurídico, a violência pode ser interpretada como uma repressão física ou moral sobre um indivíduo, uso ilegítimo da força, coação, dano causado por uma ação não autorizada, enfim, o ato de obrigar uma pessoa a submeter-se a vontade alheia.

Uma vez que somos herdeiros de uma sociedade judaico-cristã, a compreensão desse conceito passa necessariamente pelo contexto religioso, do contraste entre o bem e o mal. Aguiar (2004) afirma que a violência penetrou no universo pela rebelião de um anjo que, por ser extremamente belo, quis tomar o lugar do próprio Criador. Expulso do céu, Lúcifer passou a espalhar as sementes de sua rebelião pela terra.

Entretanto, para Odália (2004), o primeiro registro de violência refere-se à narrativa, em Gênesis, na qual o homem, Adão, mesmo sabendo que não devia comer o fruto da árvore proibida, transgride a Deus e perde a sua inocência, materializando a partir de então o bem e o mal. Importante ressaltar as palavras da autora a respeito desse fato:

O primeiro exemplo bíblico de VIOLÊNCIA me parece instrutivo, por mostrar que não se pode compreendê-la como uma relação, um ato, claros e transparentes por si mesmos. Nem sempre a VIOLÊNCIA se apresenta como um ato, como uma relação, como um fato, que possuam uma estrutura facilmente identificável. (ODALIA, 2004, p. 22).

No contexto da História, a violência, como, por exemplo, na Idade Média, não era concretizada somente por meio da agressão física, mas

também, envolvia valores interiores de cada indivíduo inseridos na sociedade medieval. Odalia (2004) salienta tal ideia através da seguinte afirmação:

[...] O foco está nos contrastes vivenciados intensamente por essa sociedade. A noite e o dia são claramente demarcados. Os homens desprovidos dos recursos permitem viver a noite e o dia quase que indiferentemente – como ocorre hoje -, viam-se pressionados a viver ativamente, enquanto a luz solar lhes concedia calor e claridade para trabalhar. [...] A noite significava o misterioso e o tétrico. Incapaz de vencer as trevas, senão em espaços limitados, iluminados por débeis velas, homem medieval recolhe-se ao lar e, impossibilitado de ver com os olhos do corpo, dá vazão aos da imaginação. (p. 15).

Vale ressaltar que a partir do Congresso de Milão, que visava a extinção da língua de sinais e a invasão da escola de surdos *Gallaudet*, a comunidade surda tem se organizado politicamente em busca dos seus ideais e direitos em nossa sociedade.

Não há um fator único que explique o motivo pelo qual alguns indivíduos se comportam violentamente com outros ou por que a violência está mais presente em algumas comunidades do que em outras. A violência é o resultado da complexa interação de vários fatores: individuais, relacionais, sociais, culturais e ambientais. Compreender como esses fatores estão relacionados com a violência é um dos passos importantes para a prevenção da violência.

Práticas violentas como a agressão física, o espancamento, a tortura, isto é, as violências físicas, podem ser reconhecidas facilmente, o que não se pode afirmar sobre a violência psíquica, que pode tomar forma de xingamentos, humilhação, exclusão, coação, que também faz parte da cultura vigente. Exemplo disso são as piadas de cunho racista, depreciativo de idosos, mulheres e pessoas com deficiência (SANTOS, 2010). Desse modo, há um reconhecimento de práticas tomadas como violentas em um dado contexto e o não reconhecimento de outras, em especial no que se refere aos chamados grupos “minoritários”. E, o que consideramos mais grave, a legitimação de algumas práticas violentas, tomadas como “naturais”. Concordamos com a

ressalva de Louro (2001): “As minorias nunca poderiam se traduzir como uma inferioridade numérica, mas sim como maiorias silenciosas que, ao se politizarem, convertem o gueto em território e o estigma em orgulho – surdo, étnico, de gênero”. Sobre tais minorias, Santos (2010) salienta que:

O silenciamento a que são submetidas essas “minorias” é decorrente da complexa interação entre etnia, gênero e classe social, que confere a alguns sujeitos o status de sujeito de direito e a outros não, trazendo como consequência a (in) visibilidade de alguns tipos de violência em detrimento de outros. (p. 267)

Na atualidade, Louro (2001) afirma que as minorias são mais visíveis, o que tornam mais explícitas e acirradas suas reivindicações no embate com os grupos conservadores. E que muitas vezes o silenciamento dos seus indivíduos é decorrente da vergonha, do desconhecimento dos dispositivos legais de proteção e da sensação de impotência frente ao ato agressivo.

A OMS (2002) em busca de desenvolver uma tipologia da violência que caracterizasse os mais variados casos e os elos que os conectavam, dividiu a violência em três categorias bastante amplas, segundo as características do indivíduo que comete o ato violento. Assim temos: a) violência auto-infligida; b) violência interpessoal; c) violência coletiva.

Dentro dessa categorização inicial podemos estabelecer uma diferença entre a violência que uma pessoa inflige a si mesma, a violência infligida por outro indivíduo e a violência infligida por grupos maiores, como, por exemplo, entidades governamentais, grupos de milícia e organizações terroristas. Assim, segundo a OMS, estas três categorias ainda podem ser subdivididas, a fim de encontrar tipos mais específicos de violência.

**a) Violência auto-infligida:** subdividida em comportamento suicida e agressão auto-infligida, incluindo pensamentos e tentativas de suicídio. A auto-agressão inclui atos como a automutilação.

**b) Violência interpessoal:** encontramos aqui duas subcategorias: 1) violência na família, que ocorre usualmente nos lares entre os membros de uma mesma família; 2) violência na comunidade, que acontece fora do eixo familiar, ou seja, um determinado ato violento entre indivíduos sem relação pessoal, que podem se conhecer ou não.

**c) Violência coletiva:** podemos subdividi-la em violência social, política e econômica. Neste caso, possíveis motivos são encontrados para a violência cometida por grandes grupos ou por determinados países, como, por exemplo, a violência cometida com o objetivo de concretizar um plano específico de ação social, crimes praticados por grupos organizados, atos terroristas, etc. A violência no eixo político inclui, por exemplo, a guerra e os conflitos violentos relacionados a ela. Já a violência econômica inclui ataques de grandes grupos motivados pelo lucro econômico com o intuito de impedir o acesso aos serviços essenciais de uma sociedade, ou então criar uma divisão e fragmentação econômica.

Na perspectiva da Linguística Cognitiva, podemos encontrar diversas metáforas que estruturam o nosso conceito lingüístico e cognitivo de violência, como, por exemplo, as metáforas seguintes descritas por Feltes (2007 p. 265 e 266): **A VIOLÊNCIA É UMA COISA** (*Esbarramos a todo momento na violência; A violência precisa ser **destruída**; É preciso **olhar para** a violência de modo crítico*) ou **A VIOLÊNCIA É UMA DOENÇA** (*A violência deve ser **prevenida**; Há um **surto** de violência neste período do ano; É preciso que **curemos** a sociedade desse **mal***).

Segundo Minayo e Souza (1999), a violência física lidera os casos de violência na sociedade podendo dividir-se em dois eixos: ser leve, quando provoca lesões; ou grave, quando fere, causa traumatismos e até a morte da vítima. Dentro do seio familiar, a punição física, a mais comum entre as formas de violência familiar depois das agressões verbais, provê um “treinamento básico” para a violência social, o que geralmente começa na infância. Lima (2009) caracteriza este tipo de violência como qualquer conduta que ofenda a

integridade corporal; caso resulte em lesão corporal, já existe penalidade específica para tal conduta; e se resultar em morte, haverá a incidência da agravante. Ricotta (2002) conclui que este tipo de violência física tem como principais características alguns danos tidos como aparentes, mas que acarretam conseqüências psicológicas gravíssimas para o desenvolvimento do indivíduo vitimizado.

A violência familiar pode englobar diversos tipos de violência, afinal, dentro do próprio lar, o ser humano pode encontrar amor e apoio, bem como ser, vitimado e muitas vezes exercendo dupla função, ou seja, ora violento, ora violentado, sendo o agente e o paciente respectivamente.

A violência psicológica, afirma Minayo e Souza (1999), atua sobre a vida emocional das pessoas embora não deixe marcas aparentes. Ela provoca ferida na vida afetiva, tornando sobretudo crianças e adolescentes inseguros, nervosos, com baixa auto-estima ou por vezes, apáticas, pouco reativas e insensíveis aos outros. Lima (2009) apresenta a seguinte definição para este tipo de violência:

Qualquer conduta que cause dano emocional e diminuição de autoestima ou lhe prejudique ou perturbe seu pleno desenvolvimento, saúde psicológica ou autodeterminação. Ou seja, qualquer dano emocional, de humilhação ou ridicularização que venha a sofrer o indivíduo. (p. 65).

A violência psicológica ou emocional, segundo Ricotta (2002), pode causar danos não aparentes no início, pois são encarados como implícitos e subjetivos, mas que podem desencadear danos sérios no decorrer da vida do ser humano, determinando inclusive a conduta futura na forma de seqüelas no desenvolvimento natural e esperado pela sociedade. A autora ainda divide o ato violento em duas instâncias: podendo ocorrer em um relacionamento entre duas ou mais pessoas, com conseqüências para outros; e consigo mesma, quando a pessoa se torna sua própria vítima.

A violência sexual refere-se a qualquer violência que constranja o indivíduo a presenciar, manter ou participar de relação sexual não desejada, mediante intimidação, ameaça ou uso da força, induzindo a comercializar ou utilizar sua sexualidade, e, no caso das mulheres, que a impeça de usar meio contraceptivo, que a force ao aborto, matrimônio ou à prostituição.

A violência institucional é aquela que é empregada pelas instituições e organizações que deveriam proporcionar ao ser humano, de modo geral, serviços de qualidade que promovam o bem estar dos seus usuários nas mais variadas ramificações de nossa sociedade. Segundo Martinez (2008), a violência institucional pode ser definida da seguinte maneira:

É aquela que é praticada nas instituições prestadoras de serviços públicos como hospitais, postos de saúde, escolas, delegacias, judiciário, serviços sócio-assistenciais, entre outros. É perpetrada por agentes que deveriam proteger *o ser humano* (grifo do autor) vítima de violência garantindo-lhe uma atenção humanizada, preventiva e também reparadora de danos. (p. 3).

A violência institucional é o protótipo de todas as outras configurações de violência e, justamente por ser concretizada sob o teto de instituições consagradas por sua tradição e poder, na maioria das vezes não é contestada. Minayo e Souza (1999) demonstra que tal violência é “gerada por estruturas organizadas e institucionalizadas, naturalizada e oculta em estruturas sociais, expressando-se pela injustiça e pela exploração, oprimindo, assim, os indivíduos”. Este tipo de violência é infligida por instituições clássicas da sociedade e expressa, sobretudo, os esquemas de dominação de classe, de grupos e do Estado (NETO e MOREIRA, 1999).

A existência da violência institucional, portanto, não é natural, mas sim, produzida de maneira sócio-histórica. Este tipo de violência alimenta a ostentação de poucos com o sofrimento de muitos, ampliando cada vez mais as diferenças sociais, o que gera pobreza, não oferece oportunidades e nem bem estar para o ser humano, “inibindo, assim, a escolha racional, e favorecendo uma escolha humilhante, como, por exemplo, a mendicância, o

tráfico e a delinquência. Criam-se preconceitos gerando danos morais, psicológicos, físicos e até a morte” (*op. cit.* 1999).

A noção de violência cultural ou simbólica, que surgiu de Galtung (1990), recebeu influência do conceito de violência simbólica de Pierre Bourdieu que, além de aspectos da violência estrutural, ampliou também seus conceitos através da inclusão de elementos culturais. Para Bourdieu (*apud* IMBUSCH 2003), as condições de poder e de governo, assim como as estruturas de violência incorporadas por uma sociedade, tornam-se irreconhecíveis ao ponto de não serem mais contestadas e, eventualmente, ignoradas.

Este tipo de violência é bastante visível nas relações de poder, na violência verbal entre professores e alunos, na discriminação indireta de gênero e de raça, nas relações de trabalho, na adoção de políticas de Estado legitimadoras da exclusão, na imposição pela mídia de padrões culturais, bem como, na imposição de um certo tipo de linguagem, corroborando, assim, o preconceito linguístico. Pode ser exercida por diferentes instituições de nossa sociedade, como, por exemplo, o Estado, a mídia, a escola, etc.

Assim, por meio da violência cultural ou simbólica, a classe dominante de maneira social e/ou economicamente impõe sua cultura aos dominados. Resta apenas ao grupo que é minoritário interiorizar a cultura do grupo. A Comunidade Surda é um exemplo claro desta violência, principalmente por utilizar como meio de comunicação, a língua de sinais. Em nossas análises, a violência cultural ou simbólica mostrou-se evidente em diversos momentos da entrevista a qual os sujeitos surdos participaram.

### **3.2 MCI de Violências**

Traçar o MCI de violência significa uma tarefa bastante complexa e ao mesmo tempo confusa, pois envolve fenômenos variados da experiência humana, afinal, dizer o que constitui um ato violento depende do que uma

determinada cultura, subcultura, grupo social ou mesmo um único indivíduo entendem como tal. Sobre a relatividade deste conceito, Feltes (2007 p.259), afirma que a violência “comporta-se como uma categoria superordenada de caráter *fuzzy*, isto é, de contornos esfumados”. Assim, a violência não é um fenômeno inerente a determinadas ações, mas sim, produto de uma determinada experiência.

Faz-se necessário apresentar aqui algumas definições e conceitos retirados de diversos dicionários sobre o verbete *violência*, objetivando elucidar as mais variadas formas de como a relatividade desse conceito é apresentada. Tais definições são:

**a) Dicionário Houaiss:** violência é a ação ou efeito de violentar, de empregar força física (contra alguém ou algo) ou intimidação moral contra (alguém); ato violento, crueldade, força.

**b) Dicionário Aurélio:** violência é o ato violento, qualidade de violento, ato de violentar.

**c) Dicionário Michaelis:** violência significa um comportamento que causa dano a outra pessoa, ao ser vivo ou objeto. A violência invade a integridade física e psicológica, é um excessivo “poder de força”.

Ao avaliarmos as definições conceituais apresentadas anteriormente, percebemos a presença do esquema de imagem FORÇA como a principal característica conceitual da categoria violência, visto que, quase sempre quando nos remetemos a uma ação violenta subentende-se que houve o uso de uma força física (agressão física) causando dano a algo ou alguém (FELTES, 2007). FORÇA seria um esquema cinestésico de base corporal, que pode ser responsável pela construção de modelos cognitivos proposicionais que passam a ser tomados como fontes de julgamento de representividade de algum ato como pertencente à categoria VIOLÊNCIA.

Analisando alguns conceitos abstratos pelos Modelos Cognitivos Idealizados, entre eles violência, Feltes (*op cit*), de maneira sucinta, apresenta alguns submodelos da categoria violência que envolvem quase sempre: “DEPREDAÇÃO, DEVASTAÇÃO AMBIENTAL, LINCHAMENTO, ASSALTO, DESNUTRIÇÃO, DISCRIMINAÇÃO RACIAL, ESTUPRO, TORTURA, ESPANCAMENTO, ASSASSINATO” (p. 262). Os modelos cognitivos culturais apresentados exercem grande influência ao conceitualizarmos um ato como violento ou não de acordo com as condições de pano de fundo que contextualizam determinada ocorrência.

O cenário por detrás de uma ação violenta engloba, além do esquema de imagem FORÇA, alguns elementos estruturais, como, por exemplo (FELTES, 2007):

**a) AGENTE** ou **AGRESSOR**: pode ser singular ou coletivo, perceptível ou não; geralmente o agressor age com raiva e com comportamento abusivo baseado na força;

**b) PACIENTE** ou **VÍTIMA**: pode ser singular ou coletivo, perceptível ou não; a vítima é caracterizada como alguém que sofre dano ou prejuízo, seja de caráter físico, material, psíquico, moral e/ou social;

**c) AÇÃO**: pode ser direta ou indireta, gradual ou não-gradual, perceptível ou não; caracterizada, principalmente, pelo uso da força física;

**d) INSTRUMENTO**: meio pelo qual o agente (agressor) se utiliza para promover algum tipo de dano a algo ou alguém.

**e) DANO**: pode ser físico, corporal e/ou material, gradual ou não-gradual; acarreta prejuízo material, físico, psíquico ou moral ao indivíduo que sofreu a ação, ou seja, a vítima (paciente).

De acordo com as definições conceituais apresentadas acima, percebemos, principalmente, a presença do conceito FORÇA em quase todas as conceitualizações do verbete violência. Também é possível observarmos que outros conceitos são tratados como violência e/ou estão ligados a atos violentos, como, por exemplo, a coação e o constrangimento, revelando, assim, sobreposições parciais de propriedades entre os conceitos subordinados à violência. Vale ressaltar que conceitualizar algo é fruto do contexto e da experiência sócio-cognitiva de determinada sociedade, na qual a figura do agressor e da vítima encontram-se, em muitos casos, de maneira confusa.

Nossas experiências de mundo constituem dispositivos primordiais para as conceitualizações ao nosso redor, as quais são acionadas durante o discurso tanto na condição de emissores como de receptores. Apresentaremos a seguir um exemplo que ilustra bem a nossa capacidade cognitiva e cultural para a delimitação do cenário (pano de fundo) como fonte primordial para a conceitualização de determinado ato como violento ou não, de acordo com os modelos estruturados por nossas experiências, ou seja, os Modelos Cognitivos Idealizados.

Infelizmente, a violência contra os grupos de minoria, como, por exemplo, crianças, idosos, pessoas com deficiência, homossexuais, pode ser vista como uma violência silenciada, principalmente em relação à comunidade surda, que há anos vem lutando por respeito e dignidade em meio a uma sociedade majoritária ouvinte que tenta silenciar de inúmeras maneiras o clamor das pessoas com deficiência auditiva. A notícia abaixo demonstra a triste realidade enfrentada por esses grupos minoritários, onde o descaso por parte da família e do Estado é uma característica da vulnerabilidade enfrentada diariamente por eles caracterizando, assim, uma violência institucionalizada.

#### **MP propõe fechar lar para idosos**

O Ministério Público do Estado do Ceará (MP – CE) propôs, ontem, uma Ação Civil Pública, na 7ª Vara da Fazenda Pública, para que seja feita a interdição do Lar da Divina Providência, na Lagoa

Redonda, destinado a idosos e portadores de deficiência, e que a Prefeitura de Fortaleza os retire do local. “O que eu avistei no abrigo foi a pior cena que pude ver em toda a minha vida”, afirmou a promotora de Justiça de Defesa do Idoso e do Portador de Deficiência, Antônia Elsuérdia Silva Andrade.

Os promotores Francisco Nildo Façanha de Abreu, Rita de Cássia Menezes, Antônio Arcelino de Oliveira e Elsuérdia visitaram o abrigo e constataram que o local não tem condições de receber os idosos e doentes físicos e mentais. “Está faltando dignidade para aquelas pessoas”, disse a promotora.

Segundo Elsuérdia, das 25 pessoas abrigadas no lar, sei são idosos e o restante são pessoas com vários tipos de doenças ou ferimentos. Apenas um encarregado cuida de todos.

A promotora comentou que alguns dos abrigados estão com feridas abertas, não recebem tratamento médico e são obrigados a conviver junto com ratos e baratas.

(Notícia retirada do Jornal Online Diário do Nordeste em 26/03/2010).

Assim, vejamos como esse cenário pode ser organizado:

**AGENTE (institucional e perceptível):** Lar da Divina Providência.

**PACIENTE (humano, coletivo e perceptível):** idosos e portadores de deficiência.

**AÇÃO (gradual):** abandono dessas pessoas.

**DANO (físico-corporal, moral e psicológico):** a falta de higiene e alimentação; e o desrespeito à dignidade.

**PANO DE FUNDO:**

1- Idosos e pessoas com deficiência em abrigos necessitam de um cuidado especial em todas as áreas;

2- Estas instituições têm a total responsabilidade em promover a moralidade e o bem estar do ser humano.

3- Devido à idade avançada e/ou deficiência, tais pessoas apresentam limitações em suas necessidades básicas;

- 4- A instituição que abriga idosos e deficientes deve disponibilizar profissionais capacitados;
- 5- É dever do Estado manter e zelar o pleno funcionamento dessas entidades e seus funcionários;
- 6- O Estado tem o dever, também, de amparar os familiares dessas pessoas.

Compreendendo bem todos os fenômenos e situações apresentadas até aqui, bem como, todos esses processos de interação e cognição humana, nosso trabalho contribuirá para o entendimento da natureza da linguagem, bem como, disponibilizaremos um material relevante para que familiares, sociedade em geral e profissionais das mais diversas áreas interessadas nos estudos de linguagem e pensamento, possam compreender melhor a vivência de uma pessoa com deficiência, e mais especificamente, a língua de sinais, encarando-a como *status* de língua, da mesma forma que as línguas orais. E que, a partir dessa mudança de posicionamento por parte da sociedade ouvinte, dar vez e, principalmente, voz, a uma comunidade que é alvo de uma VIOLÊNCIA gritante, mas ao mesmo tempo, silenciada.

### **3.3. MCI de FAMÍLIA**

A família é um núcleo de convivência, unido por laços afetivos, que costuma compartilhar o mesmo teto. Esta é uma definição que permeia o senso comum, entretanto, esta convivência pode ser feliz ou insuportável, pois seus laços afetivos podem experimentar o encanto do amor e a tristeza do ódio. E dependendo dessas fases contrastantes, a família pode ser um centro de referência, onde se busca e se vivencia o amor, ou apenas, um simples alojamento.

Apesar de ser considerado um tipo de conceito abstrato, existe um modelo prototípico e estereotipado de FAMÍLIA revelado por diversos dicionários: um grupo de pessoas que apresentam determinado vínculo, consangüíneo ou não, sob a responsabilidade de alguém (os pais, por

exemplo), do qual se espera a instrução, manutenção do lar, autoridade e proteção. Vale ressaltar que a palavra "família" deriva do verbete latino *famulus* que tem como significação: domésticos, servidores, escravos, séquito, comitiva, cortejo, casa, família (EIGUER, 1998). Este termo surgiu na Roma Antiga devido à necessidade de nomear um grupo social emergente veiculado às tribos latinas de acordo com os trabalhos na agricultura da época. Collares (2009) faz a seguinte complementação:

Se nesta época predominava uma estrutura familiar patriarcal em que um vasto leque de pessoas se encontrava sob a autoridade do mesmo chefe, nos tempos medievais (Idade Média), as pessoas começaram a estar ligadas por vínculos matrimoniais, formando novas famílias. (p. 55).

Em termos de MCI, a FAMÍLIA estruturalmente falando, costuma ser vista como família nuclear, ou seja, o relacionamento entre os pais e filhos é a representação costumeira da família feliz. A família idealizada convive de maneira igualitária com seus familiares ditos "normais". Assim, a família para muitos é vista de maneira positiva como um lugar de amor, de harmonia. Parece que a visão da família como local de refúgio, de paz e sossego é bastante comum e perpassa as diferenças, muitas vezes, de classe, cor, religião, nacionalidade, etc. E no caso do sujeito surdo, a família é encarada como um lugar de refúgio e proteção da discriminação mundana. Na maioria das vezes, a visão que os filhos têm de seus pais é que estes são os responsáveis pela sua estrutura e condição socioeconômica, ainda que a família não tenha as condições econômicas ideais.

Segundo Minuchin (1990), as famílias são consideradas:

Como agregações sociais, ao longo dos tempos, assumem ou renunciam funções de proteção e socialização dos seus membros, como resposta às necessidades da sociedade pertencente. Nesta perspectiva, as funções da família regem-se por dois objectivos, sendo um de nível interno, como a protecção psicossocial dos membros, e o outro de nível externo, como a acomodação a uma cultura e sua transmissão. A família deve então, responder às mudanças externas e internas de modo a atender às novas circunstâncias sem, no entanto, perder a continuidade,

proporcionando sempre um esquema de referência para os seus membros (p. 45).

A FAMÍLIA pode ser entendida como estrutura conceitual complexa, cuja construção se baseia nas experiências corpóreas e socioculturais dos indivíduos e suas comunidades. Podemos explicar o MCI de FAMÍLIA sob a luz dos esquemas de imagens, isto é, através de projeções metafóricas, podendo estender-se à estruturação de outros conceitos mais abstratos. Desse modo, Feltes (2007), com base nos estudos de Lakoff e Johnson (1999), apresenta alguns exemplos que tratam a FAMÍLIA como um RECIPIENTE: *Estou satisfeito por **entrares** em nossa família; É uma família **fechada** – não são sociáveis; Era uma boa nora. Que lástima ter **saído da** família.*

Fica evidente, pelas expressões destacadas, que o conceito é estruturado pelo esquema RECIPIENTE, na medida em que os verbos, adjetivos e substantivos utilizados em sua gramaticalização remetem à idéia de uma estrutura com um INTERIOR, uma FRONTEIRA e um EXTERIOR. Feltes (*op.cit.*) afirma que conceitos como este de FAMÍLIA são estruturados pelo esquema PARTE-TODO, no qual uma FAMÍLIA pode ser entendida como a formação de um todo.

Com base nos estudos de Alves (2007), é esperado da FAMÍLIA determinadas atribuições para que haja um convívio harmonioso, assim:

O grupo familiar tem sua função social e é determinado por necessidades sociais. Ele deve garantir o provimento das crianças, para que elas, na idade adulta, exerçam atividades produtivas para a própria sociedade, e deve educá-las, para que elas tenham uma moral e valores compatíveis com a cultura em que vivem. Tanto assim que a organização familiar muda no decorrer da história do homem, é alterada em função das mudanças sociais. Nesse sentido, entende-se que a família não é apenas uma instituição de origem biológica, mas, sobretudo, um organismo com nítidos caracteres culturais e sociais. (p. 18).

Lakoff e Johnson (1999), com os estudos da Metáfora Moral, estabelecem modelos que vão de encontro à moralidade humana baseados na

concepção de família e sua moralidade. “Pensar em moralidade em geral como alguma forma de família requer uma outra metáfora em que entendemos toda a humanidade como parte de uma enorme família, que é tradicionalmente chamada *Família do Homem*, ou seja, a família de todos os humanos” Lakoff e Johnson (*apud* FELTES, 2007). Assim, as pessoas precisam tratar uns aos outros como se fossem pertencentes de uma mesma família, ou seja, da mesma maneira como tratariam os membros de suas próprias famílias.

O esquema dessa metáfora, segundo Feltes (2007, p 340), seria:

**FAMÍLIA – HUMANIDADE**

**CADA CRIANÇA – CADA SER HUMANO**

**OUTRAS CRIANÇAS – TODOS OS OUTROS SERES HUMANOS**

**RELAÇÕES MORAIS DA FAMÍLIA – RELAÇÕES MORAIS UNIVERSAIS**

**AUTORIDADE MORAL DA FAMÍLIA – AUTORIDADE MORAL UNIVERSAL**

**MORALIDADE DA FAMÍLIA – MORALIDADE UNIVERSAL**

**PROTEÇÃO DA FAMÍLIA – PROTEÇÃO MORAL UNIVERSAL**

Sobre conceitualização de FAMÍLIA, Potrini (2009) afirma que:

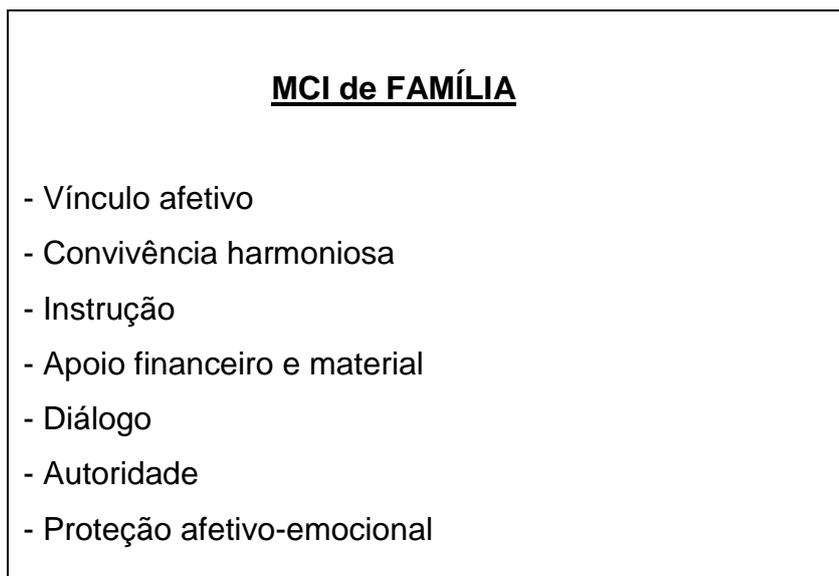
Constitui um desafio às investigações das Ciências Humanas, e ao longo dos tempos, tal questão está entre as que mais tem causado divergência. Fica evidente o papel central da família em processos humanos, como a formação dos vínculos afetivos com os pais (filiação), com irmãos (fraternidade), avós e tios, cônjuges, etc., os quais possuem grande repercussão para o desenvolvimento da personalidade. (p. 24).

A sociedade também pode ser vista como pertencente ao eixo familiar, ou seja, representa uma extensão externa do conceito interno de FAMÍLIA. Desta maneira, diversas normas sociais são concebidas como normas da família. Lakoff e Johnson (1999) afirmam que devemos abandonar nossa visão

tradicional de certos conceitos morais e buscar relacioná-los com outros conceitos experienciados em sociedade.

Em meio a tantos problemas culturais e sociais, a família empenha-se em reorganizar aspectos da sua realidade que o ambiente sócio-cultural vai alterando. Reagindo aos condicionamentos externos e, ao mesmo tempo, adaptando-se a eles, a família encontra novas formas de estruturação que, de alguma maneira, a reconstituem (DONATI e SCABINI, 1995).

Desse modo, o comportamento dos cidadãos que compõem uma determinada sociedade é o reflexo da relação intrafamiliar, a qual muitas vezes encontra-se frágil e abalada devido à quebra do MCI de FAMÍLIA, principalmente quando estamos tratando de pessoas alheias ao padrão de normalidade, isto é, pessoas que apresentam algum tipo de deficiência, mais especificamente e de acordo com nossa temática, pessoas com deficiência auditiva, as quais têm a comunicação em língua de sinais tanto na FAMÍLIA quanto na SOCIEDADE ineficaz. Sintetizamos e esboçamos, por meio do quadro a seguir, os elementos que compõem o MCI de FAMÍLIA de acordo com nossa explicitação:



**Quadro 1 - Elementos constituintes do MCI de Família.**

Encerramos este capítulo com o texto poético de Beckhauser (2005) que vem corroborar o conceito idealizado de FAMÍLIA:

Família é a união de laços de sangue, de amizade e amor.

Família é a união de pessoas de diversas idades, gostos, preferências, opiniões, defeitos e predicados.

Família é algo que as pessoas têm ou já tiveram. Tendo uma família, às vezes criticam. Não tendo uma família, lamentam.

Família é algo que nos orgulhamos quando alguém dela se destaca e tem sucesso e nos lamentamos quando alguém dela infraciona as leis vigentes.

Família é a reunião de idéias convergentes e divergentes.

Família somos nós, cumprindo um destino programado para o desenvolvimento individual e coletivo.

Família são ramos PASSADOS, PRESENTES e FUTUROS, fecundos e prolíferos da “Árvore da Vida”. (pg. 8).

#### 4. PERCURSO METODOLÓGICO

Pensamos que nossa tarefa, como pesquisadores das ciências humanas, não é neutralizar a prática cotidiana, mas explicar e reconstruir sistematicamente os caminhos e recursos típicos que seus membros escolhem para realizar suas ações, comunicar suas experiências e buscar seu sentido na realidade (WIESER, 2009, p. 380).

Toda análise científica busca a solução para questionamentos que, por sua vez, precisam estar apropriados, respeitando a exigência metodológica. Desse modo, o pesquisador, ao construir seu objeto de estudo, se propõem a esclarecer fenômenos relevantes para o desenvolvimento da sua pesquisa científica e de seu compromisso social.

Entendemos por metodologia o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade. Neste sentido, a metodologia ocupa um lugar central no interior das teorias e está sempre referida a elas; distinguimos a forma exterior com que muitas vezes é abordado tal tema (como técnicas e instrumentos) do sentido generoso de pensar a metodologia como a articulação entre conteúdos, pensamentos e existência. (MINAYO e SOUZA, 1999).

Nossa pesquisa, de caráter qualitativo-descritivo, apoiou-se em procedimentos etnográficos com sujeitos surdos de Fortaleza. Entendemos a pesquisa qualitativa como um conjunto de práticas materiais e interpretativas que dão maior visibilidade ao mundo. Nesse trabalho, a pesquisa qualitativa foi escolhida como o método mais adequado, quando o intuito foi a obtenção de uma avaliação específica acerca do tema violência.

Segundo Bortoni-Ricardo e Magalhães (1981), o estudo da linguagem pode ser visto sob dois pontos de vista diferentes: o ético e o êmico. O ponto de vista ético carrega uma visão transcultural, a visão de quem observa do lado de fora, de longe. Por outro lado, o ponto de vista êmico apresenta uma visão específica de uma determinada cultura ou língua na ótica de quem conhece o

comportamento do sistema e está familiarizado com ele. Desse modo, é possível estabelecer uma proximidade do pesquisador com o contexto da pesquisa para compreender melhor o ponto de vista do pesquisado ou do objeto de sua pesquisa.

Nesse sentido, nossa pesquisa assumiu as duas posturas: ética e êmica. Ética porque somos de uma cultura diferente da pesquisada, e êmica, porque desfrutamos do contato, há alguns anos, com a comunidade surda e exploramos nosso conhecimento prévio do contexto e do grupo pesquisado, nutrindo-nos de um grande respeito à visão êmica dos informantes da pesquisa, para quem almejamos beneficiar direta ou indiretamente.

#### **4.1 Contexto da Pesquisa**

A pesquisa foi realizada nas instalações da Comunidade Cristã Videira, na qual o trabalho com Surdos surgiu em 2005, mesmo período de ingresso do pesquisador na Comunidade. Desde então, vimos realizando diversas atividades para promover a acessibilidade e a inclusão dessas pessoas em nossa sociedade. Atualmente são quase 60 surdos que freqüentam semanalmente a Comunidade, contando com o apoio de outros três intérpretes de LIBRAS.

A referida comunidade, sem fins lucrativos, realiza atendimento às pessoas carentes, surdos e ouvintes, através da Associação Vida Videira, também denominada Instituto Vida Videira. As atividades e atendimentos oferecidos pelo Instituto são diários, como, por exemplo, atendimento médico, odontológico, fonoaudiológico, psicológico, aconselhamento, atendimento pastoral, reforço escolar, escolinha de natação, vôlei e ballet, distribuição de cestas básicas, roupas e remédios. O atendimento vai desde a criança até pessoas da terceira idade.

Além de serem beneficiados por todas as atividades citadas anteriormente, os surdos também participam de atividades exclusivas a eles, tais como os grupos de estudos em LIBRAS, com materiais didáticos

específicos, reuniões de oração, Curso de Noivos e aos domingos, os surdos participam da celebração com toda a igreja, em um momento de inclusão entre surdos e ouvintes. No calendário de atividades do Grupo Surdos Videira, há momentos de lazer, como, por exemplo, sessões de cinema, acampamentos, passeios, e cursos de formação profissional, acompanhamento ao mercado de trabalho, bem como, cursos e oficinas de LIBRAS para ouvintes e familiares de surdos.

Vale ressaltar que alguns surdos, antes de freqüentarem as atividades oferecidas pelo Instituto Vida Videira, eram taxados de agressivos e violentos em sua própria comunidade surda, mas atualmente encontram-se em plena harmonia com a família e a sociedade, inclusive com melhor rendimento na escola, faculdade ou trabalho.

#### **4.2 Sujeitos**

Participaram deste estudo 15 surdos adultos que apresentavam fluência em LIBRAS, nascidos em Fortaleza e pertencentes à comunidade surda da capital. Em decorrência disso, todo o *corpus* gerado em LIBRAS faz parte da variante dialetal da língua de sinais da comunidade em questão.

Todos os sujeitos surdos são tratados anonimamente, no entanto, fizemos uma breve descrição dos sujeitos com informações básicas, como, por, exemplo, faixa etária, escolaridade e escolarização em LIBRAS. Vale ressaltar que foram sujeitos dessa pesquisa somente aqueles que explicitaram sua aceitação em formulário próprio, além do Termo de Compromisso (Apêndice 8), declarando realizar um trabalho voluntário e da responsabilidade destes para com a pesquisa.

#### **4.3 Procedimentos**

O levantamento dos dados ocorreu em duas etapas. Na primeira, propusemos a formação de um grupo de discussão sobre VIOLÊNCIA na Comunidade Cristã Videira, sob nossa coordenação, que exercemos papel de

mediador entre os participantes surdos. Nosso papel foi, unicamente, liderar o grupo em direção ao cumprimento da tarefa, neste caso, identificar a forma como os surdos categorizam e conceitualizam violência utilizando os recursos cognitivos, afetivos, lingüísticos e sociais de que os próprios participantes dispõem.

O conhecimento prévio entre os surdos e este pesquisador favoreceu a gravação das imagens em fitas mini-DV, ocorrendo dentro da normalidade e naturalidade de uma conversa informal. Um trabalho dessa natureza tende a se revelar rico, por conta das interações contextuais já existentes.

No primeiro momento, em Julho de 2010, foram abertas as inscrições para a comunidade surda no limite de 15 participantes. Foram realizadas 4 sessões de 50 minutos cada, com a participação de todo o grupo, composto por 15 sujeitos surdos e do sexo masculino. Para facilitar o nosso trabalho, houve um intervalo de três dias entre as sessões. Vale ressaltar que as inscrições foram divulgadas para todos, mas somente tivemos inscrições de homens. Para facilitar o nosso trabalho, e até mesmo pela condição visual da língua de sinais, todas as sessões foram filmadas sob a perspectiva de dois ângulos de câmeras.

Na primeira sessão, selecionamos os tipos de violência que mais interessavam ao grupo para serem discutidos nas sessões seguintes. Ao final da sessão foi preparado pelos sujeitos surdos um resumo com os tipos de violência, as razões de suas relevâncias e em que grau de violência foram classificados pelo grupo (cf. Apêndice 5). Ressalta-se que os sujeitos foram conduzidos a escolher temas que abrangessem todo tipo de pessoa, e não apenas surdos. Assim, na segunda e terceira sessões, foram discutidos casos de violência trazidos pelos próprios sujeitos surdos. E por fim, na quarta sessão, discutimos violência especificamente na comunidade surda.

As sessões foram filmadas e realizadas às segundas e quintas-feiras à tarde, em uma sala da Videira, no período de Julho de 2010. O espaço de três dias entre as sessões nos permitiu assistir aos vídeos e selecionar pontos a

serem trabalhados nas sessões seguintes, bem como, e principalmente, nos apresentou diretrizes para montar o instrumento utilizado na segunda etapa.

A segunda etapa, em meados de Agosto de 2010, constou de entrevistas individuais com 6 dos sujeitos surdos participantes do grupo de discussão. As entrevistas, que tiveram duração de 15 minutos, foram filmadas, transcritas, traduzidas o mais próximo da língua portuguesa e compõem o *corpus* de análise do nosso trabalho (cf. Apêndices 6 e 7). Foram realizadas duas entrevistas por semana, às segundas e quintas-feiras, à semelhança das sessões de discussão, dando-nos tempo suficiente para fazer a transcrição após cada sessão, favorecendo a recuperação de quaisquer fatos, porventura, incompreensíveis na gravação.

Vale ressaltar que alguns aspectos foram importantes na seleção dos 6 sujeitos surdos. Por exemplo, sua fluência na LIBRAS, o tempo de contato com a comunidade surda e a língua de sinais, e sua capacidade de discutir e interagir com temas mais complexos, proporcionando dados mais acurados para a análise que nos propusemos.

No intuito de preservar a imagem dos informantes, a demonstração, neste trabalho, dos conceitos de violência dos sujeitos surdos em LIBRAS é exemplificada por meio de fotografias digitais do nosso próprio desempenho, tornando a visualização e a articulação das questões de pesquisa acessíveis nesta dissertação.

Para ser coerente com o que se advoga nesta pesquisa e compatibilizando-a com a experiência visual, característica predominante dos surdos, buscamos tornar o trabalho escrito o mais visual possível, acreditando que, dessa forma, o texto se torna mais acessível à socialização da pesquisa não apenas com os participantes da mesma, mas também com a comunidade surda em geral – interessada em conhecer um pouco mais sobre o conceito e sinais/gestos que identificam a violência, bem como outros grupos interessados no estudo da LIBRAS.

As perguntas que serviram de base para as entrevistas individuais foram elaboradas previamente, as quais variaram conforme a situação de interação com o sujeito surdo entrevistado. Vale ressaltar que tanto as perguntas quanto as respostas foram produzidas através da língua de sinais. Eis as perguntas:

1. *O que você entende por VIOLÊNCIA ?*
2. *O que você tem acompanhado na mídia sobre VIOLÊNCIA ?*
3. *Você acha que a VIOLÊNCIA acontece mais com as pessoas pobres, com as ricas ou tanto faz ?*
4. *E como surdo, como você sente a VIOLÊNCIA ?*
5. *E a VIOLÊNCIA na família ? Na sociedade ?*
6. *É possível acabar com a VIOLÊNCIA ?*
7. *De todos os casos de VIOLÊNCIA que já comentamos em grupo, qual você acha pior ?*
8. *Você se preocupa com essa VIOLÊNCIA ?*
9. *Sendo surdo, você percebe alguma diferença em relação a esse contexto violento ?*
10. *Quem sofre mais com a VIOLÊNCIA ?*

#### **4.4 Instrumentos**

- Termo de Consentimento;
- Documento de acompanhamento das sessões;
- Documento de entrevista individual;
- Filmadoras HDV Sony.

Ressaltamos que a pesquisa contou com o parecer do Comitê de Ética da UECE (Processo N° 10030968-2). Este e outros documentos podem ser conferidos no Apêndice 8.

#### 4.5 Ilustrações em Sinais, Transcrição e Tradução

Para nós que estamos interessados em trabalhar com língua de sinais na visão da Linguística Cognitiva, a escolha por métodos empíricos é o mais adequado, pois os mesmos têm sido usados dentro de uma variedade de outras estruturas teóricas, definindo a base para a adoção desses métodos pela lingüística cognitiva.

Segundo Wilcox (2001), todos os pesquisadores interessados em estudos empíricos em língua de sinais devem enfrentar algumas complicações, como, por exemplo, obter a gravação e o armazenamento visual dos dados, em vez de uma gravação sonora, bem como a transcrição dos dados. Duas questões em particular complicam o gerenciamento: confidencialidade dos participantes da pesquisa e a demanda de memória para o armazenamento das gravações em vídeo.

Assim como na questão da confidencialidade, uma solução óbvia para questões de memória é transcrever os dados em um formato de texto. Isto reduz a demanda de memória para o armazenamento e torna mais fácil a procura de itens ou padrões específicos nos dados. No entanto, isso levanta questões acerca da padronização dos métodos de transcrição (WILCOX, 2001), pois atualmente não existe uma forma padrão de transcrição da língua de sinais.

Segundo Quadros (2004), a etapa mais trabalhosa de uma pesquisa em língua de sinais é a transcrição e tradução dos sinais, que se torna altamente complexa quando se utiliza a escrita correspondente que já existe em uma determinada língua.

Por ser a língua de sinais de modalidade visual, existem sistemas de convenções para transcrevê-las, tais como, o *Signwriting*. Entretanto, são recentes as pesquisas para a sua finalização, exigindo do pesquisador um longo período de estudo para ser apreendido. Assim, pesquisadores como

Quadros (2004) optaram por utilizar glosas com palavras do português nas transcrições literais. Da mesma forma, nesta pesquisa, utilizamos um *sistema de notação em palavras*, em um primeiro momento.

Esse sistema, que vem sendo adotado por pesquisadores de línguas de sinais em outros países e no Brasil, tem este nome, porque as palavras de uma língua oral-auditiva são utilizadas para representar aproximadamente os sinais. As convenções que abordamos foram elaboradas por Felipe (1988) e vem sendo utilizadas para poder representar, linearmente, uma língua espaço-visual, que é tridimensional. Assim, com base em Quadros (2004) e Felipe (1988), a LIBRAS foi representada a partir das seguintes convenções:

a) A datilologia em LIBRAS (alfabeto manual), utilizada para expressar palavras que não possuem um sinal equivalente, é representada pela palavra soletrada separada por hífen. Exemplos: M-A-R-I-A; P-E-D-O-F-I-L-I-A;

b) Um único sinal realizado que representa duas ou mais palavras em língua portuguesa, foi transcrito por palavras correspondentes separadas por hífen. Exemplos: PRECISAR-NÃO "não precisa"; QUERER-NÃO "não querer", AINDA-NÃO;

c) As marcas não-manuais são indicadas, sempre que possível, quando associadas aos sinais manuais, através do símbolo (+).

Nas traduções, não apenas o significado dos sinais é visto como fator relevante, mas também, todas as ferramentas utilizadas pelo sujeito surdo para enfatizar seu discurso, como, por exemplo, acelerar ou diminuir o movimento das mãos no intuito de intensificar determinada ação; fazer movimentos repetitivos; e principalmente, fazer uso de diversas expressões faciais (abrir, fechar ou arregalar os olhos, inflar as bochechas, franzir a testa, levantar sobrancelhas, etc). Para facilitar a compreensão, utilizamos em nossas análises, recortes sinalizados, mas traduzidos para a língua portuguesa. Ressaltamos que todas as entrevistas, transcritas e traduzidas, podem ser encontradas em nossos apêndices.

## 5. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS DADOS

A surdez já se tornou parte de nós mesmos. Todos os períodos da vida trazem seus problemas, inclusive para um ouvinte. O surdo passa pelos mesmos problemas, acrescidos de dificuldades específicas. Isso se repete sempre e em diferentes relações. (STRNADOVÁ, 2000, p.46).

De acordo com os capítulos anteriores percebemos que os surdos estão inseridos em uma comunidade e cultura com características peculiares e específicas, afinal, toda sua percepção de mundo é feita através do canal visual, ao contrário das pessoas ouvintes que retém as informações, principalmente, pelo canal auditivo. A conceitualização de VIOLÊNCIA pela Comunidade Surda de Fortaleza é o foco do nosso trabalho, mas faz-se necessário compreendermos o contexto no qual os sujeitos estão inseridos.

Tomando os Modelos Cognitivos idealizados como principal suporte teórico para fundamentar nosso estudo, uma vez que eles nos permitem analisar os conhecimentos armazenados em nossas estruturas mentais, influenciados pela experiência de mundo de cada sujeito, fizemos as análises das entrevistas com seis sujeitos surdos.

Para facilitar nossa discussão, as respostas foram recortadas em unidades de análise e traduzidas o mais aproximado da língua portuguesa. Antes de seguirmos com as análises e as devidas discussões, inferimos ser necessário apresentar o valor cognitivo que é dado ao sinal para VIOLÊNCIA (conforme a Figura 01) pela Comunidade Surda de Fortaleza.



**Figura 01: sinal para VIOLÊNCIA**

Interessante notarmos que o sinal para VIOLÊNCIA denota um valor cognitivo, pois o ponto de articulação para a realização deste sinal é a cabeça acrescido de movimentos não-lineares dos dedos. O sinal para VIOLÊNCIA, em si, não apresenta uma característica de força física, mas sim, cognitiva. Ou seja, parece-nos que VIOLÊNCIA FÍSICA não corresponde ao conceito mais prototípico para os surdos, como é o caso dos ouvintes. O sinal VIOLÊNCIA, assim como outros sinais que aparecerão ao longo de nossas análises e que são realizados na cabeça, relaciona-se a processos mentais e utiliza claramente a metáfora A CABEÇA É UM RECIPIENTE. Os sinais que codificam a noção de atividade cognitiva e intelectual são caracterizados pelo local de sinalização na região da cabeça podendo ser categorizados como SINAIS COGNITIVOS (CABEÇA)

### **5.1 Sujeito Surdo (S1)**

Nosso primeiro entrevistado, tem 19 anos, apresenta um excelente histórico escolar, atua desde cedo nos movimentos surdos (políticos, sócio-culturais e educacionais) e bastante sensível às causas sociais. Jovem tímido com temperamento calmo e passivo. Ressaltamos que o sujeito tem como referencial de responsável e mantenedor do lar a figura da avó materna, pois sua mãe o abandonou ainda recém nascido.

1

**O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

“Eu **sinto** violência em diversas áreas, como, por exemplo: **prostituição, drogas, contra os surdos... no mercado de trabalho**, como nós discutimos antes em grupo. Algumas pessoas são violentas e isso acontece no mundo todo. Falta **ajuda**, para **melhorar** de vida, é isso... só.”

Neste primeiro segmento, percebemos que para S1 a falta de emprego é a principal causa geradora de violência em diversas facetas da sociedade, pois alguns indivíduos, surdos ou não, impulsionados a garantir sobrevivência individual e familiar, se vêem obrigados a cometer atitudes alheias ao bem-estar de um ser humano, como, por exemplo, a prostituição e o uso de drogas. O uso do sinal SENTIR (conforme a Figura 02), produzido com as duas mãos e acrescido da expressão facial de descontentamento, contextualizado com a resposta de S1, demonstra o grau de intensidade da violência para este sujeito. Cada sujeito surdo conceitualiza violência a partir de suas experiências visuais, ou seja, um ato pode ser SENTIDO como mais violento (duas mãos) ou menos violento (uma mão).



**Figura 02: sinal para SENTIR (intensificado)**

No caso específico de S1, violência tem grande intensidade e está ligada à violação da integridade física e emocional (prostituição), violação da lei

e desrespeito social (drogas), violação dos direitos do cidadão (emprego). Salientamos que os sinais EMOTIVOS são caracterizados pelo local de sinalização na região do peito, como veremos logo mais a frente.

Ao afirmar em sua fala que existe uma lacuna social denunciada pela falta de incentivo (*ajuda*) às pessoas mais carentes, S1 faz menção à omissão do dever do Estado em capacitar e oferecer vagas de emprego à população, o que caracteriza, assim, a violência institucional. Tais sentimentos remetem-nos à metáfora FELIZ É PARA CIMA e TRISTEZA É PARA BAIXO, estruturada por Lakoff (1987) e exemplificada a motivação metafórica do sinal MELHORAR (conforme Figura 03), produzido de baixo para cima.



**Figura 03: sinal para MELHOR**

Desse modo, de acordo com a resposta do sujeito referido anteriormente, o cidadão que trabalha tem sua sobrevivência e de seus familiares garantida, acarretando em felicidade e melhora de vida.

## 2

### **E o que você tem acompanhado na mídia sobre VIOLÊNCIA?**

“[...] tenho lido nos jornais; ataque a duas mulheres, guerras, drogas, no Rio de Janeiro nas favelas, etc. Enfim, são muitas coisas que tenho visto, não sei o porquê desses acontecimentos, parece que **falta apoio e ajuda financeira do Governo**, oferecer mais vagas de emprego, assim teriam uma melhoria de vida; **por não ter emprego, tudo piora** e assim vai seguindo.”

Neste momento, ficou perceptível o descontentamento do entrevistado ao narrar os acontecimentos violentos no mundo denunciado, principalmente, por sua expressão facial negativa: o franzir das sobrancelhas, olhos cerrados e boca levemente para baixo. Novamente, S1 afirma que a negligência do Estado

tem causado efeitos negativos nas sociedades, como, por exemplo, as guerras e o uso de drogas.

Na expressão “*ataque a duas mulheres*” sinalizado por S1 (conforme a Figura 04) fica perceptível a utilização de FORÇA FÍSICA na produção do sinal, ou seja, a ação de pegar alguma coisa foi intensificada com as duas mãos, configuradas inicialmente, em garras. Ao relatar que leu no jornal o caso de duas mulheres serem atacadas S1 faz menção aos esquemas de imagens FORÇA e ORIGEM-PERCURSO-META (LAKOFF e JOHNSON, 1980), afinal, este ato violento caracterizado pelo uso de FORÇA FÍSICA tem como MCI, um agressor (AGENTE), singular ou coletivo; uma AÇÃO DIRETA, GRADUAL e PERCEPTÍVEL; destinada a alguém (PACIENTE), isto é, às duas mulheres (ANIMADO e COLETIVO).



**Figura 04: sinal para ATACAR**

Adiantamos que, com bastante freqüência, os sinais da categoria VIOLÊNCIA FÍSICA apresentam postura tensa e com movimentos de mãos fortes, bruscos, rápidos e agressivos, sempre voltados para frente, além de punhos fechados ou em outras configurações mais fechadas e orientadas para

um alvo. Salientamos ainda que o sinal para ATACAR está inserido na categoria SINAIS DE IMAGEM.



**Figura 05: sinal para PIOR**

O entrevistado ao ser questionado sobre o relato apresenta uma visão negativa ao afirmar que a violência estará sempre presente em nosso meio caso não haja uma ação eficaz do Estado para melhorar a condição financeira da população. O Esquema de Imagem PARA CIMA/PARA BAIXO é exemplificado no segmento anterior através da produção do sinal PIOR (conforme a Figura 05), o qual é realizado de forma enfática com as duas mãos movimentando-se para baixo e com o uso de expressão facial denotando negatividade.

### 3

**Você acha que a VIOLÊNCIA acontece mais com as pessoas pobres, com as ricas ou tanto faz?**

“Depende, mas o que tenho visto é que a violência acontece mais (maioria) no meio da pobreza, porque **precisam de dinheiro**, como, por exemplo, na prostituição e drogas. Claro, no meio das pessoas ricas também acontece, mas temos pouco conhecimento.”

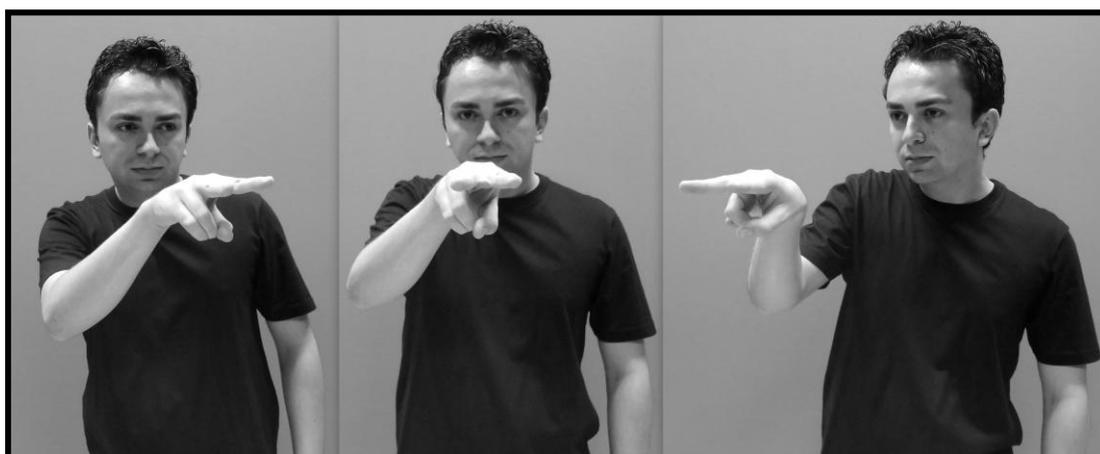
A questão da pobreza, citada acima por S1, é encarada como um fator crucial para o aumento da violência em nossa sociedade. Esta afirmação está fundamentada pelo uso da expressão facial negativa do sujeito. Nota-se até o presente momento que para S1 a condição financeira tem papel relevante na

vida do ser humano, pois os indivíduos que se prostituem e traficam drogas cometem tais atos somente por necessidade, já que **precisam de dinheiro** para sobreviver.



**Figura 06: sinal para MAIOR (aumentar)**

Ressaltamos que o entrevistado produziu o sinal do verbo PRECISA de modo intensificado. Ao sinalizar MAIOR (conforme a Figura 6), no sentido de maior, com grande abertura para os lados, o entrevistado demonstra a influência da metáfora primária QUANTIDADE É VOLUME.



**Figura 07: sinal para VER (intensificado)**

O verbo VER – bastante utilizado pela comunidade surda, afinal as informações são retidas e compreendidas por este público através do canal visual – é produzido no segmento anterior repetidamente (conforme a Figura 07) para demonstrar que o índice de pobreza é gritante e perceptível em vários segmentos da sociedade. O sinal para VER (intensificado) é caracterizado pela configuração de mão em V com os dedos apontados em direção ao objeto observado conforme a figura a seguir:

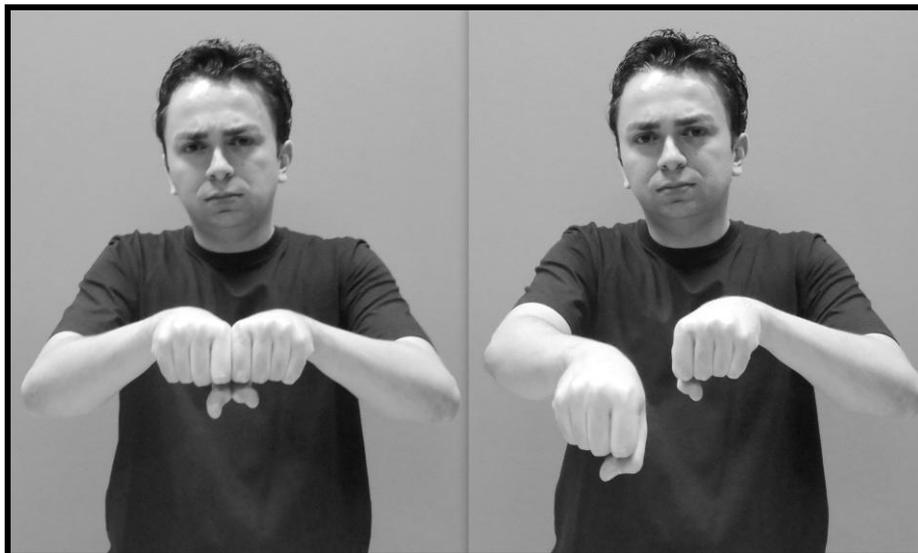
#### 4

##### **E como surdo, como você sente a VIOLÊNCIA ?**

“Vejo que há pessoas mais vulneráveis a violência, como é o caso das crianças, na pedofilia, que são mortas (assassinadas), pessoas que **batem nos idosos**, também **zombam dos surdos**, não acreditam no nosso potencial, nos chamam de **burros**, enfim, enfrentamos muitas coisas. Não sei se alguns já foram agredidos pelo fato de serem surdos, depende.”

Sabemos que assassinar alguém se trata de um dano irreversível. Assim, o sinal de ASSASSINATO (conforme a Figura 8) é produzido como se algo houvesse sido desconectado e, quando intensificado, através do movimento brusco das mãos, percebe-se claramente que determinado indivíduo não está mais vivo.

Salientamos, novamente, que os sinais categorizados por VIOLÊNCIA FÍSICA apresentam postura tensa e com movimentos de mãos fortes, bruscos, rápidos e agressivos, sempre voltados para frente, além de punhos fechados ou em outras configurações mais fechadas e orientadas para um alvo. Conforme o sinal a seguir:



**Figura 08: sinal para ASSASSINAR**

Assim, de acordo com a explicitação acima, é possível fazermos os seguintes acarretamentos metafóricos:

ESTAR VIVO SIGNIFICA ESTAR CONECTADO COM O MUNDO.

ASSASSINATO CAUSA DESCONNECTIVIDADE.

Logo,

DESCONECTAR É MORRER.

O próprio sujeito se reconhece como pertencente a um grupo vulnerável à violência composto por uma minoria, o qual estão inseridos também crianças e pessoas idosas. Na maioria das vezes, essas pessoas são vitimadas nas próprias instituições que tem o dever de zelar pelo bem-estar de seus pacientes, mas infelizmente, negligenciam os cuidados básicos recorrentes ao despreparo dos profissionais que atuam diretamente com este público. Ao sinalizar o verbo BATER com as duas mãos (conforme a Figura 09), S1 categoriza a ação de bater em idosos como exemplo de violência física, pois sob o sinal está implícito o uso necessariamente de FORÇA FÍSICA e, ao ser produzido com as duas mãos, subentende-se que há um AGENTE (a mão

espalmada) e um PACIENTE (dedo indicador), construindo, assim, uma relação de MCI metafórico.



**Figura 09: sinal para BATER (tapas)**

Abordamos em nossos pressupostos teóricos os diversos tipos de violência existentes em nossa sociedade, como, por exemplo, a violência cultural sofrida pelas pessoas com deficiência, incluindo os sujeitos surdos. No segmento acima, este tipo de violência é ilustrado pelo entrevistado através do modelo metonímico de insultar sob a perspectiva de que conceitos subordinados também podem ser conceitualizados como violência, e exemplificado pelo sinal de BURRO (conforme a Figura 10). Este sinal é uma construção metonímica, na qual a reprodução da orelha (parte) equivale ao animal (todo).

O sujeito surdo, por fazer uso de uma língua (LIBRAS) diferente da sociedade majoritária, em muitas situações não é compreendido e/ou encontra dificuldades para se expressar corretamente na modalidade do português escrito. Assim, para a comunidade ouvinte, tal dificuldade é encarada culturalmente como ignorância e *burrice*. Já os surdos, por se sentirem ofendidos, conceitualizam esta visão ouvintista como violência.



**Figura 10: sinal para BURRO**

A princípio, muitos tratam com simplicidade essas atitudes, mas para o indivíduo que enfrenta este tipo de insulto diariamente, como no caso dos surdos, essas ofensas podem causar danos psíquicos e morais irreversíveis. Facilmente percebemos o descontentamento de S1 ao relatar estes fatos através da expressão facial negativa, bem como, pela intensificação do sinal EXPRESSÃO/PALAVRA (conforme Figura 11), denotando ofensa.



**Figura 11: sinal para SER-OFENDIDO (expressão, taxar, palavra)**

Este mesmo sinal, produzido de maneira mais branda, recebe um outro significado, como, por exemplo, um elogio a alguém. Analisando pela perspectiva da metáfora visual, o sinal EXPRESSÃO representa posicionamento de PODER, isto é, alguém (ouvinte) está dominando o outro (surdo), pois o sinal é produzido na orientação de cima para baixo. Logo, inferimos metonimicamente através do MCI:

PALAVRA ESTÁ POR ARMA.

Por acarretamento:

ARMA PODE CAUSAR DANOS AO ORGANISMO VIVO.

Então:

PALAVRA PODE CAUSAR DANOS À PESSOA.

## 5

**E na sua escola, acontecem casos de VIOLÊNCIA? Conte-nos alguma experiência.**

“Na minha escola não, mas em outras sim. Parece que nas outras escolas bater (murro) é normal. [...] Aproveitei e perguntei ao homem da faculdade se era possível um surdo fazer o curso, o homem respondeu: Ah... não sei, eu acho que não, não é possível, por causa da comunicação, acho que é melhor um curso na área da Informática, ou então, os cursos de sempre para os surdos, Pedagogia. Mas nós surdos queremos outros cursos, como Direito, Medicina, etc., é nosso direito. **Se o problema está na comunicação, é só contratar um Intérprete**, pois não dá para entender o que as pessoas falam (leitura labial).”

Interessante observarmos que neste relato, S1 afirma que na escola onde estuda a violência inexistente, isto é, casos de violência que usem a FORÇA FÍSICA como agressão. Ao mesmo tempo em que nega a presença de violência física, o entrevistado faz uma resignificação semântica de valores ao apresentar um tipo de violência sofrida por ele – e talvez pelos demais surdos - ao ter sua condição de pessoa surda como principal barreira para ingressar em uma escola e/ou sala de aula dita normal, isto, é, a violência institucional. A

atitude preconceituosa do funcionário da instituição, relatada na fala do entrevistado, demonstra que este tipo de violência ainda é gritante nos dias atuais. Mesmo tendo leis que asseguram o processo de inclusão e acessibilidade às pessoas com deficiência nas mais diversas esferas da sociedade, o direito a uma educação inclusiva de qualidade tem sido negado pelo Estado.

Com menor visibilidade, as decorrências da violência institucional não são percebidas de imediato pela sociedade majoritária ouvinte, mas são bastante prejudiciais aos cidadãos surdos, principalmente acarretando em danos morais. No segmento acima fica evidente a ocorrência deste tipo de violência: o indivíduo quer, e tem por direito escolher e cursar aquilo que o interessa, mas infelizmente, as instituições ainda negam o ingresso de alunos surdos, tendo como principal argumento de defesa a dificuldade na acessibilidade lingüística, isto é, a falta de comunicação entre os dois mundos envolvidos em sala de aula: professores e alunos surdos. A solução para este impasse, segundo o próprio entrevistado, está na contratação do intérprete de LIBRAS durante as aulas. Salientamos que, de acordo com dados do MEC, em setembro de 2009 havia 5.750.811 surdos no Brasil, mas a quantidade que freqüenta instituições de ensino, no entanto, ainda é bem pequena, somando apenas 69.420. Uma triste realidade que o Estado precisa reverter urgentemente.

Com base no fato narrado por S1 podemos delinear alguns elementos que compõem o cenário deste MCI:

**AGENTE (institucional e não-perceptível):** instituição de ensino;

**PACIENTE (humano, coletivo e não-perceptível):** alunos surdos;

**AÇÃO (gradual):** a falta de comunicação em sala de aula;

**INSTRUMENTO:** a ausência do intérprete de LIBRAS.

**DANO (moral, psicológico e educacional):** sem intérprete na sala de aula, a aprendizagem do aluno surdo fica comprometida;

**PANO DE FUNDO:**

1. O Estado é responsável pelo bem-estar dos cidadãos, seja na saúde e/ou educação;
2. É dever do Estado garantir aos cidadãos os direitos assegurados na Constituição;
3. O surdo também é cidadão e precisa ser inserido na vida societária;
4. Existem leis e decretos que garantem a acessibilidade lingüística do sujeito surdo.

No caso acima, a língua enquanto ferramenta de comunicação pode ser vista, segundo Lakoff (1980), sob a perspectiva da metáfora LÍNGUA É UM CORPO MORAL, na qual a presença da moralidade é saudável, enquanto que sua ausência, ou seja, a imoralidade representa uma doença. Assim, estruturamos que:

COMUNICAR-SE COM ALGUÉM É SAUDÁVEL.  
A NÃO-COMUNICAÇÃO GERA DOENÇA.

Logo,  
A FALTA DE COMUNICAÇÃO ENTRE SURDOS E OUVINTES PRECISA SER SANADA.

O sinal para COMUNICAÇÃO (conforme a Figura 12) utilizado por S1 é realizado com as duas mãos na configuração em C movimentando-se para frente e para trás, de maneira não-simultânea, fazendo alusão à troca de informações entre dois indivíduos, na qual um envia a informação e o outro a recebe. No estudo proposto por Reddy (1993), comunicar consiste especificamente em transmitir algo, onde a linguagem é vista como um canal, ou um conduto, para o envio de idéias, pensamentos, sentimentos e ações. É o que ele chama de metáfora do canal. O próprio sinal de COMUNICAÇÃO assemelha-se a um conduto, no qual a comunicação lingüística acontece por meio do envio e da recepção de pacotes de informação através de um duto, ou seja, um canal condutor. Assim, do mesmo modo como ocorre nas línguas

orais, como, por exemplo, no português e no inglês, a LIBRAS também faz uso da METÁFORA DO CANAL por meio da categorização de SINAIS INTERATIVOS.



**Figura 12: sinal para COMUNICAÇÃO**

## 6

### **E a VIOLÊNCIA na família? Na sociedade?**

“Eu não sei quem tem a culpa, é muito difícil, mas eu acho que a culpa está na sociedade, porque... depende... por ter muitos problemas lá fora na sociedade, a pessoa quando chega em casa **descarrega** tudo, começa a se prostituir, enfim, essa é a minha opinião.”

O entrevistado S1 novamente vê a violência como consequência de uma sociedade desorganizada. Contextualizando a questão acima com suas respostas anteriores, o entrevistado afirma que o indivíduo por não conseguir vaga no mercado de trabalho, ao retornar para casa, externa suas frustrações por meio de atitudes violentas para dentro do ambiente familiar. O sinal para a expressão DESCARREGAR (conforme a Figura 13), dependendo do contexto, pode significar uma OFENSA traduzida pelo palavrão *porra*. Curioso salientar que a configuração de mão na produção deste sinal assemelha-se a uma arma de fogo e o mesmo é utilizado pela comunidade surda em contextos conceitualizados como violência, através do movimento rápido, intensificado e orientado de cima para baixo denotando posição de dominação e superioridade sobre determinado sujeito.



**Figura 13: sinal para OFENDER (blasfemar, *porra*)**

**7**

**É possível acabar com a VIOLÊNCIA?**

Eu acho difícil, depende. Não sei o porquê. Mas as pessoas insistem em ser violentas, acabar... eu acho impossível (*pesado*), sei lá, é isso. É difícil...

Neste recorte, S1 demonstra por meio de sua resposta negativa que a violência é um mal difícil de ser extinto, pois já está inerente ao comportamento do ser humano. O segmento também revela que o entrevistado faz recorrência entre domínio-fonte e domínio-alvo através da metáfora DIFICULDADES SÃO PESOS (LAKOFF e JOHNSON, 1999) pelo uso do sinal PESADO (conforme a Figura 14) acrescido de expressão facial de negatividade para caracterizar a violência como entidade de difícil extinção em nossa sociedade.

### Motivação metafórica: DIFICULDADES SÃO PESOS



**Figura 14: sinal para PESADO (assunto complicado)**

Sinal designado para atividade cognitiva e intelectual duvidosa, com expressão facial negativa, codificado pelo local de sinalização na região da cabeça.

Pelas análises apresentadas, observa-se que para S1 dois contextos conceitualizados como violentos são mais recorrentes em seu discurso: a má condição financeira da população e a discriminação ao sujeito surdo. Violências categorizadas como Institucional, pois para este entrevistado o Estado é negligente com a população, principalmente por não ofertar vagas de emprego de acordo com a demanda atual de mercado de trabalho, bem como, no descumprimento das leis e direitos em prol da inclusão e acessibilidade às pessoas com deficiência.

#### **Sintetizando:**

S1 utilizou-se do MCI baseado no Esquema de Imagem e Modelo Cognitivo Proposicional (FORÇA / ORIGEM-PERCURSO-META). A violência se estrutura como modelo afetivo com perdas afetivas, emocionais e materiais. As metáforas primárias presentes: MAIS É PARA CIMA / FELICIDADE É PARA CIMA / QUANTIDADE É VOLUME / DIFICULDADES SÃO PESOS. A violência

comprovou ser um conceito muito difuso, desse modo, pode ser um conceito superordenado.

## 5.2 Sujeito Surdo (S2)

O segundo entrevistado, tem 20 anos, apresenta um bom histórico escolar e um relacionamento familiar harmonioso. Seus pais, principalmente sua mãe, acompanham de perto todas as atividades do filho, tornando-se, muitas vezes, super protetores. A princípio, desconhecemos qualquer tipo de ato violento (agressividade) no qual o entrevistado estivesse envolvido.

1

### **O que você entende por VIOLÊNCIA?**

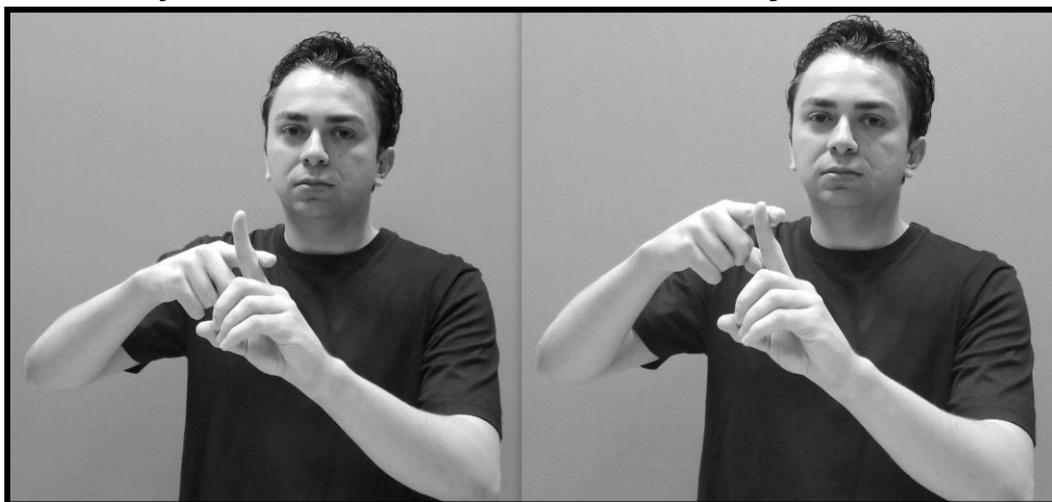
“Por exemplo, às vezes eu tenho visto na televisão alguns casos de violência. Por exemplo, violência na família, assassinatos (matar), bater forte, violência contra bebês. Tenho visto muita violência. O porquê de tudo isso... eu não sei. Porque parece que falta melhor condição financeira (salário), por raiva, agressão física (bater e briga).”

Neste recorte, o entrevistado S2, assim como as pessoas ouvintes, encontra dificuldade em conceitualizar com exatidão o fenômeno violência. Deste modo, a maneira mais fácil e viável encontrada pelos surdos para explicar determinadas coisas no mundo é através da exemplificação, por isso, em nossas transcrições e traduções comumente veremos os sujeitos surdos conceitualizando VIOLÊNCIA por meio de exemplos, afinal, para a comunidade surda a apreensão dos significados é determinada através de sua experiência visual. No segmento acima os exemplos dados por S2 são aqueles vistos com maior frequência na televisão. Esta afirmação está assegurada devido ao entrevistado fazer uso do sinal VER intensificado, ou seja, repetindo-o várias vezes conforme explicitado anteriormente na figura 6. Segundo S2, a má condição financeira é o principal motivo para o desencadeamento de atos violentos protagonizado por determinado sujeito.

Interessante observarmos que todos os exemplos citados por S2 referem-se à violência com uso de força física (*matar, bater, brigar*), afinal, FORÇA representa um esquema cinestésico de base corpórea compreendido como FORÇA FÍSICA. Assim, inferimos que para S2 o esquema de imagem FORÇA é tido como base conceitual da categoria violência. Como afirma Feltes (2007, p. 260): “quando se fala, cotidianamente, de VIOLÊNCIA, um dos aspectos mais salientes da categoria é o emprego de força física, aquela que envolve o uso da energia mecânica dos músculos, tendões e articulações”.

Ao sinalizar MAIS (conforme a Figura 15) no segmento acima o entrevistado está enfatizando que o índice de violência física é bem maior comparando-se com os outros tipos, afinal, esse sinal é empregado somente no sentido de ACRESCENTAR. O sinal é produzido tendo como ponto de origem a parte inferior do dedo indicador e concluindo na extremidade do dedo, por meio do movimento de baixo para cima.

**Motivação metafórica: QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL**



**Figura 15: sinal para MAIS (acrescentar)**

Desse modo, com base nos estudos de Grady (1997) acerca da teoria da metáfora conceitual, temos por meio da produção do sinal descrito acima a exemplificação da metáfora QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL / MAIS É PARA CIMA, na qual sua motivação se dá através da correlação entre

quantidade e nível em pilhas (FARIAS, 2008). Sintetizando, o sinal acima está classificado na categoria **SINAIS ESPACIAIS, DIRECIONAIS e DIMENSIONAIS.**

Os sinais que codificam a noção de SENTIMENTOS COLÉRICOS são caracterizados por expressão facial brava, movimentos fortes, rápidos, bruscos e agressivos, lábios contraídos e também punhos fechados, como é o caso do sinal para RAIVA (conforme a Figura 16):



Este sinal, bem como, outros sinais relacionados aos sentimentos humanos, têm como base a metáfora O CORPO É UM RECIPIENTE PARA AS EMOÇÕES apresentada por Lakoff (1980), na qual o corpo é visto como um recipiente que apresenta um formato bastante significativo para as pessoas devido à sua experiência corporal. Desse modo, podemos acrescentar ou retirar coisas deste recipiente.

**2****Você acha que o índice de VIOLÊNCIA é o mesmo, em relação aos anos anteriores?**

“Eu acho que no passado a vida era normal, tudo de forma natural e em paz, mas parece que, de alguns anos para cá, a coisa piorou, muita coisa aconteceu, e a **culpa** é das pessoas que têm **inveja** uma das outras”.

O conceito que este sujeito tem acerca da violência enfrentada em nossa sociedade atual, infelizmente condiz com os fatos noticiados diariamente pelos meios de comunicação, ou seja, a violência tem ganhado ultimamente proporções alarmantes em nosso meio. Neste recorte, ainda é possível encontrarmos na fala de S2 resquícios da resposta anterior ao demonstrar que a condição financeira tem papel decisivo para acionar comportamentos violentos ou não dos indivíduos. A configuração de mão utilizada para a realização do sinal CULPA (conforme Figura 17) representa uma extensão da metáfora IDÉIAS SÃO OBJETOS SUJEITOS A UMA FORÇA FÍSICA, subcategoria da metáfora IDÉIAS SÃO OBJETOS que podem ser manipulados e/ou deslocados (WILCOX, 2001).

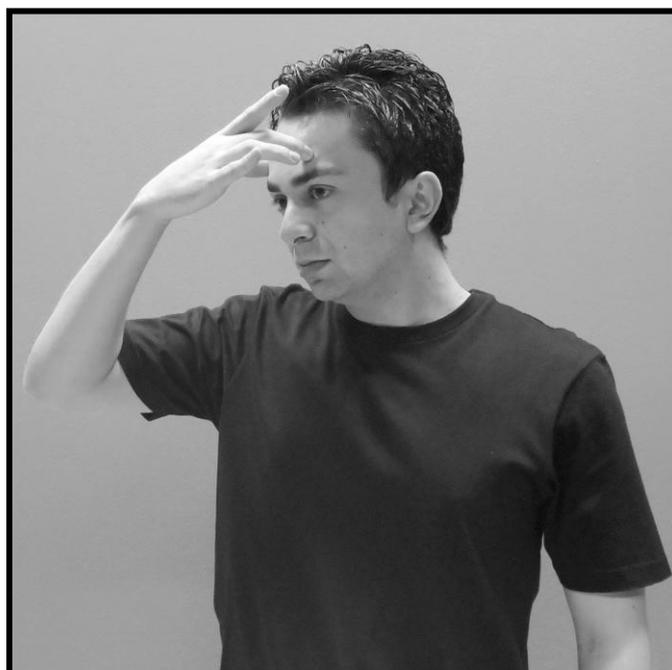


**Figura 17: sinal para CULPA**

De acordo com a categoria SINAIS COGNITIVOS (A CABEÇA COMO RECIPIENTE), os sinais que codificam a noção de MELANCOLIA são

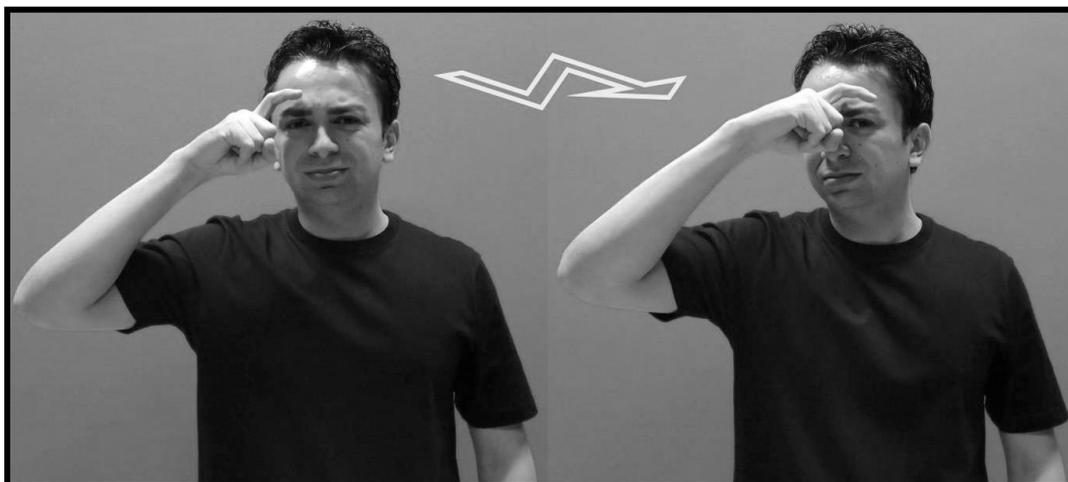
caracterizados por expressão facial típica do sofredor ou da vítima com postura de abatido, cabeça baixa, movimentos lentos e fracos.

Ressaltamos que o ponto de articulação no corpo do sujeito sinalizante exerce grande influência para a compreensão de todo o contexto. Os sinais cognitivos, ou seja, aqueles que representam processamento de pensamento ativo, tem como principal ponto de articulação a região frontal da cabeça e/ou cérebro, onde o pensamento e os processos cognitivos estão geralmente associados, como, por exemplo, nos respectivos sinais: MENTE (Figura 18) e DIFÍCIL (Figura 19). O cérebro é um órgão que regula os pensamentos humanos e a funcionalidade do corpo (WILCOX, 2001).



**Figura 18: sinal para MENTE (consciência)**

Estes sinais fazem parte da categoria **SINAIS COGNITIVOS (CABEÇA)** os quais codificam a noção de atividade cognitiva e intelectual caracterizados pelo local de sinalização na região da cabeça.



**Figura 19: sinal para DIFÍCIL**

Retomando o discurso de nosso entrevistado, ao realizar o sinal de PASSADO (conforme a Figura 20) com movimentação para trás, S2 com base em sua orientação espacial, faz uso da metáfora orientacional FRENTE-TRÁS definida por Lakoff e Johnson (1980) através de esquemas imagéticos organizados a partir de oposições espaciais.

Desse modo, de forma não arbitrária, tais metáforas têm base em nossa experiência física e cultural. Interessante frisarmos que o corpo do sujeito sinalizante representa o referencial temporal para PRESENTE e as áreas da frente ou detrás do corpo representam FUTURO e PASSADO, respectivamente (WILCOX, 2001). Estes sinais estão inclusos na categoria **SINAIS ESPACIAIS, DIRECIONAIS e DIMENSIONAIS**.



**Figura 18: sinal para PASSADO**

**3**

**De todos os casos de VIOLÊNCIA que já comentamos em grupo, qual você acha pior?**

“Com certeza (mais) violência no meio familiar, tenho visto muitos casos de agressão física (bater), **preconceito** contra negros, deficientes, etc. Vejo pessoas batendo em idosos, trabalham com essas pessoas só por trabalhar, mas não gostam, falta respeito.”

Em seu discurso, S2 revela-nos que são nos grupos minoritários e no seio familiar, onde os casos de violência ocorrem com maior frequência e de diferentes maneiras, por meio de agressões físicas ou não, como nos dois exemplos citados no segmento acima. O entrevistado conceitualiza que violência é bater em pessoas idosas (violência física), bem como, discriminar negros e deficientes (violência cultural). O motivo apresentado por S2 para a concretização do ato violento a idosos está pautado no despreparo dos profissionais que lidam diretamente com este público. Assim, vejamos como esse cenário pode ser estruturado:

**AGENTE (singular e perceptível):** acompanhante (*cuidador*);

**PACIENTE (humano, singular e perceptível):** pessoa idosa;

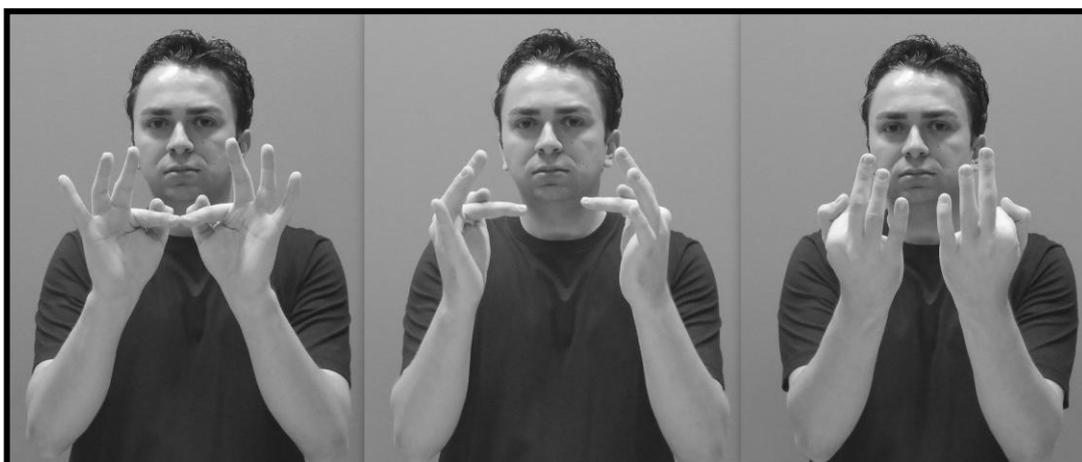
**AÇÃO (direta e não-gradual):** uso da força física;

**DANO (físico-corporal, moral e psicológico):** a agressão física (*bater*) e o desrespeito à dignidade.

#### **PANO DE FUNDO:**

1. O acompanhante é pago para cuidar e zelar pelo bem-estar da pessoa idosa;
2. A família do idoso deposita toda a confiança em tal profissional;
3. É dever do Estado manter e zelar as instituições que cuidam de pessoas idosas e/ou deficientes;
4. É preciso que o Estado capacite profissionais para atuarem com este público.

No início deste capítulo, afirmamos que em nossas entrevistas o sinal de FAMÍLIA (conforme a Figura 21) aparece com bastante frequência no discurso dos sujeitos surdos ao conceitualizar violência. Afinal, conforme a resposta do sujeito acima, é principalmente no lar onde os diversos atos de violência são vivenciados pelos representantes dos grupos minoritários, como, por exemplo, a discriminação racial (*negro*), discriminação sensorial (*deficiente auditivo*) e discriminação física/motora (*deficientes físicos*).



**Figura 21: sinal para FAMÍLIA**

Interessante frisarmos que o sinal de FAMÍLIA é realizado através do movimento circular com as duas mãos na configuração da letra F, o qual tem como ponto de articulação o espaço virtual próximo ao corpo, iniciando com as mãos juntas, e finalizando um pouco mais a frente do corpo, com as mãos também unidas, desenhando no espaço uma metáfora visual com base metonímica formada pelas partes (dedos) que compõem a FAMÍLIA como um todo (RECIPIENTE), ou seja, um círculo unido e harmonioso entre os familiares. Segundo Lakoff (1980), boa parte do nosso conhecimento cultural estrutura-se por meio de modelos metonímicos ideais abstratos, os quais geram efeitos de prototipicidade em nosso meio. Desse modo, é possível apresentar os seguintes acarretamentos:

A FAMÍLIA É UM RECIPIENTE.

OS MEMBROS DE UMA FAMÍLIA SÃO PARTES DE UM TODO.

Ressaltamos, que S2 foi bastante enfático ao sinalizar PRECONCEITO (conforme a figura 22) três vezes concomitantemente em seu discurso. Os sinais que codificam a noção de SENTIMENTOS COLÉRICOS relacionados a conflitos sociais são caracterizados por expressão facial brava, movimentos rápidos e agressivos, postura tensa e sobrancelhas levemente franzidas. Estes sinais fazem parte da categoria **SINAIS EMOTIVOS COLÉRICOS – CONFLITOS SOCIAIS**. Conforme o sinal para PRECONCEITO:



**Figura 22: sinal para PRECONCEITO**

Curioso salientarmos que o sinal para **PRECONCEITO** apresenta o mesmo movimento e configuração de mãos para os sinais de **ESMAGAR** e **DESTRUIR**.

O preconceito é conceitualizado pela comunidade surda como uma violência gritante que ainda impera em nossa sociedade representando, assim, a principal barreira a ser vencida por eles na vida cotidiana. Tendo como base o relato de violência familiar no discurso do entrevistado, podemos delinear o seguinte cenário:

**AGENTE (coletivo e perceptível):** familiares;

**PACIENTE (humano, singular e perceptível):** pessoa negra e/ou com deficiência;

**LOCAL:** em casa;

**AÇÃO (indireta, perceptível e gradual):** discriminação;

**DANO (moral e psicológico):** o preconceito em suas diversas facetas, como, por exemplo, a exclusão do familiar dentro da própria casa;

**PANO DE FUNDO:**

1. A família precisa proporcionar uma convivência harmoniosa entre os familiares através de um vínculo afetivo;
2. O ser humano, independente de sua diferença, precisa ser respeitado;
3. A família proporciona proteção afetivo-emocional.

Nessa concepção de cuidado para com seu ente querido, a noção de moralidade baseada no MCI de FAMÍLIA, pode ser projetada para nossa sociedade através do mapeamento descrito por FELTES (2007, p. 339):

### **A Metáfora da Moralidade como cuidado**

<b>CUIDADO DA FAMÍLIA</b>	<b>CUIDADO MORAL</b>
FAMÍLIA	COMUNIDADE
PAIS PROTETORES	AGENTES MORAIS
CRIANÇAS	PESSOAS PRECISAM DE AJUDA
ATOS PROTETORES	AÇÕES MORAIS

#### **4**

#### **E o que você sente quando vê esses casos de VIOLÊNCIA na mídia?**

“Realmente, eu fico sentido com tudo isso, parece que falta respeito pelas pessoas e eu acho que a tendência, no futuro, é piorar. Parece que é falta de educação, precisa mais **respeito, as famílias precisam melhorar a forma de tratar seus parentes**, perdem a cabeça (estourar) com facilidade, e isso eu tenho visto em várias famílias, e tudo isso me choca (sentir). O nosso **futuro** será ruim, cada vez pior.”

O entrevistado, mais uma vez, denota negatividade ao fenômeno violência (no início e término de sua fala), principalmente no que se refere a uma melhoria de vida e até mesmo uma possível extinção da violência em nosso meio, causando-lhe um sentimento de tristeza denunciado pelo uso do sinal SENTIR intensificado. S2 sinaliza que o Estado precisa oferecer uma educação de qualidade para que os cidadãos se respeitem mutuamente, seja no contexto familiar quanto na sociedade em geral. Ante o exposto, ao analisarmos a expressão *“falta respeito”*, baseado nos estudos sobre Moralidade de Lakoff e Johnson (1999), podemos inferir, metonimicamente, que:

**RESPEITAR É CAUSAR BEM-ESTAR.**

**CAUSAR BEM-ESTAR É TER FORÇA MORAL.**

Logo,  
RESPEITAR É TER FORÇA MORAL.  
TER FORÇA MORAL É SER BOM.

Deste modo,  
NÃO RESPEITAR É TER FRAQUEZA MORAL.  
FRAQUEZA MORAL É TER FORÇA DESESTABILIZADORA.

Assim,  
DESRESPEITAR É UMA FORMA DE IMORALIDADE.

A categorização de violência familiar se faz presente no segmento acima quando S2 demonstra que se sente violentado quando seus familiares não respeitam sua condição enquanto deficiente auditivo, sendo necessária uma mudança de comportamento por parte dos familiares, principalmente através do aprendizado da língua de sinais para um diálogo eficaz. Numa relação de causa-efeito, a família por não respeitar a *deficiência* do familiar, faz com que este sujeito tenha apenas uma única alternativa para externar seu descontentamento pela falta de diálogo no lar: *a explosão da raiva*.

A expressão EXPLODIR (conforme a Figura 23) é realizado com as duas mãos, iniciando na cabeça, movimentando-se rapidamente e concluindo com as duas mãos para cima. Vale ressaltar que a expressão facial é importantíssima na contextualização deste discurso.

### **Motivação metafórica: A RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM RECIPIENTE**



**Figura 23: sinal para EXPLODIR**

Este sinal exemplifica claramente a metáfora A RAIVA É UM FLUIDO QUENTE EM UM RECIPIENTE e que este fluido sob pressão pode explodir. Tendo como base o domínio-fonte O CALOR DE UM FLUIDO EM UM RECIPIENTE e o domínio-alvo RAIVA, Lakoff, 1980 (*apud* FELTES, 2007) apresenta alguns acarretamentos metonímicos com base na correlação estrutural entre os domínios envolvidos:

*Quando um determinado líquido começa a ferver, automaticamente ele se dirige para cima.*

*Quanto maior for a intensidade do aumento da raiva, maior será a altura alcançada pelo fluido.*

*O calor intenso produz vapor pressionando o recipiente.*

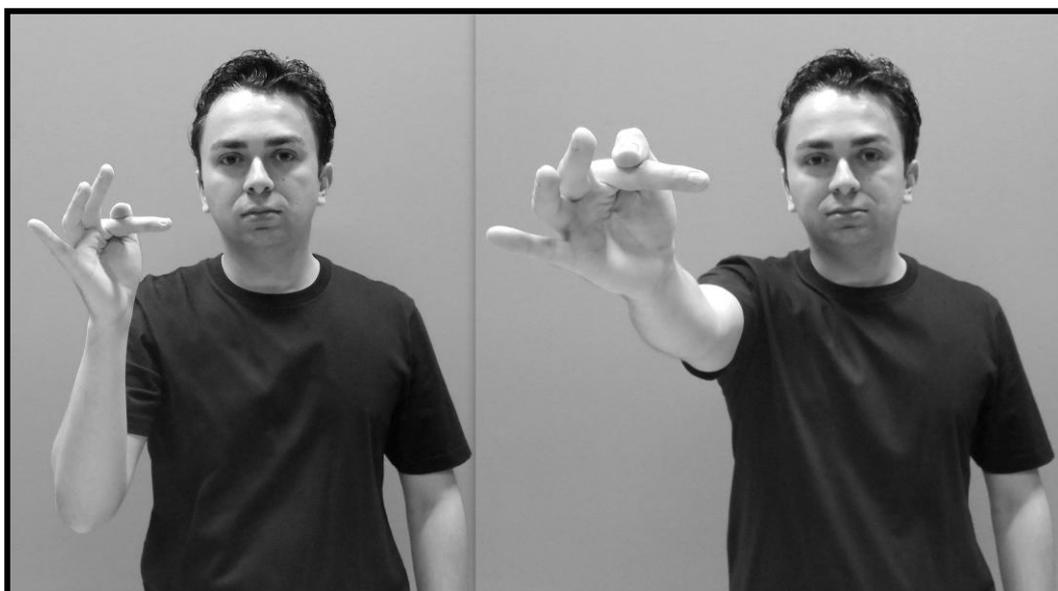
*A raiva intensa produz vapor.*

*Quando a pressão aumenta no recipiente, este chega a explodir.*

*A raiva causa explosões.*

Tais acarretamentos demonstram que a língua de sinais perpassa pelos mesmos processos lingüísticos das línguas orais na construção de seus discursos conceitualizados como violência. Categoricamente, os **SINAIS COGNITIVOS (A CABEÇA COMO RECIPIENTE)** que codificam a noção de SENTIMENTOS COLÉRICOS são caracterizados por expressão facial brava, movimentos rápidos e agressivos, postura tensa e lábios contraídos. Conforme o sinal exemplificado acima.

Retomando ao recorte, S2 ao produzir o sinal de FUTURO, como já foi dito anteriormente, categoriza-os aos **SINAIS ESPACIAIS, DIRECIONAIS e DIMENSIONAIS**, já que o mesmo é realizado com a mão na configuração em F e para frente, isto é, partindo do sujeito sinalizante como referencial de atualidade/presente deslocando-se para frente com o braço todo estendido (conforme a Figura 24).



**Figura 24: sinal para FUTURO**

**5**

**E como surdo, como você sente a VIOLÊNCIA?**

“Pois é, às vezes alguns amigos me taxam como MUDO, e realmente, eu fico sentido com essa palavra... MUDO [...]”

Com esta resposta, S2 vem demonstrar todo um sentimento de descontentamento sofrido pelas comunidades surdas de todo o Brasil ao serem taxados de mudos, surdo-mudo e ainda, mudinhos. Este tipo de violência vai além de uma expressão meramente lingüística. Ela representa uma violência cultural, na qual os sujeitos surdos são vistos como inúteis, sem língua e têm seu grito de socorro silenciado. O entrevistado foi bastante enfático em sua resposta: ao invés de fazer uso do sinal de MUDO, achou preferível soletrar e intensificar a palavra M-U-D-O, causando-lhe sentimento de raiva.

O sinal utilizado acima e traduzido por TAXAR, conforme explicitado anteriormente, é bastante utilizado pelos surdos que, dependendo do contexto, pode apresentar vários significados (EXPRESSÃO, PALAVRA, OFENSA, etc.). Neste caso, quando alguém o chama de MUDO, principalmente pelo sinal acima ser feito de maneira intensificada, rápida e com expressão facial negativa, tal termo é conceitualizado como OFENSA, principalmente, por ser

produzido de forma direcionada, ou seja, partindo de um indivíduo em direção ao sujeito surdo, e de cima para baixo, caracterizando uma relação hierárquica percebida pelo uso da metáfora orientacional já descrita por Lakoff e Johnson (1980). O ato de sinalizar neste sentido “de cima para baixo” pode ser um indicativo de uma relação de poder metaforizada.

Vale ressaltar que a terminologia correta e aceita por toda a comunidade em questão é SURDO, pois para os seus integrantes ser mudo significa a ausência de uma língua, de um ser sem comunicação com o mundo exterior, como, por exemplo, um telefone mudo, uma televisão não sintonizada, um móvel, etc. Sabe-se que os surdos possuem uma língua viva capaz de expressar palavras abstratas e concretas, e que os mesmos a utilizam para comunicar-se com outros sujeitos pertencentes a uma mesma sociedade.

O sinal de SURDO (conforme a Figura 25), mantido até os dias atuais em Fortaleza, faz menção aos anos de submissão pelos quais os surdos sofreram no passado ao serem obrigados a modelar-se à corrente *ouvintista*. Esta inferência é denunciada pelo uso do dedo indicador ao produzir o sinal de SURDO que toca tanto a orelha quanto os lábios, representando, neste último movimento, a idéia de SILÊNCIO ou calar alguém.



**Figura 25: sinal para SURDO (*mudo*)**

6

**E a agressão física, o que você acha disso?**

“É muito ruim. **Pior** de tudo é **matar**, falta respeito à pessoa. Não existe um pior que o outro, maior ou menor, é tudo igual... você lançar uma palavra dura contra uma pessoa, tratar de forma preconceituosa outra... é tudo igual. Mas quando se trata de **violência física** é mais perigoso, lançar uma palavra é simples [...]”.

Neste recorte podemos observar que o entrevistado, por mais que afirme que não há diferença entre os níveis de violência, e ainda exemplifique alguns tipos de violência cultural (ofensa e preconceito), reconhece que a violência física pode causar danos irreversíveis, como, por exemplo, a morte. S2 inicia seu discurso afirmando através do sinal de MATAR (conforme a Figura 26) - que se assemelha, pelo processo metonímico, à ação do agressor apunhalando a vítima – que este tipo de violência pode estar classificado como no mais alto nível de gradação violenta. Deste modo, inferimos que este sinal tem como motivação a metáfora RUIM É PARA BAIXO. Metonimicamente explanando:

Se BOM É PARA CIMA e RUIM É PARA BAIXO.

Logo:

MATAR ALGUÉM REPRESENTA EM UMA ATITUDE NEGATIVA.



**Figura 26: sinal para MATAR**

MATAR é um sinal IMAGEM característico da categoria **SINAIS VIOLENTOS (FÍSICOS)** o qual apresenta postura tensa e com movimentos de mãos fortes, bruscos, rápidos e agressivos, sempre voltados para frente, além de punhos fechados ou em outras configurações mais fechadas e orientadas para um alvo.

## 7

### **Relate algum caso entre seus amigos...**

“Um amigo meu surdo disse que há problemas em sua família, ninguém o ajuda, tratam-no de forma **fria** [...]. A família não conversa nada com ele, não pergunta sobre os estudos, não repassam os acontecimentos da mídia. Ele disse que os familiares ouvintes estão sempre dialogando entre si, conversam com o outro filho que é ouvinte, e com ele, que é surdo, nada. Ele me explicando tudo isso e fiquei assim (cara de dó)... saber que a família não o respeita.”

Mais uma vez, percebemos através do discurso de S2, que tanto para ele quanto para seus amigos surdos, a falta de diálogo na família é conceitualizada como um ato violento. Observa-se que dentro do seio familiar a ausência de diálogo, ou seja, a não-comunicação em língua de sinais com o parente surdo, representa uma atitude negativa caracterizada por “frieza”, o que exemplifica a metáfora AFEIÇÃO É CALOR apresentada por Kovecses (2005). Segundo este autor, esta metáfora de base corpórea é experienciada, a princípio, durante a infância por meio do abraço dos pais e do calor corporal deste sentimento conhecido na mais tenra idade. Se AFEIÇÃO É CALOR, logo, teremos as seguintes projeções metafóricas: AMAR É QUENTE e a AUSÊNCIA DE AMOR GERA FRIEZA. Desse modo, podemos expor as seguintes proposições que fazem parte do MCI FAMÍLIA:

FAMÍLIA TEM PARENTESCO.

FAMÍLIA TEM EMOÇÕES.

FAMÍLIA TEM RESPEITO.

FAMÍLIA EXIGE DIÁLOGO.

Portanto,

Se EMOÇÃO É CALOR e COMUNICAÇÃO É QUENTE.

A FAMÍLIA que tem um SUJEITO SURDO é FRIA.

### 8

#### **É possível acabar com essa VIOLÊNCIA contra o sujeito surdo?**

“Tudo vai depender do tratamento da sociedade; precisa planejar primeiro, cuidar, organizar, **evitar** algumas coisas. Por exemplo, **evitar** o uso da palavra MUDO, são tantas, enfim, que nem sei como explicar.”

Subentende-se pela fala de S2, que o Estado é o principal responsável na busca de soluções para sanar a violência em nosso meio. De acordo com o contexto geral dos sinais empregados, uma das ferramentas sugeridas pelo entrevistado no que diz respeito ao combate à violência enfrentada pela comunidade surda de Fortaleza, seria a criação de uma cartilha informativa sobre como lidar com a pessoa com deficiência auditiva, contendo as principais características e curiosidades da cultura surda, bem como, prevenindo a sociedade ouvinte de agir e usar determinados termos que possam ofender o sujeito surdo.

Observa-se pelas respostas de S2 que há uma ruptura gritante no MCI de FAMÍLIA, principalmente no que concerne à construção do vínculo afetivo por meio do diálogo, praticamente inexistente nas famílias, já que os familiares não se comunicam em língua de sinais. Tal atitude é conceitualizada por S2 como um índice alarmante de violência na família dos sujeitos surdos. Ressaltamos, também, que foram utilizados por este sujeito mais sinais de cunho cognitivo, como, por exemplo, os sinais de CULPA, EXPLODIR e TAXAR; e somente um sinal para conceitualizar a violência física: MATAR.



**Figura 27: sinal para EVITAR (prevenção)**

No recorte acima, observamos mais um exemplo de **SINAL COGNITIVO**: EVITAR (conforme a Figura 27), que pode ser traduzido, dependendo do contexto e do nível lingüístico do sujeito surdo, como PRECAUÇÃO. O sinal de EVITAR é realizado com uma mão configurada em Y tendo como ponto de articulação a cabeça, mais especificamente, a região temporal, denotando a idéia de estar lançando alguma coisa para fora da cabeça (RECIPIENTE), neste caso, a violência.

A negligência do Estado em não oferecer uma educação de qualidade também apresentou-se como um fator relevante para a concretização de uma cultura caracterizada pela ausência de respeito mútuo entre cidadãos alicerçada na violência institucional.

#### **Sintetizando:**

S2 utilizou-se, principalmente, do MCI de FAMÍLIA baseado no Esquema de Imagem e Modelo Cognitivo Proposicional (FORÇA / ORIGEM-PERCURSO-META). A violência se estrutura como modelo afetivo, tendo a RAIVA como resposta primordial e apresentando perdas afetivas e emocionais. As metáforas presentes em seu discurso: FRENTE/TRÁS, IDÉIAS SÃO OBJETOS, MORALIDADE, A RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM

RECIPIENTE. A violência comprovou ser um conceito muito difuso, desse modo, pode ser um conceito superordenado.

### 5.3 Sujeito Surdo (S3)

O terceiro entrevistado tem 22 anos, reside em um bairro simples de Fortaleza e membro de uma família de classe média. Antes de iniciarmos a devida análise, salientamos que este sujeito, em comparação aos outros, apresenta maior fluência na LIBRAS, sendo assim, um indivíduo bastante ativo na comunidade surda local, sempre presente em eventos sociais e políticos da sociedade em geral. Mesmo com deficiência auditiva, considera-se um apaixonado pelas artes, como, por exemplo, música e cinema, e faz questão de participar de várias atividades culturais não apenas direcionadas para o público surdo. Tem bastante interesse em adquirir novos conhecimentos, incluindo línguas estrangeiras, no intuito de melhorar seu aprendizado, não apenas em língua de sinais, mas principalmente, no domínio da língua portuguesa escrita.

Os pais de filhos surdos geralmente são super protetores, e neste caso, não poderia ser diferente, principalmente, por ser o filho caçula de uma família composta por três irmãs. A mãe de S3 é muito protetora e quer está sempre presente nos passos e decisões do filho, deixando-o sufocado, em diversas ocasiões, pelo cuidado excessivo de sua mãe. O entrevistado não trabalha, por decisão da mãe, pois o filho recebe uma aposentadoria no valor um pouco abaixo do salário mínimo atual, o qual é administrado por sua mãe. Mesmo sendo um rapaz com bons modos, dedicado aos estudos e com uma família aparentemente estruturada, S3 já esteve envolvido em vários episódios de violência no seio familiar, principalmente com atitudes brutas para com suas irmãs e mãe. O pai, por trabalhar quase o dia todo fora, nunca está presente nas decisões do filho, deixando toda a responsabilidade para sua esposa.

1

#### **O que você entende por VIOLÊNCIA?**

“Violência é... por exemplo, raiva, **perder a cabeça** (estourar), também olhar alguma coisa e ficar com **ódio** e inveja, brigar (física), etc, por tudo, depende da mente de cada um.”

Como já foi explicitado anteriormente, quando os surdos não conseguem definir com exatidão determinado conceito, eles fazem uso de exemplos para externar sua idéia principal. No recorte acima, S3 afirma que violência está intrinsecamente ligada a sentimentos negativos, como por exemplo, a RAIVA, o ÓDIO e a INVEJA, sendo estes os principais responsáveis (efeitos) para um desencadeamento de ações violentas, como, por exemplo, a violência física. O conceito de RAIVA, como vimos na análise anterior, é um exemplo claro de conceito abstrato que tem base corpórea e que, fisiologicamente falando, apresenta como principais efeitos, o aumento da pressão interna e do calor corporal, tornando o indivíduo agitado e com dificuldades na percepção (LAKOFF, 1987).

Assim, baseando-se em um princípio metonímico geral, os efeitos da RAIVA são tomados pela emoção como um todo, como nos exemplos citados por S3: *perder a cabeça, explodir*. Por ter a cabeça como ponto de articulação em ambos os sinais, daí o surgimento do conceito metafórico que RAIVA É O CALOR DE UM FLUIDO NUM RECIPIENTE, o qual produz alguns acarretamentos metafóricos baseados na relação entre domínios envolvidos. Tendo como exemplo o sinal de EXPLODIR corroboramos com Feltes (2007) ao afirmar que numa explosão, várias partes do recipiente voam pelos ares e, quando uma pessoa explode, partes deste corpo voam também pelos ares. Do mesmo modo, em LIBRAS, o sinal de EXPLODIR é produzido para cima.

Nesta resposta de S3, assim como os demais sujeitos já analisados, os conceitos que os mesmos têm acerca de violência “fora de casa”, ou seja, na sociedade, estão relacionados à violência física. Na Língua Brasileira de Sinais, dependendo do contexto, há vários sinais que representam o verbo BRIGAR (conforme a Figura 28).



**Figura 28: sinal para BRIGA (corporal)**

No recorte acima, o entrevistado faz menção à briga de contato físico evidenciado, principalmente, pela produção do sinal com as duas mãos configuradas no numeral 5 representando duas pessoas “atracadas” em uma luta corporal. Salientamos ainda que o sinal para BRIGA está inserido na categoria SINAIS DE IMAGEM e ao mesmo tempo INTERATIVOS.

## 2

### **E como você observa a VIOLÊNCIA na família?**

Na família, às vezes temos momentos difíceis, eu **lembro** da minha vida, algum tempo atrás [...]. Eu lembro, é verdade, eu era muito **grosso**, *estourava* com facilidade, brigava (física) com minha mãe, eu tinha coragem mesmo. E hoje ao lembrar disso fico surpreso de como eu era **grosso**, **brigar**, gerar violência [...].

Nesta pergunta, o objetivo primordial era fazer com que o sujeito explanasse acerca da instituição FAMÍLIA em nossa sociedade a partir de relatos e/ou notícias visualizadas por ele, mas observa-se que o mesmo redirecionou a pergunta/resposta para dentro do próprio seio familiar, através de um MCI de FAMÍLIA já internalizado de acordo com suas experiências. Ao lembrar de alguns episódios ocorridos em sua família, S3 define de maneira clara e objetiva, o relacionamento familiar como algo difícil e complicado, denunciado, principalmente, pela expressão facial de tristeza. O entrevistado

sinaliza que durante sua infância sofreu bastante em sua família pelo fato de apresentar deficiência auditiva acarretando-lhe a alguns traumas.

Com o passar do tempo, ao chegar à adolescência (*crescer*), tais recordações o faziam mudar repentinamente de comportamento, isto é, quando confrontado por seus familiares, S3 deixava sua condição de PACIENTE e assumia um novo posicionamento de AGENTE de violência familiar. Como efeito dessa mudança de comportamento (*explodir*), ele agia com brutalidade chegando até mesmo a agredir sua mãe fisicamente (*brigar*). Interessante observarmos que o próprio entrevistado se sente constrangido e surpreso ao relatar este fato (um filho bater na mãe), pois rompe completamente o MCI de FAMÍLIA para nossa cultura. Desse modo, vejamos como esse cenário pode ser organizado:

**AGENTE (singular e perceptível):** o filho surdo.

**PACIENTE (humano, singular e perceptível):** a mãe.

**AÇÃO (direta, não-gradual e com emprego da FORÇA FÍSICA):** bateu na mãe.

**LOCAL:** dentro de casa.

**DANO (físico-corporal):** não se sabe ao certo em que parte do corpo a mãe foi lesada, mas com certeza, machucou.

**PANO DE FUNDO:**

1. A mãe tem autoridade sob os filhos;
2. Os filhos precisam respeitar e acatar as ordens da figura materna;
3. É esperada uma convivência harmoniosa entre mãe e filho.

O escritor Yancey (2004) ao descrever o relacionamento ideal entre pais e filhos afirma que:

Nenhum pai sadio deseja que um filho seja permanentemente dependente. E, de igual forma, um pai não fica levando a filha num carrinho de neném, de um lado para outro, a vida inteira, mas ensina-a a andar, sabendo que um dia ela poderá ir embora. Os bons pais encaminham seus filhos da dependência rumo à liberdade. (p. 153).

A partir desta afirmação é possível criarmos dois submodelos para o MCI de FAMÍLIA: AMOR MATERNO e AMOR FILIAL, sendo o primeiro o amor que é experienciado pela mãe com relação a seus filhos através de laços genéticos ou não, baseado no modelo de CRIAÇÃO; já o segundo, representa o amor dos filhos por seus pais.

O sinal para VINGANÇA (conforme a figura 29) mencionado por S3 no sentido de “lembranças passadas”, é realizado com um movimento de fora para dentro, no sentido de reter uma idéia; como se o indivíduo estivesse pegando algo e trazendo para a sua cabeça (recipiente), a qual está vinculada a uma extensão metafórica que fundamenta o entendimento de que o discurso é objeto (“IDÉIAS SÃO OBJETOS”, LAKOFF E JOHNSON, 1980). Desse modo, determinadas metáforas lingüísticas do tipo “tirar”, “botar idéias”; “encher de idéias”, só produzem sentido na interação cotidiana porque se estruturam com base em duas metáforas conceituais, apresentadas anteriormente: “A MENTE É UM RECIPIENTE” e “AS IDÉIAS SÃO OBJETOS”.



**Figura 29: sinal para VINGANÇA**

Observamos que, por ter sido utilizado em um contexto negativo, o sinal para VINGANÇA acima apresenta as mesmas características (punhos fechados) dos sinais categorizados como SINAIS VIOLENTOS (FÍSICO).

“[...] Eu não aceitava conselhos, sempre respondia num tom acima, a **cabeça esquentava**, por besteiras [...].”

Dando continuidade à pergunta anterior (**E como você observa a VIOLÊNCIA na família?**), S3 complementa sua resposta, de acordo com o recorte acima, afirmando que muitas vezes os indivíduos (no caso ele mesmo) não aceitam os conselhos que os pais dão aos filhos, por isso, em um determinado momento, o filho não suporta mais ouvir (*ver*) demasiados conselhos e age de maneira violenta: *ficando por aqui* (cabeça esquentava).



**Figura 30: sinal para FICAR-POR-AQUI**

O sinal utilizado pelo entrevistado para expressar FICAR POR AQUI (conforme a Figura 30) tem como ponto de articulação a cabeça e o mesmo é produzido com uma mão configurada em B movimentando-se de baixo para cima, isto é, o sinal é iniciado no queixo concluindo-se na testa. Desse modo, analisando metaforicamente, a constituição deste sinal denota à cabeça a condição de RECIPIENTE através do domínio-fonte O CALOR DE UM FLUIDO NUM RECIPIENTE, o qual surgem alguns acarretamentos metafóricos (LAKOFF, 1987): a partir do momento em que o líquido começa a ferver, ele se volta para cima; e o aumento da intensidade da raiva faz com que o líquido suba.

Os sinais que codificam a noção de SENTIMENTOS COLÉRICOS são caracterizados por expressão facial brava, movimentos rápidos e agressivos, postura tensa e lábios contraídos.

“[...] tipo, um amigo me chamava para brincar, minha mãe não deixava; ou então, um amigo me convidava para viajar, ela também não deixava, nem ir para a igreja, parece que ela fazia tudo isso por segurança [...]”

No segmento acima, S3 cita algumas ocasiões que o tornavam agressivo dentro do seu lar: quando algum amigo o convidava para passear ou viajar, e sua mãe sempre o proibia. A figura materna está sempre presente no discurso deste entrevistado. Em nenhum momento a figura paterna é mencionada, demonstrando que no MCI de FAMÍLIA deste sujeito a principal responsável por sua instrução é a MÃE. Isto vem ilustrar o que já foi dito anteriormente: o apego e a dependência da pessoa com deficiência à mãe é muito forte.

“[...] Mas na sociedade também acontece, às vezes não me aceitam pelo fato de ser surdo e isso me entristece, me **angustia**, eu fico sentido [...]”

Percebe-se claramente o descontentamento de S3 por não conseguir demonstrar seus sentimentos, isto é, enquanto sujeito que apresenta deficiência auditiva, não consegue externar verbalmente o que está sentindo. E mesmo externando através da língua de sinais, de nada adiantaria, afinal, seus familiares não o compreenderiam. Por isso, ele se sente angustiado e conceitualiza a ausência de diálogo no lar como uma violência gritante a qualquer ser humano.

Como já foi dito anteriormente, o nosso CORPO É UM RECIPIENTE PARA AS EMOÇÕES e várias projeções metafóricas são perceptíveis durante um discurso sinalizado, pois os surdos utilizam o CORPO como o espaço visual para a compreensão e contextualização de um discurso, podendo, assim, colocar e tirar coisas desse corpo.

Os sinais que codificam a noção de MELANCOLIA e pertencentes à categoria **SINAIS EMOTIVOS MELANCÓLICOS** são caracterizados por

expressão facial típica do sofredor ou da vítima (cabeça baixa, testa franzida, olhos semicerrados), com postura de abatido, ombros caídos, costas curvadas e movimentos lentos e fracos, como, por exemplo, o sinal para ANGÚSTIA (conforme a Figura 31).



**Figura 31: sinal para ANGÚSTIA**

“[...] Hoje estou melhor, minha vida melhorou um pouco, tenho lutado e aprendido. Se algo não dá certo para mim, me organizo e tento novamente, mas até hoje são muitas as provocações, principalmente quando eu era criança, **eu não sabia** de nada.”

Hoje, de acordo com o recorte acima, o entrevistado já desenvolveu ferramentas para não deixar que os problemas familiares enfrentados por ele durante toda a vida o deixem paralisado dentro de casa. Ao invés de ficar angustiado e preso à comodidade de sentimentos negativos, S3 tem se esforçado e lutado por uma vida melhor. Enquanto criança, não tinha o conhecimento do que fazer e nem discernimento para decidir o que era melhor, pois sua cabeça estava confusa com tantos sentimentos agressivos. Os seus atos conceitualizados como violentos dentro do lar foram conseqüências da soma de vários fatores familiares: preconceito, ausência de diálogo e isolamento

É interessante percebermos que os surdos também se utilizam de alguns gestos que são realizados diariamente pelos ouvintes, como é o caso da expressão SEM-CONHECIMENTO (conforme a Figura 32) mencionada no recorte acima. O gesto/sinal é feito com a configuração de mão em O tendo como ponto de articulação a testa e pode ser traduzido como “não ter entendimento de algo”, ou então, pelas expressões “mente vazia” e “cabeça oca”.

### Motivação metafórica: A CABEÇA É UM RECIPIENTE



**Figura 32: sinal para SEM-CONHECIMENTO**

O esquema imagético RECIPIENTE é ilustrado através deste sinal, levando em conta o elemento estrutural contido no seu interior. Uma parte do significado dos conceitos lexicais ligados a esse esquema é, como, por exemplo, o de cheio/vazio e dentro/fora. Neste recorte, a cabeça, como parte do *self*, é um lugar que precisa ser “preenchido” através de conhecimento. Tal metáfora é pertinente com o estudo das metáforas ontológicas em língua de sinais. Faria (2006) baseada em Wilcox (2001) afirma que em língua de sinais, a informação pode ser metaforicamente colocada em um recipiente manuseado por meio de diversas configurações de mãos e também pelo uso de

classificadores. Estes, por sua vez, são recursos próprios dos sinais utilizados para representar a forma, o tamanho dos referentes, bem como, reproduzir características, movimentos dos seres, substituir o referente do nome ou localizar os referentes em um discurso sinalizado (BERNARDINO, 2000).

Desse modo, é possível categorizarmos os **SINAIS COGNITIVOS (NEGATIVIDADE)**, como é o caso do sinal SEM-CONHECIMENTO, tendo como principal característica a atividade cognitiva e intelectual duvidosa, com expressão facial negativa, codificado pelo local de sinalização na região da cabeça.

### 3

#### **Você se preocupa com essa VIOLÊNCIA?**

“Claro, me preocupo sim, é algo muito importante, pois eu penso e me preocupo com o futuro, a tendência é o mundo piorar, e com isso, muitos problemas surgirão (cheio), e a violência vai reinar.”

O entrevistado sinaliza que abordar o tema violência e suas principais ocorrências em nossa sociedade é de suma importância. Não que a violência em si seja importante, mas discutir e encontrar meios para disseminar este mal tão agravante em nossos dias, se torna algo primordial. O sinal para IMPORTANTE tem motivação na metáfora IMPORTANTE É GRANDE e GRANDE É IMPORTANTE exemplificadas por Lima (2003) a partir dos estudos de Lakoff e Johnson (1999). A compreensão de tais metáforas se dá através do entendimento acerca de mapeamentos entre um domínio-fonte e um domínio-alvo, os quais são influenciados pelas nossas experiências corpóreas com o mundo. Desse modo, percebe-se que o sinal para IMPORTANTE (conforme a Figura 33) é realizado com uma mão e configurada na letra I, inicia-se embaixo e vai ganhando proporção através de movimentos circulares para cima, ou seja, acima da cabeça.



**Figura 33: sinal para IMPORTANTE**

**4**

**Mas é possível acabar com esse índice?**

“É possível sim acabar, se todos nós pensarmos de forma positiva, o mundo pensar igual, pensar positivo, nada de pensamento negativo. É possível sim, acabar... mas para isso o **Governo** precisa elaborar e organizar projetos, e principalmente, cumpri-los (mostrar), não ficar somente nas promessas. **Projetos** que possam alcançar diversos lugares e áreas. Eu lembro que antes eu achava tudo bem pior, mas hoje tenho visto as coisas melhorando, a violência ainda não acabou, mas tem diminuído, a distribuição de renda tem melhorado, há diversos cursos profissionalizantes, para aquelas pessoas que não tinha emprego [...].

S3 afirma que a melhor maneira para diminuir o índice de violência em nossa cidade será a partir da elaboração de projetos sociais por parte do Estado no intuito de tirar os indivíduos da ociosidade oferecendo-lhes cursos profissionalizantes para que possam concorrer igualmente no mercado de trabalho. Do mesmo modo, é dever do Estado criar projetos sócio-educacionais e culturais para que jovens e adultos abandonem a marginalidade que ainda impera em nossa sociedade fruto de uma violência já institucionalizada.

**5**

**E como surdo, como você sente a VIOLÊNCIA?**

“Para nós, tudo é pior. **Falta comunicação**, é pior... vejo muitos ouvintes conseguindo tudo na vida, como, por exemplo, dirigir, a comunicação é mais fácil, etc., enfim, vejo um desnível entre o mundo surdo e o mundo ouvinte. Não sei explicar, apenas sinto, me sinto **angustiado**, é difícil, por exemplo, às vezes estamos combinando algo, ir para festa, e os outros me desprezam simplesmente pelo fato

de ser surdo, os amigos ouvintes sempre nos desprezam, parece que estar com surdo é algo ruim, é pior, é ruim [...]”.

O entrevistado inicia seu discurso afirmando que sua condição enquanto indivíduo que apresenta deficiência auditiva é pior se compararmos com as outras pessoas ditas “normais”. O tipo de violência mais citado pelos sujeitos surdos entrevistados até o presente momento é, sem dúvida, a violência institucional, por não terem seus direitos respeitados, principalmente, o da acessibilidade lingüística. S3, por mais que apresente o maior grau de fluência em LIBRAS, ainda assim, se sente inferiorizado ao perceber que a comunicação na sociedade, ou seja, no mundo dos ouvintes, é bem mais fácil e eficaz. Interessante observarmos que este entrevistado vê a surdez como uma grande barreira que o impossibilita de participar de atividades sócio-culturais na sociedade, como, por exemplo, uma FESTA (conforme a Figura 34). Para ele, a inclusão de ouvintes em qualquer festejo ou evento é mais fácil por causa da comunicação oral.



**Figura 34: sinal para FESTA**

Os sinais que codificam a noção de ALEGRIA sob a categoria **SINAIS EMOTIVOS VIBRANTES** são caracterizados por expressão facial alegre e entusiasmada, com sorriso, cabeça elevada, ombros retos e movimentos para cima. Conforme os sinais para FESTA e ALEGRE (Figura 35):

### Motivação metafórica: FELIZ É PARA CIMA



**Figura 35: sinal para ALEGRE**

#### 6

#### **Como você vê a VIOLÊNCIA no Brasil e no mundo?**

“Tenho visto pela televisão que nos outros países tudo acontece de forma normal, não há muitos desníveis, mas aqui no Brasil a violência é maior, em alguns Estados a coisa é pior, como o Rio de Janeiro, aqui no Ceará, até que eu acho nossa cidade Fortaleza calma, mas o que acontece nas outras cidades é o resultado da pobreza, por isso, as pessoas perdem a cabeça (estouram), ficam nervosas, matam, inveja, o Brasil é um país pobre.”

S3 foi bastante objetivo em sua resposta ao afirmar que o índice de violência no Brasil é bem maior se comparado com outros países. Esta afirmação se dá, principalmente, pelo sujeito entrevistado viver no Brasil e conhecer somente a realidade ao seu redor. Desse modo, a pobreza é vista por ele como a principal responsável por tantos atos violentos em nossa sociedade. O sinal MAIS utilizado aqui no sentido de elevação vertical é realizado com as duas mãos: uma configurada em S, voltada para baixo, e a outra mão, configurada em palma aberta, toca o dorso da primeira mão em um movimento de baixo para cima (conforme a Figura 36).



**Figura 36: sinal para MAIS**

Este sinal, tem o dorso da mão como referencial de superfície plana, a qual várias coisas podem ser empilhadas, como, por exemplo, uma pilha de livros, fazendo uma analogia à metáfora QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL.

## 7

### **Quem é o responsável em melhorar o nosso país?**

“Primordialmente, a **família**. Após vem a **escola** e por fim, a **sociedade**. Mas a família é o principal, pois dentro de uma mesma casa há diversas opiniões, mas eu posso aconselhar meu filho sobre o que vai enfrentar lá fora, na escola, opiniões diversas também. É preciso que a família trate bem seu filho, ensine, aconselhando sempre, não explicar pela metade. Vejo como uma junção, entre família e escola; se não ajudar, educar, ensinar, essa pessoa não melhorará de vida. Infelizmente, os familiares sempre dizem que não tem tempo, estão ocupados, ocupados... é difícil, mas na escola tem alguém que ajude, ou então, alguém na sociedade que apóie, enfim, depende.”

Desde o início de nossas análises, a FAMÍLIA é encarada pelos sujeitos surdos entrevistados, como a principal entidade norteadora para a instrução do indivíduo baseada culturalmente em nosso MCI de FAMÍLIA. Desse modo, a FAMÍLIA é a responsável em educar, alertar e aconselhar os filhos. Embora a violência familiar tenha alcançado a família deste sujeito,

principalmente pela ausência do diálogo em língua de sinais, S3 ainda idealiza a FAMÍLIA como principal ferramenta de instrução para os filhos.

Percebe-se que há uma escala de valores decrescente construída cognitivamente pelo sujeito surdo. A família, como já foi dito acima, encontra-se em primeiro lugar, por ser a geradora e ao mesmo tempo mantenedora para o entrevistado; em segundo, recai ao Estado o dever de propiciar uma melhoria na Educação oferecendo um ensino inclusivo de qualidade, principalmente por ser o ambiente de formação do cidadão, seja este surdo ou ouvinte. E por último, a sociedade em geral necessita respeitar as diferenças de cada indivíduo para que haja um convívio harmonioso.

#### 8

**E você, que já viajou para outros Estados, o que tem percebido acerca da violência em relação ao nosso, a nossa cidade Fortaleza?**

“É tudo igual... já viajei para Natal, Curitiba e achei tudo normal, claro, eu não vivi lá fora para saber como é o dia a dia, mas encontrei amigos surdos e me falaram que ali era um lugar bom, as pessoas têm mente boa. Aqui em Fortaleza, depende, às vezes..eu acho difícil. Tem grupo de pessoas boas e grupo de pessoas ruins, depende muito”.

Neste recorte, o terceiro entrevistado, iguala o índice de violência de nossa cidade com outras demais capitais pelas quais já visitou. Interessante observarmos que S3 faz tal avaliação a partir do seu ponto de vista enquanto surdo e pertencente a uma comunidade minoritária, ou seja, a um grupo fechado. Por isso, quando sinaliza no segmento (*mas fora não-ver*) ele está se referindo aos atos de violência cometidos por sujeitos ouvintes: no seu mundo surdo (dentro) a violência é conceitualizada simbólico e/ou culturalmente, enquanto que no mundo ouvinte (fora) impera a categorização da violência física. No meio da comunidade surda não foi relatado pelos entrevistados, pelo menos até o presente momento, nenhum tipo de violência caracterizada pela agressão física envolvendo sujeitos surdos, mas somente entre surdos e ouvintes.

Para S3, a conceitualização de violência se dá em maior proporção no âmbito familiar devido às suas experiências traumáticas referentes ao isolamento, rejeição e incompreensão dentro do seio familiar, principalmente por seus familiares não ter o domínio da comunicação em LIBRAS. Outro fator pertinente em suas respostas foi o descaso do Estado em negligenciar uma Educação de qualidade, bem como, ausência de projetos e políticas públicas para erradicar a pobreza no nosso país, caracterizando, assim, a violência institucional. Houve nas respostas deste sujeito um número expressivo de sinais SENTIMENTAIS, ou seja, sinais que são realizados na região peitoral para definir sentimentos, como, por exemplo, RAIVA, ÓDIO e ANGÚSTIA.

#### **Sintetizando:**

S3 utilizou-se do MCI baseado no Esquema de Imagem e Modelo Cognitivo Proposicional (FORÇA / ORIGEM-PERCURSO-META). A violência se estrutura em termos de modelo afetivo e espiritual apresentando, primordialmente, perdas afetivas e emocionais (família). As metáforas presentes: QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL / IDEIAS SÃO OBJETOS / A MENTE (CABEÇA) É UM RECIPIENTE / FELIZ É PARA CIMA / A RAIVA É UM CALOR DE UM FLUIDO QUENTE NUM RECIPIENTE / IMPORTANTE É GRANDE. A violência comprovou ser um conceito muito difuso, desse modo, pode ser um conceito superordenado.

#### **5.4 Sujeito Surdo (S4)**

Nosso quarto entrevistado, tem 23 anos, é o único filho homem e com deficiência auditiva em toda a família. É considerado o “homem da casa”, já que seus pais são separados. Reside com a mãe e a irmã em um ambiente familiar constituído de muitas contendas, principalmente, envolvendo discussões e agressões das mais variadas entre mãe e filho. De acordo com o relato de familiares, o entrevistado desde criança sempre esteve envolvido em atos violentos, seja na escola, na sociedade e, principalmente, dentro de casa, onde já causou danos materiais e físicos entre os entes, principalmente, em

sua mãe, a qual é vista pelo entrevistado como a responsável pela organização e manutenção do lar, bem como, é obrigada pelo filho a aprender a língua de sinais para se comunicar com ele. A princípio, temos a ruptura do MCI de FAMÍLIA em vários sentidos: pais separados, a mãe é a principal mantenedora do lar, convivência sem harmonia e ausência de diálogo.

Vários objetos domiciliares já foram danificados por ele, como, por exemplo: microondas, guarda-roupa, mesa de jantar (vidro), computador, batedeira elétrica e *box* do banheiro. Sua mãe, sempre receosa, tem muito medo que o filho “ouça” algum comentário feito por ela acerca de suas atitudes. Com os olhos lacrimejando, a mãe mostra uma cicatriz física - pois várias cicatrizes da alma afloram em seu semblante triste -, entre seu lábio superior e nariz, fruto de uma agressão (murro) do seu próprio filho.

S4 já foi expulso de várias instituições de ensino, tanto pública quanto privada, não apresenta interesse em conseguir emprego, pois prefere ser sustentado através da “mesada” que recebe do pai e é visto pelos outros surdos como um sujeito antisocial, polêmico, egoísta, bruto e “riquinho”. Por apresentar alta estatura, corpo atlético e praticar alguns esportes, como, por exemplo, *jiu-jitsu*, várias pessoas, surdas e ouvintes, hesitam aproximação e, principalmente, ofendê-lo de alguma forma instigando-o a uma reação raivosa e violenta. Por várias vezes, o autor desta pesquisa foi solicitado para interpretar e, facilitar a comunicação em língua de sinais em diversas ocorrências, as quais o entrevistado estava envolvido: brigas na família, mal entendido com membros da igreja, e confusões na escola. Inclusive, seu último ato de violência, até a presente entrevista, ocorreu em sua escola dentro da sala de aula, onde um professor discutiu com S4, e este em um ato de fúria empurrou o docente, que chegou a cair no chão. Imediatamente, a vítima (professor) solicitou a presença da polícia (RONDA), foram encaminhados à delegacia para prestar um boletim de ocorrência, e a direção juntamente com todo o conselho docente, decidiram expulsar S4 (agente) da escola.

Iniciamos a análise de S4 com este breve – e suficiente – histórico de vida alicerçada em atos violentos, para que possamos analisar por meio de suas respostas, que estruturas sócio-cognitivas são subjacentes aos gestos e/ou sinais utilizados por ele para se referir e conceitualizar VIOLÊNCIA. Seguem as análises.

### 1

#### **O que você entende por VIOLÊNCIA?**

“Violência é, por exemplo, eu com a minha família... fico violento por qualquer coisa, tipo, gosto de deixar minhas coisas sempre ali, no mesmo lugar e não gosto que ninguém mexa. Aí quando eu saio do meu quarto e volto, percebo que alguém tirou algum objeto meu de lá e fico perguntando: cadê isso, cadê aquilo... **Minha mãe não sabe se comunicar comigo, não sabe LIBRAS**. Ficam falando na minha frente e eu **sem entender** nada, e muitas vezes o sangue esquenta, eu perco a cabeça com isso, sei que vou ser violento... então, eu prefiro sair de casa e evitar”.

A maneira mais objetiva de conceitualizar o fenômeno é por meio da exemplificação, recurso bastante utilizado pelos surdos. Claramente, temos no segmento acima, que violência para este sujeito remete-se às experiências vivenciadas em família, onde o sujeito reage com comportamento violento ao perceber, por exemplo, que alguém não respeitou sua privacidade ao pegar determinado objeto sem a sua devida permissão, ou então, pela ausência de diálogo entre os familiares, queixa presente em todas as entrevistas dos sujeitos surdos.

S4 cita em seu discurso algumas reações violentas encenadas por ele que são provocadas (acionadas) por fatores exteriores, isto é, seus familiares. Mais uma vez, a ausência de comunicação entre os familiares ouvintes com o ente surdo, é “sentida” por este não apenas como uma falta de educação, mas principalmente, um desrespeito à sua condição humana enquanto ser que apresenta incapacidade de ouvir e entender os outros (ouvintes). Percebemos que a expressão NÃO-ENTENDER foi enfatizada pelo sujeito três vezes no segmento acima. Desse modo, a não-comunicação em língua de sinais na

família gera sentimentos como raiva e decepção, fazendo com S4 reaja de maneira violenta.

## 2

### **E a VIOLÊNCIA no mundo?**

“Na sociedade ouvinte há muita violência, discussões, raiva, inveja, etc., enfim, muita coisa. Eu tenho visto muita coisa, tanto no meio dos ouvintes quanto com os surdos, é tudo igual.”

Este tipo de resposta também foi mencionado na análise anterior com o sujeito S3. Por viverem DENTRO de uma comunidade específica, ou seja, em uma comunidade surda composta por uma cultura peculiar, comumente veremos nos discursos dos sujeitos surdos a referência à sociedade (ouvinte) como algo que está FORA do mundo deles, isto é, do mundo surdo. Por isso, no segmento acima, S4 sinaliza que há violência, sim, na sociedade ouvinte (*sociedade fora tem violência*). Esta violência mundana ocorre, ou melhor, inicia-se, de acordo com o entrevistado, a partir de uma discussão. Esta afirmação reflete a realidade vivida por S4 em vários contextos, afinal, os atos de violência cometidos por ele, ocorrem, na maioria das vezes, quando as pessoas não compreendem seu ponto de vista explicitado em língua de sinais.

## 3

### **É possível acabar com a VIOLÊNCIA?**

“Depende... pode ser que acabe, mas pode apenas diminuir. Não é algo fácil não, é muito difícil. Haverá sempre uma disputa entre familiares. [...] **Um surdo** pede a família dinheiro para pagar algo e a mãe diz que não dá, que precisa pagar luz, água, aí com isso, gera a violência, fica com raiva e **bate (murro)**, qualquer coisa”.

Percebemos claramente que para S4 conceitualizar violência em outros contextos, sem mencionar sua realidade no contexto familiar, se torna uma atividade difícil. Afinal, ao perguntarmos a possibilidade da extinção de violência no mundo, o entrevistado redirecionou automaticamente sua resposta para o ambiente familiar. De acordo com o breve histórico explicitado anteriormente na introdução da análise deste sujeito, percebemos vários incidentes violentos no seio familiar, principalmente envolvendo a figura

materna. Ao sinalizar no segmento acima *“Um surdo”*, o sujeito refere-se, subjetivamente, a si mesmo, quando este pede a sua mãe (conceitualizada por ele como principal mantenedora do lar) determinada quantia em dinheiro para comprar algo, mas a mãe afirma não ter, alegando que precisa pagar as contas da casa, como, por exemplo, a conta de água e energia. Então, o entrevistado agiu com tamanha violência agredindo fisicamente a mãe com um MURRO (conforme a Figura 37).



**Figura 37: sinal para BATER (murro)**

Os sinais da categoria **SINAIS VIOLENTOS (FÍSICOS)**, como o exemplo citado acima, apresentam movimentos de mãos fortes, bruscos, rápidos e agressivos, sempre voltados para frente, além de punhos fechados ou em outras configurações mais fechadas e orientadas para um alvo.

Culturalmente falando, o MCI de FAMÍLIA estrutura-se em nossa sociedade por meio dos submodelos de PAI PROTETOR e PAI PROVIDOR. Mas para S4 o referencial de responsável pela instrução, proteção e manutenção dentro do lar é a figura materna. Desse modo, o filho idealiza que

todos os seus gastos financeiros serão arcados pela mãe, o que não acontece na realidade. Ao ter seu pedido rejeitado, S4 se sente frustrado e reage com agressão física: agride fisicamente sua mãe. Este acontecimento ilustra a metáfora da ORDEM MORAL a qual, segundo Feltes (2007, p. 337), “está baseada na TEORIA POPULAR DA ORDEM MORAL. Na metáfora da ORDEM MORAL, o mais forte e melhor dotado tende a dominar o fraco”. Desse modo, HOMENS TÊM AUTORIDADE MORAL SOBRE AS MULHERES (FELTES *op. cit.*).

O quarto entrevistado ao narrar o fato acima utilizou-se do modelo proposicional cenário que pode ser assim representado:

**AGENTE (singular e perceptível):** o filho surdo.

**PACIENTE (humano, singular e perceptível):** a mãe.

**LOCAL:** dentro de casa.

**AÇÃO (direta, perceptível, não-gradual e com emprego da FORÇA FÍSICA):** o filho golpeia a mãe com um murro.

**DANO (físico-corporal):** a mãe tem os lábios cortados.

#### **PANO DE FUNDO:**

1. Os pais têm autoridade sobre os filhos;
2. Estima-se que todo filho ame, respeite e honre seus pais;
3. É na família que se constrói o vínculo afetivo e emocional;
4. Inaceitável em nossa sociedade a agressão física de um filho para com seus pais e vice-versa;
5. O diálogo é fundamental para uma convivência harmoniosa familiar.

#### **4**

##### **VIOLÊNCIA: de quem é a culpa?**

“A culpa é da **família**. Porque não tem dinheiro, não há aumento de salário, a distribuição de renda é desigual, a maioria recebe muito pouco. Muitas vezes os filhos pensam que seus pais são ricos e ficam pedindo presentes, como, celular, por exemplo, e os pais respondem que não, que não simples, pobres, não tem dinheiro.”

O segmento acima solidifica a nossa explicação anterior ao demonstrar que violência para este sujeito está centrada, principalmente, no seio familiar. E isso se dá por meio das experiências vividas em seu lar, as quais são encaradas por ele, de forma negativa, ao culpar a família (mãe) como a responsável por provocá-lo a um comportamento violento. As causas de tais atos conceitualizados como violentos em seu lar já foram mencionadas várias vezes pelo sujeito durante sua entrevista: a ausência de diálogo e a falta de apoio financeiro/material. De acordo com o contexto dos sinais, ao idealizar que sua família detém um alto poder aquisitivo, S4 quer usufruir constantemente deste benefício, como, por exemplo, adquirindo aparelhos celulares que são lançados no mercado.

**5**

**E entre todos os casos de VIOLÊNCIA que já comentamos em grupo, qual você acha pior?**

“O pior é com os surdos, não há comunicação entre surdos e ouvintes.”

Novamente, a falta de comunicação em língua de sinais entre sujeitos surdos e ouvintes na sociedade, é conceitualizada pelo entrevistado como violência. Entendemos que a comunicação é essencial para todo e qualquer ser humano, mas para que isto aconteça de forma positiva e eficaz, principalmente se tratando de um desvio de comunicação - não-verbal (LIBRAS) - é preciso agir com cautela e paciência através do processo de reeducação no intuito de corroborar com a promoção da inclusão e a acessibilidade lingüística em nossa sociedade. Ao contrário do que pensa e impõe S4, tais processos não ocorrem de maneira rápida e nem impostos por meio da violência.

Primordialmente, ficou notória na entrevista deste sujeito a ruptura no MCI de FAMÍLIA, principalmente pela ausência do diálogo entre mãe e filho (surdo), e a falta de apoio financeiro idealizada por S4. Desse modo, a conceitualização de violência familiar caracteriza todo o discurso de nosso quarto entrevistado. Três pertinentes sinais puderam ser evidenciados e

enumerados em uma escala crescente no contexto violento deste sujeito: RAIVA, BATER e MURRO.

#### **Sintetizando:**

S4 utilizou-se do MCI baseado no Esquema de Imagem e Modelo Cognitivo Proposicional (FORÇA / ORIGEM-PERCURSO-META). A violência se estrutura em termos de modelo psíquico e afetivo apresentando perdas afetivas e materiais. Pode ser estruturado proposicionalmente ao considerar a violência um modelo cognitivo-cultural, tendo como base a FORÇA e o protótipo a FORÇA FÍSICA.

### **5.5 Sujeito Surdo (S5)**

O penúltimo entrevistado, apresenta a idade mais avançada do grupo, 29 anos, sendo considerado, assim, atrasado para estar cursando o ensino médio. Reside com a família em um bairro simples de Fortaleza e com poucas condições financeiras. Um sujeito bastante tímido, educado e em busca de amizade nos mais diversos ambientes. Tem um histórico religioso muito forte, participando de várias atividades promovidas pelas igrejas evangélicas locais.

**1**

#### **O que você entende por VIOLÊNCIA?**

“Por exemplo, na minha família, meu pai e minha mãe, sempre brigam com meus irmãos menores que são muito **danados**, e isso gera violência dentro de casa por eles não terem educação; minha tia e meus primos também são assim, mas eu prefiro evitar tudo isso, deixo de lado (desprezar) porque é pecado. Eu sempre estou evangelizando, mas eles não querem, continuam católicos. Preferem beber, falar imoralidade, é horrível, tudo isso é pecado. Quero ver como será o futuro deles... As vezes eu fico angustiado com tudo isso e acho melhor sair de casa. Ficar calado assistindo tudo isso é muito ruim.”

As experiências negativas vivenciadas em FAMÍLIA representam para o entrevistado a melhor maneira para conceitualizar o que seja VIOLÊNCIA. Tal conceitualização também pôde ser encontrada nas análises dos demais

sujeitos surdos entrevistados, afinal, para estes, a violência encontrada em nossa sociedade é um reflexo da realidade dentro dos lares.

Neste primeiro recorte, os exemplos mencionados por S5 não apresentam características de violência física, a qual se utiliza de força física para agredir algo ou alguém, mas o entrevistado relata que as discussões familiares observadas por ele contém um teor de violência gritante, principalmente pela ausência de carinho, respeito e bons modos, características essenciais nos relacionamentos familiares. Neste segmento, S5 demonstra que a atitude de seus pais para com os netos está totalmente equivocada. Por mais hiperativas que sejam as crianças (*chatas e danadas*), um adulto não pode tratá-las de maneira agressiva. Desse modo, S5 mesmo reconhecendo o esforço dos pais em ajudar tais crianças, não admite que essas sejam disciplinadas através da agressividade (*reclamar bruto*), por isso, sempre questiona o posicionamento daqueles.

O entrevistado tem desenvolvido algumas práticas pessoais para não presenciar atos cometidos por seus familiares e conceitualizados por ele como violentos, no intuito de evitar reações que poderiam gerar atitudes raivosas e agressivas por ele. Por isso, no segmento acima S5 demonstra que a falta de bons modos dos seus tios e sobrinhos o incomodam bastante, assim, a melhor maneira encontrada por ele para não ser afetado de alguma maneira, é se ausentar (afastar) da família, isto é, sair de casa. Do mesmo modo, a outra solução encontrada por S5 para ter uma família mais harmoniosa seria através da religião, mais especificamente, uma religião protestante, pois o mesmo é membro de uma igreja evangélica há muito tempo.

O sinal para AFASTAR (conforme a Figura 38), contido na categoria **SINAIS ESPACIAIS, DIRECIONAIS e DIMENSIONAIS**, é produzido com as duas mãos configuradas em B em movimentos simultâneos, ou seja, as duas mãos se afastam uma da outra de acordo com a proporção do movimento. Este sinal é utilizado com mais frequência em contextos de cunho negativo, como por exemplo, *o afastamento das drogas*, ou então, *afastar-se de um indivíduo de má índole*, o que exemplifica a metáfora CAUSA É FORÇA, pois “as causas são mais imediatamente experienciadas na forma de forças físicas e tipicamente envolvem também a aplicação de força física.” (FELTES, 2007, p. 166).



**Figura 38: sinal para AFASTAR**

Curiosamente, os sinais utilizados em contextos religiosos têm forte motivação metafórica, como, por exemplos, os sinais para CÉU e INFERNO (conforme as Figuras 39 e 40).

### Motivação metafórica: BOM É PARA CIMA



Figura 39: sinal para CÉU

### Motivação metafórica: RUIM É PARA BAIXO



Figura 40: sinal para INFERNO

## 2

### Você tem visto algum caso de **VIOLÊNCIA** na mídia?

“Sim. Inclusive aconteceu comigo mesmo... na **escola**. Roubaram dinheiro dentro da minha mochila e eu fui reclamar para a direção, mas **sem intérprete**, não pôde fazer nada. E por mais que eu pedisse minha família para me ajudar, eu sabia que meus pais não tinham dinheiro.”

Percebemos que a resposta dada pelo entrevistado não condiz, em primeiro momento, com a nossa pergunta. Isto acontece comumente na comunidade surda: quando algum ouvinte faz determinada pergunta a um surdo e o mesmo responde de maneira totalmente diferente e, aparentemente, sem conexão. S5 não explicitou casos de violência acompanhados por ele na mídia (imprensa ou televisiva), mas exemplificou por meio de uma experiência vivida na escola. No recorte acima, S5 afirma que a ausência do intérprete de LIBRAS dificulta bastante na comunicação e compreensão dos fatos. Afinal, os intérpretes de língua de sinais colaboram na construção de um elo entre o mundo dos surdos e o mundo dos ouvintes.

O episódio sinalizado pelo entrevistado ocorreu em sua escola quando teve sua mochila roubada que continha, dentre outros objetos, alguns livros e certa quantia em dinheiro. Sem a presença do intérprete de LIBRAS, S5 não pôde explicar com mais detalhes à direção da instituição. Ao chegar em casa, quando comentou com seus pais o ocorrido, os mesmos nada fizeram, desprezando totalmente o sentimento de profunda tristeza do filho. Podemos representar tal situação com o seguinte cenário:

**AGENTE (singular e não-perceptível):** alguém (ladrão) rouba a mochila.

**PACIENTE (humano, singular e perceptível):** o estudante surdo.

**LOCAL:** dentro da escola.

**AÇÃO (direta, não-perceptível e não-gradual):** o roubo da mochila.

**DANO (material):** a mochila, os livros e determinada quantia em dinheiro são furtados.

**PANO DE FUNDO:**

1. A escola tem por obrigação manter a integridade de seus alunos em todos os sentidos;
2. Espera-se que no ambiente escolar haja segurança para o corpo docente e discente.

3. Por ser uma escola de ensino inclusivo, o Estado tem o dever de disponibilizar intérpretes de LIBRAS.

### 3

#### **Sendo surdo, você percebe alguma diferença em relação a esse contexto violento?**

“Eu me lembro de algumas situações nas quais sou **desprezado** e **discriminado** (preconceito), as pessoas já me chamaram de **burro**, não me respeitam, não tem respeito, e eu sempre aconselho, peço com gentileza, mas as pessoas insistem em não ajudar. Isso acontece principalmente na escola, sem o intérprete e os professores, pois muitas vezes não compreendo determinado conteúdo, afinal, a língua portuguesa é mais elaborada, diferente da LIBRAS, e exigem que eu escreva muito e igual a um ouvinte... fico angustiado e triste com isso. Enfim, só Deus sabe... está nas mãos Dele.”

Para compreendermos melhor esta situação, salientamos que o contexto da situação acima ocorreu na escola e dentro da sala de aula, onde o processo de inclusão é desenvolvido: alunos surdos estudam com outros alunos ouvintes em uma mesma sala de aula e a aprendizagem se dá por meio da presença do intérprete de LIBRAS que traduz as explicações dos professores de todas as disciplinas para a língua de sinais. Ao ser insultado por um colega de sala - não se sabe se foi por um aluno ouvinte ou surdo - através da palavra *burro*, o entrevistado sentiu-se ofendido e desprezado, exigindo respeito e educação, e que não aceita este tipo de brincadeira.

Após o incidente, o aluno (S5) foi em direção ao professor, com auxílio do intérprete, queixando-se do ocorrido. Mas, segundo o entrevistado, os mesmos nada fizeram para ajudá-lo. Ao sinalizar “*burro pesado*”, o aluno surdo caracterizou tal expressão como um INSULTO e que o ofendeu bastante (PESADO). Esta expressão pode ter sido motivada pela influência da metáfora existente em nosso sistema conceitual: DANO SOCIAL OU PSICOLÓGICO É DANO FÍSICO (LAKOFF, 1987). Dessa forma: *violência gestual* gera dano social e psicológico, da mesma forma que agressão está por dano físico (PESADO e PARA BAIXO).

O entrevistado ficou bastante chateado com toda a situação, principalmente pela não-compreensão real acontecido em sala de aula. Como forma de punição, o professor mandou-o redigir um texto de 20 linhas, tendo em vista que para os surdos a escrita em língua portuguesa se torna uma atividade muito difícil, pois os mesmos não dominam as regras gramaticais do português escrito. Na resposta de S5 observa-se algumas palavras negativas que caracterizam esta situação como ato de violência: *difícil, profundo, prejuízo, transtornado, angustiado*.

A tristeza relatada pelo nosso entrevistado foi tão grande, que o mesmo a definiu como algo profundo. O sinal de PROFUNDO (conforme a Figura 41) é realizado com as duas mãos em um movimento de cima para baixo: uma mão configurada em C representa uma superfície (local), e a outra mão, configurada em dedo indicador, perfura tal superfície, como se houvesse realmente a penetração de um objeto sob uma superfície com bastante profundidade. Desse modo, a TRISTEZA causada em S5 por causa deste incidente em sala de aula, penetrou com profundidade seu coração e sua alma, metaforizando que TRISTEZA É PARA BAIXO.



**Figura 41: sinal para PROFUNDO**

Para S5, toda essa situação embaraçosa só foi prejudicial para ele mesmo, pois tanto o professor quanto o outro aluno, responsável pela ofensa, saíram “ilesos” da confusão. O sinal de PREJUÍZO (conforme a Figura 42) é realizado com as duas mãos iniciadas juntas, como se estivessem conectadas. Em um segundo momento, as mãos são separadas por meio de um movimento direcionado para baixo, finalizando a sinalização com cada mão posicionada em lados opostos. A expressão facial de descontentamento completa a significação. Com o movimento direcionado para baixo, este sinal caracteriza a metáfora orientacional RUIM É PARA BAIXO.



A mesma configuração de mãos do sinal de ANGUSTIADO (no peito) é utilizada para sinalizar TRANSTORNADO (conforme a Figura 43), mas neste, o ponto de articulação é o rosto, pois segundo a teoria popular, quando uma pessoa encontra-se no estado de raiva, chateada, ou então, transtornada, ela não consegue enxergar direito as coisas ao seu redor, isto é, há uma interferência na percepção das coisas. Esta afirmação tem como base o acarretamento metonímico, no qual “os efeitos fisiológicos de uma emoção são tomados pela emoção como um todo”. (FELTES, 2007, p. 157).



**Figura 43: sinal para TRANSTORNADO**

**4**

**E no futuro, essa VIOLÊNCIA diminuirá ou aumentará?**

“Pode ser que diminua sim... Mas a violência parte de dentro das famílias, que vão **repassando** para o mundo afora [...]”.

Mesmo que o entrevistado não responda diretamente ao nosso questionamento, é possível fazermos duas inferências a partir do sinal **REPASSAR** (*espalhar*) utilizado por ele. Primeiramente, por ser um sinal crescente (conforme a Figura 44) subentende-se que a tendência será o aumento da violência e a propagação deste mal em todo mundo. E em segundo, a violência familiar, conceitualizada por este sujeito, é a raiz de todos os tipos de violência propagadas em nossa sociedade, isto é, a violência se *espalha* entre todos.



**Figura 44: sinal para ESPALHAR**

Este sinal apresenta movimento simultâneo de aberturas das mãos, com o espalhamento dos dedos, ao mesmo tempo em que ganha projeção dimensional no sentido do movimento de espalhar das mãos.

A partir de nossas análises, inferimos por meio da gesticulação do penúltimo entrevistado, que a conceitualização da violência familiar e da violência institucional apresentam as mesmas características, isto é, ambas as entidades (Família e Estado) rejeitam-no por causa de sua deficiência; a incompreensão é concreta nos dois ambientes; o entrevistado, enquanto cidadão, percebe que seus direitos são silenciados e negligenciados, principalmente, devido à ausência da comunicação em língua de sinais tanto no seio familiar quanto na escola, pois esta rejeita a presença do intérprete de LIBRAS em sala de aula, mesmo sendo um item primordial na educação inclusiva assegurado por lei.

Em nenhum momento, S5 fez alusão à violência física por meio de sinais que denotem força física, mas sim, somente sinais abstratos ligados metonimicamente na perspectiva de conceitos subordinados à conceitualização de violência, como, por exemplo, os sinais de ISOLAMENTO, AFASTAR, DESPREZO, DISCRIMINAÇÃO, OFENSA e PREJUÍZO.

### Sintetizando:

S5 utilizou-se do MCI baseado no Modelo Cognitivo Proposicional (ORIGEM-PERCURSO-META). A violência se estrutura em termos de modelo afetivo e modelo espiritual apresentando perdas afetivas e materiais. Metáforas primárias presentes: BOM É PARA CIMA / RUIM É PARA BAIXO. O Dano social ou psicológico pode ser considerado como um dano físico. A VIOLÊNCIA comprovou ser um conceito bastante difuso.

## 5.6 Sujeito Surdo (S6)

Nosso último entrevistado é o mais jovem dos entrevistados, com 18 anos, mora com a mãe e um casal de irmãos mais velhos em um bairro classe alta de Fortaleza. De todos os entrevistados, a família deste sujeito é a que possui melhor condição financeira. S6 desde criança estudou em escolas regulares, ou seja, sem a presença do intérprete de LIBRAS e sempre foi estimulado à oralidade por meio de tratamentos fonoaudiológicos. Desse modo, este entrevistado apresenta o menor grau de fluência em língua de sinais em comparação com os demais. A mãe, super-protetora, sempre busca a harmonia familiar através do diálogo com todos os filhos, mesmo sem ter o domínio da LIBRAS, bem como, supre todas as necessidades e desejos materiais dos filhos.

1

### O que você entende por VIOLÊNCIA ?

“Violência é, por exemplo, problema na **família**, surdos que ficam furiosos e com **raiva** de alguma coisa, são chatos, **família** que briga muito, tem preconceito contra o filho surdo; a **família** sabe quando o filho surdo, deficiente está triste ou feliz, mas não liga, tanto faz... É mais difícil para o surdo explicar o que está sentindo; eu sei que há problema em todo o mundo, mas vejo tudo isso como **falta de amor, de educação, falta de ajuda** uns para com os outros [...]”.

Neste primeiro segmento, assim como os demais surdos entrevistados, S6 caracteriza a FAMÍLIA como uma entidade problemática remetendo à violência familiar a negligência dos próprios familiares para com os filhos com

deficiência auditiva. O entrevistado faz ligação direta de violência às suas experiências familiares frustrantes e isto pode ser visto por meio da repetição do sinal FAMÍLIA em vários momentos de sua fala. O sujeito não faz menção à violência física em seu lar, mas conceitualiza outros tipos de violência que estão agregados ao comportamento errôneo da família, como, por exemplo, as discussões e reclamações, preconceito e isolamento. Tais atitudes produzem em S6 alguns sentimentos negativos como a angústia, a raiva, chateação e tristeza, havendo assim, uma ruptura gritante do MCI de FAMÍLIA que idealiza um lar harmonioso alicerçado por meio de vínculos afetivos e emocionais.

O sinal de RAIVA (conforme a Figura 45) citado no discurso acima foi produzido sob forte intensificação das mãos, ou seja, S6 sinalizou RAIVA com as duas mãos juntas ao corpo através de movimentos bruscos e rápidos, e acrescido da expressão facial intensificada: testa e sobrancelhas franzidas, olhos levemente cerrados, boca inflada e lábios projetados para frente, características estas da categoria de **SINAIS EMOTIVOS COLÉRICOS (PEITO)**.



**Figura 45: sinal para RAIVA (intensificado)**

Ressaltamos que este sentimento raivoso em S6 é provocado pela incompreensão da família ouvinte à sua condição de pessoa surda que tenta, em vários momentos, expressar suas alegrias e frustrações, idéias e opiniões aos familiares, mas quase sempre têm sua voz silenciada.

S6 apresenta um histórico de vida marcado por momentos depressivos, principalmente a partir da sua adolescência. Embora esteja constantemente em tratamento através de psicólogo e aconselhamento espiritual, este sujeito não tem demonstrado melhoras. Curiosamente, observamos em seu discurso, que S6 se sente angustiado enquanto ser humano que apresenta uma deficiência, neste caso, auditiva. Isto é notório em surdos que não têm uma identidade SURDA formada, ou seja, ora se vêem como sujeitos “normais” ora como deficientes.

Ao analisarmos o sinal DEFICIENTE é possível encontrarmos negatividade em sua produção, algo que passa despercebido por todos. Ao sinalizar DEFICIENTE (conforme a Figura 46) que tem como orientação um movimento para baixo, percebemos a influência dos padrões normalizantes de nossa sociedade, isto é, o sinal carrega sobre si um caráter negativo motivado pela metáfora RUIM É PARA BAIXO. Esse sinal é realizado com as duas mãos configuradas em letra D e com um movimento único e para baixo. A metáfora visual também se faz presente através do uso de expressão facial apática e neutra, denotando ao sujeito DEFICIENTE um estado de inércia.



**Figura 46: sinal para DEFICIENTE**

Assim, por acarretamento metonímico, e de acordo com a atual conjectura de nossa sociedade, inferimos que:

SER BELO É SER NORMAL.

ANORMALIDADE É A AUSÊNCIA DE BELEZA.

Logo,

SER DEFICIENTE É FEIO.

Do mesmo modo, o sinal para CHATO (conforme a Figura 47) é realizado com movimentação para baixo motivado pela metáfora RUIM É PARA BAIXO.



**Figura 47: sinal para CHATO**

Os sinais que codificam a noção de SENTIMENTOS COLÉRICOS relacionados a defeitos e características negativas de pessoas são caracterizados por expressão facial brava, movimentos rápidos e agressivos, postura tensa e sobrancelhas levemente franzidas. Tais sinais estão inseridos na categoria **SINAIS EMOTIVOS COLÉRICOS – CARACTERÍSTICAS PESSOAIS RUINS.**

No fim de sua resposta, S6 reconhece que os mesmos problemas vivenciados em seu lar também são encontrados em outras famílias que têm um filho surdo, pois não há o vínculo afetivo-emocional esperado no seio familiar. Do mesmo modo, a negligência do Estado em oferecer uma Educação de qualidade e a ausência de projetos em prol de comunidades desfavorecidas, colaboram para que o índice de violência aumente em nossa sociedade atingindo, assim, às FAMÍLIAS.

## 2

### **Você tem visto algum caso de VIOLÊNCIA na mídia?**

“Sim, já... eu vi. Eu vi no telejornal noticiando que, no centro da cidade, o índice de drogas, bebidas e fumo, é alto... e parece que alguns surdos também foram para lá.”

Para a sociedade majoritária ouvinte a ausência de legenda nas programações televisivas (*closed caption*) não faz diferença, afinal, a informação é retida pelo canal auditivo. Já para a comunidade surda, tanto a ausência da legenda e da janela com tradução em LIBRAS, representam um fator agravante para a compreensão das informações pelos sujeitos surdos, afinal, para estes, a conceitualização das coisas no mundo é apreendida através do canal visual. Por isso, S6 conclui através das imagens assistidas no noticiário que todas as pessoas que fumam e bebem, e ouvintes, são responsáveis por causar violência em nossa sociedade. O entrevistado foi bastante enfático, com expressão facial de surpresa, que até surdos participam desses atos.

## 3

### **E no futuro, essa VIOLÊNCIA diminuirá ou aumentará?**

“Sim, eu acho que a violência no futuro vai acabar, porque, por mais que nesses momentos de raiva a pessoa perca a cabeça, depois que tudo passar, ela vai perceber que se acabar com tudo isso, a vida só vai melhorar, influenciando os amigos também”.

Apesar da negatividade em suas respostas anteriores, S6 apresenta um posicionamento otimista na melhoria de vida por meio da diminuição do índice de violência em nosso meio. Mas para isto tornar-se realidade, na concepção do entrevistado, é preciso que haja a participação e colaboração

mútua de todos, cidadãos e Estado. Para S6, faz-se necessário que os indivíduos repensem nas conseqüências antes de cometerem algum ato violento, afinal, violência só gera violência. Com a mudança de comportamento, cultivada pela paz e harmonia, outros indivíduos também serão influenciados positivamente a manter uma sociedade menos violenta.

#### 4

##### **Quem sofre mais com a VIOLÊNCIA?**

“Todos sofrem com a violência, seja surdo ou ouvinte, tanto faz, qualquer um. Brigam, batem (murro). **Há mulheres por não saberem a língua de sinais ficam falando besteiras, palavras bobas e imorais, isso é chato, horrível !!!** Preconceito... mas nem ligo, desprezo. Mas tem surdos que não encaram dessa forma e partem logo para a briga (bater). Muita gente **não sabe** o que significa a palavra preconceito. O que é preconceito ? **Preconceito é não amar.** Pessoas são diferentes, pensam de forma diferente, por isso, o **amor** é fundamental.”

Para S6, tanto o sujeito surdo quanto o ouvinte, estão suscetíveis à violência mundana, seja ela física ou não. Em meio à sua argumentação, o entrevistado enfatiza que o principal motivo para o desencadeamento de ações violentas, como, por exemplo, a agressão física, se deve ao preconceito que ainda impera em nossa sociedade contra as pessoas que apresentam algum tipo de deficiência. No segmento acima ao exemplificar que determinada mulher por não ter o domínio da língua de sinais, subentende-se que a mesma utilizou-se de gestos para ofender o entrevistado, caracterizando-se assim em uma violência gestual, pois S6 sentiu-se ofendido e chateado.

Segundo S6, um dos principais motivos para o cultivo da cultura de violência enfrentada pelos sujeitos surdos e pessoas com deficiência é a ausência do amor e respeito ao próximo, isto é, o preconceito inerente ao ser humano. Desse modo, o entrevistado finaliza seu discurso afirmando que deficientes ou não, todos os seres humanos apresentam diferenças, sejam religiosas, sexuais, cor e raça. E que o amar e respeitar a diferença do próximo representa, no mínimo, conviver harmoniosamente e com responsabilidade em um mesmo ambiente societário.

O sinal para NÃO-SABER (conforme a Figura 48) utilizado por S6 no recorte acima é realizado com apenas uma mão configurada em dedo indicador no mesmo ponto de articulação para SINAIS COGNITIVOS (CABEÇA). Interessante que nesta sinalização o sujeito aponta inicialmente para a testa para mostrar que o “conhecimento” está ali dentro (RECIPIENTE), mas logo em seguida, o dedo encolhe e desce, demonstrando que o conhecimento foi retirado do RECIPIENTE CABEÇA.



**Figura 48: sinal para NÃO-SABER**

Já os sinais que codificam a noção de sentimentos EMOTIVOS POSITIVOS categorizados como **SINAIS EMOTIVOS POSITIVOS (PEITO)** são caracterizados pelo local de sinalização na região do peito, como sinal para AMOR (conforme a Figura 49).



**Figura 49: sinal para AMOR**

## 5

**Sendo surdo, você percebe alguma diferença em relação a esse contexto violento?**

“Pois é, as vezes as pessoas chegam e lançam palavras fortes contra nós, nos taxando... e isso me deixa entristecido, angustiado. Eu fico com muita vergonha, *fico na minha*. Por exemplo, as vezes estou em um determinado lugar e quero comprar algo, aí eu pergunto: quanto custa isso ? A pessoa começa a falar e eu não entendo nada, aí eu peço a pessoa pede para eu esperar um pouco, pois precisa escrever em um pedacinho de papel, me mostra, eu entendo e tiro o dinheiro do bolso, pago e pronto... é normal, é simples”.

Enquanto cidadão que apresenta deficiência auditiva, a principal violência enfrentada por este jovem e demais surdos encontra-se no nível lingüístico, ou seja, a falta de acessibilidade na comunicação em língua de sinais com as pessoas ouvintes. Por não compreender as informações contidas no mundo ao seu redor, S6 se sente angustiado e triste em diversas ocasiões e ações simples do seu dia a dia. Esses sentimentos afloram, principalmente quando uma pessoa ouvinte o ofende por meio de sinais e/ou gestos. Ao invés de revidar, o entrevistado permanece calado e envergonhado por sua condição de deficiente auditivo, guardando para si tristezas, traumas e gritos silenciados.

O sinal de VERGONHA (conforme a Figura 50) foi produzido pelo entrevistado com expressão corpóreo-facial de tristeza, revelando-nos o insucesso do mesmo em alcançar os padrões normalizantes e morais de nossa sociedade majoritária ouvinte. O sinal de VERGONHA é produzido com uma mão configurada no numeral 5 e tem como ponto de articulação a bochecha, referindo-se, metonimicamente, à reação facial das bochechas rosadas em um contexto de constrangimento. Os sinais que codificam a noção de MELANCOLIA são caracterizados por expressão facial típica do sofredor ou da vítima (cabeça baixa, testa franzida, olhos semicerrados), com postura de abatido, ombros caídos, costas curvadas e movimentos lentos e fracos. Conforme o sinal para VERGONHA e TRISTEZA:

### Motivação metafórica: VERGONHA É UM DANO FÍSICO



**Figura 50: sinal para VERGONHA**

Por não ouvir, como os demais seres humanos, S6 se entristece em alguns momentos de sua vida, principalmente quando se sente intimidado e discriminado na sociedade. Talvez seja este o real motivo para as suas crises de depressão conforme explicitamos anteriormente. O sinal para TRISTE (conforme a Figura 51) é realizado no ponto de articulação do queixo com uma mão configurada na letra Y e com a cabeça direcionada para baixo, acrescida de expressão facial denotando tristeza. O posicionamento dos olhos se torna crucial para a compreensão visual da metáfora subjacente à imagem como um todo. Uma simples mudança do olhar – para frente, para cima ou para os lados – pode construir um novo conceito no cenário espacial no qual o sujeito sinalizante está inserido.

### Motivação metafórica: TRISTEZA É PARA BAIXO



**Figura 51: sinal para TRISTEZA**

Assim, de acordo com a resposta de nosso entrevistado, inferimos que:

ESCUTAR TRAZ FELICIDADE.

NÃO-ESCUTAR É RUIM.

Logo,

Para S6, a condição de SER SURDO É SER TRISTE.

Mais uma vez, notamos que a conceitualização de violência para os sujeitos surdos está intrinsecamente ligada aos valores e referenciais que os mesmos têm de FAMÍLIA, ou seja, em todos há uma ruptura cultural do MCI de FAMÍLIA. Na visão de S6, a falta de acessibilidade lingüística ainda é gritante em nossa sociedade. Desse modo, S6 se sente duplamente vitimado por conta da violência cultural existente nas diversas esferas sociais, bem como, rejeitado e isolado pelos ouvintes de modo geral, como é o caso de seus próprios familiares.

A conceitualização de violência para este sujeito foi construída sob o alicerce da condição de ser uma pessoa DEFICIENTE causando-lhe uma junção de sentimentos negativos: RAIVA, VERGONHA e TRISTEZA.

**Sintetizando:**

S6 utilizou-se do MCI baseado nas metáforas RUIM É PARA BAIXO / TRISTEZA É PARA BAIXO / VERGONHA É UM DANO FÍSICO. A violência se estrutura em termos de modelo psíquicos e, principalmente, afetivos acarretando em perdas afetivas e emocionais. A VIOLÊNCIA comprovou ser um conceito bastante difuso e estruturado sob um modelo cognitivo-cultural.

## **6. SÍNTESE DOS PRINCIPAIS ACHADOS**

Neste capítulo, sintetizamos os principais achados do nosso trabalho, iniciando com o MCI de violência construído a partir dos sujeitos de nossa pesquisa. Em seguida, sugerimos uma categorização para os sinais da LIBRAS, indicativa de uma certa sistematicidade, que poderá auxiliar estudos futuros sobre a estrutura da língua de sinais e sua gramática. Ao final, fora do escopo da pesquisa, mas de relevância para o grupo de surdos participantes deste estudo e em respeito a eles, apresentamos algumas ações que podem ser realizadas para minimizar a violência contra os surdos.

### **6.1. MCI de VIOLÊNCIAS no discurso dos Sujeitos Surdos de Fortaleza**

De acordo com nossas análises, três entidades tiveram maior frequência no discurso sinalizado dos sujeitos surdos: FAMÍLIA, COMUNICAÇÃO e SOCIEDADE. Estes sinais estão inseridos no MCI conceitual de VIOLÊNCIA FAMILIAR e VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL. Elementos como amor, vínculo afetivo, manutenção do lar, instrução e diálogo entre familiares, subjacente ao MCI de FAMÍLIA, são violados no contexto da comunidade surda de Fortaleza. Para os sujeitos de nossa pesquisa, a conceitualização de VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL tem como eixo principal a negligência do Estado em amparar os cidadãos em diversos segmentos sociais, como, por exemplo, na área da Educação.

O preconceito, a falta de acessibilidade lingüística em LIBRAS na sociedade de modo geral, e o desrespeito à sua condição de pessoa com deficiência auditiva, ficaram evidentes nas vozes dos sujeitos surdos. Desse modo, a violência física não corresponde ao conceito mais prototípico para a comunidade surda, a começar pelo sinal para VIOLÊNCIA, que é realizado no ponto de articulação CABEÇA (MENTE).

Nas análises dos 6 sujeitos surdos pôde-se construir um padrão de MCI apresentando características comuns:

1. Modelo Cognitivo-cultural
2. Esquema de Imagem – FORÇA FÍSICA (cinestésico)
3. Esquema de imagem – ORIGEM-PERCURSO-META
4. Modelo Proposicional:
  - ORIGEM (agente): que causa violência;
  - PERCURSO (ação): a agressão;
  - META (vítima): o que sofre a ação; o paciente (surdo).
5. Do modelo acima, derivaram outros submodelos:

- Metafóricos: FELIZ É PARA CIMA e TRISTEZA É PARA BAIXO. RUIM É PARA BAIXO. DIFICULDADES SÃO PESOS. QUANTIDADE É ELEVAÇÃO VERTICAL. MAIS É PARA CIMA. IDEIAS SÃO OBJETOS. A RAIVA É UM FLUIDO QUENTE NUM RECIPIENTE. O CORPO É UM RECIPIENTE PARA AS EMOÇÕES. A CABEÇA É UM RECIPIENTE. IMPORTANTE É GRANDE.

- Metonímicos: PALAVRA ESTÁ POR ARMA. PALAVRA PODE CAUSAR DANOS À PESSOA. A VERGONHA É UM DANO FÍSICO. A NÃO-COMUNICAÇÃO GERA DOENÇA. A FALTA DE COMUNICAÇÃO ENTRE SURDOS E OUVINTES PRECISA SER SANADA. A FAMÍLIA É UM RECIPIENTE. OS MEMBROS DE UMA FAMÍLIA SÃO PARTES DE UM TODO. RESPEITAR É CAUSAR BEM-ESTAR. DESRESPEITAR É UMA FORMA DE IMORALIDADE. MATAR ALGUÉM REPRESENTA EM UMA ATITUDE NEGATIVA. DANO SOCIAL OU PSICOLÓGICO É DANO FÍSICO. SER DEFICIENTE É FEIO/RUIM.

Os MCIs evocados para o processamento de significação da violência enfrentada pela Comunidade Surda de Fortaleza, bem como, os sinais recorrentes ao contexto violento no discurso dos sujeitos surdos, estão sintetizados nos Quadros 2 e 3 apresentados a seguir.

O Quadro 2 sintetiza os elementos dos MCIs de VIOLÊNCIA FAMILIAR que se destacaram nos discursos de cada sujeito surdo, com maior e menor incidência conformem mostram os campos assinalados com um X. Dentre as ações de maior incidência nesse contexto, podemos citar a **ausência de diálogo**, com ocorrência em todos os discursos dos sujeitos surdos. Em seguida, com ocorrência em cinco dos seis sujeitos, destacamos o **preconceito** como principal ação. Em terceiro lugar, com incidência em quatro dos seis surdos, destacamos as ações: **ofensa, tristeza e raiva**. Em quarto lugar, com incidência em três dos seis sujeitos surdos, destacaram-se as ações: **angústia e isolamento**. Em quinta colocação, em dois dos seis sujeitos surdos, destacaram-se as ações: **incompreensão, rejeição à deficiência e provisão financeira negada**. E com a menor incidência, destacou-se a ação: **privação de liberdade e agressão física**.

VIOLÊNCIA FAMILIAR sinalizada pelos surdos	Ações	S1	S2	S3	S4	S5	S6
Elementos do MCI de FAMÍLIA violados: vínculo afetivo, convivência harmoniosa, apoio financeiro e material, diálogo, autoridade, proteção afetivo-emocional.	<b>Preconceito</b>	X	X	X		X	X
	Ofensa (expressão)	X	X	X		X	
	<b>Ausência de diálogo</b>	X	X	X	X	X	X
	Isolamento		X	X			X
	Incompreensão				X		X
	Rejeição à deficiência		X				X
	<b>Tristeza</b>	X		X		X	X
	Privação de liberdade			X			
	Agressão física				X		
	Provisão financeira negada	X			X		
	<b>Raiva</b>		X	X	X		X
	<b>Angústia</b>			X		X	X

Quadro 2 – Elementos dos MCIs de VIOLÊNCIA FAMILIAR que se destacaram nos discursos de cada sujeito surdo.

No terceiro Quadro, temos como principal característica de VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL a **negligência** do Estado pautada em uma **comunicação ineficaz**, ação de maior incidência nos discursos dos sujeitos surdos. Em segundo lugar, com ocorrência em quatro dos seis sujeitos, destacamos as ações: **educação inadequada**, **exclusão** e o **preconceito**. Em terceiro lugar, com incidência em três dos seis sujeitos surdos, destacamos as ações: **ofensa** e **desemprego**. Em quarto lugar, com incidência em dois dos seis sujeitos: **despreparo dos profissionais**, **desrespeito às leis**, **ausência de projetos** e **drogas**. E com a menor incidência, em apenas um dos seis sujeitos surdos, destacaram-se as ações: **falta de apoio financeiro** e **prostituição**. Os sujeitos surdos não fizeram menção de violência por meio da agressão física.

<b>VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL sinalizada pelos surdos</b>	<b>Ações</b>	<b>S1</b>	<b>S2</b>	<b>S3</b>	<b>S4</b>	<b>S5</b>	<b>S6</b>
<b>Elementos do MCI Institucional violados:</b> educação de qualidade, inclusão e acessibilidade, capacitação dos profissionais, elaboração de políticas públicas, cumprimento de leis e direitos, bem-estar do cidadão.	<b>Educação inadequada</b>	X		X		X	X
	<b>Exclusão</b>	X			X	X	X
	Despreparo dos profissionais	X	X				
	<b>Negligência</b>	X	X	X		X	X
	Desrespeito às leis	X					X
	Ausência de projetos	X		X			
	<b>Preconceito</b>	X	X			X	X
	<b>Comunicação ineficaz</b>	X	X	X		X	X
	Agressão física						
	Falta apoio financeiro	X					
	Drogas	X					X
	Ofensa (expressão)	X	X			X	
	Prostituição	X					
	Desemprego	X	X	X			

**Quadro 3 – Elementos dos MCIs de VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL que se destacaram nos discursos de cada sujeito surdo.**

No Quadro 4, a seguir, sintetizamos os sinais mais recorrentes em LIBRAS utilizados pelos sujeitos surdos no contexto de VIOLÊNCIA:

**VIOLÊNCIA:** assassinato; atacar; bater; brigar (fisicamente); confusão; discussão; estourar; estupro; explodir; insulto; matar; murro; pedofilia; roubar; tapas; violência.

**CARACTERÍSTICAS DA PESSOA VIOLENTA:** bruto; chato; ódio; perigoso; raiva.

**CONSEQUÊNCIAS PESSOAIS E SOCIAIS:** angústia; boquiaberto (valha); culpa; discriminação; falta de afeto; inutilidade; limite (estar por aqui); menosprezo; não-querer; problema; preconceito; prejuízo; responsabilidade; sofrimento; sufocado; transtorno; tristeza; vergonha.

**DROGAS:** bebida; fumo.

**PALAVRAS E VERBOS RELACIONADOS À VIOLÊNCIA:** acabar; afastar; ajudar; bater; beber; comunicação (falta); descarregar (em alguém); difícil; discriminar; educação (bons modos); empurrar; espalhar; família; fumar; enganar; errado; insultar; mais; melhor; mentalidade; muitas vezes; nada; não-ter; passado; pesado; pior; respeito; sempre; tudo; vários.

**Quadro 4 – Sinais recorrentes para referir à VIOLÊNCIA no discurso dos sujeitos surdos de Fortaleza.**

## 6.2. Por uma categorização dos sinais

Até onde é de nosso conhecimento, as pesquisas e publicações acerca da língua de sinais têm enfatizado a descrição da forma do sinal no nível fonológico, ou melhor dizendo, as unidades mínimas para a formação de um determinado sinal, como, por exemplo, a configuração de mãos, o ponto de articulação e movimento, elementos essenciais para a produção de um discurso sinalizado (STOKOE, 1960).

Neste trabalho, além de apresentarmos a forma do sinal produzido pelos sujeitos surdos em seus discursos acerca de VIOLÊNCIA, a motivação subjacente aos sinais, demonstrando, assim, que, como em qualquer outra língua, os sinais não são meramente arbitrários, mas, sim, motivados pela experiência conceitual vivida pelos sujeitos surdos. Ou seja, no discurso dos nossos sujeitos, há indicativos de que existe uma relação da estrutura dos sinais com a atividade mental do surdo de acordo com sua experiência de mundo visual. Ao analisar os dados, percebemos os sinais podem ser categorizados em cognitivos, emotivos, espaciais (direcionais e dimensionais), interativos ou de imagens, envolvendo vários processos metafóricos e metonímicos.

As formas de compreensão e de organização do conhecimento se dão com base em processos emotivos. Em nossas análises, verificamos que os sinais realizados na região peitoral estão ligados geralmente aos sentimentos, positivos ou negativos: AMOR, RAIVA, ANGÚSTIA. Já a região da cabeça, está vinculada aos sinais com caráter cognitivo: DIFÍCIL, NÃO-SABER, SEM-CONHECIMENTO, INTELIGENTE, etc.

Como em qualquer outra língua dos ouvintes, as metáforas de RECIPIENTE também são bastante representativas em LIBRAS. Enquanto recipientes, a CABEÇA e o CORPO têm limites, estabelecidos por dentro-fora e em cima-embaixo; conteúdo de várias naturezas ou falta de conteúdo; dimensão, dentre outras características, que permitem conceitualizar

metaforicamente movimentos ou ações diversas, tais como colocar ou retirar coisas desses recipientes, entrar, passar, ficar ou sair nesses/desses recipientes.

Vários conceitos são estruturados a partir dessas metáforas. Os sinais relacionados a aspectos cognitivos são realizados na região da cabeça, muito frequentemente na altura da testa, que é metonimicamente, a localização da mente/cérebro. Os sinais emotivos estruturam-se na região peitoral, com uma ou duas mãos, a depender da intensidade da emoção. Os sinais espaciais podem explorar, para mais ou para menos, o recipiente cabeça ou corpo, mas estão sempre em referência a esses recipientes, inclusive com a noção de contato. A metáfora MAIS É PARA CIMA / MENOS É PARA BAIXO e as demais a essa associadas, como BOM É PARA CIMA / RUIM É PARA BAIXO / FELIZ É PARA CIMA / TRISTE É PARA BAIXO, são usadas com frequência.

Os sinais interativos são realizados com as duas mãos, geralmente representando pelo menos duas pessoas. Finalmente, os sinais de imagem se estruturam a partir da metonímia PARTE PELO TODO e podem envolver ou não movimento. Um sinal pode envolver mais de uma categoria, além de fazer parte de conceito sócio-culturalmente construídos. Por exemplo, o conceito de BURRO (sem inteligência) é realizado na cabeça com a mão espalmada e configurada em B próximo da orelha, representando a orelha do animal burro.

De grande importância para o nosso trabalho é a realização do próprio conceito VIOLÊNCIA. Inicialmente, achamos que este sinal estaria na categoria dos sinais emotivos, principalmente por causa das emoções que seguem aos atos violentos. Entretanto, o sinal é realizado na cabeça, denotando um valor totalmente cognitivo. Ele poderia ter sido produzido também no espaço neutro à frente do corpo, no qual muitos sinais de contato físico e força são produzidos, como, por exemplo, bater e brigar. No entanto, a sinalização cognitiva é coerente com os resultados de nossa análise dos discursos dos sujeitos surdos. A tabela com a proposta de categorização dos sinais a partir do ponto de articulação pode ser conferida no Quadro 5.

PONTO DE ARTICULAÇÃO	CATEGORIA	CARACTERÍSTICAS INTENSIFICADORAS	EXEMPLOS DE SINAIS
Cabeça	Cognitivo	Movimentos rápidos	VIOLÊNCIA, MENTALIDADE, DIFÍCIL, CULPA, VINGANÇA, SEM-CONHECIMENTO, NÃO-SABER
Peito	Emotivo	Movimentos lentos	SENTIR, AMOR, RAIVA, ANGÚSTIA
Espaço Neutro* com 1 mão	Espacial	Movimentação normal	FUTURO
Espaço Neutro com 2 mãos	Espacial	Movimentos rápidos e/ou lentos	ESPALHAR, MAIOR, MAIS
Espaço Neutro com 2 mãos (acima)	Espacial	Movimentação normal	CÉU, MELHOR
Espaço Neutro com 2 mãos (abaixo)	Espacial	Movimentação rápida e brusca	INFERNO, PIOR, PROFUNDO
Espaço Neutro com 2 mãos	Interativo	Movimentos simultâneos e/ou bruscos	COMUNICAÇÃO, DISCUSSÃO, GUERRA, BRIGA, FAMÍLIA
Espaço Neutro com 1 mão	Datilológico	Sem intensificação	P-E-D-O-F-I-L-I-A

\***Espaço Neutro:** espaço utilizado pelo sujeito sinalizante em frente ao corpo para realização do sinal sem que haja contato com o mesmo.

#### **Quadro 5 – Categorização dos sinais a partir do ponto de articulação**

### **6.3. Sinalizando ações**

A partir de nossas análises e do grupo de discussão, os sujeitos surdos enumeraram ações que precisam ser acatadas pelo Estado e sociedade em geral. Para os surdos, pesquisas como esta servem de apoio para educar as pessoas a respeito da violência vivenciada por deficientes, bem como, demonstrar o que pode ser feito por uma variedade de agentes intervenientes, como, por exemplo, Governo e Prefeituras, provedores de serviços, sociedade civil e associações de pessoas com deficiência de modo geral, para acabar e/ou diminuir com a violência contra a pessoa surda, motivando agências que lidam com violência para que incluam a prevenção da violência contra os deficientes em seu trabalho, e de incentivarem as pessoas com deficiência para se protegerem contra os variados atos de violência. Eis as ações:

1. Quando quiser falar com uma pessoa Surda, se ela não estiver prestando atenção em você, acene para ela ou toque em seu braço levemente.

2. Há alguns surdos que são oralizados, por isso, fale de maneira clara e com tom de voz normal, pronunciando bem as palavras, mas sem exageros, ou seja, sem gritar.

3. Fale diretamente com a pessoa, nem de lado ou atrás dela. Sua boca necessita estar bem visível, para que a pessoa surda possa ler seus lábios.

4. Mantenha sempre um contato visual, isto é, face a face. Se você, por exemplo, virar para o lado, a pessoa surda pode achar que a conversa terminou.

5. Dirija-se sempre à pessoa surda, e não ao intérprete de LIBRAS.

6. Não hesite ou tenha medo de se comunicar com um surdo. Por meio de suas expressões faciais, gestos e movimentos corporais, a pessoa surda compreenderá o que você quer comunicar.

7. Caso você não entenda o que está sendo dito por um surdo, peça-o que repita o discurso. Se mesmo assim, você não conseguir entender, peça-o que escreva em papel. O importante é comunicar-se.

8. Se você não domina a língua de sinais e quer se comunicar com a pessoa surda através da escrita, lembre-se que a maioria dos surdos não domina o português escrito, por isso, escreva frases curtas de maneira clara e objetiva, sem utilizar vocabulário formal.

9. Em eventos, ou ocasiões que necessitem aplaudir os surdos, as palmas utilizadas pelos ouvintes de maneira audível, não fazem sentido. Deste modo, erga as mãos em sinal de elogio, para que assim elas percebam que

estão sendo prestigiados, afinal, para os surdos o mundo é percebido visualmente.

**10.** Ao planejar um evento, utilize os avisos visuais. Lembre-se: as informações são recebidas pelos surdos por meio da visão. Efeitos de iluminação atrapalham a compreensão. Por isso, tenha preferência por manter o local do evento bem iluminado.

**11.** Se for exibir um filme, providencie um *script* ou sinopse do filme, caso não haja legenda e/ou tradução simultânea feita por um intérprete de LIBRAS.

**12.** É preciso que os órgãos governamentais assegurem que as pessoas com deficiência auditiva possam preservar sua capacidade legal e sua liberdade. Em parceria com organizações de pessoas com deficiência e outras entidades baseadas na comunidade, eduquem pais, parceiros, setores governamentais, e escolas para que eles tratem respeitosamente as pessoas com deficiências e lhes ofereçam atendimento de qualidade quando seus serviços forem solicitados.

**13.** Treine comunidades sobre como incluir, e comunicar-se com, pessoas que tenham os mais diversos tipos de deficiência, a fim de evitar o isolamento das pessoas com surdez.

**14.** Faz-se necessário que as associações e entidades que trabalham com deficientes desenvolvam serviços de defensoria, informação e apoio para os sujeitos surdos que tenham experienciado qualquer tipo de violência.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, investigamos o modo como os surdos de Fortaleza conceitualizam e categorizam VIOLÊNCIA, bem como, de que maneira este conceito estrutura-se em termos de Modelos Cognitivos Idealizados. Tomamos como base as perspectivas da Semântica Cognitiva, Mente Corpórea e os Modelos Cognitivos Idealizados (MCIs), que tratam questões de mapeamentos, projeções metafóricas e metonímicas, como também, os esquemas de imagens. As análises foram feitas a partir do aporte teórico dos MCIs desenvolvido por Lakoff (1987) em seus estudos acerca da Linguística Cognitiva.

Partimos do pressuposto de que a violência é um fenômeno presente em todo o mundo, o qual tem vitimado diversos cidadãos, surdos e ouvintes. Por pertencerem a uma comunidade específica, os sujeitos surdos apresentam parâmetros de valores culturais diferenciados da população majoritária ouvinte, afinal, a pessoa com deficiência auditiva está alicerçada em sua cultura, ou seja, uma cultura surda. Isso nos leva a crer que o indivíduo conceitualiza e categoriza as coisas no mundo de acordo com sua experiência.

Para entendermos a conceitualização de violência pelos sujeitos surdos pautada em sinais recorrentes utilizados por tais sujeitos no processo de construção do MCI de VIOLÊNCIA FAMILIAR e VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL, partimos de um pressuposto comum, ou seja, o MCI de VIOLÊNCIA geral, cujos elementos podem ser organizados pelo seguinte cenário: agente, paciente, ação, instrumento, danos e pano de fundo. Estes elementos foram cruciais para determinarmos quais MCIs foram rompidos culturalmente.

Com esta pesquisa, cujo *corpus* se constituiu de entrevistas em língua de sinais de seis sujeitos surdos, chegamos às seguintes considerações relevantes:

1. Para a comunidade surda, a VIOLÊNCIA FÍSICA não corresponde ao conceito mais prototípico de VIOLÊNCIA, pois de acordo com a categorização dos sinais, o sinal para VIOLÊNCIA e demais atos violentos está relacionado a processos mentais e a danos emotivos;
2. Para a comunidade surda, o sinal para VIOLÊNCIA está pautado nas experiências vivenciadas e marcadas, principalmente, pelo preconceito e pela falta de acessibilidade lingüística em nosso meio, isto é, a ausência do diálogo em língua de sinais no seio familiar e na sociedade de modo geral;
3. O Estado tem sido negligente, com uma educação inadequada e sem acessibilidade, pautada na exclusão; despreparo dos profissionais; desrespeito às leis e direitos dos cidadãos surdos, bem como, ausência de políticas públicas, como bem caracterizam o MCI de VIOLÊNCIA INSTITUCIONAL;
4. Diversas manifestações lingüísticas se encontram entrelaçadas na língua de sinais, de forma que nas análises dos discursos sinalizados pelos sujeitos surdos, foi possível identificarmos processos metafóricos e metonímicos subjacentes na linguagem gestual;
5. A mesma complexidade metafórica das línguas orais pode ser também encontrada na língua de sinais. Deste modo, não há como falar em qualquer tipo de falta em relação ao processo cognitivo de conceitualizações que os sujeitos surdos fazem acerca de VIOLÊNCIA. Em primeiro lugar, a coerência das metáforas encontradas aponta para uma conceitualização bastante similar à utilizada pelos falantes da língua portuguesa;

6. Com bastante freqüência os sinais acompanhados pela categoria VIOLÊNCIA apresentam postura tensa e com movimentos de mãos fortes, bruscos, rápidos e agressivos, sempre voltados para frente, além de punhos fechados ou em outras configurações mais fechadas e orientadas para um alvo;
7. Partindo de uma análise de conceitos mais genéricos, esboçamos um MCI de VIOLÊNCIA FAMILIAR, que pressupõe a violação de um ou mais elementos do MCI de FAMÍLIA: vínculo afetivo, convivência harmoniosa, instrução, apoio financeiro e material, diálogo, autoridade e proteção afetivo-emocional;
8. A LIBRAS parece apresentar uma certa sistematicidade na forma de estruturar os sinais baseados em experiências corpóreas dos sujeitos surdos. Nesse sentido, com relação ao ponto de articulação, os sinais podem ser categorizados em cognitivos, emotivos, espaciais (direcionais e dimensionais), interativos, de imagem e datilológicos, envolvendo vários processos metafóricos e metonímicos;

Neste trabalho, buscamos maximizar a compreensão íntima dos sinais, sua realização pragmática no mundo por meio da atividade cognitiva do surdo, aprimorando e contribuindo, assim, com as pesquisas em língua de sinais, bem como, apresentando uma nova visão para as análises dos discursos sinalizados que valoriza as competências cognitivas e lingüísticas do sujeito surdo.

A violência contra surdos é parte da questão maior que envolve a violência contra pessoas com deficiência em geral, não necessariamente a violência cometida com força física, mas principalmente, por meio da discriminação e ausência de acessibilidade lingüística. A violência pode incluir omissões, tais como negligência deliberada ou falta de respeito, assim como

excessos que machucam a integridade do corpo e/ou da mente de uma pessoa. A negação em si dos direitos humanos da pessoa com deficiência resulta na experiência da fraqueza.

A falta de comunicação, tão denunciada por nossos entrevistados surdos, em formatos acessíveis torna mais difícil para as pessoas com deficiência auditiva a obtenção de informações sobre serviços disponíveis, tornando mais difícil ainda, a comunicação em escolas e outros serviços que possam estar disponíveis para intervir no interesse delas. Além do mais, profissionais de serviços não possuem habilidades ou recursos – tais como, interpretação em língua de sinais e materiais em braille – para se comunicar com indivíduos que tenham deficiência auditiva ou visual.

A violência institucional, encontrada com bastante frequência em nossas análises, demonstra o quanto os surdos estão insatisfeitos com os serviços oferecidos a eles pelo Estado e demais instituições, principalmente na área da Educação, na qual o sujeito surdo se sente deslocado pela ausência do intérprete de LIBRAS em sala de aula. O Estado tem o dever de garantir os direitos dos cidadãos surdos de viverem em um mundo sem violência e opressão, a fim de se buscar a diminuição da desigualdade e da violência em si.

Esperamos que a valorização da língua de sinais e da subjetividade dos sujeitos surdos esteja refletida no percurso de elaboração desta pesquisa, pois esta representa um ponto de partida, do qual outras pesquisas poderão aparecer no sentido de expandir, validar ou refutar os posicionamentos acerca dos atos de violência, os quais tanto sujeitos surdos quanto ouvintes, estão envolvidos.

Assim, inferimos que para a garantia da igualdade não basta a proibição da ação discriminatória, mas primordialmente, que haja implementação de políticas públicas capazes de incentivar a inclusão social e acessibilidade lingüística dos grupos reconhecidos como minorias e

vulneráveis. Este contexto violento requer, sim, a intervenção do Estado, por meio de ações afirmativas capazes de reduzir a violência enfrentada pela comunidade surda de Fortaleza. Desse modo, o modelo cognitivo-cultural investigado em nosso trabalho merece desdobramentos posteriores para uma melhor compreensão das conclusões aqui apresentadas.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVAY, M.; RUA, M.G. **Violências nas escolas**. 2ª ed. Brasília: UNESCO, 2002.

AGUIAR, M. **Como vencer a violência**. São Paulo: Editora Vida, 2004.

ALMEIDA, E.O.C. **Coesão textual na escrita de um grupo de adultos surdos usuários da língua de sinais brasileira**. Tese de Doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, SP, 2003.

ALMEIDA, M.E.B. Educação, ambientes virtuais e interatividade. In: SILVA, M. (Org.) **Educação online: teorias, práticas, legislação, formação corporativa**. São Paulo: Loyola, 2003.

ALVES, L.B.M. **O reconhecimento legal do conceito moderno de família: o artigo 5º, II, parágrafo único, da lei nº 11.340/2006 (Lei Maria da Penha)**. Revista Brasileira de Direito de Família. Porto Alegre, nº. 39, ano VIII, dez/jan 2007.

AMARAL, L. **Sociedade x deficiência**. Integração. Brasília, nº 9. Abr/jun. 1992.

AMARILAN, M. L. T.; PINTO, E. B.; GHIARDI, M. I. G. Conceituando deficiência. **Revista de Saúde Pública**, 2000.

AMERICAN Academy of Pediatrics, Assessment of Maltreatment of Children with Disabilities. **Pediatrics** 2001; 108 (2).

ANDRADE, A. N. **Vozes do silêncio: juízos morais de jovens e adultos surdos sobre situações de humilhação**. Dissertação de Mestrado em Psicologia da Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2006.

ARENDDT, H. **Sobre a violência**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

ARMSTRON, D. **Signing metaphorically: sign language studies**. Cambridge: Cambridge University Press, 2002.

ARRUDA, E. C. **Lingüística, educação e surdez**. GELES (Grupo de Estudos Lingüístico-Educacional sobre Surdez do Ceará). Fortaleza: Conhecimento, 2003.

BAIERL, L. **Medo Social: da violência visível ao invisível da violência**. São Paulo, Cortez, 2004.

BASTOS, O. A vulnerabilidade da pessoa deficiente em face da violência doméstica. In: LIMA, F. R.; SANTOS, C. (Org). **Violência Doméstica**. Rio de Janeiro: Editora Lumen Juris, 2010.

BECKHAUSER, L. **Conceitos de Família**, 2005. Fonte: <http://www.recantodasletras.com.br/artigos/489985>. Acesso em 28/07/2011.

BERNARDINO, E. L. **Absurdo ou lógica?: os surdos e sua produção lingüística**. Belo Horizonte: Profetizando Vida, 2000.

BISOL, C. A. **Adolescer no contexto da surdez: questões sobre a sexualidade**. Tese de Doutorado em Psicologia do Desenvolvimento da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008.

BORTONI-RICARDO, S.M.; MAGALHÃES, M.I.S. O fator cultural na compreensão da leitura. In: COUTO, H. (Org.). **Ensaio de lingüística aplicada ao português**. Brasília: Theasaurus, 1981.

BOTELHO, Paula Botelho. **Linguagem e letramento na educação dos surdos: ideologias e práticas pedagógicas**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

BRIER, S. The usefulness of cybersemiotics in dealing with problems of knowledge organization and document mediating systems. **Cybernetica**, vol. XXXIX, nº 4, 1996.

BRITO, L. F. **Por uma gramática de língua de sinais**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. L. **DEIT-LIBRAS: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas**. São Paulo: EDUSP, 2010.

CHAUÍ, Marilena. **Ética e Violência, Colóquio e Interlocuções**. Londrina: Plexus, 1998.

COLLARES, E. M. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 2009.

Convenção Interamericana para a eliminação de todas as formas de discriminação contra as pessoas portadoras de deficiência. **Convenção da Guatemala de 28 de maio de 1999**. Fonte: [http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/deficiencia/Convencao\\_da\\_Guatemala.pdf](http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/upload/saude/arquivos/deficiencia/Convencao_da_Guatemala.pdf). Acesso em 22/07/2011.

COUTINHO, D. **LIBRAS e língua portuguesa (semelhanças e diferenças)**. Volume II. João Pessoa: Arpoador, 2000.

CRUZ, A. Evidências sobre violência e deficiência: implicações para futuras pesquisas. **Revista Brasileira de Educação Especial**. Vol.13 nº.1 Marília Jan./Apr. 2007.

DAHLBERG, I. **Knowledge Organization**. 2006. Disponível em: [http://www.db.dk/bh/Lifeboat\\_KO/CONCEPTS/knowledge\\_organization\\_Dahlberg.htm](http://www.db.dk/bh/Lifeboat_KO/CONCEPTS/knowledge_organization_Dahlberg.htm). Acesso em 12/05/2011.

DANESI, M.C. Direitos humanos relacionados à língua e à cultura da comunidade surda: aspectos éticos. In: LIMA, O.G. **Ciência em Movimento**. Ano X, Nº 19, 2008/1.

DICIONÁRIO AURÉLIO [online] Disponível em: <http://www.dicionariodoaurelio.com/dicionario.php?P=Violencia>. Rio de Janeiro: Editora Positivo, 2008. Acesso em: 23/03/2010.

DICIONÁRIO HOUAISS [online] Disponível em: <http://www.serasaexperian.com.br/guiacontraviolencia/violencia.htm> Rio de Janeiro: Editora Objetiva, 2001. Acesso em: 23/03/2010.

DICIONÁRIO MICHAELIS [online] Disponível em: <http://michaelis.uol.com.br/moderno/portugues/index.php?lingua=portugues-portugues&palavra=viol%EAncia>. Rio de Janeiro: Editora Melhoramentos Ltda, 2009. Acesso em: 23/03/2010.

DONATI, P.; SCABINI, E. (Orgs.). **Nuovo lessico familiare**. Milano: Vita e Pensiero, 1995.

EIGUER, A. **A transmissão do psiquismo entre gerações**: enfoque em terapia familiar psicanalítica. São Paulo: Unimarco Editora, 1998.

FARIA, S.P. **Cultura surda e cidadania brasileira**. 2002 (artigo manuscrito).

\_\_\_\_\_. **A metáfora na LSB e a construção dos sentidos no desenvolvimento da competência comunicativa de alunos surdos**. Dissertação de Mestrado da Universidade de Brasília. Brasília, 2003.

\_\_\_\_\_. Metáfora na LSB: debaixo dos panos ou a um palmo de nosso nariz? In: QUADROS, R. M. (org). **Estudos Surdos II**. Campinas: Arara Azul, 2006.

FARIAS, E.M.P. Cognição, metáfora e ensino. In: MACEDO, A. C. P. et al.(Ed) **Cognição e Linguística**: explorando territórios, mapeamentos e percursos. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Porto Alegre, RS: EdiPUCRS, 2008.

FARIAS, E.M.P.; MARCUSCHI, L.A. A linguagem e o pensamento metafóricos. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi de/ BUSSONS, A.F. (Orgs.). **Faces da metáfora**. 1ª ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

FAUCONNIER G. **Mental Spaces**: Aspects of Meaning Construction in Natural Language. Cambridge: Cambridge University Press, 1994.

FELIPE, T. A. **Introdução à gramática da libras**. Rio de Janeiro: Conhecimento, 1988.

FELTES, H.P.M. **Semântica Cognitiva**: ilhas, pontes e teias. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

FENEIS. **A história da comunidade surda**. Disponível em: <http://www.feneis.org.br>. Acesso em: 15/02/2010.

FERRARI, D. C.; VECINA, T. C. C. **O fim do silêncio na violência familiar**: teoria e prática. São Paulo: Agora, 2001.

FERNANDES, C. de O. **Fracasso escolar e escola em ciclos**: tecendo relações históricas, políticas e sociais. Rio de Janeiro: Plexus, 2005.

FERNANDEZ, E.S. **Sobre la metáfora**. Dissertação de Mestrado da Universidad de Valladolid, Espanha, 2006.

FORCEVILLE, C. **Further thoughts on delimiting pictorial metaphor**. Cambridge: Cambridge University Press, 1996.

FRESHE, M.P. **A criança surda e sua musicalidade através da metáfora**. São Paulo: USP, 2002.

GALTUNG, J. Cultural Violence. **Journal of Peace Research** 27. Published by Sage Publications Ltd., 1990.

GEERAERTS, D.; CUYCKENS, H. (Eds.) **The Oxford handbook of Cognitive Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 2007.

GIBBS, R. J. **Embodiement and cognitive science**. New York: Cambridge University Press, 2006.

GIBERTI, E.F.; A.M. **La Mujer y La Violencia Invisible**. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998.

GOLDFELD, M. **A criança surda**: linguagem e cognição numa perspectiva sócio-interacionista. São Paulo: Plexus, 2002.

GRADY, J. E. **Foundations of Meaning**: primary metaphors and primary scenes. Unpublished Phd. Dissertation. University of California. Berkeley, 1997.

GRUSHKIN, D.A. **Linguistic aspects of metaphorical expressions of anger in ASL**. Cambridge University Press, 1998.

IBGE. Censo de 2000. **Estatística da pessoa com deficiência no Ceará**. Fonte: <http://www.inclusaoediversidade.com/2009/11/estatistica-da-pessoacom-deficiencia.html>. Acesso em 12/06/2011.

IMBUSCH, P. The Concept of Violence. In: HEITMEYER, W.; HAGAN, J. (Ed.). **International handbook of violence research**. Netherlands: Kluwer Academic Publishers, 2003.

JACOB, E.K.; Shaw, D. Sociocognitive perspectives on representation. In: M.E. Williams. **Annual Review of Information Science and Technology**, v.33. Medford, NJ: Information Today for the American Society for Information Science, 1998.

JOHNSON, M. **The Body in the Mind**: The bodily basis of meaning, imagination and reason. Chicago, USA: Cambridge University Press, 1987.

KOVECSES, Z. **Metaphor**: a practical introduction. Cambridge: Oxford University Press, 2002.

LAKOFF, G.; JOHNSON, M. **Metaphors we live by**. Chicago: The University of Chicago Press, 1980.

\_\_\_\_\_. **Philosophy in the flesh**: the embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, G. **Women Fire and Dangerous Things**. Chicago e Londres: The University of Chicago Press, 1987.

LALANDE, E. **Culture and communication**. Cambridge: Cambridge University Press, 1962.

LEWIS, C. D. **The poetic image**. Cambridge: Cambridge University Press, 1970.

LIMA, A. **Metáfora e cognição**. Recife: UFPE, 2006.

LIMA, P. L. C. Metáfora e Linguagem. In: FELTES, H.P.M. (Org.). **Produção de Sentido**: Estudos Transdisciplinares. 1ª ed. São Paulo: Porto Alegre; Caxias Sul: Annablume; Nova Prova; Educs, 2003, v. 1.

LIMA, P.M.F. **Violência contra a mulher**. São Paulo: Editora Atlas, 2009  
 LOPES, A.R. A estabilidade do currículo disciplinar: o caso das ciências. In: LOPES, A.C.; MACEDO, E. (orgs). **Disciplinas e integração curricular**: Histórias e políticas. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1998.

LOURO, G.L. **Gênero, Sexualidade e Educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Rio de Janeiro: Vozes, 1997.

LUFT, L. **A riqueza da alma**. Rio de Janeiro: Record, 2011.

MACEDO, A. C. P. Paradigmas cognitivos, lingüística cognitiva e metáfora conceitual. In: MACEDO, Ana Cristina Pelosi; BUSSONS, A.F. (Orgs.). **Faces da metáfora**. 1ª ed. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2006.

MACEDO, A. C. P. Cognição e lingüística. In: MACEDO, A.C.P.; FELTES, H.P.M.; FARIAS, E.M.P. (Orgs.). **Cognição e Metáfora**. Porto Alegre: Edipucrs, 2008.

MACEDO, A. C. P. S. **Metáfora, empatia e a constante ameaça de violência urbana no Brasil**. Projeto de Pesquisa Científica na Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

MARTINEZ, C.I. **Los sistemas y las auditorías de gestión integral**. Serie de documentos em economia y violencia. Centro de investigaciones em violencia, instituciones y desarrollo económico. México: Vide, 2008.

MELO, M. TELES, M. A. D. **O que é violência contra a mulher**. São Paulo: Ed. Brasiliense, 2002.

MINAYO, M.C.; SOUZA, C. (org.) **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade**. Petrópolis: VOZES, 1999.

MINUCHIN, S. **Famílias: Funcionamento & Tratamento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1990.

MONTENEGRO, M.S. **O uso do gênero multimodal (anúncio publicitário) no ensino-aprendizagem de leitura em L2 para surdos: por uma proposta bilíngue**. Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2010.

MULLER, J. **O princípio da não-violência**. São Paulo: Palas Athena, 2007.

NETO, C.; MOREIRA, J. P. **A Concretização de Políticas Públicas em Direção à Prevenção da Violência Estrutural**. Rio de Janeiro: Plexus, 1999.

NOVAES, E. C. **Surdos: educação, direito e cidadania**. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2010.

ODALIA, N. **O que é violência**. 3ª Ed. São Paulo: Brasiliense, 2004.

OLIVEIRA, A.S. Violência na sala de aula. **Pensar a Prática**. Vol. 12, Nº 3. São Paulo: Plexus, 2009.

OLIVEIRA, N.C. **Ouvindo a Deus através do ministério com Surdos**. Monografia em Teologia no Seminário Teológico Batista do Ceará. Fortaleza, 2007.

OMOTE, S. Deficiência e não deficiência: recortes do mesmo tecido. **Revista Brasileira de Educação Especial**. v. 2, n.1, p. 65-74, 1994.

OMS. **Tipologias e naturezas da violência.** Fonte: [http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/visualizar\\_texto.cfm?idtxt=31079&janela=1](http://portal.saude.gov.br/portal/saude/profissional/visualizar_texto.cfm?idtxt=31079&janela=1). Acesso em 12/06/2011

PERLIN, G. Identidades Surdas. In: SKLIAR, C. (org.) **Um Olhar sobre as Diferenças.** Porto Alegre: Mediação, 1998.

PESSOTI, A. **Sobre a gênese e evolução do conceito de deficiência mental.** Rio de Janeiro: Conhecimento, 1981.

PINTO, J.P. **Estilizações de gênero em discurso sobre a linguagem.** Tese de Doutorado da Universidade de Campinas, 2002.

POTRINI, N. M. O. **Cuidando para manter o mundo da família amparado: a experiência da família rural frente ao câncer.** Tese de Doutorado da Escola de Enfermagem na Universidade de São Paulo, 2009.

QUADROS, R. M. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa.** Brasília: MEC, SEESP, 2002.

QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos lingüísticos.** Porto Alegre: Artmed, 2004.

READ, H. **The True Voice of Feeling.** Cambridge: Cambridge University Press, 1952.

REDDY, M. The conduit metaphor: a case of frame conflict in our language about language. In ORTONY, A. (Org.) **Metaphor and thought.** 2 ed. Cambridge: Cambridge University Press, 1993.

REIS, V. P. F. **A criança surda e seu mundo: o estado-da-arte, as políticas e as intervenções necessárias.** Dissertação de Mestrado da Universidade Federal do Espírito Santo, 1992.

RICOTTA, L. **Quem grita perde a razão.** Rio de Janeiro: Summus, 2002

SÁ, N. R. L. de. **Educação de surdos: a caminho do bilingüismo.** Niterói: EDUFF, 1999.

SACRISTÁN, J. G. **A Construção do discurso sobre a diversidade e suas práticas.** Rio de Janeiro: Artmed, 2002.

SANCHEZ, C. **La Increible y Triste Historia da Surdez.** Caracas: Ceprosod, 1991.

SANTOS, C. **Violência doméstica.** Rio de Janeiro: Editora Juris, 2010.

SARAIVA, A.M. Cognição e categorização: uma revisão teórica. In: MACEDO, A. C. P. S. et al.(Ed) **Cognição e Linguística: explorando territórios,**

mapeamentos e percursos. Caxias do Sul, RS: EDUCS; Porto Alegre, RS: EdiPUCRS, 2008.

SEARLE, J. **Mente, cérebro e ciência**. Trad. de Artur Mourão. Lisboa: Edições, 1979.

SILVA, A. C.; NEMBRI, A. G. **Ouvindo o silêncio**: surdez, linguagem e educação. Porto Alegre: Mediação, 2008

SILVA, M.P.M. **Identidade e surdez**: o trabalho de uma professora surda com alunos ouvintes. São Paulo: Plexus Editora, 2009.

SKLIAR, Carlos. **Atualidade da educação bilíngüe para surdos**: processos e projetos pedagógicos. Porto Alegre: Mediação, 1999.

\_\_\_\_\_. **Um Olhar sobre as Diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SOUZA, A.N. **Surdos brasileiros escrevendo em inglês**: uma experiência com o ensino comunicativo de línguas. Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2008.

SSPDS. **Violência contra a pessoa com deficiência no Estado do Ceará**. 2009.

STRNADOVÁ, V. **Como é ser surdo**. Petrópolis: Babel Editora, 2000.

STROBEL, K.L. **As imagens do outro sobre a cultura surda**. Florianópolis: Editora UFSC, 2008.

STOKOE, W. **Sign language structure**: An outline of the visual communication systems of the American deaf. Buffalo: Dept. of Anthropology and Linguistics, University of Buffalo, 1960.

TAUB, S. **Language from de body**: iconicity and metaphor in American Sign Language. Cambridge: Cambridge University Press, 2001.

TEIXEIRA, L. A.P. **A polidez nas conversas das pessoas esquizofrências**: figuratividade, estratégias e faces. Tese de Doutorado da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2011.

VARELA, F.; THOMPSON, E. ROSCH, E. **The embodied mind**: cognitive science and human experience. Cambridge: The MIT Press, 1991.

VERGAMINI, S.A.A. **Mãos fazendo história**. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2003.

VIEIRA, P.A. **O uso dos gêneros quadrinhos e tirinhas no ensino de leitura em português como segunda língua**: por uma abordagem bilíngüe para os

surdos. Dissertação de Mestrado da Universidade Estadual do Ceará. Fortaleza, 2009.

WARREN, E. J. M. **The country diary book of creating a butterfly garden.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

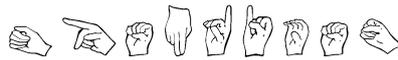
WILBUR, R.B. The use of ASL to support the development of English and literacy. **Journal of Deaf Studies and Deaf Education.** V 5. Cambridge: Cambridge University Press, 2000.

WILCOX, P.P. **Metaphor in American sign language.** Washignton: Gallaudet University Press, 2001.

WIESER, H. P. **A produção discursiva da moral no gênero fofoca** [manuscrito]: elementos para uma descrição micro e macrossocial da conversação cotidiana. 2009. Tese de Doutorado da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, 2009.

YANCEY, P. **Decepcionado com Deus:** três perguntas que ninguém ousa fazer. São Paulo: Mundo Cristão, 2004.

## APÊNDICES



## APÊNDICE 1

### Exemplo de Sinais e Significados no novo Deit-Libras

Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras), baseado em linguística e neurociências cognitivas. Contém sinais referentes a diversas categorias, tais como VIOLÊNCIA e BRUTO.



#### 31. Preocupações sociais, violência e drogas:

**Preocupações sociais:** educação; demissão; demissão (em massa); desemprego; drogas; emprego; fome; furto; habitação; meretrício; moradia; perigo; prostituição; quadrilha (ladrão); roubo; saúde; segurança; serviço; suborno; trabalho; tráfico; vandalismo; vício; violência.

**Violência:** açoitada; açoite; ameaça; aniquilação; ataque; bofetada; briga (com contato físico); chicotada; chute; coação; combate; cotovelada; destruição; detonação; duelo; esfaquear; esfolar; esfolar-se; esganar; espancamento; estouro; estupro; exclusão (segregação); explosão; facada; fúria; furto; gangue; guerra; incêndio; insulto; luta; machucadura; murro; ofensa (ofender alguém); ofensa (ser ofendido); pancada; pancada (contusão, lesão); pancada (soco); paulada; pontapé; pressão (coação); provocação; punhalada; rebelião (de presídio); receber acusação; receber arranhão; receber bofetão; receber ofensa; revanche; revolução; roubo; ser acusado; ser arranhado; ser esbofetado; ser ofendido; ser xingado; soco; sopapo; surra; tapa; tiro; transgressão; vingança; violência; xingamento.

**Armas e instrumentos:** algemas; arco e flecha; arma de fogo (revólver); bomba; canhão; chicote; escopeta; escudo; espada; espingarda; fuzil; granada; lâmina (estilete); lâmina (navalha); metralhadora; míssil; navalha; pistola; revólver; rifle; torpedo (explosivo); viatura; zarabatana.

**Características de quem comete atos violentos:** assaltante; bruto; doido; doente; estúpido; furioso; grosseiro (bruto); insano; irado; louco; má; mau; perigoso; perverso; rebelde; rival; rude; sacana; safado; vadio (vagabundo); vagabundo; valente; violento (bruto); vulgar.

**Conseqüências pessoais e sociais:** acuado; ameaça; analfabeto; agressivo; angústia; angustiado; ansiedade (agitação); ansiedade (angústia); ansioso (agitação); ansioso (angústia); apavorado; apavorador; assustado; aversão; boquiaberto; brutal; comodismo; conflito; conflituoso; constrangido; defesa; delírio; demissão; demissão (em massa); demitido; depressão; deprimido; derrota (perder); desconfiança; desempregado; desemprego; desistência; desonestidade; desonesto; despedido; discriminação; doença; doente; encrenca; envergonhado; esfomeado; faminto; favela; favelado; fome; humilhação; ignorância; ignorante; iletrado; impaciência; impaciente; inculto; indiferença (a uma pessoa ou coisa específica); indiferença (a várias pessoas ou coisas em geral); indiferente (a uma pessoa ou coisa

específica); indiferente (a várias pessoas ou coisas em geral); integridade; íntegro; irritação; irritado; largado (jogado pelos cantos); largado (rejeitado, abandonado); ligação (junção); ligação (vínculo); limite (estar no limite); medo; medroso; mendigo; mentira; necessidade; negligência; negligente; ofendido; ofensa; paciência; paciente; pavor; pedir esmola; pileque; pobre; preconceito; prejuízo (financeiro); preocupação; preocupado; problema; protesto; receio; receoso; responsabilidade; responsável; revanche; revoltado; segregação; sobressaltado; sofrimento; sofrimento (intenso); solidão; surpresa; suspeito; suspeita; susto; teimosia; teimoso; temor; triste; tristeza; valente; vandalismo; vândalo; vergonha; violentado; vontade; vontade (muita vontade); união.

**Drogas:** bebida; cigarro; cocaína; drogas; fumo; haxixe; heroína; injetável; lança-perfume; maconha; maço de cigarro.

**Características de quem usa drogas:** acostumado; alcoolizado; bêbado; embriagado; estragado (prejudicial); fumante; furioso; habituado; inebriado; viciado.

**Consequências do uso:** asma; bronquite; câncer; catarro; confusão (mental); costume; dano; depressão; doença; dor; insanidade mental; loucura; morte; palpitação; perigo; prejudicial; taquicardia; tontura; tosse; vertigem; vício; vírus; vômito.

**Palavras relacionadas:** à força; acabou! (basta!); ainda; antes; acalme-se!; aos poucos; basta! (chega!); basta de vez!; calma! (pedir calma); chega! (basta!); chega! (basta de vez!); coisas; cometi um erro!; contra (ser contra, não ser a favor); cuidado!; cuide-se!; de novo; devido a; diariamente; estou fora!; ignorância; indiferença (uma pessoa ou coisa específica); indiferença (a várias pessoas ou coisas em geral); mais (repetição); muitas vezes; muito (quantidade, magnitude); nada; não prestar; não querer; não ter; não ter jeito; negligência; nunca; nunca mais; objeto; oposto; outra vez; outro; para que; pare!; por causa de; por si mesmo; por si próprio; que aconteceu?; quem?; segurança (situação fora de perigo); ser enganado; ser ludibriado; sem; sem (não ter); sem (sem nenhum); sempre; toda manhã; toda tarde; toda vez (frequência); todo dia; tudo; várias vezes; vários.

**Verbos referentes a problemas sociais, violência e drogas:** açoitar; acostumar; acostumar-se; acuar; acusar; acusar-me; adoecer; agredir; alcoolizar-se; ameaçar; aniquilar; aniquilar-se; apelidar; apoderar-se; apreender; aprisionar; aproveitar-se (abusar); apunhalar; arranhar; arranhar (esfolar); arrombar; arruinar (deteriorar); assaltar; assassinar (com punhal ou faca); assustar; assustar-se; atacar; atacar-se; atirar (com a espingarda); atirar (com o revólver); atirar (lançar objetos); atropelar; beber; bombardear; brigar (com contato físico); cachimbar; caçoar; caluniar; chacotear (zombar); cheirar cocaína; chicotear; chutar; coagir; combater; combater (extinguir); compelir (obrigar, forçar); constranger (obrigar); crer; cutucar; debochar; decapitar; dedurar; deduzir; defender; defender-se; degolar; demitir; demitir (em massa); demitir-me; depreciar; derrotar; derrotar-me; derrubar (desbancar); desarmar (desmontar); desbancar; desconfiar; desistir (estou fora!); desistir; desistir (estou fora!); desmontar; despedir (em massa); despedir-me (ser despedido); destruir; detonar; detratar; difamar; discriminar; disparar (com espingarda); disparar (com revólver); distribuir (esmola, gorjeta); dominar; embriagar-se; encarar (inimigos); encarar-se (inimigos); encarcerar; enforcar; enfrentar; enganar; enganar-me; entrar à força (arrombar); envenenar; envergonhar; envergonhar-se; esbofetear; esbofetear-me; escandalizar; escapar; esmagar; esmolar; esmurra; espancar; esperar; espremer (esmagar); estender-se (alastrar-se); estourar; estrangular; estuprar; exterminar; extinguir; evadir-se; excluir; explodir; expulsar; ferir; ferir-se; fingir; forçar; forçar (arrombar); fumar; furtar; fuzilar; golpear (esmurra); gozar (zombar, debochar); guerrear; habituar; habituar-se; humilhar; implorar a Deus (suplicar); incendiar; incomodar; inebriar-se; injetar; insultar; invadir (entrar à força); invadir (países); invadir (um país); lutar; machucar; machucar-se; maltratar; matar (assassinar); mendigar; mentir; morrer; mutilar, mutilar-se; negligenciar; obrigar (forçar); ofender; ofender-me; oprimir; parar (abandonar hábito); pedir (esmola); pendurar (não pagar); perseguir; prejudicar; prejudicar-se; prender; preocupar; preocupar-se; protestar; provocar; raptar; reagir; rebentar; recuar; revistar; roubar; sacanear; socar; socorrer; sofrer; soltar; subornar; sufocar; sufocar (bloquear respiração); sufocar (estrangular); sufocar-se; suprimir (cancelar); surrar; suspeitar; temer; titubear (hesitar); tragar; ultrajar; unir; usurpar (extorquir); vaiar; viciar-se; vingar; vingar-se; xingar; xingar-me.

## APÊNDICE 2

**Lei Nº 10.436, de 24 de Abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) e dá outras providências.**



**Presidência da República  
Casa Civil  
Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA** Faço saber que o Congresso Nacional decreta e eu sanciono a seguinte Lei:

Art. 1º É reconhecida como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais - Libras e outros recursos de expressão a ela associados.

Parágrafo único. Entende-se como Língua Brasileira de Sinais - Libras a forma de comunicação e expressão, em que o sistema lingüístico de natureza visual-motora, com estrutura gramatical própria, constituem um sistema lingüístico de transmissão de idéias e fatos, oriundos de comunidades de pessoas surdas do Brasil.

Art. 2º Deve ser garantido, por parte do poder público em geral e empresas concessionárias de serviços públicos, formas institucionalizadas de apoiar o uso e difusão da Língua Brasileira de Sinais - Libras como meio de comunicação objetiva e de utilização corrente das comunidades surdas do Brasil.

Art. 3º As instituições públicas e empresas concessionárias de serviços públicos de assistência à saúde devem garantir atendimento e tratamento adequado aos portadores de deficiência auditiva, de acordo com as normas legais em vigor.

Art. 4º O sistema educacional federal e os sistemas educacionais estaduais, municipais e do Distrito Federal devem garantir a inclusão nos cursos de formação de Educação Especial, de Fonoaudiologia e de Magistério, em seus níveis médio e superior, do ensino da Língua Brasileira de Sinais - Libras, como parte integrante dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs, conforme legislação vigente.

Parágrafo único. A Língua Brasileira de Sinais - Libras não poderá substituir a modalidade escrita da língua portuguesa.

Art. 5º Esta Lei entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 24 de abril de 2002; 181º da Independência e 114º da República.

FERNANDO HENRIQUE CARDOSO  
*Paulo Renato Souza*

**Este texto não substitui o publicado no D.O.U. de 25.4.2002**

## APÊNDICE 3

**Decreto Nº 5.626, de 22 de Dezembro de 2005, que regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, que dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais - Libras, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.**



### **Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos**

**O PRESIDENTE DA REPÚBLICA**, no uso das atribuições que lhe confere o art. 84, inciso IV, da Constituição, e tendo em vista o disposto na Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e no art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000,

**DECRETA:**

#### CAPÍTULO I

#### DAS DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

Art. 1º Este Decreto regulamenta a Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002, e o art. 18 da Lei nº 10.098, de 19 de dezembro de 2000.

Art. 2º Para os fins deste Decreto, considera-se pessoa surda aquela que, por ter perda auditiva, compreende e interage com o mundo por meio de experiências visuais, manifestando sua cultura principalmente pelo uso da Língua Brasileira de Sinais - Libras.

Parágrafo único. Considera-se deficiência auditiva a perda bilateral, parcial ou total, de quarenta e um decibéis (dB) ou mais, aferida por audiograma nas frequências de 500Hz, 1.000Hz, 2.000Hz e 3.000Hz.

#### CAPÍTULO II

#### DA INCLUSÃO DA LIBRAS COMO DISCIPLINA CURRICULAR

Art. 3º A Libras deve ser inserida como disciplina curricular obrigatória nos cursos de formação de professores para o exercício do magistério, em nível médio e superior, e nos cursos de Fonoaudiologia, de instituições de ensino, públicas e privadas, do sistema federal de ensino e dos sistemas de ensino dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios.

§ 1º Todos os cursos de licenciatura, nas diferentes áreas do conhecimento, o curso normal de nível médio, o curso normal superior, o curso de Pedagogia e o curso de Educação Especial são considerados cursos de formação de professores e profissionais da educação para o exercício do magistério.

§ 2º A Libras constituir-se-á em disciplina curricular optativa nos demais cursos de educação superior e na educação profissional, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

### CAPÍTULO III

#### DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR DE LIBRAS E DO INSTRUTOR DE LIBRAS

Art. 4º A formação de docentes para o ensino de Libras nas séries finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior deve ser realizada em nível superior, em curso de graduação de licenciatura plena em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa como segunda língua.

Parágrafo único. As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 5º A formação de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental deve ser realizada em curso de Pedagogia ou curso normal superior, em que Libras e Língua Portuguesa escrita tenham constituído línguas de instrução, viabilizando a formação bilíngüe.

§ 1º Admite-se como formação mínima de docentes para o ensino de Libras na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental, a formação ofertada em nível médio na modalidade normal, que viabilizar a formação bilíngüe, referida no **caput**.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 6º A formação de instrutor de Libras, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições credenciadas por secretarias de educação.

§ 1º A formação do instrutor de Libras pode ser realizada também por organizações da sociedade civil representativa da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por pelo menos uma das instituições referidas nos incisos II e III.

§ 2º As pessoas surdas terão prioridade nos cursos de formação previstos no **caput**.

Art. 7º Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja docente com título de pós-graduação ou de graduação em Libras para o ensino dessa disciplina em cursos de educação superior, ela poderá ser ministrada por profissionais que apresentem pelo menos um dos seguintes perfis:

I - professor de Libras, usuário dessa língua com curso de pós-graduação ou com formação superior e certificado de proficiência em Libras, obtido por meio de exame promovido pelo Ministério da Educação;

II - instrutor de Libras, usuário dessa língua com formação de nível médio e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação;

III - professor ouvinte bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa, com pós-graduação ou formação superior e com certificado obtido por meio de exame de proficiência em Libras, promovido pelo Ministério da Educação.

§ 1º Nos casos previstos nos incisos I e II, as pessoas surdas terão prioridade para ministrar a disciplina de Libras.

§ 2º A partir de um ano da publicação deste Decreto, os sistemas e as instituições de ensino da educação básica e as de educação superior devem incluir o professor de Libras em seu quadro do magistério.

Art. 8º O exame de proficiência em Libras, referido no art. 7º, deve avaliar a fluência no uso, o conhecimento e a competência para o ensino dessa língua.

§ 1º O exame de proficiência em Libras deve ser promovido, anualmente, pelo Ministério da Educação e instituições de educação superior por ele credenciadas para essa finalidade.

§ 2º A certificação de proficiência em Libras habilitará o instrutor ou o professor para a função docente.

§ 3º O exame de proficiência em Libras deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento em Libras, constituída por docentes surdos e lingüistas de instituições de educação superior.

Art. 9º A partir da publicação deste Decreto, as instituições de ensino médio que oferecem cursos de formação para o magistério na modalidade normal e as instituições de educação superior que oferecem cursos de Fonoaudiologia ou de formação de professores devem incluir Libras como disciplina curricular, nos seguintes prazos e percentuais mínimos:

I - até três anos, em vinte por cento dos cursos da instituição;

II - até cinco anos, em sessenta por cento dos cursos da instituição;

III - até sete anos, em oitenta por cento dos cursos da instituição; e

IV - dez anos, em cem por cento dos cursos da instituição.

Parágrafo único. O processo de inclusão da Libras como disciplina curricular deve iniciar-se nos cursos de Educação Especial, Fonoaudiologia, Pedagogia e Letras, ampliando-se progressivamente para as demais licenciaturas.

Art. 10. As instituições de educação superior devem incluir a Libras como objeto de ensino, pesquisa e extensão nos cursos de formação de professores para a educação básica, nos cursos de Fonoaudiologia e nos cursos de Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 11. O Ministério da Educação promoverá, a partir da publicação deste Decreto, programas específicos para a criação de cursos de graduação:

I - para formação de professores surdos e ouvintes, para a educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental, que viabilize a educação bilíngüe: Libras - Língua Portuguesa como segunda língua;

II - de licenciatura em Letras: Libras ou em Letras: Libras/Língua Portuguesa, como segunda língua para surdos;

III - de formação em Tradução e Interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Art. 12. As instituições de educação superior, principalmente as que ofertam cursos de Educação Especial, Pedagogia e Letras, devem viabilizar cursos de pós-graduação para a formação de professores para o ensino de Libras e sua interpretação, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 13. O ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas, deve ser incluído como disciplina curricular nos cursos de formação de professores para a educação infantil e para os anos iniciais do ensino fundamental, de nível médio e superior, bem como nos cursos de licenciatura em Letras com habilitação em Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O tema sobre a modalidade escrita da língua portuguesa para surdos deve ser incluído como conteúdo nos cursos de Fonoaudiologia.

#### CAPÍTULO IV

##### DO USO E DA DIFUSÃO DA LIBRAS E DA LÍNGUA PORTUGUESA PARA O

##### ACESSO DAS PESSOAS SURDAS À EDUCAÇÃO

Art. 14. As instituições federais de ensino devem garantir, obrigatoriamente, às pessoas surdas acesso à comunicação, à informação e à educação nos processos seletivos, nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis, etapas e modalidades de educação, desde a educação infantil até à superior.

§ 1º Para garantir o atendimento educacional especializado e o acesso previsto no **caput**, as instituições federais de ensino devem:

I - promover cursos de formação de professores para:

a) o ensino e uso da Libras;

b) a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa; e

c) o ensino da Língua Portuguesa, como segunda língua para pessoas surdas;

II - ofertar, obrigatoriamente, desde a educação infantil, o ensino da Libras e também da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos;

III - prover as escolas com:

a) professor de Libras ou instrutor de Libras;

b) tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa;

c) professor para o ensino de Língua Portuguesa como segunda língua para pessoas surdas; e

d) professor regente de classe com conhecimento acerca da singularidade lingüística manifestada pelos alunos surdos;

IV - garantir o atendimento às necessidades educacionais especiais de alunos surdos, desde a educação infantil, nas salas de aula e, também, em salas de recursos, em turno contrário ao da escolarização;

V - apoiar, na comunidade escolar, o uso e a difusão de Libras entre professores, alunos, funcionários, direção da escola e familiares, inclusive por meio da oferta de cursos;

VI - adotar mecanismos de avaliação coerentes com aprendizado de segunda língua, na correção das provas escritas, valorizando o aspecto semântico e reconhecendo a singularidade lingüística manifestada no aspecto formal da Língua Portuguesa;

VII - desenvolver e adotar mecanismos alternativos para a avaliação de conhecimentos expressos em Libras, desde que devidamente registrados em vídeo ou em outros meios eletrônicos e tecnológicos;

VIII - disponibilizar equipamentos, acesso às novas tecnologias de informação e comunicação, bem como recursos didáticos para apoiar a educação de alunos surdos ou com deficiência auditiva.

§ 2º O professor da educação básica, bilíngüe, aprovado em exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, pode exercer a função de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, cuja função é distinta da função de professor docente.

§ 3º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar atendimento educacional especializado aos alunos surdos ou com deficiência auditiva.

Art. 15. Para complementar o currículo da base nacional comum, o ensino de Libras e o ensino da modalidade escrita da Língua Portuguesa, como segunda língua para alunos surdos, devem ser ministrados em uma perspectiva dialógica, funcional e instrumental, como:

I - atividades ou complementação curricular específica na educação infantil e anos iniciais do ensino fundamental; e

II - áreas de conhecimento, como disciplinas curriculares, nos anos finais do ensino fundamental, no ensino médio e na educação superior.

Art. 16. A modalidade oral da Língua Portuguesa, na educação básica, deve ser ofertada aos alunos surdos ou com deficiência auditiva, preferencialmente em turno distinto ao da escolarização, por meio de ações integradas entre as áreas da saúde e da educação, resguardado o direito de opção da família ou do próprio aluno por essa modalidade.

Parágrafo único. A definição de espaço para o desenvolvimento da modalidade oral da Língua Portuguesa e a definição dos profissionais de Fonoaudiologia para atuação com alunos da educação básica são de competência dos órgãos que possuam estas atribuições nas unidades federadas.

## CAPÍTULO V

## DA FORMAÇÃO DO TRADUTOR E INTÉRPRETE DE LIBRAS - LÍNGUA PORTUGUESA

Art. 17. A formação do tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa deve efetivar-se por meio de curso superior de Tradução e Interpretação, com habilitação em Libras - Língua Portuguesa.

Art. 18. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, a formação de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, em nível médio, deve ser realizada por meio de:

I - cursos de educação profissional;

II - cursos de extensão universitária; e

III - cursos de formação continuada promovidos por instituições de ensino superior e instituições credenciadas por secretarias de educação.

Parágrafo único. A formação de tradutor e intérprete de Libras pode ser realizada por organizações da sociedade civil representativas da comunidade surda, desde que o certificado seja convalidado por uma das instituições referidas no inciso III.

Art. 19. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, caso não haja pessoas com a titulação exigida para o exercício da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, as instituições federais de ensino devem incluir, em seus quadros, profissionais com o seguinte perfil:

I - profissional ouvinte, de nível superior, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação em instituições de ensino médio e de educação superior;

II - profissional ouvinte, de nível médio, com competência e fluência em Libras para realizar a interpretação das duas línguas, de maneira simultânea e consecutiva, e com aprovação em exame de proficiência, promovido pelo Ministério da Educação, para atuação no ensino fundamental;

III - profissional surdo, com competência para realizar a interpretação de línguas de sinais de outros países para a Libras, para atuação em cursos e eventos.

Parágrafo único. As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 20. Nos próximos dez anos, a partir da publicação deste Decreto, o Ministério da Educação ou instituições de ensino superior por ele credenciadas para essa finalidade promoverão, anualmente, exame nacional de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa.

Parágrafo único. O exame de proficiência em tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa deve ser realizado por banca examinadora de amplo conhecimento dessa função,

constituída por docentes surdos, lingüistas e tradutores e intérpretes de Libras de instituições de educação superior.

Art. 21. A partir de um ano da publicação deste Decreto, as instituições federais de ensino da educação básica e da educação superior devem incluir, em seus quadros, em todos os níveis, etapas e modalidades, o tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa, para viabilizar o acesso à comunicação, à informação e à educação de alunos surdos.

§ 1º O profissional a que se refere o **caput** atuará:

I - nos processos seletivos para cursos na instituição de ensino;

II - nas salas de aula para viabilizar o acesso dos alunos aos conhecimentos e conteúdos curriculares, em todas as atividades didático-pedagógicas; e

III - no apoio à acessibilidade aos serviços e às atividades-fim da instituição de ensino.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

## CAPÍTULO VI

### DA GARANTIA DO DIREITO À EDUCAÇÃO DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Art. 22. As instituições federais de ensino responsáveis pela educação básica devem garantir a inclusão de alunos surdos ou com deficiência auditiva, por meio da organização de:

I - escolas e classes de educação bilíngüe, abertas a alunos surdos e ouvintes, com professores bilíngües, na educação infantil e nos anos iniciais do ensino fundamental;

II - escolas bilíngües ou escolas comuns da rede regular de ensino, abertas a alunos surdos e ouvintes, para os anos finais do ensino fundamental, ensino médio ou educação profissional, com docentes das diferentes áreas do conhecimento, cientes da singularidade lingüística dos alunos surdos, bem como com a presença de tradutores e intérpretes de Libras - Língua Portuguesa.

§ 1º São denominadas escolas ou classes de educação bilíngüe aquelas em que a Libras e a modalidade escrita da Língua Portuguesa sejam línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

§ 2º Os alunos têm o direito à escolarização em um turno diferenciado ao do atendimento educacional especializado para o desenvolvimento de complementação curricular, com utilização de equipamentos e tecnologias de informação.

§ 3º As mudanças decorrentes da implementação dos incisos I e II implicam a formalização, pelos pais e pelos próprios alunos, de sua opção ou preferência pela educação sem o uso de Libras.

§ 4º O disposto no § 2º deste artigo deve ser garantido também para os alunos não usuários da Libras.

Art. 23. As instituições federais de ensino, de educação básica e superior, devem proporcionar aos alunos surdos os serviços de tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa em sala de aula e em outros espaços educacionais, bem como equipamentos e tecnologias que viabilizem o acesso à comunicação, à informação e à educação.

§ 1º Deve ser proporcionado aos professores acesso à literatura e informações sobre a especificidade lingüística do aluno surdo.

§ 2º As instituições privadas e as públicas dos sistemas de ensino federal, estadual, municipal e do Distrito Federal buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar aos alunos surdos ou com deficiência auditiva o acesso à comunicação, à informação e à educação.

Art. 24. A programação visual dos cursos de nível médio e superior, preferencialmente os de formação de professores, na modalidade de educação a distância, deve dispor de sistemas de acesso à informação como janela com tradutor e intérprete de Libras - Língua Portuguesa e subtítuloção por meio do sistema de legenda oculta, de modo a reproduzir as mensagens veiculadas às pessoas surdas, conforme prevê o Decreto nº 5.296, de 2 de dezembro de 2004.

## CAPÍTULO VII

### DA GARANTIA DO DIREITO À SAÚDE DAS PESSOAS SURDAS OU COM DEFICIÊNCIA AUDITIVA

Art. 25. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Sistema Único de Saúde - SUS e as empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, na perspectiva da inclusão plena das pessoas surdas ou com deficiência auditiva em todas as esferas da vida social, devem garantir, prioritariamente aos alunos matriculados nas redes de ensino da educação básica, a atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas, efetivando:

I - ações de prevenção e desenvolvimento de programas de saúde auditiva;

II - tratamento clínico e atendimento especializado, respeitando as especificidades de cada caso;

III - realização de diagnóstico, atendimento precoce e do encaminhamento para a área de educação;

IV - seleção, adaptação e fornecimento de prótese auditiva ou aparelho de amplificação sonora, quando indicado;

V - acompanhamento médico e fonoaudiológico e terapia fonoaudiológica;

VI - atendimento em reabilitação por equipe multiprofissional;

VII - atendimento fonoaudiológico às crianças, adolescentes e jovens matriculados na educação básica, por meio de ações integradas com a área da educação, de acordo com as necessidades terapêuticas do aluno;

VIII - orientações à família sobre as implicações da surdez e sobre a importância para a criança com perda auditiva ter, desde seu nascimento, acesso à Libras e à Língua Portuguesa;

IX - atendimento às pessoas surdas ou com deficiência auditiva na rede de serviços do SUS e das empresas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde, por profissionais capacitados para o uso de Libras ou para sua tradução e interpretação; e

X - apoio à capacitação e formação de profissionais da rede de serviços do SUS para o uso de Libras e sua tradução e interpretação.

§ 1º O disposto neste artigo deve ser garantido também para os alunos surdos ou com deficiência auditiva não usuários da Libras.

§ 2º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal, do Distrito Federal e as empresas privadas que detêm autorização, concessão ou permissão de serviços públicos de assistência à saúde buscarão implementar as medidas referidas no art. 3º da Lei nº 10.436, de 2002, como meio de assegurar, prioritariamente, aos alunos surdos ou com deficiência auditiva matriculados nas redes de ensino da educação básica, a atenção integral à sua saúde, nos diversos níveis de complexidade e especialidades médicas.

## CAPÍTULO VIII

### DO PAPEL DO PODER PÚBLICO E DAS EMPRESAS QUE DETÊM CONCESSÃO OU PERMISSÃO DE SERVIÇOS PÚBLICOS, NO APOIO AO USO E DIFUSÃO DA LIBRAS

Art. 26. A partir de um ano da publicação deste Decreto, o Poder Público, as empresas concessionárias de serviços públicos e os órgãos da administração pública federal, direta e indireta devem garantir às pessoas surdas o tratamento diferenciado, por meio do uso e difusão de Libras e da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, realizados por servidores e empregados capacitados para essa função, bem como o acesso às tecnologias de informação, conforme prevê o Decreto nº 5.296, de 2004.

§ 1º As instituições de que trata o **caput** devem dispor de, pelo menos, cinco por cento de servidores, funcionários e empregados capacitados para o uso e interpretação da Libras.

§ 2º O Poder Público, os órgãos da administração pública estadual, municipal e do Distrito Federal, e as empresas privadas que detêm concessão ou permissão de serviços públicos buscarão implementar as medidas referidas neste artigo como meio de assegurar às pessoas surdas ou com deficiência auditiva o tratamento diferenciado, previsto no **caput**.

Art. 27. No âmbito da administração pública federal, direta e indireta, bem como das empresas que detêm concessão e permissão de serviços públicos federais, os serviços prestados por servidores e empregados capacitados para utilizar a Libras e realizar a tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa estão sujeitos a padrões de controle de atendimento e a avaliação da satisfação do usuário dos serviços públicos, sob a coordenação da Secretaria de Gestão do Ministério do Planejamento, Orçamento e Gestão, em conformidade com o Decreto nº 3.507, de 13 de junho de 2000.

Parágrafo único. Caberá à administração pública no âmbito estadual, municipal e do Distrito Federal disciplinar, em regulamento próprio, os padrões de controle do atendimento e avaliação da satisfação do usuário dos serviços públicos, referido no **caput**.

## CAPÍTULO IX

## DAS DISPOSIÇÕES FINAIS

Art. 28. Os órgãos da administração pública federal, direta e indireta, devem incluir em seus orçamentos anuais e plurianuais dotações destinadas a viabilizar ações previstas neste Decreto, prioritariamente as relativas à formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 29. O Distrito Federal, os Estados e os Municípios, no âmbito de suas competências, definirão os instrumentos para a efetiva implantação e o controle do uso e difusão de Libras e de sua tradução e interpretação, referidos nos dispositivos deste Decreto.

Art. 30. Os órgãos da administração pública estadual, municipal e do Distrito Federal, direta e indireta, viabilizarão as ações previstas neste Decreto com dotações específicas em seus orçamentos anuais e plurianuais, prioritariamente as relativas à formação, capacitação e qualificação de professores, servidores e empregados para o uso e difusão da Libras e à realização da tradução e interpretação de Libras - Língua Portuguesa, a partir de um ano da publicação deste Decreto.

Art. 31. Este Decreto entra em vigor na data de sua publicação.

Brasília, 22 de dezembro de 2005; 184<sup>º</sup> da Independência e 117<sup>º</sup> da República.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA  
*Fernando Haddad*

**Este texto não substitui o publicado no DOU de 23.12.2005**

## APÊNDICE 4

### Configurações de Mãos que servem como base para a realização dos sinais em LIBRAS<sup>1</sup>



<sup>1</sup> COUTINHO, D. LIBRAS e língua portuguesa: semelhanças e diferenças. v 2. João Pessoa: Arpoador, 2000.

## APÊNDICE 5

### **Conceitos e sinais obtidos nas sessões do grupo de discussão sobre violência**

Na primeira sessão, selecionamos os tipos de violência que mais interessavam ao grupo para serem discutidos nas sessões seguintes. Ao final da sessão foi preparado pelos sujeitos surdos um resumo com os tipos de violência, as razões de suas relevâncias e em que grau de violência foram classificados pelo grupo.

**FAMÍLIA (sinais usados):** briga (corporal), discussão, falta respeito, matar, pedofilia, crise financeira, falta comida (a mãe tem preguiça de fazer), ganância, preconceito (preferência/rejeição por um membro da família).

**O QUE PODE SER FEITO PARA EVITAR/MELHORAR:** os pais precisam conversar mais com seus filhos; respeitar o espaço de cada um.

**Grau de Violência:** escala de 1 a 5 (+ / - violento)

5. matar / pedofilia
4. vingança
3. preconceito familiar
2. crise financeira
1. falta comida

---

**SOCIEDADE (sinais usados):** pobreza (mendigos na rua), guerras, preconceito contra pobres e negros, desigualdade social, assaltos, falta educação, suborno, falta emprego, divórcios, brigas nas escolas, babás e

acompanhantes (idosos) ruins, o lixo causa muitos problemas, as drogas, inveja/disputa entre as pessoas.

**O QUE PODE SER FEITO PARA EVITAR/MELHORAR:** mais instrução nas escolas, mais projetos sociais (governo), nas cadeias públicas haver trabalhos internos (ressocializar o detento), nas eleições (conhecer melhor os candidatos e seus projetos).

**Grau de Violência:** escala de 1 a 5 (+ / - violento)

5. preconceito, matar (crimes)
  4. drogas
  3. falta emprego
  2. inveja / disputa
  1. briga nas escolas
- 

**SURDOS (sinais usados):** tanto para os surdos quanto para os deficientes em geral tudo é mais difícil, falta união, dependência sempre do outro, a falta de comunicação é o principal problema, ausência de intérpretes de LIBRAS em cursos profissionalizantes, há muito preconceito familiar. As pessoas pensam que o surdo é incapaz e ignorante, zombam e xingam os surdos (coitado, burro, mudo).

**O QUE PODE SER FEITO PARA EVITAR/MELHORAR:** mais apoio, mais informação, mais intérpretes de LIBRAS, manifestações / reivindicações, a família precisa aprender LIBRAS, a família precisa acreditar (potencial - valorizar) no surdo.

**Grau de Violência:** escala de 1 a 5 (+ / - violento)

5. preconceito / xingamento (insultar / provocação)
4. falta de comunicação
3. não acreditar no potencial do surdo (inútil)
2. falta educação

1. falta emprego (melhor condição financeira)

## APÊNDICE 6

### Transcrições em LIBRAS das entrevistas individuais.

#### S1:

#### **O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

Verdade, sentir (+) variadas violência: prostituição, drogas, surdos, emprego, vários já explicar em grupo. Verdade, sentir (+) tem violência Brasil maior, mas no mundo todo também CLARO. Violência eu sentir (+) falta ajudar... melhorar vida.

#### **E o que você tem acompanhado na mídia sobre VIOLÊNCIA ?**

Tem violência diversas (*expressão negativa no rosto*). Eu ver jornal acontecer... atacaram (+ *pegar com as duas mãos*) duas mulheres, guerras, drogas, Rio de Janeiro favelas várias, acontecer vários... porque... Não sei acontecer... parece falta governo ajudar dinheiro, emprego, melhorar vida. Não conseguir emprego (*no queixo +*), piorar sempre...

#### **Você acha que a VIOLÊNCIA acontece mais com as pessoas pobres, com as ricas ou tanto faz ?**

Depende (*balança a cabeça e expressão de dúvida*). Eu ver muito maioria pobres (*expressão negativa*), porque drogas, prostituição precisa (+) dinheiro... Ricos também verdade, mas curioso (observar) mais maioria pobres ver (*repete várias vezes*).

#### **E como surdo, como você sente a VIOLÊNCIA ?**

Verdade. Sentir (+) P-E-D-O-F-I-L-I-A, assassinato (+), também velhos bater (*dedo indicador + bater*), também surdos insultar (*expressão negativa*)... é... não conseguir trabalho, burro (*insultar palavra*)... vários sentir. Tem alguns (*surdo*) mentalidade murro mãe, bater...

#### **E na sua escola, acontecem casos de VIOLÊNCIA (física) ?**

Não (+ *rosto, gesto NÃO*)... outras escolas têm acontecer, mas na minha não... normal. Acontecer ruim pessoas insultar... Lembrar uma vez... eu estar com minha irmã, ela entrar curso turismo T-U-R-I-S-M-O... Ela preencher inscrição pronto. Eu ler informações papel cursos turismo, informática, inglês, vários... Eu olhar turismo bom (+), pensar possível estudar junto... Hotel... provar. Perguntei homem surdo possível, homem (*expressão negativa-duvidosa corpo + cabeça + gesto NÃO*) acho que não, não pode... como falar comunicar (*comunicação truncada*) como... combinar informática, outro pedagogia, informática parece (*os mesmos de sempre*)... outro, direito (*advogado*), medicina, direito (*nosso direito de escolher – expressão negativa – boca*). Comunicação (*truncada*)?? Intérprete junto... traduzir fala (*gesto com a mão movimento da boca*).

#### **E a VIOLÊNCIA na família ? Na sociedade ?**

Difícil (*expressão de dúvida*). Eu acho culpa sociedade, porque...depende... problema (+) sociedade emprego não-consegue (+ *queixo*) “descarrega” (*signal de segundo*) na família, “perde a cabeça”, falta comida, luz... “perde a cabeça”... vários... minha opinião.

### **É possível acabar com a VIOLÊNCIA ?**

Difícil, difícil, depende... porque... não sei... alguns teimosos... acabar violência... pesado... (*gesto com os ombros também, tipo não sei*). Eu acho difícil...

### **Você falou muito no grupo sobre preconceito, o que seria isso ?**

Verdade. Preconceito, porque... exemplo, pobres, negros, vários... entrar faculdade, trabalho, exemplo vários, empresas não quer (+), deixam pobres de lado (*largados, gesto com a mão*), só ouvintes, acham (*expressão positiva com rosto e cabeça*) e colocam, colocam (*repete*). Eu sentir (+) por que ? Preconceito deles, não-querer... medo, empresas podem roubar dentro, etc.

### **S2:**

### **O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

Exemplo, violência as vezes eu ver (+) televisão. Exemplo, violência família, matar (+), mais (*acrescentar*) bater (*dedo indicador*) forte, mais (*acrescentar*) bebê. Ver (+) violência... por que ? Não-entender (+). Por que ? Parece faltar salário, parece raiva, briga (*física*), bater (*indicador*)... só... eu acho... só.

### **Você acha que o índice de VIOLÊNCIA é o mesmo, em relação aos anos anteriores?**

Eu acho (*expressão de dúvida*). Passado normal, natural, bom (*legal +*), parece paz... Agora, daqui pra frente... acontecer pessoas culpa pessoas... copiar (*expressão influência+*), quer igual, copiar (*influência*) pessoas, só... culpa (*expressão de desapontamento*).

### **De todos os casos de VIOLÊNCIA que já comentamos em grupo, qual você acha pior ?**

Mais (*para cima*) família, mais família... por que ? Bater (*indicador*) ver (+) família, exemplo, preconceito negro, preconceito deficientes, preconceito diversos. Só... vários... mas as vezes ver (+) vovô bater (*indicador*), parece não-gostar, parece trabalhar (+) empregado não-gostar, respeitar falta, respeitar.

### **E o que você sente quando vê esses casos de VIOLÊNCIA na mídia ?**

Sentir tem, parece falta pessoas respeitar pessoas. Parece futuro pior (+), parece falta educação (*bons modos*), precisa respeito, família tratar falta... parece “explodir” (*cabeça*), verdade... verdade. Tem algumas casas ver (+) explodir, bater (*indicador*) ver (+ *expressão susto com os ombros*), eu sentir, verdade. Mas futuro V-A-I ruim... só.

### **E como surdo, como você sente a VIOLÊNCIA ?**

Exemplo, alguns amigos palavra (*direcionada-eu*) M-U-D-O, parece raiva, eu sentir, M-U-D-O?!?! Parece falta respeitar (*direcionado-eu*) nada, porque as pessoas geral ouvintes não-sabem não nome M-U-D-O, saber-não nada, parece palavra (*direcionada-eu*) sentir, parece falta educação (*bons modos*) não-tem, importante aconselhar. Lembrar uma vez, homem ouvinte idade mais ou menos parece 17 anos, palavra (*direcionada*) amigo M-U-D-O. Eu falar não, M-U-D-O não, só S-U-R-D-O. Por que (+) S-U-R-D-O ? Porque eu explicar, M-U-D-O pessoa calada, quadrado (*inútil*), tem ver (+) LIBRAS (+ *comunicação*), falar (+) voz pouco só. Ahh (*amigo dele*) entender... aprendeu, desenvolver (*pra cima*), ver (+) explicar, explicar, explicar (*vai passando de pessoa pra pessoa*), desenvolver ouvinte entender claro (*esclarecimento*), aconselhar, tem um amigo homem só, aconselhar entender. Também, as vezes, comunicação (*truncada + expressão*), parece pessoa entrar (*lugar*) comprar roupa, parece comunicação (*truncada*), falar assim pessoa ouvinte; eu falar surdo não-entender, pessoa escrever (papel), gramática (*expressão negativa*), falta português não-tem, próprio surdo gramática LIBRAS próprio, não-entender nada desculpa, parece preconceito, não-quer (*expressão + corpo*) surdo, quer só ouvinte chamar, faltar respeitar nada, por isso também outros comida restaurante, mais... exemplo... empresas entrar, mais DETRAN falta, mais... vários... tem lugares (+), ruim, comunicação (*truncada*) tem, sentir (*sempre com expressão negativa*), falta comunicação.

### **E a agressão física, o que você acha disso ?**

Matar (*gesto*)... pior... Porque falta respeito pessoas. Violência tudo igual, exemplo, não-tem diferença (*nível*), palavra (+) igual, preconceito igual, tudo igual. Mas corpo perigoso, palavra (+) simples, palavra bruto simples.

### **Relate algum caso entre seus amigos...**

Meu amigo falou (*direcionado*) família tem um surdo problema (+). Mesmo?!?! Perguntar por que ? Falta pessoa ajudar nada, parece calado, frio, família calada frio. Eu valha... parece ajudar nada, exemplo, ajudar comprar coisas tratar, cuidado rua, nada... calado... deixar (+ *livre*), falta aprender, nada, mais estudar nada, exemplo, televisão explicar nada, comunicação (*truncada*), depende, filho ouvinte conversar papo (*gesto duas bocas*), falta surdo... cadê ??! Explicar (*amigo + expressão de pena*), falta educação (*bons modos*) família respeitar não-tem.

### **É possível acabar com essa VIOLÊNCIA contra o sujeito surdo ?**

Mas precisa sociedade tratar, precisa tratar cuidado, precisa projeto organizar evitar várias coisas, tema "evitar", ajudar cuidar só, evitar só, por exemplo, M-U-D-O, explicar... vários, tem.

### **E essa VIOLÊNCIA é pior em qual caso, homens ou mulheres ?**

Pior (+) mulheres. Surdos e ouvintes tudo igual. Exemplo ouvinte ciúmes, vários... Não sei responder, curioso-não mulher não, mas curioso só mulher ouvinte, provar pesquisar mulher maior, mulher tem sofrer, engravidar, mais bater (*indicador*), mais sofrer discussões ciúmes, só ouvinte mais (*palma da mão*), mulher surda não sei, não sei...

**S3:****O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

Violência que ?!?! Combina (*objetivo*) violência exemplo... violência é raiva, “perder a cabeça” (*resolver*), estourar (+ *duas mãos*), também... ver ódio, inveja, parece brigar (*física*), não-querer, vários... porque mentalidade diversas.

**E como você observa a VIOLÊNCIA na família ?**

Família às vezes difícil, lembro minha vida lembro bruto verdade eu, bruto porque proibir (+), parece mente “perder cabeça” (*resolver*), por que? não sei, parece sentir (+) que?!?! não sei, hoje entender ver pessoas crianças problemas proibir ver... ahhh entender, porque crescer guardar (*vingança*), por isso eu lembrar bruto, explodir, brigar (*física*) sim minha mãe, coragem eu, coragem brigar (*física*)... valha, bruto antes, hoje entender; violência é mais (*acrescentar*), exemplo, aconselhar... não-querer, enche a cabeça (*com as duas mãos do queixo pra cima*), as vezes preso, parece prender deixar, amigo chama e a mãe não deixa (*permitir*), amigo chama para viajar, ir importante igreja principalmente mãe não deixa, tem segurança, parece eu mentalidade crescer e de repente (*salto/progresso*) mudei... raiva, bruto, por isso, problemas, também fora sociedade as vezes problema, exemplo, não-aceitar surdo, qualquer lugar não-aceitar, parece as vezes, exemplo, angustiado, como conseguir mostrar... angústia... eu lembrar passado (+), eu pensar bom coisas sentir ficar em casa, angustiado. Hoje, pensar, hoje... melhor (+) que ?!?! Aprender lutar, coisa falhou (*não deu certo polegar para baixo*), organizo e planejo mostrar outro, por isso, pessoas provocar (*direcionado*) muito (+) vizinhos provocar muito, lembrar criança pior (+), tem roxo pele (*várias marcas*) roxo, brigar, criança eu não saber (*não tem entendimento – letra O na testa*), não-ter coragem brigar (*física*) criança, mas ao contrário crescer (*maior*) criança tamanho (*igual*) brigar vencer contrário, antes criança minha mãe falou no banho ver roxo tudo (*corpo*), por isso, problema lembrar, passar do tempo, violência mundo verdade, violência porque ?? não sei, mente confusa, problemas, violência, inveja, ciúmes, tudo (*geral*) dentro, só um?!?! não... vários... muito.

**Você se preocupa com essa VIOLÊNCIA ?**

Preocupo sim, tem importante claro, preocupado problemas, futuro mundo pior (+), como problemas futuro pior (+), mundo cheio (*na mão, recipiente*), cheio (*nariz*), problemas, bagunça, violência por isso.

**Mas é possível acabar com esse índice ?**

Possível sim acabar, pensamento positivo, pensamento, negativo não, pensamento positivo, possível sim acabar, organizar e planejar governo mostrar, também projetos pensar responsabilidade (+), entrar conseguir, entrar conseguir, diversos locais, agora eu lembrar passado ruim pior (+), melhorar (+ *devagar – aos poucos*) acabar tem diminuir (+), investimento (*dinheiro*) tem, cursos, exemplo, trabalho não-conseguir, faz cursos aprender, consegue trabalho, melhorando (+), diversos cursos SENAI, SESC, agradecer (+) Deus por isso pensamento positivo pensamento, acabar, achar como?!?! não... possível sim... positivo, por isso.

### **E como surdo, como você sente a VIOLÊNCIA ?**

Surdo pior, às vezes comunicação nada, comunicação (*truncada*), eu pior (+), eu as vezes, por exemplo, ouvinte consegue (+) eu ver (+) dirigir (*gesto*), vários, fácil, comunicação fácil, festas, qualquer, parece desigual (*nível*), como?!?! sentir, as vezes, angústia, difícil (+), as vezes, por exemplo, combinar, desprezam (*direcionado*), amigos ouvintes desprezam (+), parece surdo pior (*várias vezes com uma mão*), por isso, angustiado as vezes, mas melhorando (+), conseguir, as vezes chamar (*direcionado*) depende lugar, tem lugar preconceito, tem lugar preconceito-não, as vezes eu aceitar ajudar (*direcionado*) aceitar, tratamento aceitar, livre, importante interesse (+ *duas mãos*) conhecer interesse pode tratar, não tem interesse parece mesmo (+ *devagar / três vezes repete*), interesse tudo (*geral*), por isso, aceitar, ali aceitar-não, querer-não, ouvinte bom, por isso, angustiado lembrar muito lugar, lembrar combinar, enganar, tem desprezar, as vezes ver lembrar combinar e chamar (*direcionado*) nada, sentir (*expressão de tristeza*), amigo, mas amigo nada, enganar, verdade... por isso, as vezes muito problema muito maior difícil.

### **Como você vê a VIOLÊNCIA no Brasil e no mundo ?**

Mesmo... países televisão parece pouquinho, igual (nível – continuado), altos e baixos (+) ter-não, Brasil mais (*dorso da mão*) violência, ver pior (+) Rio, São Paulo pior (+), Fortaleza normal, regiões diversas, Brasil único violência, “perder a cabeça”, porque parece pobreza Brasil pobre, por isso, violência sentir “perder a cabeça”, nervoso, matar, inveja, ciúmes, países nunca ver pobreza (*expressão de pequena*), ver nunca, pequena (+ *mínima*) parece maioria (+) rico, claro tem violência pouco, aqui Brasil mais principalmente Brasil todo (+ *expressão*) pior (+) tem muito problema (+ *repete várias vezes*) tudo (+ *duas mãos em círculo fechando no final*).

### **Quem é o responsável em melhorar o nosso país ?**

Principal é família, segundo... primeiro família, segundo escola, terceiro sociedade, principal família, por exemplo, as vezes diferente, as vezes opinião diferente, principal família, filho família primeiro, cultura e mentalidade diferente, escola segundo, etc... Principal tratar, ensinar, as vezes tudo-não, metade (+ *repete*), também escola metade, união ter-não, mentalidade, se ajudar nada pior (+), ajudar tem, as vezes família ocupado (+) difícil, escola tem ajudar (*direcionado*), tem outro, sociedade ajudar (*direcionado*) as vezes (+ *lento*), depende.

### **De todos os casos de VIOLÊNCIA que já comentamos em grupo, qual você acha pior ?**

Isso mesmo... pior é, exemplo, empurrar (+ *duas mãos e expressão*) I-S-A-B-E-L-A empurrar, morrer (+ *várias vezes*) maior, parece, família bater (*indicador*), empurrar (+ *empurrar*) morrer muito maior pior. Bater (*indicador*), inchar rosto, olhos, pior primeiro parece palavra (+), feio, “fica por aqui” e bater (*indicador*), empurra, matar, porque pessoa palavra mentalidade muda (*dois dedos*) diferente, por isso, pior palavra (+), se palavra (+) nada, calado, mentalidade não-mudar, as vezes (*lento*), simples, pior palavra (+ *repete*) principal palavra (+ *repete*), qualquer, exemplo, porque palavra eu sentir diferente mentalidade

mudar, pode (+) droga, beber, vários, violência dentro, por isso, mentalidade misturada, pessoas natural, pessoas mentalidade pode louco pode.

### **E você que já viajou para outros Estados, o que tem percebido em relação ao nosso, a nossa cidade Fortaleza ?**

Normal igual (*nível*), viajar Natal, Curitiba parece igual, mas fora não-ver, lugar encontrar amigo falar bom, mentalidade bom, sociedade... aqui Fortaleza difícil, grupo bom, grupo ruim pior, depende grupo... tem muito grupo ver imoral, bruto, mentalidade (*expressão negativa*), brigar (*físico*), orgulho, inveja, LIBRAS melhor, menosprezar outro LIBRAS (*expressão – elevação*), eu famoso (+), ver (+) coitado, ver como as vezes, ajudar... ajudar que?!?! (+ *bruto*), vem (*indicador*) coragem (+ *repete*), falar (+ *repetir*) longo (*expressão*) paciência (+ *rápido*), depois final vem perceber...sei... desculpa educação, saber palavra, igual, mas criança mentalidade ruim, crescer entender mudar vida, agora crente mostrar amigo mudança amigo crente entender mudança diferente, passado não-crente nada, mentalidade bruto (+), errado, violência, tudo (*geral*) dentro pior, mudar (+ *lento*), as vezes, paciência (+ *lento e expressão facial*), ter paciência, por isso, explicar, mas discutir... perceber, crente... desculpa, pronto, acabar, grupo ruim (*expressão não*), grupo bom encontrar pessoas paz violência nada paz, mas, depende, palavra (+) nada, as vezes usar cuidado evitar cuidado evitar palavra nada, se palavra (+) as vezes violência, grupo bom saber evitar cuidado grupo.

### **Lembro de dois contextos diferentes: um surdo ao chamar outro de VAGABUNDO é tido como normal, já para o ouvinte é encarado como insulto. Por que ?**

Isso mesmo... porque surdo cultura diferente, as vezes, palavra vagabundo normal, depende as vezes (+ *repete*), palavra... verdade lembrar explicar... surdo palavra (+) ouvinte sentir (+), desculpa, depende, surdo não-saber, como não-saber, por isso, acontecer, as vezes, raiva, “perder a cabeça” (*resolver*), pessoa caráter nunca esquecer (*vingança*) acontecer, por isso, verdade, lembrar passado.

### **S4:**

#### **O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

Também, por exemplo, pessoa minha família, violência (+) qualquer objeto mesmo ali, eu andar sair alguém pegar (+), eu voltar andar pegar esquecer (+) perguntar: ei, cadê ? Violência também, exemplo, minha mãe comunicação (*truncada*) família LIBRAS não-ter falar (+ *gesto do movimento da boca em frente ao rosto com uma mão*), intérprete pessoa liga (*direcionado*) eu não-entender como, telefone (*gesto no ouvido/ombro*) LIBRAS não-entender comunicação (*truncada*) saber o que !?! não-entender... “fico por aqui” (+) violência (+)... sair (*fugir*)... só.

#### **E a VIOLÊNCIA no mundo ?**

Sociedade fora tem violência, discussão, vários, raiva, diversos... inveja, muito tudo ter. Provar ver... surdo ver... igual.

### **É possível acabar com a VIOLÊNCIA ?**

Depende, às vezes (+ *rápido*) violência acabar ou “pra lá e pra cá” (+) as vezes resolver (+ *repetido*) depende... fácil não, difícil... família, sociedade, níveis... só. Tem... sim... Por exemplo, qualquer... matar (*assassinar*) que !?! Raiva, dinheiro (+ *duas mãos*) quer... não !?! Matar... resolver, violência tem... Qualquer surdo pedir dinheiro pagar mãe fala “não dá” (*signal ocupado*) dinheiro pior (*gesto -*)... luz, coisas... resolver violência sair raiva (+ *duas mãos*) murro qualquer...

### **VIOLÊNCIA: de quem é a culpa ?**

Culpa família... culpa família. Porque dinheiro não-ter, salário aumentar (+) não-ter, sociedade distribuição dinheiro... distribuição (+ *mínima, pouco*), pessoa filho pensa família dela rica pedir (+ *repete*) dinheiro, celular... pai fala desculpa rico não, simples... culpa sociedade, repassa pouco, se aumentar (+)... livre... fácil não, difícil.

### **E entre todos os casos de VIOLÊNCIA que já comentamos em grupo, qual você acha pior ?**

Pior surdo... mais (*dorso da mão*) pior, comunicação (*truncada*) não-ter.

### **S5:**

### **O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

Por exemplo, família minha, minha mãe e meu pai, ajudar crianças chatas e danadas, reclamar bruto, violência família vovô brigar educação afastar, tio e sobrinhos também por causa evitar... falar desprezar preconceito pecado... eles evangelizar preconceito desprezar católico evitar, beber (+ *duas mãos*), horrível... pecado futuros eles sentir (+) angustiado (+) resolver sair (+ *repetido*), família, primos, sacrifício porque, por isso, emprestar futuro inferno vai... desprezar pecado.

### **Você tem visto algum caso de VIOLÊNCIA na mídia ?**

Tem... Sociedade ensinar teimoso ajudar (*direcionado*) intérprete... desprezar surdo intérprete ouvinte. Eu passado mochila ladrão pegar, procurar (+), eu falar meu direito meu, perder, livros... sumir roubar dinheiro... pai e mãe desprezar, nada... liso (+) gastar (+) como !?! sentir (+), dinheiro não-ter 10 reais pagar... raiva (+) proibir, viajar interior, primo lugar B-E-B-E-R-I-B-E combinar pegar dar (*direcionado*) nada, eu reclamar (+) pagar liso (*expressão só com a boca*)... não dá.

### **Sendo surdo, você percebe alguma diferença em relação a esse contexto violento ?**

Eu lembrar uma vez, exemplo... você (+) palavra (+) desprezar preconceito, burro (+), eu falar, com licença, respeitar (*direcionado*) seguro brincadeira educação (+) por favor falar teimoso ajudar (*direcionado*) intérprete falar evitar desprezar... teimoso professor, difícil... profundo, exagerar (*mão*) prejuízo, transtornado (*no rosto com as duas mãos*), angustiado... silêncio... escrever (+ *muito*) até... final 20 (+ *ufa*) “por aqui” (+ *mão no pescoço “apertado”*)... depois

como responder (*direcionado*) falar antes nada, resolver nada... eu angustiado, tudo bem... evitar... Deus (*olha pra cima*) Jesus sabe... só... nada...

### **E no futuro, essa VIOLÊNCIA diminuirá ou aumentará ?**

Tem... alguns... família dentro espalhar (+ *uma mão de cada vez, várias vezes*) vários locais... Minha casa em frente, pai matar mandar preconceito morrer preconceito, se amigo reclamar raiva (+) bater preconceito... família chorar angustiada chorar, ajudar emprestar... eu susto... eu pensar outro acusar preconceito como... calado... único... surdo próprio especial... nada...

### **S6:**

#### **O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

O que é violência?!?! Família problema, também surdo raiva (+), angustiado (+), chato (+)... família discutir (+) reclamar (+), surdo preconceito desprezar raiva... família problema próprio como surdo sabe, sentir raiva, feliz... deficiente angustiado (+), triste... livre... família como raiva, depende... o que ?!?! Importante pior (+) como não sabe, sociedade explicar surdo ajudar... ajudar (*direcionado e negando com a cabeça*) não-saber angústia, como, o que ?!? Porque tudo mundo família aqui ter problema, angústia, mas aprender como... errado... falta (+) respeitar, falta ajudar nada... mas drogas, mundo errado, copiar (*influência*), inveja, ciúmes, qualquer...

#### **Você tem visto algum caso de VIOLÊNCIA na mídia ?**

Já... já ver. Exemplo, ver televisão jornal anunciar centro anunciar drogas tudo, bebida, fumar, “correr” (*gesto parecido com “pegas” de carro*)... Tem surdo também? Já roubar (*signal e gesto*) surdo passado já pronto.

#### **E no futuro, essa VIOLÊNCIA diminuirá ou aumentará ?**

Sim, acho violência futuro V-A-I acabar porque como... angustiado, esperar, drogas, angústia, transtornado, pesado, explodir (+ *cabeça*)... mas depois pensar, provar esperar, homem amigo mundo mostrar como incentivar acabar pronto, melhorar (+) V-A-I.

#### **Quem sofre mais com a VIOLÊNCIA ?**

Sim... tem tudo igual... surdo, ouvinte qualquer... livre... bater (*murro*), bater (*indicador*), porque ouvinte, mulher... não-saber LIBRAS nada, falar (+ *duas mãos*), voz, palavra (*signal*) imoral chato horrível preconceito desprezar qualquer V-A-I surdo bater (*murro*), bater (*indicador*) mas... porque parece como preconceito que ?!?! Preconceito como parece preconceito porque mulher errado (*cabeça*), errado (*mão*), porque precisa aprender amor. Que amor ? Amor importante mostrar entender mulher... ahh (*expressão*) entender claro, porque não-saber que ?!?! Falar (+), voz, errado (*cabeça*), “nada a ver”, explodir (*cabeça*), surdo mostrar não mostrar nada porque mulher pensar bater (*indicador*), porque pessoas mundo diferente desnível (+) qualquer.

**Sendo surdo, você percebe alguma diferença em relação a esse contexto violento ?**

Sim... não escutar nada... já sim palavra (*direcionada*), angustiado, triste... vergonha, “fico na minha” (*expressão corporal*). Exemplo... por exemplo, comprar coisa perguntar quanto... falar (*vendedor*)... escrever e mostrar, ah entender, pegar dinheiro bolso e dar, pronto, simples, resumido... normal. Já passado uma vez entrar lugar comprar doce, mostrar preço, pronto... “troca” (*relacionamento*), resumido.

## APÊNDICE 7

### Traduções para o português das entrevistas individuais

#### S1:

#### **O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

Eu sinto violência em diversas áreas, como, por exemplo: prostituição, drogas, contra os surdos, no mercado de trabalho, como nós discutimos antes em grupo. Algumas pessoas são violentas e isso acontece no mundo todo. Falta ajuda, para melhorar de vida, é isso... só.

#### **E o que você tem acompanhado na mídia sobre VIOLÊNCIA ?**

Realmente, tem muita coisa acontecendo, tenho lido nos jornais; ataques à duas mulheres, guerras, drogas, no Rio de Janeiro nas favelas, etc. Enfim, são muitas coisas que tenho visto, não sei o porquê desses acontecimentos, parece que falta apoio e ajuda financeira do Governo, oferecer mais vagas de emprego, assim teriam uma melhoria de vida; por não ter emprego, tudo piora e assim vai seguindo.

#### **Você acha que a VIOLÊNCIA acontece mais com as pessoas pobres, com as ricas ou tanto faz ?**

Depende, mas o que tenho visto é que a violência acontece mais no meio da pobreza, porque precisam de dinheiro, como, por exemplo, na prostituição e drogas. Claro, no meio das pessoas ricas também acontece, mas pouco temos conhecimento.

#### **E como surdo, como você sente a VIOLÊNCIA ?**

Vejo que há pessoas mais vulneráveis a violência, como é o caso das crianças, na pedofilia, que são mortas, pessoas que batem nos idosos, também zombam dos surdos, não acreditam no nosso potencial, nos chamam de burros, enfim, enfrentamos muitas coisas. Não sei se alguns já foram agredidos pelo fato de serem surdos, depende. Claro, vai depender da mente de cada um a agressão física (murro), seja mulher ou homem.

#### **E na sua escola, acontecem casos de VIOLÊNCIA (física) ?**

Na minha escola não, mas em outras sim. Parece que nas outras escolas bater (murro) é normal. Agora, o que eu acho pior é quando alguém lança uma palavra sobre nós, é muito ruim.

#### **Conte alguma experiência sobre isso.**

Uma vez, eu me lembro, eu estava com minha irmã. Nós fomos em uma faculdade, porque minha irmã queria cursar Turismo, não lembro agora no nome da faculdade. Ela fez a sua inscrição e recebemos também um papel informando os vários cursos, como, por exemplo, Informática, Inglês, etc., e ao

ler o papel fiquei bastante interessado no curso de Turismo, achei bom, vi que poderia ser uma boa oportunidade, trabalhar em hotel, enfim. Aproveitei e perguntei ao homem da faculdade se era possível um surdo fazer o curso, o homem respondeu: Ah... num sei, eu acho que não, não é possível, por causa da comunicação, acho que é melhor um curso na área da Informática, ou então, os cursos de sempre para os surdos, Pedagogia. Mas nós surdos queremos outros cursos, como Direito, Medicina, etc., é nosso direito. Se o problema está na comunicação, é só contratar um Intérprete, pois não dá para entender o que as pessoas falam (leitura labial).

### **E a VIOLÊNCIA na família ? Na sociedade ?**

Eu não sei quem tem a culpa, é muito difícil, mas eu acho que a culpa está na sociedade, porque... depende... por ter muitos problemas lá fora na sociedade, a pessoa quando chega em casa descarrega tudo, começa a se prostituir, enfim, essa é a minha opinião.

### **É possível acabar com a VIOLÊNCIA ?**

Eu acho difícil, depende. Não sei o porquê. Mas as pessoas insistem em ser violentas, acabar eu acho impossível, sei lá, é isso. É difícil...

### **Você falou muito no grupo sobre preconceito, o que seria isso ?**

É verdade, o preconceito existe, contra as pessoas pobres, negros, é... enfim, vários. Até para conseguir uma vaga de emprego é mais difícil, as empresas não querem, as empresas excluem os surdos, sempre dão oportunidade aos ouvintes e eu tenho me questionado sobre o porquê de tudo isso; só há uma resposta: preconceito. As empresas desprezam, sei lá, acho que por medo...

### **S2:**

### **O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

Por exemplo, às vezes eu tenho visto na televisão alguns casos de violência. Por exemplo, violência na família, assassinatos (matar), bater forte, violência contra bebês. Tenho visto muita violência. O porquê de tudo isso... eu não sei. Porque parece que falta melhor condição financeira (salário), por raiva, agressão física (bater e briga). É isso que eu acho.

### **Você acha que o índice de VIOLÊNCIA é o mesmo, em relação aos anos anteriores ?**

Eu acho que no passado a vida era normal, tudo de forma natural e em paz, mas parece que, de alguns anos para cá, a coisa piorou, muita coisa aconteceu, e a culpa é das pessoas que têm inveja uma das outras.

### **De todos os casos de VIOLÊNCIA que já comentamos em grupo, qual você acha pior ?**

Com certeza, violência no meio familiar, tenho visto muitos casos de agressão física (bater), preconceito contra negros, deficientes, etc. Vejo pessoas batendo em idosos, trabalham com essas pessoas só por trabalhar, mas não gostam, falta respeito.

### **E o que você sente quando vê esses casos de VIOLÊNCIA na mídia ?**

Realmente, eu fico sentido com tudo isso, parece que falta respeito pelas pessoas e eu acho que a tendência, no futuro, é piorar. Parece que é falta de educação (mal educado), precisa mais respeito, as famílias precisam melhorar a forma de tratar seus parentes, perdem a cabeça (estourar) com facilidade, e isso eu tenho visto em várias famílias, e tudo isso me choca (sentir). O nosso futuro será ruim, cada vez pior...

### **E como surdo, como você sente a VIOLÊNCIA ?**

Pois é, às vezes alguns amigos me taxam como MUDO, e realmente, eu fico sentido com essa palavra... MUDO, eu ?!?! Parece que não têm respeito a mim, e assim acontece com a maioria dos ouvintes, não conhecem a terminologia correta SURDO, não sabem de nada e vão nos taxando assim (palavra), isso é uma falta de educação, mas eu sempre os aconselho. Lembrei agora, uma vez aconteceu comigo, um rapaz ouvinte, de menor, com mais ou menos uns 17 anos de idade, por aí, e falou: esse teu amigo aí é MUDO, eu falei que não, o correto é somente SURDO. Ele me perguntou o porquê, então eu expliquei: que MUDO parece alguém que não tem comunicação, quadrada, inútil, e na realidade o que vimos são surdos se comunicando através da LIBRAS, alguns surdos também falam algumas palavras (voz), falam um pouco. Aí eles respondeu: Ahh, entendi. E assim vai... Ele aprendeu e a cada dia vamos passando essa mensagem de esclarecimento buscando um crescimento, até os ouvintes compreenderem bem. Também a falta de comunicação conosco é outro fator gritante, por exemplo, entramos em alguma loja para comprar uma blusa e o vendedor ouvinte não entende bem, eu preciso escrever em algum papel, e por não dominar bem a Língua Portuguesa, trocamos algumas palavras, tudo fica perdido, pois o surdo domina a língua de sinais, e só. E muitos vendedores ouvintes não tem paciência, chamam logo outra pessoa... parece preconceito, não querem contato com o surdo, não tem respeito com a gente. Também acontece em diversos locais, como por exemplo, restaurante, lanchonetes... deixa eu pensar... por exemplo, em empresas, dentistas, enfim, são vários os lugares. E em todos, a comunicação é ruim e isso me dói (sentir).

### **E a agressão física, o que você acha disso ?**

É... realmente, é muito ruim. Pior de tudo é matar, falta respeito à pessoa. Não existe um pior que o outro, maior ou menor, é tudo igual... você lançar uma palavra dura contra uma pessoa, tratar de forma preconceituosa outra... é tudo igual. Mas quando se trata de violência física é mais perigoso, lançar uma palavra é simples, taxar ou dizer algo contra aquela pessoa...

### **Relate algum caso entre seus amigos...**

Um amigo meu surdo disse que há problemas em sua família, ninguém o ajuda, tratam-no de forma fria. Ajudam só na compra de algumas coisas, mas no dia-a-dia, no tratamento, no cuidado nas ruas, não ajudam, deixam ele fazer tudo (livre). A família não conversa nada com ele, não pergunta sobre os estudos, não repassam os acontecimentos da mídia. Ele disse que os familiares ouvintes estão sempre dialogando entre si, conversam com o outro

filho que é ouvinte, e com ele, que é surdo, nada. Ele me explicando tudo isso e fiquei assim (cara de dó)... saber que a família não o respeita.

### **É possível acabar com essa VIOLÊNCIA contra o sujeito surdo ?**

Tudo vai depender do tratamento da sociedade; precisa planejar primeiro, cuidar, organizar, evitar algumas coisas. Por exemplo, evitar o uso da palavra MUDO, são tantas enfim, que nem sei como explicar.

### **E essa VIOLÊNCIA é pior em qual caso, homens ou mulheres ?**

Mulheres. Surdos ou ouvintes ? Depende... tanto o surdo quanto o ouvinte são vítimas da violência; ouvintes têm muito ciúmes... Eu procuro (curioso) saber o que acontece no meio das mulheres surdas, mas é mais usual casos com mulheres ouvintes, pois a mulher sofre mais, engravidam, sofrem agressões físicas (bater), sofrem com brigas por ciúmes. Vejo mais casos de violência no meio dos ouvintes...

### **S3:**

#### **O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

Violência é... por exemplo, raiva, perder a cabeça (estourar), também olhar alguma coisa e ficar com ódio e inveja, brigar (física), etc, por tudo depende da mente de cada um.

#### **E como você observa a VIOLÊNCIA na família ?**

Na família, às vezes temos momentos difíceis, eu lembro da minha vida, algum tempo atrás, eu era muito grosso, verdade, muito grosso, com qualquer coisa que me proibissem, parece que com qualquer coisinha eu estourava, o porquê disso eu não sei, parecia algo no meu interior, eu sentia isso. E hoje, quando vejo as pessoas brigando por algumas coisas eu começo a entender porque eu já fui assim quando era menor, com o tempo, nós vamos crescendo e amadurecemos. Eu lembro, é verdade, eu era muito grosso, estourava com facilidade, brigava (física) com minha mãe, eu tinha coragem mesmo. E hoje ao lembrar disso fico surpreso de como eu era grosso, brigar, gerar violência. Eu não aceitava conselhos, sempre respondia num tom acima, a cabeça esquentava, por besteiras, tipo, um amigo me chamava para brincar, minha mãe não deixava; ou então, um amigo me convidava para viajar, ela também não deixava, nem ir para a igreja, parece que ela fazia tudo isso por segurança. E eu fui crescendo, progredindo... e fui vendo que não era bom ser assim, grosso. Mas na sociedade também acontece, às vezes não me aceitam pelo fato de ser surdo e isso me entristece, me angustia, eu fico sentido. Como eu vou mostrar que sou capaz ? Eu lembro uma vez, tive uns pensamentos que seria melhor eu ficar em casa mesmo. Hoje estou melhor, minha vida melhorou um pouco, tenho lutado e aprendido. Se algo não dá certo para mim, me organizo e tento novamente, mas até hoje são muitas as provocações, principalmente quando eu era criança na vizinhança. Eu tinha vários hematomas (roxo) por brigar na rua com as crianças, mas agora já cresci e aprendi. Lembro que quando eu ia tomar banho e minha mãe via que eu estava com meu corpo completamente roxo, cheio de hematomas. Mas o mundo é

violento. A nossa mente é muito confuso, há muitos problemas que geram a violência: ciúmes, inveja, é um conjunto, não é uma coisa só, mas a soma de várias.

### **Você se preocupa com essa VIOLÊNCIA mundana ?**

Claro, me preocupo sim, é algo muito importante, pois eu penso e me preocupo com o futuro, a tendência é o mundo piorar, e com isso, muitos problemas surgirão (cheio), e a violência vai reinar.

### **Mas é possível acabar com esse índice ?**

É possível sim acabar, se todos nós pensarmos de forma positiva, o mundo pensar igual, pensar positivo, nada de pensamento negativo. É possível sim, acabar... mas para isso o Governo precisa elaborar e organizar projetos, e principalmente, cumpri-los (mostrar), não ficar somente nas promessas. Projetos que possam alcançar diversos lugares e áreas. Eu lembro que antes eu achava tudo bem pior, mas hoje tenho visto as coisas melhorando, a violência ainda não acabou, mas tem diminuído, a distribuição de renda tem melhorado, há diversos cursos profissionalizantes, para aquelas pessoas que não tinha emprego, e eu agradeço a Deus por tudo isso, pelas melhoras, pelas pessoas pensarem positivamente. Se eu ficar pensando: como acabar, acho que não... é pior. É possível acabar sim, de forma positiva !

### **E como surdo, como você sente a VIOLÊNCIA ?**

Para nós, tudo é pior. Falta comunicação, é pior... vejo muitos ouvintes conseguindo tudo na vida, como, por exemplo, dirigir, a comunicação é mais fácil, etc., enfim, vejo um desnível entre o mundo surdo e o mundo ouvinte. Não sei explicar, apenas sinto, me sinto angustiado, é difícil, por exemplo, às vezes estamos combinando algo e os outros me desprezam simplesmente pelo fato de ser surdo, os amigos ouvintes sempre nos desprezam, parece que estar com surdo é algo ruim, é pior, é ruim... é por isso, que me sinto e fico angustiado, as vezes melhora, outras vezes não. Quando alguém me convida para um lugar, claro, depende do lugar, pois ter a companhia de um surdo em determinado lugar é como se fosse vergonhoso, as pessoas tem preconceito. Alguns lugares tem preconceito, já outros não. E nessas saídas eu aproveito para aprender mais, tenho mais interesse para melhorar de vida, eu não quero ser o mesmo, ficar na mesmice, eu quero crescer, por isso, me interesso em tudo. Eu me lembro que já aconteceu muitas vezes comigo, combinar algo com meus amigos ouvintes e esquecem de mim, me desprezam. Fico pensando: ué, mas nós combinamos... parece que amigo mesmo, não existe, não tenho, todos me enganam. É verdade, é muito ruim, muitos problemas, é difícil.

### **Como você vê a VIOLÊNCIA no Brasil e no mundo ?**

Tenho visto pela televisão que nos outros países tudo acontece de forma normal, não há muitos desníveis, mas aqui no Brasil a violência é maior, em alguns Estados a coisa é pior, como o Rio de Janeiro, aqui no Ceará, até que eu acho nossa cidade Fortaleza calma, mas o que acontece nas outras cidades é o resultado da pobreza, por isso, as pessoas perdem a cabeça (estouram), ficam nervosas, matam, inveja, o Brasil é um país pobre. E nos outros países eu não tenho visto essa pobreza, se tem, é algo mínimo, parece que a grande

maioria vivem em boas condições (ricas), claro, a violência se faz presente nesses países sim, mas é pouco. Aqui no Brasil é pior, em todas as regiões, há muitos problemas, nos mais diversos setores.

### **Quem é o responsável em melhorar o nosso país ?**

Primordialmente, a família. Após vem a escola e por fim, a sociedade. Mas a família é o principal, pois dentro de uma mesma casa há diversas opiniões, mas eu posso aconselhar meu filho sobre o que vai enfrentar lá fora, na escola, opiniões diversas também. É preciso que a família trate bem seu filho, ensine, aconselhando sempre, não explicar pela metade. Vejo como uma junção, entre família e escola; se não ajudar, educar, ensinar, essa pessoa não melhorará de vida. Infelizmente, os familiares sempre dizem que não tem tempo, estão ocupados, ocupados... é difícil, mas na escola tem alguém que ajude, ou então, alguém na sociedade que apóie, enfim, depende.

### **De todos os casos de VIOLÊNCIA que já comentamos em grupo, qual você acha pior ?**

Eu acho pior, tipo, você jogar a pessoa, não estar nem aí pra ela, há muitos casos assim dentro das famílias, que se agredem fisicamente (bater). A agressão física você pode ficar com hematomas, dolorido... mas o pior mesmo é quando a criança, desde pequeno, só escuta palavras pesadas, é taxada disso ou daquilo, quando cresce, vira um adulto violento, sai batendo por aí nas pessoas, empurrando, matando. Depende muito de cada pessoa, de cada mente, tipo, eu posso ouvir todos os dias palavras pesadas, mas encaro isso numa boa, mas já outra pessoa não, com uma simples palavra, já perde a cabeça e parte para a violência. E muitos buscam refúgio nas drogas, bebidas, etc.; a violência está na mente, é uma mistura disso tudo, e creio que alguns podem até ficar loucos com isso na cabeça (mente).

### **E você que já viajou para outros Estados, o que tem percebido em relação ao nosso, a nossa cidade Fortaleza ?**

É tudo igual... já viajei para Natal, Curitiba e achei tudo normal, claro, eu não vivi lá para saber como é o dia a dia, mas encontrei amigos surdos e me falaram que ali era um lugar bom, as pessoas tem mente boa. Aqui em Fortaleza, depende, as vezes.. eu acho difícil. Tem grupo de pessoas boas e grupo de pessoas ruins, depende muito. Eu mesmo tenho visto alguns grupos que são horríveis, só conversam coisas imorais, são grossos, brigam por qualquer coisa, mente complicada, são orgulhosos e invejosos, querem mostrar que sinalizam melhor que outros, menosprezando os outros surdos. Tenho visto isso e tenho pena dessas pessoas orgulhosas. Eu já tentei ajudá-las, não querem, respondem com grosseria, ficam falando horas e horas e eu ali, com paciência, na minha. Depois percebem que estão erradas, voltam e pedem desculpas. E eu digo que entendo-os, pois eu também já fui assim, quando menor. Com o passar do tempo, vamos amadurecendo e aprendendo. E hoje eu sou evangélico e quero mostrar essa mudança de vida para meus amigos, antes eu não era evangélico, eu era grosso (bruto), estava errado em muitas coisas, era violento, enfim, era tudo misturado, ruim, mas mudei. E hoje, tento levar tudo com muita paciência, não perco meu tempo discutindo, apenas peço

desculpas, saio e pronto. Hoje prefiro escolher aquele grupo que está em paz, com pessoas do bem, que não lançam qualquer palavra, que cuidam umas das outras, evitam determinadas conversas e palavras.

**Lembro de dois contextos diferentes: um surdo ao chamar um outro de VAGABUNDO é algo normal, já para o ouvinte é encarado como insulto. Por que ?**

Realmente, para nós surdos, é algo normal, mas eu lembro dessa história que você contou um dia que aconteceu... são culturas diferentes, e muitas vezes os surdos não sabem que isso pode machucar alguém, por isso, muitos ficam com raiva dos surdos, perdem a cabeça e tal, não esquecem, e vivem com aquela lembrança guardada para sempre (vingança).

#### **S4:**

**O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

Violência é, por exemplo, eu com a minha família... fico violento por qualquer coisa, tipo, gosto de deixar minhas coisas sempre ali, no mesmo lugar e não gosto que ninguém mexa. Aí quando eu saio do meu quarto e volto, percebo que alguém tirou algum objeto meu de lá e fico perguntando: cadê isso, cadê aquilo... Minha mãe não sabe se comunicar comigo, não sabe LIBRAS. Ficam falando na minha frente e eu sem entender nada, e muitas vezes o sangue esquenta, eu perco a cabeça com isso, sei que vou ser violento... então, eu prefiro sair de casa e evitar.

**E a VIOLÊNCIA no mundo ?**

Na sociedade há muita violência, discussões, raiva, inveja, etc., enfim, muita coisa. Eu tenho visto muita coisa, tanto no meio dos ouvintes quanto com os surdos, é tudo igual.

**É possível acabar com a VIOLÊNCIA ?**

Depende... pode ser que acabe, mas pode apenas diminuir. Não é algo fácil não, é muito difícil. Haverá sempre uma disputa entre família e sociedade. Há muitos casos na televisão de violência, como, por exemplo, pessoas matando outras por raiva, por dinheiro, perdem a cabeça por qualquer coisa. Um surdo pede a família dinheiro para pagar algo e a mãe diz que não dá, que precisa pagar luz, água, aí com isso, gera a violência, fica com raiva e bate (murro), qualquer coisa.

**VIOLÊNCIA: quem é o culpado ?**

A culpa é da família. Porque não tem dinheiro, não há aumento de salário, a distribuição de renda é desigual, a maioria recebe muito pouco. Muitas vezes os filhos pensam que seus pais são ricos e ficam pedindo presentes, como, celular, por exemplo, e os pais respondem que não, que não simples, pobres, não tem dinheiro. Se houvesse uma melhor distribuição de renda, aí sim, tudo mudaria. É muito difícil...

**E entre todos os casos de VIOLÊNCIA que já comentamos em grupo, qual você acha pior ?**

O pior é com os surdos, não há comunicação entre surdos e ouvintes.

**S5:**

**O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

Por exemplo, na minha família, meu pai e minha mãe, sempre brigam com meus irmãos menores que são muito danados, e isso gera violência dentro de casa por eles não terem educação; minha tia e meus primos também são assim, mas eu prefiro evitar tudo isso, deixo de lado (desprezar) porque é pecado. Eu sempre estou evangelizando, mas eles não querem, continuam católicos. Preferem beber, falar imoralidade, é horrível, tudo isso é pecado. Quero ver como será o futuro deles... As vezes eu fico angustiada com tudo isso e acho melhor sair de casa. Ficar calado assistindo tudo isso é muito ruim.

**Você tem visto algum caso de VIOLÊNCIA na mídia ?**

Sim. Inclusive aconteceu comigo mesmo... na escola. Roubaram dinheiro dentro da minha mochila e eu fui reclamar para a direção, que não pôde fazer nada. Eu fiquei muito ruim, constrangido com toda aquela situação, podia até ser pouco, R\$ 10,00, mas era o dinheiro que eu tinha para pagar meu transporte. Fiquei com raiva, com vontade de reclamar... E por mais que eu pedisse minha família para me ajudar, eu sabia que meus pais não tinham dinheiro.

**Sendo surdo, você percebe alguma diferença em relação a esse contexto violento ?**

Eu me lembro de algumas situações nas quais sou desprezado e discriminado (preconceito), as pessoas já me chamaram de burro, não me respeitam, não tem educação, e eu sempre aconselho, peço com gentileza, mas as pessoas insistem em não ajudar. Isso acontece principalmente na escola, com o intérprete e os professores, pois muitas vezes não compreendo determinado conteúdo, afinal, a Língua Portuguesa é mais elaborada, diferente da LIBRAS, e exigem que eu escreva muito e igual a um ouvinte... fico angustiada e triste com isso. Enfim, só Deus sabe... está nas mãos Dele.

**E no futuro, essa VIOLÊNCIA diminuirá ou aumentará ?**

Pode ser que diminua sim... Mas a violência parte de dentro das famílias, que vão repassando para o mundo afora. Tenho vizinhos muito violentos, que batem, provocam os outros, discriminam, inclusive já teve morte... Às vezes vejo minha mãe chorando, tento ajudar, saber o que foi, mas por ser surdo, não entendo nada.

**S6:****O que você entende por VIOLÊNCIA ?**

Violência é, por exemplo, problema na família, surdos que ficam furiosos e com raiva de alguma coisa, são chatos, família que briga muito, tem preconceito contra o filho surdo; a família sabe quando o filho surdo está triste ou feliz, mas não liga, tanto faz... É mais difícil para o surdo explicar o que está sentindo; eu sei que há problema em todo o mundo, mas vejo tudo isso como falta de amor, de educação, falta de ajuda uns para com os outros. Também tem o uso de drogas, roubos, pessoas que são invejosas e ciumentas, enfim, parece que tudo é livre hoje...

**Você tem visto algum caso de VIOLÊNCIA na mídia ?**

Sim, já... eu vi. Eu vi no telejornal noticiando que, no Centro da cidade, o índice de drogas, bebidas, fumo é alto, e parece que alguns surdos também foram para lá.

**E no futuro, essa VIOLÊNCIA diminuirá ou aumentará ?**

Sim, eu acho que a violência no futuro vai acabar, porque, por mais que nesses momentos de raiva a pessoa perca a cabeça, depois que tudo passar, ela vai perceber que se acabar com tudo isso a vida só vai melhorar, vai ser influenciada por amigos.

**Quem sofre mais com a VIOLÊNCIA ?**

Todos sofrem com a violência, seja surdo ou ouvinte, tanto faz, qualquer um. Brigam, batem (murro). Há mulheres por não saberem a língua de sinais ficam falando besteiras, palavras bobas e imorais, isso é chato, horrível !!! Preconceito... mas nem ligo, desprezo. Mas tem surdos que não encaram dessa forma e partem logo para a briga (bater). Muita gente não entende o que significa a palavra preconceito. O que é preconceito ? Preconceito é não amar. Pessoas são diferentes, pensam de forma diferente, por isso, o amor é fundamental.

**Sendo surdo, você percebe alguma diferença em relação a esse contexto violento ?**

Pois é, as vezes as pessoas chegam e lançam palavras fortes contra nós, nos taxando... e isso me deixa entristecido, angustiado. Eu fico com muita vergonha, fico na minha. Por exemplo, as vezes estou em um determinado lugar e quero comprar algo, aí eu pergunto: quanto custa isso ? A pessoa começa a falar e eu não entendo nada, aí eu peço a pessoa pede para eu esperar um pouco, pois precisa escrever em um pedacinho de papel, me mostra, eu entendo e tiro o dinheiro do bolso, pago e pronto... é normal, é simples.

## APÊNDICE 8



**Governo do Estado do Ceará**  
**Fundação Universidade Estadual do Ceará**  
**Comitê de Ética em Pesquisa – CEP/UECE**

Av. Paranjana, 1700 - Campus do Itaperi  
 CEP 60.740-000 - Fortaleza-Ce  
 Fone: (085) 3101.9890 - E-mail: cep@uece.br



Fortaleza (CE), 13 de dezembro de 2010.

### IDENTIFICAÇÃO

**Título:** Conceitualizações de utilizações de violência na Comunidade Surda de Fortaleza”.

**Folha de rosto:** 334649

**Processo N°:** 10030968-2

**Pesquisador responsável:** Nilton Câmara de Oliveira.

**Instituição responsável:** Universidade Estadual do Ceará

**Área temática:** lingüística

### PARECER

Este é um projeto de dissertação do mestrado acadêmico em lingüística aplicada. Tem como objetivo geral investigar como surdos da Comunidade Surda de Fortaleza conceitualizam violência e como objetivos específicos: examinar como violência é evidenciada através da língua de sinais; identificar como se estrutura violência em termos de modelo cognitivo idealizado e quais submodelos metafórico e metonímicos são utilizados; contribuir com os estudos em línguas de sinais. O projeto está assim estruturado: delimitação do tema, contextualização do problema, justificativa, questões de pesquisa, objetivos, pressupostos teórico preliminares e metodologia. Trata-se de uma pesquisa descritiva qualitativa. Utiliza como técnica de coleta de dados grupo de discussão e entrevista. Os sujeitos do estudo serão adultos pertencentes à comunidade surda. A metodologia está clara e define os critérios de inclusão dos sujeitos: adultos com fluência em LIBRAS, nascidos em Fortaleza, pertencentes à comunidade surda da capital. O pesquisador explicita os benefícios do estudo para os sujeitos. O projeto apresenta o TCLE. O orçamento foi apresentado e será de responsabilidade do pesquisador. O cronograma está adequado. A folha de rosto está preenchida adequadamente. O currículo do pesquisador encontra-se na plataforma Lattes.

O projeto é relevante podendo haver retorno para a comunidade. O projeto atende aos ditames da Resolução 196/96 do Conselho Nacional de Saúde (CNS), e foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da UECE, após retirada a pendência no dia 26/11/2010.

Ao término do estudo o relatório final deve ser apresentado ao CEP.

  
 Prof. Dra. Diana Célia Sousa Nunes Pinheiro

Coordenadora do Comitê de Ética em Pesquisa da UECE.





Governo do Estado do Ceará  
 Secretaria da Ciência Tecnologia e Educação Superior  
 Universidade Estadual do Ceará – Centro de Humanidades  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLA**  
 Av. Luciano Carneiro, 345 – Fátima – Fortaleza, Ceará – 60.410-690  
 Fone/Fax: 3101.2032 [cmla@uece.br](mailto:cmla@uece.br) / [www.uece.br/cmla](http://www.uece.br/cmla)



## TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIMENTO

A pesquisa CONCEITUALIZAÇÕES DE VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE SURDA DE FORTALEZA, a ser desenvolvida com surdos frequentadores do Instituto Vida Videira, localizado à rua Eliseu Oriá, 1553, no bairro Alagadiço Novo, Fortaleza, Ceará, sob a orientação da Profa. Dra. Paula Lenz Costa Lima, tem como objetivo principal pesquisar e analisar a língua utilizada por esses sujeitos surdos – neste caso, a língua de sinais - para se referir a alguns conceitos atualmente em destaque na sociedade brasileira, em busca de uma melhor compreensão sobre os fenômenos envolvidos nesses conceitos.

Garante-se que a pesquisa não causará prejuízo à qualidade e condição de vida e trabalho dos participantes da pesquisa, salientando que as informações serão sigilosas, e que não haverá divulgação personalizada das informações ou imagens coletadas durante a pesquisa.

Os dados e as informações serão utilizados para compor os resultados da investigação, os quais serão publicados em periódicos e apresentados em eventos científicos. Todos os participantes têm a segurança de receber esclarecimentos sobre qualquer dúvida acerca da pesquisa e a liberdade de retirar o consentimento a qualquer momento da pesquisa.

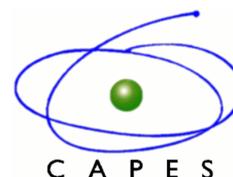
Este termo está elaborado em duas vias, sendo uma para o sujeito de pesquisa e a outra para o arquivo do pesquisador.

Fortaleza, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2010.

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do participante

\_\_\_\_\_  
 Assinatura do pesquisador

Responsável pela pesquisa: Nilton Câmara de Oliveira  
 Fone: (85) 9969.4059  
 E-mail: [niltoncamara@terra.com.br](mailto:niltoncamara@terra.com.br)





Governo do Estado do Ceará  
 Secretaria da Ciência Tecnologia e Educação Superior  
 Universidade Estadual do Ceará – Centro de Humanidades  
**Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada - PosLA**  
 Av. Luciano Carneiro, 345 – Fátima – Fortaleza, Ceará – 60.410-690  
 Fone/Fax: 3101.2032 [cmla@uece.br](mailto:cmla@uece.br) / [www.uece.br/cmla](http://www.uece.br/cmla)



Pesquisa: CONCEITUALIZAÇÕES DE VIOLÊNCIA NA COMUNIDADE SURDA DE FORTALEZA.

### CONSENTIMENTO PÓS-ESCLARECIMENTO

Declaro que após convenientemente esclarecido pelo pesquisador e ter entendido o que me foi explicado, concordo em participar da pesquisa.

Fortaleza, \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_

---

Assinatura do entrevistado

---

Assinatura do responsável

---

Assinatura do pesquisador

